

William Foote Whyte

aula 6
obrigatória

Sociedade de Esquina

[Street Corner Society]

A estrutura social de uma área urbana
pobre e degradada

[1943]

[2ª ed. 1955]

Tradução:

Maria Lúcia de Oliveira

Revisão técnica:

Karina Kuschnir

PUC-Rio

Apresentação de

Gilberto Velho

Jorge ZAHAR Editor

Rio de Janeiro

Aos rapazes de esquina de Cornerville

Título original:
Street Corner Society
(*The Social Structure of an Italian Slum*)

Tradução autorizada da quarta edição norte-americana publicada em 1993 por The University of Chicago Press, de Illinois, EUA

Copyright © 1993, University of Chicago

Copyright da edição brasileira © 2005:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Mexicana 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2240-0226 / fax: (21) 2262-5123
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Miriam Lerner

Ilustração da capa: desenho de Kathleen Whyte para a primeira edição de Sociedade de esquina, 1943.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

W619s Whyte, William Foote, 1914-2001
Sociedade da esquina = Street corner society: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada / William Foote Whyte; tradução, Maria Lúcia de Oliveira; revisão técnica, Karina Kuschnir; apresentação de Gilberto Velho. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

il.

Tradução de: Street corner society: (the social structure of an Italian slum), 4th ed

Anexos
Inclui bibliografia
ISBN 85-7110-860-9

1. Gangues – Estados Unidos. 2. Americanos de origem italiana – Estados Unidos. 3. Cidades e vilas – Estados Unidos. 4. Estrutura social – Estados Unidos. I. Título.

05-1814

CDD 302.340973
CDU 316.35.023.4(73)

Sumário

<i>Apresentação à edição brasileira</i>	
O observador participante, por Gilberto Velho.....	9
<i>Prefácio à quarta edição norte-americana</i>	15
<i>Introdução: Cornerville e sua gente</i>	19

PARTE I ■ RAPAZES DA ESQUINA E RAPAZES FORMADOS

I. Doc e seus rapazes	27
1. Os rapazes da gangue.....	27
2. Boliche e posição social.....	38
3. Os Norton e o Clube Afrodite.....	48
4. A campanha política de Doc.....	57
5. Desintegração	63
II. Chick e seu clube	73
1. A história de Chick Morelli.....	73
2. A organização do clube	78
3. Atividades sociais	81
4. A oposição a Chick	86
5. A segunda temporada.....	90
6. Desintegração	98
7. A política republicana	106
8. A carreira de Chick Morelli.....	108
III. Estrutura e mobilidade social.....	113
1. A natureza dos grupos	113
2. O papel social do Centro Comunitário.....	117
3. Lealdade e mobilidade social	122

PARTE II ■ GÂNGSTERES E POLÍTICOS

IV. A estrutura social do gangsterismo	129
1. A história das organizações mafiosas	129
2. A organização do jogo de números	133
3. As relações com a polícia	140
4. O gângster em seu contexto social	156
V. O gângster no Clube Social e Atlético Cornerville	163
1. Tony Cataldo e os rapazes da Shelby Street	163
2. A organização do clube	165
3. A reorganização do clube	168
4. A questão política	174
5. A crise e Tony Cataldo	183
6. Tony e a festa no Bingo	192
7. A nova administração	195
8. Carlo e Tony	201
VI. A política e a estrutura social	206
1. A natureza cambiante da organização política	206
2. A carreira política	216
3. A organização da campanha	224
4. Comércios políticos	233
5. O dia da eleição	243
6. A natureza das obrigações políticas	247

PARTE III ■ CONCLUSÃO

Conclusão	261
1. A gangue e o indivíduo	261
2. A estrutura social	273
3. O problema de Cornerville	276

ANEXOS

Anexo A: Sobre a evolução de <i>Sociedade de esquina</i>	283
--	-----

1. Antecedentes pessoais	284
2. Descoberta de Cornerville.....	286
3. O planejamento do estudo	287
4. Primeiros esforços	291
5. No começo, com Doc	299
6. Treino em observação participante	301
7. Uma aventura na política	308
8. De volta a Norton Street	315
9. Reprogramação da pesquisa.....	318
10. De novo a gangue da esquina	322
11. Estudo do gangsterismo	325
12. Rumo à Prefeitura	332
13. O adeus a Cornerville	335
14. Cornerville revisitado.....	336
15. A aceitação de <i>Sociedade de esquina</i> como tese de doutorado ..	346
16. <i>Sociedade de esquina</i> revisitado cinqüenta anos depois	349
Referências bibliográficas	362
Anexo B: O impacto Whyte sobre um <i>Underdog</i>, por Angelo Ralph Orlandella.....	364
Anexo C: Referências bibliográficas selecionadas.....	378
Livros de Foote Whyte	378
Artigos de Foote Whyte relacionados a <i>Sociedade de esquina</i>	379
Índice remissivo	381



NO CORAÇÃO DE "EASTERN CITY" existe uma área pobre e degradada*, conhecida como Cornerville, habitada quase exclusivamente por imigrantes italianos e seus filhos. Para o resto da cidade, esta é uma área misteriosa, arriscada e deprimente. Cornerville está a alguns minutos a pé da High Street, uma rua elegante, mas o morador da High Street que faz esse percurso cruza a fronteira entre o familiar e o desconhecido.

Durante anos Cornerville tem sido vista como uma área problemática, e, enquanto estávamos em guerra com a Itália, passou a ser objeto de preocupação crescente para as pessoas-de fora. Temia-se que os moradores da zona italiana pudessem ser mais devotados ao fascismo e à Itália que à democracia e aos Estados Unidos. Há muito sentia-se que Cornerville estava em dissonância com o resto da comunidade. Pensava-se nela como o lugar de gângsteres e políticos corruptos, de pobreza e crime, de crenças e atividades subversivas.

As pessoas respeitáveis tinham acesso a uma quantidade limitada de informações sobre Cornerville. Elas poderiam saber que esta é uma das áreas mais populosas dos Estados Unidos e um dos principais pontos de interesse de qualquer excursão organizada para mostrar às pessoas da classe alta as más condições de habitação da classe baixa. Em passeios turísticos ou nas estatísticas podia-se descobrir que os banheiros eram coisas raras aqui, que as ruas estreitas e malcuidadas transbordavam de crianças, que a delinqüência juvenil era alta, a criminalidade entre adultos maior ainda, e que uma grande parcela da popula-

* Área pobre e degradada: a expressão original é *slum district*, que o autor define como "uma área urbana onde existia alta concentração de pessoas de baixa renda vivendo em habitações dilapidadas e em péssimas condições sanitárias e de saúde" (p. 347). A expressão "área pobre e degradada" sintetiza a definição de Whyte) descreve bem o mundo de Cornerville e é suficientemente ampla para permitir associá-lo ao mundo de favelas, periferias, alagados e semelhantes que tão bem conhecemos. (N.T.)

ção recebia auxílio-desemprego ou estava na WPA* durante a Depressão". Vistas dessa perspectiva, as pessoas de Cornerville aparecem como alvos do interesse de assistentes sociais, são identificadas como réus em casos criminais ou integrantes indiferenciados das "massas".

Questão
crisis
Há algo de errado nesse quadro: nele não há seres humanos. Por meio de levantamentos gerais, as pessoas preocupadas com Cornerville buscam responder a perguntas cujas respostas exigem o mais íntimo e detalhado conhecimento da vida local. A única maneira de obter esse tipo de conhecimento é viver em Cornerville e participar das atividades de sua gente. Para quem faz isso, a área se revela sob uma luz totalmente diferente. Prédios, ruas e becos que antes representavam destruição e aglomerado físico passam a formar um panorama familiar para os atores da cena cornervilliana.

Pode-se entrar em Cornerville já equipado com informações de jornais sobre alguns de seus gângsteres e políticos, mas o jornal apresenta uma imagem muito especializada. Se um gângster comete um assassinato, isso é notícia. Se segue tranqüilo as rotinas diárias de seu negócio, não é. Se o político é indiciado por aceitar propina, isso é notícia. Se apenas presta os usuais favores pessoais para sua clientela de eleitores, não. O jornal concentra-se na crise — no evento espetacular. Numa crise, o "peixe graúdo" torna-se propriedade pública. É destacado da sociedade na qual atua e julgado segundo padrões diferentes daqueles de seu próprio grupo. Esta pode ser a maneira mais eficaz de processar o criminoso, porém não é um modo de entendê-lo. Para isso, o indivíduo deve ser devolvido a seu contexto social e observado em suas atividades rotineiras. Para compreender o evento espetacular, é necessário vê-lo em sua relação com o padrão da vida cotidiana — pois existe um padrão na vida de Cornerville. As pessoas da classe média enxergam a área como uma formidável massa de confusão, um caos social. Os de dentro vêem em Cornerville um sistema social altamente organizado e integrado.

Decorre daí, portanto, que não se possa dar qualquer solução imediata e direta aos problemas representados por Cornerville. Só será possível responder a questões particulares quando a estrutura da sociedade e seus padrões de ação tiverem sido estudados. Isso requer uma exploração do novo território. Para saber

* WPA, Works Progress Administration: programa federal de assistência social que, durante a Crise de 1929 nos EUA criou empregos em massa. Em 1936, havia mais de 3,5 milhões de pessoas empregadas nos vários programas da WPA. (N.T.)

** Depressão: referência à crise de 1929, nos Estados Unidos, quando houve a queda da bolsa de valores e a súbita falência de centenas de investidores. (N.T.)

como se desenvolveu a forma de organização atual, pode-se rever a história da colônia italiana local. Feito isso, será hora de ir em frente e conhecer as pessoas para descobrir, a partir delas mesmas, a natureza da sociedade em que vivem. OP

Para a Cornerville de hoje, a história começou na década de 1860, quando um pequeno grupo de genoveses estabeleceu-se num beco de um canto do que era então uma área irlandesa. O fluxo de imigrantes italianos expandiu-se lentamente nas décadas de 1870 e 1880, e cresceu até virar uma grande inundação nos anos 1890 e primeiras décadas do século XX. Os italianos do Norte foram os primeiros a chegar, mas a grande onda de imigração veio do Sul, particularmente das vizinhanças de Nápoles e da Sicília. Na época em que a imigração dos sulistas estava no ponto mais alto, a maior parte dos primeiros ocupantes genoveses havia-se mudado para outros setores de Eastern City ou vivia na periferia, em cidades pequenas de classe média. WSTB
LATE

Em 1915, a composição racial de Cornerville já era praticamente a mesma de hoje. Com raras exceções, todas as famílias irlandesas tinham se mudado da área. Os judeus, que viveram ali na mesma época que os italianos, também haviam sido superados em número, embora muitos mantivessem interesses comerciais em Cornerville, especialmente como varejistas de tecidos e confecções.

Os imigrantes italianos trouxeram consigo não apenas sua língua e seus costumes, mas também uma grande parcela de seus conterrâneos. Os imigrantes atraíram parentes e amigos. Pessoas da mesma cidade, *paesani*, estabeleceram-se juntas, formaram sociedades de ajuda mútua e todo ano celebravam a festa de seu santo padroeiro, como antes faziam na Itália. Os *paesani* constituíam pequenas comunidades dentro da comunidade maior, e ainda hoje é possível demarcar áreas de Cornerville de acordo com a cidade de origem dos imigrantes — embora, com o crescimento da geração mais jovem, essas fronteiras estejam cada vez menos evidentes.

A sociedade dos imigrantes de primeira geração foi organizada basicamente em torno da família e, secundariamente, ao longo das linhas de *paesani*. Os vínculos entre famílias eram cimentados por relações padrinho-afilhado. Os parentes de sangue e por laços cerimoniais, bem como os amigos da família, ligavam-se uns aos outros numa rede intrincada de obrigações recíprocas. O indivíduo que sofresse um infortúnio era ajudado por seus parentes e amigos, e, quando estivesse restabelecido, partilharia sua boa sorte com aqueles que o tinham ajudado.

A macrorregião de origem dos imigrantes também era um dado importante na organização da vida em Cornerville. Os italianos do Norte, que haviam tido melhores oportunidades econômicas e educacionais, sempre olhavam com des-

dém os do Sul, e os sicilianos ocupavam a posição mais baixa de todas. Uma vez que muitos daqueles vindos das regiões Norte e Central da Itália tinham conseguido se estabelecer antes de os sulistas chegarem, essas distinções se acen- tuaram nos períodos de instalação dos novos imigrantes — e ainda não desapareceram de todo.

Como a geração nascida na América já havia alcançado a maturidade, o pa- drão da vida de Cornerville passou por mudanças de grande porte. Já não se en- contram na geração dos filhos os laços de lealdade aos *paesani* que ligavam seus pais. Até mesmo a família italiana foi dividida em duas gerações separadas. Os nascidos na Itália são conhecidos pela nova geração como "greasers". Os filhos, com frequência, têm forte ligação com os pais, mas ainda assim olham-nos com desdém. Umhas poucas pessoas mais idosas detêm posições de respeito, porém, em geral, não possuem a autoridade que caracteriza a geração mais velha na maior parte das outras sociedades.

A geração mais jovem construiu sua própria sociedade com relativa independência dos mais velhos. Há duas alas principais dentro das fileiras dos homens mais jovens: rapazes da esquina e rapazes formados. Os rapazes da esquina são grupos de homens cujas atividades sociais giram em torno de algumas esquinas em particular e as adjacências, com suas barbearias, lanchonetes, bilhares ou clubes. Constituem o nível mais baixo da sociedade dentro de sua faixa etária e, ao mesmo tempo, compõem a maioria dos jovens de sexo masculino de Cornerville. Durante a Depressão, a maior parte estava desempregada ou tinha apenas emprego irregular. Poucos haviam completado o segundo grau, e muitos deixaram a escola antes de terminar a oitava série. Os rapazes formados são um pequeno grupo de jovens que superaram o nível de rapaz da esquina por meio de uma educação universitária. Como tentam abrir espaços para si mesmos como profissionais, continuam subindo socialmente.

Numa sociedade como a nossa, na qual é possível para os homens começar a vida de baixo e ascender, é importante descobrir quem são as pessoas que estão avançando, e como o fazem. Isso nos dá uma perspectiva da sociedade cornerviliana e, ao mesmo tempo, mostra o que o mundo fora de Cornerville tem a oferecer às pessoas locais. As histórias de Doc — e sua gangue de rapazes da esquina — e a de Chick — e seu clube de rapazes formados — apresentam o contraste entre os dois grupos e explicam as diferentes carreiras individuais de seus integrantes.

* *Greasers*: literalmente, aqueles que trabalham com máquinas e motores e vivem sujos de graxa; por extensão, os que falam um inglês arresado. (N.T.)

Embora Doc e seus rapazes e Chick e os membros de seu clube sejam representativos de uma grande parte da sociedade local, todos eles são "peixes miúdos" em Cornerville. A fim de entendê-los, é necessário descobrir os "peixes graúdos" e ver como operam. Em Cornerville, os graúdos são gângsteres e políticos. (C)
person
reloc

Junto com a Zona Sul e Welpot, Cornerville forma o Quarto Distrito de Eastern City. Até recentemente, a área era dominada pelo Clube Cleveland, uma organização política irlandesa ligada ao Partido Democrata, localizada na Zona Sul. Quando os primeiros italianos se estabeleceram em Cornerville e começaram a desalojar a população irlandesa, houve ferrenhos confrontos de raças. À medida que os irlandeses se mudaram, as hostilidades foram transferidas para a arena política. Os políticos italianos organizaram Cornerville para derrubar a dominação irlandesa na região.

As atividades ilegais durante a Lei Seca giravam em torno do contrabando de bebidas. Com o fim da proibição, o gângster construiu sua carreira a partir do controle das atividades ligadas ao jogo. Os homens de Cornerville desempenharam funções proeminentes nesse campo, embora seus colegas irlandeses e judeus compartilhem com eles a direção dos negócios mafiosos de Eastern City.

As organizações mafiosas e políticas entremeiam-se e estendem-se da base ao topo da sociedade de Cornerville, integrando grande parte da vida local. Elas fornecem um marco geral para a compreensão das ações tanto de "peixes miúdos" quanto de "peixes graúdos". intermeio

Nesta pesquisa sobre Cornerville, pouco iremos nos preocupar com as pessoas em geral. Encontraremos pessoas particulares e observaremos as coisas particulares que fazem. O padrão geral de vida é importante, mas só pode ser construído por meio da observação dos indivíduos cujas ações configuram esse padrão. OP

Os "peixes miúdos" serão os primeiros a entrar em cena (parte I). Veremos como organizam as atividades de seus próprios grupos e, então — para situar esses grupos na estrutura social —, passaremos ao nível superior, observando os "peixes graúdos". A descrição das organizações mafiosas e políticas (na parte II) intermeio

* Distrito: daqui em diante, as referências a *ward*, no sentido de um distrito eleitoral específico, serão feitas com inicial maiúscula. Quando se tratar de *district*, distrito administrativo, a palavra será grafada com minúscula. (N.T.)

** Negócios mafiosos: as palavras *racket*, *racketeer* e *racketeering* não têm tradução exata para o português, mas, na história de Cornerville, na época em que foi escrito o livro, referem-se sempre a organizações, personagens e atividades de origem mafiosa. A tradução optou por seguir a mesma linha. (N.T.)

irá fornecer um quadro geral, mas ainda estaremos voltados para pessoas específicas. A pergunta é: o que faz de um homem um "peixe graúdo" e como ele se torna capaz de dominar os "peixes miúdos"? Para responder a essa questão, vamos observar Tony Cataldo. Ele é um gângster proeminente e cuida, entre outras coisas, de controlar os rapazes da esquina. Como faz isso? E vamos observar George Ravello, o senador de Cornerville, para ver como organiza sua campanha política. Ele necessita do apoio dos rapazes da esquina. Como consegue isso? Sabemos que, em geral, os chefes de organizações políticas e mafiosas em Cornerville cooperam uns com os outros. Mas qual a natureza dessa cooperação, sobre o que se baseia e como é criada? A fim de responder a essas questões, vamos novamente observar pessoas específicas e ver como se relacionam umas com as outras em diversas situações com as quais se defrontam em suas carreiras.

*W. J. NEY
10/10/68
122*

Se conseguirmos conhecer essas pessoas intimamente e entender as relações entre peixe miúdo e peixe miúdo, peixe graúdo e peixe miúdo, e peixe graúdo e peixe graúdo, então saberemos como a sociedade de Cornerville é organizada. Com base nesse conhecimento, torna-se possível explicar as lealdades pessoais e o significado das atividades políticas e mafiosas.



RAPAZES DA ESQUINA E RAPAZES FORMADOS



Doc e seus rapazes

1. OS RAPAZES DA GANGUE

OS NORTON ERAM a gangue de Doc. O grupo foi formado principalmente por ele e construído a seu redor. Quando Doc ainda era criança, havia uma gangue de garotos na Norton Street para cada faixa significativa de idade. Uma delas era, em média, três anos mais velha que Doc; havia a gangue de Doc, que incluía Nutty, Danny e vários outros; havia um grupo cerca de três anos mais novo, que incluía Joe Dodge e Frank Bonelli; e um outro ainda mais jovem, ao qual pertenciam Carl e Tommy.

Visto que os Norton, tal como eu os conheci, cresceram a partir desses primeiros agrupamentos, é necessário traçar alguns antecedentes. A história da evolução dos Norton pode ser mais bem contada como a história de Doc.

Ele nasceu na Norton Street em 1908. Seu pai e sua mãe, vindos da província de Abruzzi, foram os primeiros italianos não-genoveses a se estabelecer na rua. Doc era o caçula de uma grande família e filho predileto de sua mãe. O pai morreu quando ele era apenas uma criança. Aos três anos, a paralisia infantil atrofiou seu braço esquerdo e deixou seqüelas permanentes; mas com exercícios constantes ele conseguiu desenvolver o braço a ponto de ser capaz de usá-lo para tudo, exceto em trabalho braçal pesado.

Doc descrevia sua infância desta maneira:

Quando era pequeno, eu costumava andar muito bem-vestido. Estava sempre com um terno limpo e, quando me sentava no degrau da porta, sempre colocava um jornal embaixo, como minha mãe havia ensinado. ... As outras mães diziam a seus filhos: "Vejam como Dicky se veste. Por que você não pode ser como ele?" Era apenas natural que eles não gostassem de mim — até que lhes mostrei que teriam que me respeitar...

Tinha por volta de 12 anos quando me envolvi em minha primeira briga. Meu irmão, dois anos mais velho, entrou numa discussão com um garoto do meu tamanho. Então me disse: "Ele é pequeno demais pra mim, lute você com ele." A princípio, eu não queria, mas finalmente briguei com o garoto e dei uma surra nele. ... Depois, comecei a pensar que talvez até fosse bastante bom nisso.

Uma vez, Nutsy era o chefe de nossa gangue. Eu era o segundo em comando. Ele era maior que eu e tinha me surrado diversas vezes antes que eu finalmente o surrasse. Quando bateu em mim, não havia muita gente por perto, então não me importei; mas na vez em que quebrou sua promessa de que não bateria em mim, havia uma turma grande em volta. Eu era um garoto orgulhoso. Não podia deixar que ele se safasse dessa. .. Veja bem, eu estava imobilizando ele, e ele por baixo. Eu disse: "Se deixar você se levantar, promete que não vai me bater?" Ele prometeu, mas quando o soltei e me virei, ele acertou meu nariz, que começou a sangrar. Fui atrás e estava batendo nele quando os caras maiores nos apartaram. ... No dia seguinte, eu o vi encostado na parede. Fui até ele e disse: "Vou te matar", e dei um soco nele. Não revidou, sabia que eu era seu líder. E a notícia se espalhou. Então, depois disso, eu era o líder, e ele era o meu segundo. ... Isso foi quando eu tinha 13 ou 14 anos. ... Antes que eu surrasse ele, Nutsy era um garoto arrogante. ... Depois disso, parecia ter perdido seu orgulho. Eu conversava com ele e tentava levantar seu moral.

Depois que surrei Nutsy, era eu quem dizia aos garotos o que tinha que ser feito. Eles me ouviam. Se não ouvissem, eu surrava eles. Surrei todos os garotos da minha gangue em algum momento. Tínhamos um garoto siciliano na minha rua. Quando bati nele, ele contou a seu pai, que veio me procurar. Escondi-me num telhado, e Nutsy me disse quando o cara já tinha ido embora. Da próxima vez que vi o garoto, eu o surrei de novo — por ter-me denunciado ao pai. ... Mas eu não era um garoto durão assim, Bill. Sempre lamentava depois que batia neles.

Eles tinham fé em mim, Bill. É por isso que tinha que fazer algumas dessas coisas. Se um dos nossos garotos tivesse apanhado em qualquer outra rua, eu ia lá com ele. Dois ou três de nossos rapazes nos seguiriam, não para ajudar a brigar — só para olhar. Eu perguntava ao garoto: "Qual deles bateu em você?" Ele apontava o cara, eu ia lá e batia nele, e depois dizia: "Você não bate nesse garoto de novo não, ouviu?"

Eu era uma fera quando garoto. Não tinha medo de ninguém. Numa briga, a maior parte dos garotos fica só empurrando o outro pra lá e pra cá, mas eu tinha uma direita devastadora. Eu era forte. Só podia usar aquele braço, exceto para me defender, mas isso me dava mais respeito ainda. Eles diziam "E o que ele não faria se tivesse dois braços bons?" ... Não era só o murro. Eu era a pessoa que sempre pensava as coisas que tinham de ser feitas. Era o cérebro do grupo.

Doc se tornava sempre muito suscetível quando se tratava de seu braço, e não permitiria que ninguém fizesse concessões por causa de sua limitação. Passava

muitas horas em casa treinando boxe sozinho, lutando com a própria sombra para desenvolver a velocidade e a coordenação.

O mais sério desafio feito a Doc veio de Tony Fontana, como ele me contou:

Tony era da minha gangue no tempo em que ambos éramos crianças. Ele era um bom lutador. Quando entrou no ringue como amador, de saída já ganhou três lutas por nocaute. Na época em que se tornou profissional, ainda estava nocauteando todo mundo. ... Naquele tempo, ele era o líder da gangue, era o cara durão. Mas começou a se meter a engraçadinho comigo. Uma noite, começou a me empurrar e a falar grosso. Fiquei só ouvindo. Pensei: "Ele deve ser durão. Todos esses nocautes têm que significar alguma coisa." Então, depois de um tempo, eu disse: "Vou pra cama." Tirei a roupa e me deitei, mas não conseguia dormir. Vesti a roupa e desci de novo. E falei pra ele: "Me diz aquilo outra vez!" Ele disse, então eu mostrei pra ele — pun! ... Mas não lutou comigo. Por quê? Prestígio, suponho. Mais tarde lutamos com luvas no playground. Ele era bom demais pra mim, Bill. Fiquei firme, mas ele era muito forte. ... Como batia!

Doc só me contou tudo isso porque eu perguntei, e quando acabava de narrar um incidente no qual havia demolido algum rival, sempre pedia meias desculpas e dizia que, na verdade, não era tão bom, que mal conseguia entender como aquelas coisas podiam ter acontecido.

De tempos em tempos, havia uma rixa com alguma outra gangue, e o resultado era uma briga:

Uma vez, uns caras da nossa gangue tentaram assediar umas garotas da Main Street. Os namorados das garotas perseguiram nossos amigos até a Norton Street. Então nós nos juntamos e perseguimos os namorados de volta para o lugar de onde tinham vindo. Eles se juntaram com toda a Garden Street, Swift Street e Main Street para ir atrás da gente. ... Em geral começava assim, algum garoto apanhava de um dos nossos. Então ele voltava para sua rua e juntava sua gangue. Vinham pra nossa rua e nós os enfrentávamos.

Daquela vez, vinham com talos de cachos de bananeira e garrafas de leite. Nós estávamos armados. Costumávamos esconder nossas armas nos porões para poder tê-las à mão no caso de uma emergência. Mas havia 50 daqueles caras, e só 16 dos nossos, então nos retiramos para as portarias e os porões e esperamos que eles se acalmassem. ... Ficaram por ali um tempo, sem fazer nada, até que dei o sinal para sairmos. Então nós atacamos. Eu girava um talo de bananeira à minha volta. Fui girando pela Main Street toda, mas acabei ficando por trás das linhas inimigas e tive que voltar fazendo a mesma coisa, girando. ... Existiam uns vasos de cimento em volta do playground, altos. Nós os derrubamos. Teriam matado qualquer um que fosse atingido, mas não queríamos atingir ninguém. Queríamos assustá-los. ... Depois de algum tempo as coisas se acalmaram e eles foram embora.

Não me lembro de jamais termos realmente perdido uma briga. Não pense que nunca fugimos. Algumas vezes, sim. A gente corria feito condenado. Eles chegavam na nossa rua e nos atacavam. Nós nos espalhávamos pelos telhados, porões, qualquer lugar. Lá pegávamos nossa munição. Então eles voltavam para a outra ponta da rua e nos davam uma chance de nos juntarmos de novo. Saíamos um depois do outro — nunca nos atacavam até que estivéssemos todos lá, e preparados. Ai nós os atacávamos — tínhamos um bom ataque. Às vezes eles se separavam, e nós voltávamos para a nossa ponta da rua e esperávamos que se juntassem de novo. ... Sempre terminava com nossa turma atrás deles e os expulsando de volta para sua rua. Nós não os provocávamos lá. Nunca fomos procurar encrenca. A gente só brigava em nossa própria rua, mas sempre vencemos ali.

Sabe, os Norton eram gente fina. Nós éramos a melhor rua de Cornerville. Não roubávamos de bêbados e nem nos metíamos em jogos de dados. Às vezes a gente entrava como penetra em algum show, mas o que você quer? ... Os Tyler eram um grupo da pesada. Eles roubavam e também organizavam jogos de dados. Nós costumávamos nos bater com eles. Depois de um tempo, as coisas sossegaram, e mais tarde os Tyler e os Norton se uniram. O lutador campeão deles era Jonny DiCausa, e o corredor campeão era Mike Torre. Eu era campeão em tudo na nossa gangue. Quando nos juntamos, tive que competir com o Mike numa corrida em volta do quarteirão. Eles contaram o tempo. Ele fez em 26 segundos. Então eu corri. Vinha descendo a rua e podia ouvi-los gritando: "Vamos lá, Doc, vamos lá!" Também fiz em 26 segundos. Nada ficou resolvido. Eles costumavam discutir: "Jonny pode derrotá-lo". "Não, Doc é que pode derrotá-lo." E a gente se mediu um com o outro, mas não lutamos. Acho que a gente se respeitava mutuamente. ... Jonny foi para o ringue mais tarde e se saiu bastante bem. Mike foi corredor campeão do time de atletismo da Faculdade St. Patrick.

A gente não teve muitas rixas entre gangues. Havia um bocado de respeito mútuo. ...

Nós não saíamos para matar ninguém. Não queríamos machucar ninguém. Era só brincadeira. ... Não me lembro nunca de alguém ter sido ferido na cabeça com uma garrafa. Talvez na perna ou nas costas, mas não na cabeça. A única vez em que alguém saiu ferido foi quando Charlie levou aquela lata no olho. Nós estávamos provocando os King Street no playground. Atacamos, e Charlie saiu na frente de todos. Quando chegou a King Street, alguém jogou aquela lata, e a parte cortada da tampa pegou direto no olho dele. O tumulto parou. Eles ficaram assustados com o sangue saindo do olho de Charlie. ... Nós o levamos para casa. Lembro-me de seus gritos enquanto o médico cuidava do olho. Aquilo nos impressionou. Nunca nos havia ocorrido que alguém pudesse ser seriamente ferido, tivesse seqüelas graves, num confronto. ... Depois daquilo não houve mais tumultos. Não me lembro de jamais ter visto um depois daquilo. ... E então estávamos ficando mais velhos, por volta de 17 e 18 anos. Fui adiante com meus camaradas mais velhos e já não via meus garotos com tanta freqüência. Eles me aceitavam como um deles. Aquilo foi uma grande honra. Mas quando já não via mais meus garotos com freqüência nossa gangue se desfez.

Doc participou das atividades do Centro Comunitário da Norton Street em dois estágios de sua carreira. A história era essa:

Eu costumava ir ao Centro quando era garoto pequeno, mas depois me afastei. Voltei por causa do Clube Dramático Sunset (Sunset Dramatic Club). Ele era o clube predileto de lá. Fazia muito tempo que vinha apresentando suas peças e tinha um bocado de prestígio. Lou Danaro costumava me contar como era duro atuar e quanto treino você tinha que ter. Danny tentava me instigar para ir lá e mostrar a eles do que eu era capaz. Ele tinha um bocado de fé em mim, me apoiava em qualquer coisa que exigisse miolos. Danny e eu nos juntamos e descobrimos como eu poderia entrar naquele clube. Você tinha que receber uma votação unânime. Alguns dos integrantes me conheciam, outros não, mas dei um jeito e fui aceito. Depois de algum tempo, consegui o papel principal em algumas das grandes apresentações, e todos os garotos da esquina vieram assistir.

Naquela época, havia dois integrantes de cada clube no conselho do Centro. Eu representava os Sunset, e fui presidente do conselho durante um ano. Era muito ativo, e levantamos dinheiro para um novo amplificador para o Centro.

Por volta daquele tempo, a turma do Tom Marino chegou. Eles se chamavam de "Vagabundos da Esquina". Havia uns cem deles, e acho que vieram porque não tinham onde se reunir naquela época. Os Sunset tinham conseguido o lugar porque eram os favoritos dos assistentes sociais. Nós podíamos fazer qualquer coisa que quiséssemos ali. ... Uma vez, Joe Cardio foi à loja de Tom Marino comprar creme chantili para o café do clube. Quando responderam que não tinha creme, ele estalou os dedos, bateu o pé no chão e disse: "Ah, droga!" Todos os garotos estavam em volta e, ao ouvirem aquilo, não perdoaram. Desde então passaram a chamar os Sunset de "Bolinhos de Chantili". Costumava discutir com eles por causa disso. Naquela época eu ficava naquela esquina, mas também andava em outros lugares, e me acertei com os Vagabundos; eles nos chamariam "os Bolinhos de Chantili — com uma exceção". Disse a eles que havia um monte de exceções, mas não consegui convencê-los a mudar ...

Quando os Vagabundos entraram, queriam dirigir o lugar. Começaram comprando votos para poder eleger o presidente do conselho do Centro. Safam com as garotas e compravam refrigerantes para elas. Eles realmente fizeram uma grande campanha. A senhora Baldwin queria que eu concorresse à presidência de novo porque achava que eu havia feito um bom trabalho, mas me recusei. Os Sunset apoiaram Ted Riccio, e os Vagabundos apoiaram Fred Mantia. Ted foi derrotado por uma ampla margem, mas depois da eleição eles me disseram que se eu tivesse concorrido não teriam apoiado ninguém para disputar comigo....

Os Vagabundos realmente estavam lá pra bagunçar o coreto. Não tinham nenhum respeito pelos assistentes sociais. Um dia, ouvi Guy Polletti falando com o senhor Ramsay no saguão. Ele foi obsceno mesmo. Ramsay teve que engolir aquilo. O que mais poderia fazer? ... E sempre ligavam para a delegacia e diziam: "Está havendo uma confusão no Centro Comunitário da Norton Street. Mandem o esquadrão especial imediatamente."

Alguns policiais vinham e brincavam com os garotos, porque eram bons amigos, mas isso pegava mal para o Centro. ...Uma noite, os Vagabundos fizeram uma festa do tipo cabaré e "aditivaram" o ponche. Prepararam duas vasilhas, uma para os assistentes sociais e outra para a festa. Mas umas meninas ficaram bêbadas, e a senhorita Baldwin descobriu a outra versão do ponche. Af começou uma discussão, e Guy Polletti mandou que ela saísse. Ele a chamou de uma Vi quando ela desceu as escadas, chorando. ...

Isso foi péssimo. Naquela época, eu era "o Pequeno Galahad", e atribuí a mim a missão de defender o Centro. Uma noite, estavam todos na loja do Marino e fui discutir com eles. Havia Guy Polletti — ele era um lutador peso-pesado. Estava também Fred Mantia — um peso-pesado leve que havia se saído muito bem no ringue. Estavam todos conversando, mas eu os interrompi e disse: "Esperem um minuto, ouçam!" E então fui curto e grosso. Eles contra-argumentaram, e tinham um bom motivo. Tinha muito a dizer sobre os assistentes sociais. "São um bando de esnobes." "São pretensiosos." "Quem pensa que são, que são melhores que nós?" Esse era um bom argumento, e não pude responder. Mas eu disse: "Afinal, o lugar tem algumas coisas boas: Numa área superpovoada como esta, precisamos de espaços para nos encontrar." ... E, com suas atitudes duronas, eles tinham feito com que muitas pessoas se afastassem do Centro. Disse a eles que as mães tinham fé no lugar, pensavam que era seguro para suas filhas, e agora os Vagabundos estavam arruinando essa reputação. Eu disse a Fred: "Você só é durão porque mais ninguém lá é durão."

"Nada disso", respondeu, "sou durão em qualquer lugar."

Eu falei: "Se Terry Giovanni estivesse lá, você não seria tão durão." Ele não gostou daquilo, porque Terry o havia nocauteado muitas vezes. Bom, o resultado final foi que ele concordou em pedir desculpas à senhorita Baldwin. ...

Por volta da mesma época começaram outra discussão. Naquele tempo havia um fim de semana misto no acampamento do Centro, no começo e no fim de cada temporada de férias de verão. Era o maior evento social da estação, e os caras e as garotas passavam um ano inteiro esperando por aqueles fins de semana. Os acampamentos eram muito bem vigiados. Se alguma vez houve sexo lá, nunca ouvi falar. Era apenas uma diversão boa e limpa. Mas, daquela vez, alguns dos Vagabundos já tinham tomado todas. Jesse Alluni era um cara muito legal e nada durão, mas era fraco para bebida. Uma noite, foi à cozinha quando Baldwin estava lá e pediu uma xícara de café. Baldwin disse que ele estava bêbado e o mandou para a cama. ... Depois daquele incidente, o acampamento foi fechado para homens. Desde então, tem sido só para garotas e meninos pequenos. Os camaradas ficaram injuriados por perderem o acampamento e protestaram com o senhor Bacon, o coordenador. Eles circularam uma petição e quiseram apelar para a junta diretora, mas o senhor Bacon não permitiu. Depois de algum tempo, a excitação baixou, e nada foi feito. ...

Naquela mesma época, os Sunset se separaram. Haviam estado no Centro durante dez ou doze anos, e alguns dos tipos estavam se casando, então tinha algo a ver com isso,

mas tenho certeza de que foi, em parte, a pressão dos Vagabundos que os levou a sair do Centro. Quando os Vagabundos foram atrás deles, esmoreceram. Eu os chamei de frouxos e tentei fazer com que continuassem a tocar o clube, mas acabou mesmo.

Com a saída dos Sunset, os Vagabundos conseguiram um salão num clube fora dali e nunca mais voltaram ao Centro. Não acho que tenham sido oficialmente expulsos. Saíram antes que se chegasse a tanto. Quando Tom Marino entrou na política, o nome do clube não soava assim tão bem, e então o mudaram para Clube Atlético Taylor, em homenagem a Ellen Taylor. Ela era uma assistente social amada e venerada por todos os outros assistentes. Aquele nome soa engraçado quando você pensa no tipo de coisas que os Vagabundos haviam aprontado no Centro.

Desde que os Vagabundos da Esquina foram embora, nunca mais houve uma turma como eles no Centro. E o ano em que um de seus homens foi presidente do conselho foi também o último em que houve um conselho. ...

Quando os Sunset e os Vagabundos se mudaram, eu também já não estava mais no Centro.

Doc achava fácil o trabalho escolar. Ele lia de tudo, tanto na escola quanto na biblioteca pública. Depois de terminar o segundo grau, parou os estudos para trabalhar numa firma de vitrais. O trabalho artístico sempre tinha sido um de seus maiores interesses, e ele se saiu tão bem na empresa que lhe prometeram um progresso rápido. Mas então veio a Depressão, o negócio faliu, e Doc ficou desempregado. No início se empenhou agressivamente na busca de emprego e continuou seu trabalho artístico em casa. Mas, ao ver que todos os seus esforços resultaram em nada, parou de procurar e até perdeu o interesse pela arte.

Doc vivia com sua irmã e o cunhado, de modo que tinha casa e comida, mas odiava ser um peso para eles. Quando começou o programa federal de assistência social, conseguiu trabalho na WPA. Porém, como era solteiro e não tinha dependentes, não podia contar com um emprego estável. Entre os dias de trabalho e os longos períodos de inatividade, passava quase todo o tempo na esquina.

Danny era seu amigo mais chegado. Como me disse Doc:

Danny vivia na Stone Street, perto da Norton. Lembro-me agora do dia em que chegou à nossa rua, ainda era um garotinho. Era um *greaser*, com aquele inglês arrevesado. Os amigos debochavam dele, mas gostei do garoto desde o começo. Disse para se juntar à nossa gangue e fazer o que fazíamos. Ele topou.

Quando a gangue dos garotos se desfez, Doc e Danny continuaram juntos, embora não fossem vistos com frequência na Norton Street.

Danny abandonou a escola depois da oitava série para trabalhar numa fábrica. Suplementava sua renda organizando um jogo de dados no banho público*, e entre um emprego e outro atuava onde quer que houvesse conflitos trabalhistas, para qualquer um dos lados — “para quem me pagar”. Danny era um cara grande e com uma experiência de brigas que o deixara bem preparado para lutar nas disputas de porta de fábrica, mas não tirava prazer dessa ocupação. Lutava pelo dinheiro. Durante todo o tempo que passei em Cornerville nunca ouvi falar de Danny comprar briga com alguém.

Com a aprovação da nova legislação trabalhista e a ação do governo contra agências que furavam greves, uma das fontes de renda de Danny secou. Ele passou a depender do jogo de dados, que operava em parceria com Mike Giovanni e o irmão dele, Terry.

Mike tinha sido o líder de sua gangue de garotos na King Street. Também havia deixado a escola cedo para trabalhar numa fábrica e entrava em ação onde quer que ocorressem conflitos trabalhistas. Ao contrário de Danny, trabalhava apenas para um dos lados — o sindicato. Conforme explicou: “O sindicalismo é como religião. Você tem aquelas crenças e tem que se ater a elas.” Nos últimos anos da Lei Seca, os empregos industriais desse tipo ficaram escassos, e ele passou a se sustentar administrando um jogo de dados e um pequeno bar clandestino. Não gostava do jogo, que nem era tão lucrativo, e não deixava que certas pessoas jogassem, especialmente as que não podiam se dar ao luxo de perder. Pensava ter “as conexões certas” que poderiam dar proteção ao bar, mas as batidas policiais o obrigaram a fechar o negócio. Abriu uma lanchonete, mas isso também não se provou lucrativo, já que uma parcela excessiva dos clientes comprava fiado. Enquanto funcionou, a lanchonete fornecia um ponto de socialização para Mike e seus amigos. Danny era um visitante freqüente, e Doc também passava algum tempo lá.

Long John, um jovem de outra parte de Cornerville, começou a andar com a turma de Mike. Tinha feito parte de uma gangue particularmente violenta até o momento em que seu irmão mais velho foi condenado à prisão perpétua por assassinato. Incitado pela mãe, Long John começou a se preocupar com seu próprio futuro. Danny e Mike aconselharam-no a romper com os parceiros anteriores e juntar-se a eles. Por algum tempo tomaram conta de seu dinheiro para as despesas e deixaram que ganhasse pequenas quantias trabalhando como olheiro

* Banho público: casa de banhos utilizada pelas pessoas em cujos apartamentos não havia banheira. Cerca de 90% dos apartamentos de Cornerville estavam incluídos nesta categoria. (N.T.)

no jogo de dados, até que ele conseguiu, por conta própria, uma ocupação numa fábrica que lhe dava trabalho esporádico ao longo do ano.

Quando a gangue dos garotos se desfez, Nutsy foi o único que continuou a passar todo o tempo livre na Norton Street. Como começou a andar com os garotos mais jovens, Doc e Danny o chamavam de "o Rei dos Garotos". Frank Bonelli tornou-se particularmente ligado a Nutsy. Joe Marco, conhecido como Joe Dodge, era um bom amigo dos dois. Carl e Tommy, que tinham pertencido a um grupo mais jovem ainda, agora aceitavam a liderança de Nutsy. Alec havia freqüentado a escola com um irmão mais novo de Joe Dodge e veio para a Norton Street acompanhando Joe.

Naquela época, Nutsy trabalhava em meio expediente nos correios. Frank tentava começar uma carreira no beisebol profissional, e Joe estava num emprego muito bem pago, mas sazonal, numa pedreira. Carl e Tommy ocupavam empregos estáveis em fábricas, e Alec tinha um trabalho sazonal no mercado distrital.

Além da turma de Mike e dos garotos de Nutsy, havia outros três rapazes que integravam os Norton, tal como eu os conheci. Angelo Cucci, Fred Mackey (Macaluso) e Lou Danaro eram todos muito ligados a Doc. Alguns anos antes, o tio de Fred tinha aberto um armazém na Norton Street e colocado o sobrinho como responsável em tempo parcial. Um dia Danny reuniu os rapazes para pregar uma peça nele. Alinharam-se em frente à caixa e pediram dinheiro em troca de proteção. Fred entrou em pânico, até que Doc teve pena e explicou a situação. Fred ficou tão aliviado que passou a olhar Doc como seu benfeitor. Frequentemente buscava sua companhia, mesmo depois que o armazém foi vendido.

Durante muitos anos Lou Danaro havia trabalhado para o senhor Bacon, o coordenador do Centro Comunitário da Norton Street, e tinha até mesmo morado no Centro. Os rapazes da esquina pensavam que Lou se considerava superior e não queriam saber de nada com ele. Doc conhecia bem o primo de Lou. Os primos não se davam, e Doc achava isso muito ruim. Então, sempre que saía com o primo, insistia com Lou para que fosse junto. Dessa forma, também criou amizade por ele. Quando este finalmente rompeu com o senhor Bacon e deixou o Centro, sua amizade com Doc fez com que ele fosse aceito na esquina.

Fred e Lou viviam no subúrbio, mas dirigiam até Eastern City para os seus trabalhos de meio horário e também até Cornerville, para encontrar Doc e seus amigos.

Angelo era um garoto extremamente tímido quando Doc o conheceu, e não tinha amigo algum. Passava a maior parte do tempo em casa ensaiando violino,

pois esperava tocar numa orquestra de câmara um dia. Ao ser aceito por Doc como amigo, Angelo pôde juntar-se aos rapazes da esquina.

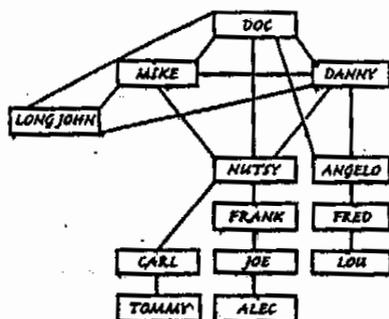
Já existiam fortes laços de amizade entre alguns dos rapazes, mas os Norton, como organização, só começaram a funcionar no início da primavera de 1937. Foi naquela época que Doc voltou para a esquina. Nutsy, Frank, Joe, Alec, Carl e Tommy tinham grande respeito por Doc e se reuniram em torno dele. Angelo, Fred e Lou seguiram Doc e fizeram da esquina seu quartel-general. Danny e Mike foram atraídos para a Norton Street pela amizade com Doc e pela localização do jogo de dados, bem ao lado da "esquina." Long John seguiu Danny e Mike.

Os rapazes se acostumaram a agir juntos. Estavam também ligados uns aos outros por laços de obrigação mútua. Em suas experiências comuns, havia inúmeras ocasiões em que algum deles sentia-se na obrigação de dar uma ajuda ao outro, e o que fora ajudado buscava uma oportunidade de retribuir o favor. Fortes lealdades de grupo eram sustentadas por trocas desse tipo.

O diagrama a seguir apresenta um esquema das relações entre os rapazes, tal como existiam naquela época.

Havia diferenças de ordem hierárquica entre os Norton. Para simplificar as designações, vou me referir aos quatro homens no topo do diagrama como "líderes", e aos outros como "seguidores". Isso não fica confuso quando se têm em mente as características especiais de Long John descritas a seguir.

OS NORTON
Primavera-verão de 1937



□ Rapazes da esquina

— Linha de influência

As posições dos quadrados indicam os status relativos

Doc, Danny e Mike ocupavam as posições mais altas. Eram mais velhos que os outros, exceto Nutsy. Seus campos de ação e movimento eram mais amplos. Enquanto os seguidores estavam limitados ao estreito âmbito da esquina, os três do topo tinham amigos em muitos outros grupos e eram bem conhecidos e respeitados por grande parte de Cornerville. Uma de suas funções era acompanhar os seguidores quando tinham que se mudar para fora de sua esfera social e necessitavam desse apoio. Os três na liderança também eram respeitados por sua inteligência e poder de auto-expressão. Doc, em particular, era notado por seu talento para negociar. Nas raras ocasiões em que se envolvia numa discussão, tinha uma capacidade pouco usual de manobrar o oponente sem humilhá-lo. Nunca vi os três líderes exercendo sua autoridade por meio da força física, mas as histórias de brigas no passado ajudavam a sustentar suas posições.

Doc era o líder da gangue. Os Norton tinham sido a gangue de Doc quando eles eram garotos, e embora os integrantes não fossem os mesmos, ainda eram vistos como a gangue de Doc. O jogo de dados e suas obrigações sociais impediam Danny e Mike de passar tanto tempo com os Norton quanto Doc. Os dois não tinham tanta intimidade com os seguidores e esperavam que Doc os liderasse.

Long John ocupava uma posição anômala. Embora fosse cinco anos mais jovem que Doc, sua amizade com os três principais concedeu-lhe uma posição superior. Como Doc explicou: "É porque sempre tratamos bem Long John. Quando vamos a algum lugar, nós o chamamos para ir conosco. Chegamos perto e damos um tapinha nas costas dele. Damos tanta atenção a ele que o resto do grupo tem que respeitá-lo."

Ainda assim, Long John tinha pouca autoridade sobre os seguidores. Naquela época, estava acostumado a perder todo o dinheiro ganho em uma semana de trabalho nos dados, e isso pesou contra ele.

Existe uma importante distinção social entre os donos de jogos de dados e os que jogam. Os donos do jogo desfrutavam de uma posição algo semelhante à de homens de negócio; os que jogam regularmente são vistos como otários. Os Norton como grupo se consideravam acima do nível de otários, e nessa época Long John tentava sem sucesso afastar-se do jogo.

Na primavera de 1937, Nutsy foi informalmente reconhecido como superior a Frank, Joe e Alec, mas suas relações com uma garota já tinham começado a causar dano à sua posição. Não se espera que um rapaz da esquina seja casto, mas casar-se com uma moça que não fosse "boa" seria baixar de nível. Nutsy saía com tamanha frequência com essa moça que o casamento parecia uma possibilidade óbvia, e, em reação à crítica dos amigos, foi-se afastando da gangue gradualmente. Não ocupou outra posição proeminente nos Norton até quase o

final de minha estada em Comerville, porém, na primavera e no verão de 1937, ainda era uma pessoa de importância moderada.

No tempo em que esta história estava se desenrolava, Doc tinha 29 anos; Mike, 29; Danny, 27; Long John, 24; Nutsy, 29; Frank, 23; Joe, 24; Alec, 21; Angelo, 25; Fred, 25; Lou, 24; Carl, 21; e Tommy, 20.

2. BOLICHE E POSIÇÃO SOCIAL

Certa noite, em outubro de 1937, Doc marcou uma partida de boliche contra o Clube da Comunidade Italiana (Italian Community Club), cujos sócios eram em sua maior parte rapazes formados que tinham seus encontros a cada duas semanas no Centro Comunitário da Norton Street. O clube foi concebido como uma organização de homens bem-educados e superiores, embora Doc dele participasse e três outros dos Norton — Angelo, Lou e Fred — tivessem sido admitidos por votação, depois de recomendados por Doc. Os demais Norton achavam o clube “esnobe”, e ele era conhecido na área da esquina como “a Liga Júnior dos rapazes,” numa referência irônica à Liga Italiana Júnior (Italian Junior League), organização só para moças situada fora de Comerville.

Eles se sentiam um tanto vaidosos por terem integrantes de seu grupo misturados a um clube desse tipo, mas essa opinião tinha a ver principalmente com as personalidades de Chick Morelli, o presidente, e Tony Cardio, outro sócio proeminente, ambos considerados esnobes e presunçosos. Por conseguinte, os Norton levaram a partida de boliche muito a sério.

Doc era capitão dos Norton e selecionou Long John, Frank, Joe e Tommy para seu time. Danny e Mike não jogavam boliche nessa época. Chick e Tony lideravam o time do Clube da Comunidade Italiana.

Os ânimos estavam exacerbados. Os Norton gritavam com os adversários e faziam todo tipo de barulho para perturbar sua concentração. Os sócios do clube ficaram animados ao abrirem vantagem no placar, mas tiveram pouco a dizer quando os Norton viraram o jogo e ganharam por ampla margem.

Depois da partida, perguntei a Frank e Joe se havia algum time que eles tivessem gostado mais ainda de derrotar. Disseram que, se pudessem escolher suas vítimas favoritas, pegariam Chick Morelli, Tony Cardio, Joe Cardio (irmão de Tony), Mario Testa e Hector Marto. Os três últimos haviam pertencido ao Clube Dramático Sunset.

Frank e Joe disseram que não tinham nada contra os outros do time do Clube da Comunidade Italiana, mas que os rapazes estavam ansiosos para derrotar o time a fim de pôr Chick e Tony “em seus lugares”. De modo significativo, Frank

e Joe não selecionaram suas vítimas prediletas em função de habilidades no boliche. Os cinco eram bons jogadores, mas este não era o fator decisivo da escolha: os objetivos do ataque eram as posições sociais e as ambições, e foi isso que fez com que a vitória sobre o Clube da Comunidade desse tanta satisfação.

Lou Danaro e Fred Mackey tinham torcido pelo Clube da Comunidade. Embora os dois fossem sócios, os rapazes sentiram que isso não os escusava. Danny disse: "Vocês são uma dupla de traidores — Benedict Arnolds*. ... Vocês estavam com os rapazes — e depois vão contra eles. ... Podem ir, não quero o apoio de vocês."

Fred e Lou ficaram entre os dois grupos e, portanto, tinham que enfrentar o problema da lealdade dividida. A posição de Doc na esquina estava tão definitivamente estabelecida que ninguém ao menos considerava a possibilidade de ele escolher jogar com o Clube da Comunidade Italiana contra os Norton.

Nunca mais aconteceu outra partida entre os dois times, esta foi a única. Os rapazes da esquina estavam satisfeitos com a vitória, e o clube não pediu a revanche. Tony Cardio objetou quanto à maneira como os Norton haviam tentado perturbar a concentração de seu time e disse que não havia graça em disputar contra jogadores tão ruins. Houve, no entanto, atritos com associados individuais do clube. Num noite de novembro, Doc, Frank Bonelli, Joe Dodge e eu estávamos jogando boliche quando Chick Morelli e Lou Danaro chegaram. Concordamos em fazer dois times de três, e Chick e Doc escolheram seus parceiros. Chick escolheu Lou e a mim. No início a partida estava bem equilibrada, mas Doc conseguiu abrir uma grande vantagem para seu time com um brilhante terceiro *string*". Quase no final dessa rodada, Chick estava sentado perto de Joe Dodge e resmungava com ele: "Você é um vagabundo, não presta como jogador de boliche."

Joe não disse nada, até que Chick repetisse a mesma coisa várias vezes. Então se levantou e disparou contra Chick: "Você é um ... presunçoso! Tenho vontade de lhe dar uns tapas. Jamais conheci ninguém mais arrogante que você. Você é um ... presunçoso!"

Doc se pôs entre os dois para evitar uma briga. Chick não disse nada, e Doc conseguiu nos enfiar quietos dentro do elevador. Joe não estava satisfeito e me disse em voz alta: "Um dia, alguém vai dar um jeito nele. Alguém vai ter que tirar essa arrogância dele no tapa."

* Benedict Arnold: general norte-americano, traidor, preso quando se dispunha a entregar West Point aos ingleses em 1780. (N.T.)

** String: um jogo completo de boliche, consistindo de dez rodadas, *frames* ou *rounds*. (N.T.)

Quando já estávamos na rua, Lou afastou-se com Chick e fomos comer na lanchonete do Jennings. Discutimos o caso de Chick:

DOC: Por sorte você não bateu nele. Estariam atrás de você por homicídio. Você é forte demais para o garoto.

JOE: Está certo. Mas se alguém é forte demais pra mim, eu não me meto. ... Ele não devia se meter comigo... Se é pra dizer coisas, então que sorria quando disse. Mas acho que ele realmente teve a intenção de dizer o que disse.

DOC: Coitado do cara, tanta gente querendo cair em cima dele — e ele sabe disso.

FRANK: Eu achava que ele era legal, até uma noite dessas. Fomos para o salão de baile do Metropolitan. ... Ele não se enturmoura de jeito nenhum. Simplesmente ficou lá, jogado num sofá, como se quisesse ser bajulado. Não se esforçou para ser simpático.

Depois de deixar Chick em casa, Lou juntou-se a nós no Jennings. Disse que Chick tinha ficado muito mal com o incidente, que não sabia por que as pessoas queriam sempre bater nele. Lou acrescentou: "Sei que ele não pretendia aquilo. É realmente um garoto bacana quando você o conhece. Só há uma coisa de que não gosto nele." Então contou sobre uma vez em que Chick havia começado uma discussão com um atendente de um salão de dança sobre uma questão qualquer envolvendo o regulamento do lugar. Lou comentou: "Ele simplesmente tentava mostrar como era inteligente."

Alguns dias mais tarde, quando a raiva de Joe havia amainado, Doc o persuadiu a se desculpar.

Não foi por mera amizade que Doc defendeu Chick. Nem porque trabalhassem juntos no Clube da Comunidade Italiana. Ali, Doc liderava uma facção geralmente hostil a Chick, e com freqüência ele próprio criticava a maneira como o outro buscava dirigir a organização. Mas Doc tinha amigos nos dois grupos e não gostava de ver as turmas em desentendimento. Embora fosse impossível a amizade entre os Norton e Chick, era função de Doc cuidar para que se mantivessem as relações diplomáticas.

O jogo com o Clube da Comunidade serviu para aumentar o entusiasmo dos Norton com relação ao boliche. Antes disso os rapazes tinham jogado esporadicamente, e com freqüência jogavam em outros grupos. Mas agora, pela primeira vez, o boliche havia se tornado uma parte regular de sua rotina social. Long John, Alec, Joe Dodge e Frank Bonelli jogavam várias noites por semana durante todo o inverno. Outros jogavam muito, e todos eles apareciam nas pistas pelo menos uma noite por semana.

Uma pontuação alta de pinos derrubados exige diversos *strikes* ou *spares*. Como um *strike* ocorre raramente, exceto se a primeira bola bater no pino mestre de maneira milimetricamente exata, e como nenhum dos rapazes tinha mira assim tão precisa, os *strikes* eram considerados uma questão de sorte, embora se esperasse que um bom jogador fizesse *strikes* com mais freqüência que os outros. Um jogador de boliche era julgado de acordo com sua habilidade de fazer *spares*, de “pegar” os pinos que sobravam na pista depois da primeira bola.

Existem muitos fatores psicológicos associados ao jogo de boliche. Em qualquer esporte há momentos críticos que, para serem superados, exigem do jogador o máximo de sangue-frio; porém, em esportes de equipe e de ação contínua, o jogador pode às vezes ser levado pelo calor da disputa e passar pelos pontos críticos antes que perca a coragem. Se o jogador de boliche está competindo num time de cinco, tem uma longa espera até que chegue sua vez de voltar à pista; assim, tem tempo suficiente para analisar seus erros. Quando está diante de dez pinos, pode jogar a bola bem casualmente. Mas se sobrou apenas um pino em pé, e seus oponentes gritam “Você não vai conseguir”, a pressão aumenta, e há uma tendência a “amarelar”, a perder o controle.

Quando um jogador está seguro de que pode fazer uma jogada difícil, a chance é de que consiga ou chegue extremamente perto. Se não estiver seguro, errará. Um jogador de boliche tem segurança porque já fez jogadas semelhantes no passado e está acostumado a ter boas pontuações. Mas isso não é tudo. Também tem confiança porque seus colegas — estejam eles a seu favor ou contra — acreditam que pode fazer a jogada. Se não acreditam nele, o jogador deve lutar contra a opinião adversa e também contra sua própria insegurança. Dito isso, conclui-se que é necessário considerar a relação de um homem com seus companheiros quando se examina seu histórico no boliche.

No inverno e na primavera de 1937-38, o boliche era a atividade social mais significativa para os Norton. Os jogos entre os integrantes da clique** e os individuais — que ocorriam nas noites de sábado — tornaram-se o clímax dos eventos da semana. Nos dias úteis, os rapazes discutiam o que havia acontecido na noite do sábado anterior e o que aconteceria no próximo. O desempenho de um jogador estava sujeito a contínua avaliação e crítica. Havia, portanto, uma conexão íntima entre o jogo de cada rapaz e sua posição no grupo.

* *Strike*: derrubada de todos os pinos na primeira jogada; *spare*: derrubada dos pinos restantes na segunda jogada. (N.T.)

** Clique: termo de origem francesa, designa pequeno grupo de pessoas estruturado espontaneamente com base na simpatia e em interesses comuns. (N.T.)

O time que enfrentou o Clube da Comunidade Italiana estava composto por dois participantes (Doc e Long John) com classificação alta e três (Joe Dodge, Frank Bonelli e Tommy) que tinham um nível baixo. Quando o boliche se tornou uma atividade grupal fixa, o time dos Norton se dividiu, seguindo linhas diferentes. Danny juntou-se à turma dos sábados à noite e rapidamente conquistou seu lugar. Jogava muito bem e elegeu Doc como seu oponente predileto. Havia uma rivalidade saudável entre eles. Na disputa individual, Danny geralmente ganhava, embora sua média nos jogos de grupo não fosse melhor que a de Doc. Depois do jogo contra o Clube da Comunidade, Doc escolheu Danny e Long John quando selecionou um time para representar os Norton contra outras gangues e clubes, deixando duas vagas no time de cinco. Naquela época, Mike, que nunca tinha sido um bom jogador, estava começando a jogar regularmente mas ainda não havia estabelecido sua reputação. Foi bastante significativo o fato de as vagas não terem sido preenchidas com jogadores da clique. Nas noites de sábado, os rapazes jogavam com Chris Teludo, primo mais velho de Nutsy, e Mark Ciampa, um homem que se juntava a eles apenas nas pistas de boliche. Ambos eram populares e jogadores de primeira classe. Foram escolhidos por Doc, com a concordância de Danny e Long John, para jogar pelos Norton. Apenas se faltasse um integrante do time regular é que se convocava um dos agregados da clique. Nessas ocasiões, ninguém jamais buscava se destacar.

Os seguidores não gostavam de ser substitutos. Argumentavam que não lhes tinham dado uma chance para provar suas habilidades. Num sábado à noite, em fevereiro de 1938, Mike organizou um jogo da clique. Seu time era composto por Chris Teludo, Doc, Long John, o próprio Mike e eu. Danny estava doente, e entrei como seu substituto. Frank, Alec, Joe, Lou e Tommy formavam o outro time. O interesse nessa partida era mais intenso que nas outras, quando os jogadores eram escolhidos um a um. Mas os seguidores fizeram um jogo fraco e não tiveram uma chance.

Depois desse único encontro, os seguidores foram reconhecidos como time secundário e nunca mais desafiaram o grupo de Doc, Danny, Long John, Mark e Chris. Em vez disso, cada um começou a se esforçar individualmente para melhorar sua posição.

Levando-se em conta apenas as habilidades individuais, Frank poderia ter sido um excelente jogador de boliche. Seu jogo lhe havia conquistado posições em times semiprofissionais e uma promessa — embora não cumprida — de emprego num time da segunda divisão. E não era a falta de prática que o segurava, pois, junto com Alec e Joe Dodge, jogava mais frequentemente que Doc, Danny ou Mike. No inverno de 1937-38, Frank ocupava uma posição particularmente

subordinada no grupo. Ele e Alec passavam o tempo na confeitaria do tio deste, e, como poucas vezes conseguia emprego durante a estação, Frank tornou-se dependente de Alec para grande parte das despesas relativas à sua participação nas atividades grupais. Ele caiu para o último degrau do grupo. Sua dependência financeira consumia sua mente. Embora às vezes jogasse bem, nunca chegou perto de passar para o primeiro time.

Alguns eventos de junho de 1937 esclarecem um pouco mais a posição de Frank. Mike organizou um time de beisebol com alguns dos Norton para disputar com um grupo mais jovem de rapazes da esquina da Norton Street. Com base em seus resultados, Frank era considerado melhor que qualquer um dos jogadores dos dois times, mas ainda assim teve um desempenho lastimável. Ele me disse: "Nem parece que sei jogar beisebol quando estou jogando com caras que conheço, como aquela turma. Eu me saio muito melhor quando jogo pelo C.A. Stanley contra algum time em Dexter, Westland ou de fora da cidade." Acostumado a ocupar posições inferiores, Frank era incapaz de brilhar, mesmo em seu esporte favorito, se estivesse competindo com pessoas de seu próprio grupo.

Uma noite ouvi Alec vangloriar-se com Long John. Segundo ele, da maneira como jogava boliche, poderia enfrentar todos os homens do primeiro time e vencer. Long John recusou o desafio com estas palavras: "Você pensa que pode nos vencer, mas sob pressão você morre!"

Alec objetou veementemente. Contudo, ainda assim reconheceu a opinião dominante no grupo sobre seu jogo de boliche. Ele teve a pontuação individual mais alta da temporada e freqüentemente se destacava durante a semana quando jogava com Frank, Long John, Joe Dodge e eu. Porém, nos sábados à noite, com o grupo todo reunido, seu desempenho era bem diferente. Pouco depois de sua conversa com Alec, teve várias chances de comprovar o que dizia, mas nas duas vezes parecia estar num dia ruim e falhava.

Carl, Joe, Lou e Fred nunca foram bons o suficiente para ganhar qualquer reconhecimento. Tommy era tido como jogador de primeira classe, mas a maior parte de seus jogos era com um grupo mais jovem.

Um dos melhores indicadores do talento individual dos integrantes do grupo foi fornecido por um jogo disputado no final de abril de 1938. Doc teve a idéia de que deveríamos coroar a temporada com uma competição individual entre as pessoas da clique. Persuadiu o dono das pistas a contribuir com um prêmio de dez dólares em dinheiro, a ser dividido entre as três pontuações mais altas. Foi decidido que só poderiam participar aqueles que tivessem jogado regularmente, e com base nisso Lou, Fred e Tommy foram eliminados.

O interesse por essa disputa era alto. Os prováveis desempenhos dos vários jogadores foram amplamente discutidos. Doc, Danny e Long John listaram suas apostas individualmente. Foram unânimes em conceder os primeiros cinco lugares a si mesmos, Mark Ciampa e Chris Teludo, embora diferissem quanto à ordem. As próximas duas posições foram em geral concedidas a Mike e a mim. Todas as listas tinham Joe Dodge na última posição, e Alec, Frank e Carl foram colocados logo acima dele.

Os seguidores não fizeram listas, mas Alec deixou saber que pretendia mostrar algo aos rapazes. Joe Dodge ficou aborrecido ao descobrir que fora unanimemente escolhido como último e avisou que venceria.

Quando Chris Teludo não apareceu para o jogo, o grupo ficou reduzido a dez. Após as primeiras quatro *frames*, Alec estava vários pinos à frente. Virou-se para Doc e disse: "Vou acabar com vocês esta noite." Mas então começou a errar todas as jogadas e, com um fracasso atrás do outro, desistiu. Entre as rodadas, saiu para beber e voltou afogueado e cambaleante. Jogava a bola sem cuidado e fazia de conta que não estava interessado na competição. Seu colapso foi repentino e completo: no espaço de poucas rodadas caiu do primeiro para o último lugar.

O jogo terminou com as seguintes colocações:

1. Whyte	6. Joe
2. Danny	7. Mark
3. Doc	8. Carl
4. Long John	9. Frank
5. Mike	10. Alec

Houve apenas duas zebras na disputa, segundo os prognósticos feitos por Doc, Danny e Long John: Mark saiu-se muito mal e eu venci. No entanto, é importante notar que nem Mark nem eu nos encaixávamos muito bem em nenhum dos lados da clique. Mark juntava-se aos rapazes apenas nas pistas de boliche e não tinha qualquer status reconhecido no grupo. Embora eu estivesse em bons termos com todos, era mais ligado aos líderes que aos seguidores, já que Doc era meu amigo particular. Se Mark e eu não formos considerados, os desempenhos foram quase exatamente o que os líderes esperavam — e os seguidores temiam. Danny, Doc, Long John e Mike ficaram emparelhados no topo. Joe

* *Frame*: cada uma das dez rodadas de um jogo. (N.T.)

Dodge saiu-se melhor do que o esperado, mas nem mesmo ele pôde romper os sólidos resultados da liderança.

Vários dias mais tarde, Doc e Long John discutiram o jogo comigo.

LONG JOHN: Eu só queria ter certeza de que Alec ou Joe Dodge não ganhariam. Isso não seria correto.

DOC: É verdade. Nós não queríamos dificultar a coisa pro seu lado porque nós todos gostamos de você, e os outros companheiros também. Se alguém tivesse tentado criar dificuldades pra você, nós o teríamos protegido. ... Se Joe Dodge ou Alec tivessem ficado muito na frente, teria sido diferente. Nós teríamos convencido eles a parar. Teríamos feito um bocado de barulho, sido realmenté impiedosos. ...

Perguntei a Doc o que teria acontecido se Alec ou Joe tivesse vencido.

Eles não saberiam o que fazer. Por isso jogamos para vencer. Se um deles tivesse vencido, teria havido um bocado de barulho. Um monte de discussão. Nós famos dizer que tinha sido sorte — coisa assim. Teríamos tentado uma revanche e arruinado com eles. Nós teríamos colocado eles em seus devidos lugares.

Todo rapaz da esquina espera ser perturbado enquanto está jogando, mas as provocações podem assumir várias formas. Embora eu já estivesse na frente ao final do segundo *string*, era submetido apenas a gozações bem-humoradas. Os líderes me olhavam com um misto de surpresa e divertimento; num sentido muito concreto, tinha permissão para ganhar.

Ainda assim, minha vitória exigia certos ajustes. Eu era saudado jocosamente como “o campeão”, ou mesmo como “o campeão dos campeões”. Em vez de aceitar essa designação, forcei minha demanda por reconhecimento. Doc providenciou um jogo entre mim e Long John. Se eu vencesse, teria o direito de desafiar Doc ou Danny. Fomos os quatro juntos para a pista. Pressionado por Doc e Danny, Long John conquistou uma vitória decisiva. Não fiz outros desafios depois disso.

Alec ficou apenas temporariamente arrasado com a derrota. Não foi visto na esquina por alguns dias, mas então retornou e buscou restabelecer sua imagem. Quando os rapazes foram jogar, desafiaram Long John para uma partida individual e o venceram. Alec começou a falar de novo. Mais uma vez desafiou Long John para um jogo e venceu-o. No outono, os jogos de boliche recomeçaram, e Long John tornou-se o oponente preferido de Alec. Durante algum tempo Alec quase sempre vencia e tripudiava sobre o oponente. Long John explicava: “Pare-

ce que ele pôs mau-olhado em mim." E assim esses incidentes eram interpretados pelos outros — como um mero capricho do acaso.

É significativo que, ao fazer seu desafio, Alec selecionasse Long John, e não Doc, Danny ou Mike. Não que houvesse dúvidas quanto à habilidade de Long John no boliche. Sua média era semelhante à de Doc ou Danny e melhor que a de Mike. Como integrante do grupo na liderança, embora não fosse um líder legítimo, o que tinha de vulnerável era sua posição social.

Tornou-se possível para Alec vencer quando ele e Long John estavam fora de uma situação de grupo. Long John ainda era considerado o homem confiável de um time, e no que se referia à posição de alguém no grupo, isso era o mais importante. Ainda assim, os líderes sentiram que Alec não deveria vencer Long John e tentaram reverter a situação. Como me disse Doc:

Alec não anda tão agressivo atualmente. Fiquei furioso com o modo como estava indo atrás de Long John, e detonei ele. ... Então conversei com Long John. Ele é um cara introvertido. Fica remoendo uma coisa e às vezes se sente inferior. Não consegue ser agressivo como Alec, e se Alec fica dizendo que sempre pode vencê-lo, Long John começa a pensar que o outro é o melhor jogador. ... Conversei com ele. Fiz com que visse que deveria jogar melhor que Alec. Eu o persuadei de que ele é realmente o melhor jogador. Fique de olho nos dois na próxima vez. Aposto que Long John vai arrasar com ele.

De fato Long John venceu Alec em seguida. Não conseguia fazer isso sempre, mas acabaram tão emparelhados que Alec perdeu o interesse pela disputa.

As classificações da temporada 1937-38 mostram uma correspondência muito próxima entre posição social e desempenho no boliche. Isso aconteceu porque o boliche tornou-se a mais importante atividade social do grupo. Passou a ser o principal meio pelo qual o indivíduo podia manter, ganhar ou perder prestígio.

As pontuações no boliche não se encaixavam automaticamente nesse padrão. Havia algumas formas habituais de comportamento que exerciam pressão sobre os indivíduos. As principais dentre essas eram a maneira de escolher os parceiros e os ataques verbais que faziam uns aos outros.

Em geral, dois homens escolhiam os lados a fim de dividir o grupo em dois times de cinco. Frequentemente, mas nem sempre, os que escolhiam estavam entre os melhores jogadores. Se todos tivessem o mesmo nível, era freqüente que dois jogadores mais fracos fizessem a escolha. Porém, em todos os casos, o processo era essencialmente o mesmo. Cada um tentava selecionar o melhor jogador entre os que ainda não haviam sido escolhidos. Quando estavam presentes mais de dez homens, a escolha limitava-se aos primeiros dez que chegassem, de modo que até um jogador fraco pudesse ser escolhido se chegasse mais cedo. O

importante era a ordem da escolha. Como os times eram selecionados diversas vezes a cada noite de sábado, lembrava-se constantemente um rapaz do valor que seus companheiros davam à sua habilidade e do tipo de desempenho que dele se esperava.

Certamente as preferências pessoais entravam na seleção dos jogadores, mas se um homem escolhesse um time de jogadores fracos só porque eram seus melhores amigos, isso não agradava a ninguém, e menos ainda a seus companheiros de time. Era costume entre os Norton que o time perdedor pagasse o *string* dos vencedores. Como regra, esse pequeno risco não tinha um papel importante no jogo, mas ninguém gostava de pagar sem o prazer compensador de um *string* disputado ponto a ponto. Por isso, as seleções feitas por bons jogadores ou por jogadores fracos eram muito semelhantes umas às outras. Estava subentendido que certos homens deveriam ser escolhidos primeiro a fim de que o jogo ficasse interessante.

Quando Doc, Danny, Long John ou Mike jogavam em lados opostos, eles gozavam uns aos outros de forma bem-humorada. Esperava-se que tivessem boas pontuações, e desempenhos fracos eram atribuídos à má sorte ou ao fato de se estar fora de forma. Se um seguidor ameaçava melhorar sua posição, os comentários ganhavam um tom bem diferente. Os rapazes gritavam que ele estava com sorte, que tinha se empolgado demais. Faziam esforços para persuadi-lo de que não deveria estar jogando tão bem, que um bom desempenho era algo anormal para ele. Esse tipo de ataque verbal tinha muita importância para manter os integrantes do grupo "em seus lugares". Era usado especialmente pelos seguidores, de modo que, em termos práticos, eles tentavam diminuir-se mutuamente. Enquanto Long John; um dos alvos mais freqüentes dos ataques, respondia na mesma moeda, Doc, Danny e Mike raramente usavam essa arma. No entanto, os líderes teriam se defrontado com uma ameaça real da parte de Alec ou Joe se fizessem tais pressões psicológicas sobre eles.

A questão de quem origina uma atividade de grupo é outro fator importante. O jogo com o Clube da Comunidade Italiana realmente inaugurou o boliche como uma atividade grupal e foi criado por Doc. As atividades de grupo são propostas pelo homem com posição mais elevada no conjunto, e é natural que uma pessoa encoraje uma atividade na qual ela se destaque, e desencoraje outra na qual não se sobressaia. No entanto, isso não pode explicar o desempenho de Mike, pois ele nunca tinha jogado boliche antes que as noites de sábado nas pistas se tornassem um vício para os Norton.

A posição de um homem aos olhos de outros grupos também contribuía para manter a diferenciação social interna. Na temporada de 1938-39, Doc começou

a anotar as pontuações de cada um em todas as noites de sábado, de modo que o time dos Norton pudesse ser selecionado estritamente de acordo com as médias dos jogadores e não coubesse acusação de favoritismo. Numa tarde em que estávamos conversando sobre desempenhos no boliche, perguntei a Doc e Danny o que teria acontecido se cinco integrantes do segundo time tivessem médias melhores que as dos jogadores do primeiro time. Poderiam então se tornar o primeiro time? Danny disse:

Suponha que eles nos derrotassem e o San Marcos chegasse e quisesse jogar conosco. Nós diríamos: "Esses camaradas são realmente o primeiro time." Mas o San Marcos diria: "Não queremos jogar com eles, queremos jogar com vocês." Nós diríamos: "Tudo bem, vocês querem jogar com o time de Doc?" — e jogaríamos com eles.

Doc acrescentou: "Quero que você entenda, Bill, que estamos conduzindo isso de acordo com princípios democráticos. Os outros é que não nos deixariam ser democráticos."

3. OS NORTON E O CLUBE AFRODITE

Em março de 1938, os Norton conheceram as garotas do Clube Afrodite. O clube tinha uma dezena de sócias, a maior parte atraente, todas bem-vestidas. Elas se encontravam uma vez por semana no Centro Comunitário da Norton Street, junto com uma das assistentes sociais. As garotas iam a teatros, promoviam confraternizações e todo ano usavam o dinheiro arrecadado com as mensalidades para uma viagem a algum lugar de interesse.

Pouco antes, no inverno de 1937-38, os rapazes formados do Clube da Comunidade Italiana e as garotas do Clube Afrodite haviam-se tomado muito amigos. Reuniam-se no Centro Comunitário na mesma noite da semana e algumas vezes promoviam suas atividades sociais em conjunto. As moças prezavam muito as boas maneiras e queriam causar boa impressão nos rapazes do Clube da Comunidade, embora achassem alguns deles convencidos. Os rapazes achavam as garotas atraentes, mas alguns dos integrantes mais destacados do Comunidade estavam ansiosos para se aproximar das garotas da Liga Italiana Júnior e, assim, deixar para trás seus contatos sociais com as do Clube Afrodite e de Cornerville. Embora alguns participantes individuais ainda estivessem um tanto interessados em certas garotas do Afrodite, em março os dois clubes já tinham se afastado paulatinamente.

Doc, Angelo, Lou e Fred conheciam as garotas por serem sócios do Clube da Comunidade Italiana, mas, até então, os Norton como um todo não tinham qualquer contato social com o Clube Afrodite. Pelo que indicavam as aparências, os rapazes até tinham uma atitude hostil. Em junho de 1937, eu os ouvi discutindo sobre Carrie, uma das garotas mais atraentes do Afrodite:

NUTSY: Ela tem boa aparência, mas não gosto dela.

FRANK: Se você levasse três horas para se maquiar, também teria uma boa aparência.

LONG JOHN: As pernas dela são uns palitos. Vocês já notaram aqueles palitos? É por isso que ela sempre usa vestidos mais compridos.

JOE DODGE: Ela vai com qualquer um por uns trocados. Se você tiver um carro, ela gosta de você. Gosto de passar por ela no meu carro e levantar o nariz. ... É apenas uma gata vadia.

Exceto pelos quatro que pertenciam ao Clube da Comunidade Italiana, os Norton quase nunca punham os pés no Centro Comunitário. As moças circulavam numa órbita social diferente, e eles as consideravam esnobes e presunçosas. Ainda assim, não podiam deixar de achá-las atraentes. E Doc me disse:

Eles admiravam as moças havia muito tempo e estavam sempre atrás de mim para armar um encontro... Na sexta-feira à noite, o Clube da Comunidade ia jogar boliche depois da reunião. Queriam que eu fosse com eles, mas os despistei. Disse que desceria dali a pouco... Então, reuni os rapazes [os Norton] e disse que fomos jogar boliche com as garotas. ... Acho que o Clube Afrodite imaginava que iria jogar com o Clube da Comunidade Italiana. Se eu tivesse dito a elas para jogar com a minha rapaziada, teriam provavelmente recusado, porque é uma turma mais barra pesada. ... Mas eu simplesmente os trouxe aqui, e jogamos com elas.

A noitada foi um grande sucesso. Os dois grupos jogaram de novo no sábado à noite e nas duas vezes foram em seguida fazer um lanche no Jennings.

Alec discutiu comigo esse começo: "Antes, nós achávamos que elas eram 'alta sociedade' e que nos viam como um bando de desordeiros. ... Agora, acho que elas gostam da nossa clique. Estamos desbancando o Clube da Comunidade Italiana."

Os integrantes dos dois grupos encontraram-se quase todas as noites por um período de várias semanas. Isso ocasionou mudanças importantes na vida social dos Norton.

Uma noite, apenas quatro dias depois do primeiro jogo de boliche, tive a surpresa de encontrar Alec, Joe Dodge, Tommy e Long John jogando baralho numa mesa da sala de jogos do Centro Comunitário. Doc estava sozinho em outra me-

sa, lendo uma revista. Sentei-me com ele para pedir uma explicação. Ele falou que os rapazes tinham querido ir ao boliche, mas ele não, e então disse a eles para virem para o Centro Comunitário e prometeu chamar algumas das moças para jogar baralho com eles. As moças não se encontravam presentes naquela hora, mas, já que estavam ali, os rapazes começaram a jogar baralho assim mesmo.

Exceto por Danny e Mike, os Norton passaram a ir ao Centro Comunitário quase todas as noites para jogar baralho entre eles ou com as garotas. Às vezes, quando estavam parados na esquina, elas chamavam-nos para entrar.

Os assistentes sociais não faziam nenhum esforço para que os Norton ficassem no Centro Comunitário. A senhorita Halloran, a encarregada da sala de jogos, tentou tratá-los como se fossem os meninos e meninas mais jovens, de que se ocupava. Os rapazes de esquina são rápidos em perceber o menor sinal de falsa condescendência, e a atitude da senhorita Halloran era claramente visível. Durante vários dias os rapazes pareciam obcecados com a tarefa de denunciá-la uns para os outros nos termos mais pesados possíveis.

Long John, que tinha superado a maior distância social para entrar no Centro, foi o primeiro a sair. Depois de um encontro particularmente desagradável com a senhorita Halloran, disse aos outros que nunca mais entraria ali. Dois dias mais tarde, eu estava na esquina com ele quando começou a chover. Sem saber de sua decisão, sugeri que entrássemos no Centro. Ele concordou, mas, ao abriremos a porta, encontramos Joe Dodge, que riu dele e disse: "Pensei que você não fosse voltar aqui de novo."

Long John ficou embaraçado. Retornamos para a chuva, e ele comentou, filosoficamente: "Acho que todo mundo que entra aí pensa que é um pouco melhor que o cara ao lado."

Duas semanas depois de sua primeira noite no salão de jogos, todos os Norton haviam abandonado o Centro Comunitário.

Desde o começo, os rapazes levaram muito a sério as atividades com as garotas. Quando foram jogar boliche pela segunda vez, Alec trouxe uma caixa de balas da loja do tio. No sábado seguinte, trouxe um grande estoque de doces.

Doc disse aos rapazes que as irmãs Alluni e suas primas tinham um acampamento de verão num lago a alguns quilômetros da cidade. Se os rapazes fizessem amizade com elas, poderiam ser convidados a passar o dia no campo em algum momento durante o verão. A possibilidade de afastar as garotas do Clube da Comunidade Italiana era outro incentivo.

Em pouco tempo, os Norton superaram o Clube da Comunidade, mas a vitória foi alcançada a despeito deles mesmos. Tony Cardio estava encantado com

Helen, a garota mais atraente do grupo, mas os outros perderam o interesse no Clube Afrodite. No entanto, como Tony era considerado um dos dois integrantes do Clube mais cheios de si, os Norton tiveram maior satisfação ainda em derrotá-lo.

Uma semana após o primeiro encontro dos dois grupos, perguntei a Alec o que achava que a associação com as garotas havia produzido nos Norton. Ele disse: "Os rapazes estão se dando melhor. Não há mais tantas discussões como antes." Nessa época, as garotas do Afrodite e os Norton se encontravam em grupo. Alec comentou:

Se eu sáísse com elas algumas vezes, poderia dizer de qual eu gostava. ... Mas você começa a ficar com uma garota e descobre que está com uma interesseira. É duro. O que você faz? Quando estão todas num grupo, é difícil ficar passando de uma pra outra.

Os rapazes tinham que avançar com cuidado. Podiam prestar atenção em Helen o quanto quisessem porque ela era a mais cobiçada por todos eles, mas fazer par com qualquer uma das outras exigia uma cuidadosa pesquisa preliminar da situação.

Uma semana mais tarde, foi dado o primeiro passo nessa direção. Joe Dodge, Long John, Frank Bonelli e eu estávamos parados na esquina. Angelo Cucci encontrou Alec mais abaixo na rua e disse que tinha acabado de ver três das garotas Afrodite a caminho do Jennings. Elas haviam comentado que seria uma boa noite para um passeio, mas não acreditavam que Joe Dodge tivesse o carrão sobre o qual todos os rapazes falavam. Alec se aproximou e chamou Joe de lado. Então Joe nos deixou e atravessou o playground da King Street. Frank, que estivera observando atentamente, virou-se para mim e perguntou se eu queria ir até o Jennings com ele. Eu disse que achava ainda muito cedo. Frank foi sozinho. Alec me perguntou se eu queria caminhar com ele até o Jennings. Long John disse: "Você não nos engana. Por que não fala a verdade e diz que vão passear?"

Perguntei a Long John se queria ir conosco. Ele se recusou, mas disse que eu deveria ir.

Quando Alec e eu estávamos descendo a Main Street, ele disse que íamos encontrar Joe Dodge em seu carro, dirigir até o Jennings e pegar as garotas. "Mas agora Frank já está indo para o Jennings ... Ele não deveria fazer isso." Havia duas razões para excluir Frank: ele era tímido com garotas e não tinha dinheiro para acompanhá-las.

Fomos para o Jennings conversar com as três garotas. Uma delas tinha que voltar para casa cedo, mas insistiu em que as outras duas fossem. Convenci Joe e

Alec a me deixarem. A essa altura, Frank tinha entrado e estava sozinho numa mesa. Quando Joe e Alec já haviam saído com as garotas, juntei-me a ele. Alguns minutos depois, Long John e Nutsy chegaram e se sentaram conosco. Long John perguntou: "Qual o problema, Bill? Te deixaram fora da jogada?" Expliquei o que havia acontecido, mas ele disse que não havia gostado da maneira como os outros tinham agido.

Frank e Alec eram os melhores amigos um do outro e haviam passado muitas horas na confeitaria. Agora Alec se tornara mais amigo de Joe Dodge, e os dois começaram a sair com as garotas no carro do pai de Joe. Frank me disse:

Deixe que eles saiam com as garotas. Já aprontaram algumas com a gente. Dizem que vão sair sozinhos e depois você encontra eles com as garotas. Fizera coisas que eu jamais faria. ... Já é difícil fazer uma amizade. Uma garota, você pode encontrar na hora que quiser. ... Leva anos pra se construir uma amizade verdadeira.

A rixa entre Alec e Frank cresceu rapidamente. A Páscoa era um período de aperto na confeitaria do tio de Alec, e este havia prometido a Frank algum trabalho extra. Frank falou que Alec simplesmente decidiu não dar o trabalho para ele. Alec disse que procurou Frank, que fora muito grosseiro e desagradável, e então não quis se incomodar com ele. De qualquer modo, Frank não conseguiu o trabalho de que tanto precisava e ficou chateado. Frank e Alec contaram suas histórias a Doc em ocasiões diferentes. Alec reclamou de que Frank era ingrato, depois de tudo que havia feito por ele. Frank reclamou que Alec o sacaneara para ficar com as garotas. Doc ouviu com simpatia, mas não conseguiu ajeitar as coisas. O carro de Joe Dodge e as garotas do Afrodite haviam criado um fosso muito grande entre eles.

As atividades de Alec e Joe os tornaram impopulares entre os outros Norton — exceto Carl e Tommy, que tinham carros. Eles continuaram a freqüentar a es-
quina, mas por algum tempo foram apenas tolerados.

Num sábado à noite, os Norton jogavam boliche com as garotas. Dois rapazes que tinham sido integrantes do Clube Dramático Sunset jogavam em duas pistas vizinhas.

Danny e Mike chegaram mais tarde, sentaram-se sozinhos; recusaram todos os convites para jogar e assistiram à cena com evidente desprazer. Danny me disse: "Não gosto de jogar com as garotas. Não há competição. ... E quando você faz uma bela jogada não pode dizer nada, tem que ficar policiando suas palavras."

Lá pelo final da noite, Mike chamou Doc de lado. Apontou os Sunset e disse: "Nós costumávamos chamá-los de 'Bolinhas de Chantili', mas agora, comparados com vocês, tão educados, eles são os 'Broas de Fubá'."

Doc riu. Mike deu uma moeda de um centavo para Danny, que ele passou para Doc, dizendo: "Jogue pra cima. Veja se você é um homem. Cara, você é um homem. Coroa, não é."

Doc levou a coisa no bom humor. Mas então Danny chamou Mario Testa, dos Sunset, e disse a ele para dizer a Doc que os "Bolinhos de Chantili" haviam se tornado os "Broas de Fubá". Mario riu. Doc se enfezou. Danny disse a ele: "Te dou 20 pinos de vantagem e venço você. Dou 20 pinos de vantagem pra todas as garotas."

Doc aceitou o desafio. Danny marcou 104 contra os 84 de Doc e se divertiu do começo ao fim. Doc disse que não se incomodava de perder por 20 pinos; da próxima vez, poderia ganhar de Danny por 20 pinos. Nem se importava com a gozação por estar jogando com as garotas. Ele disse que se aborreceu apenas quando Danny envolveu os Sunset na discussão. Embora tivesse pertencido ao Clube Dramático de Sunset, Doc tinha orgulho de sua posição com os Norton e não gostava de qualquer coisa que pudesse apresentá-los sob uma luz desfavorável, comparados com os Sunset.

No Jennings, depois do jogo, Doc deixou as garotas e sentou-se com Danny. Este concordou que tinha sido um erro envolver os Sunset na discussão e pediu desculpas. Doc disse que, tanto quanto eles, não queria que Mike e Danny ficassem fora do jogo.

Na tarde seguinte, Danny e Mike postaram-se na esquina dizendo a Frank, Long John e a mim o que achavam de nossa ligação com as garotas do Afrodite. Danny queria saber o que estávamos ganhando com aquilo.

Se quiserem ir aos lugares com elas, vocês têm que ter dinheiro, e nenhum de vocês tem um centavo, então é melhor esquecer.

Alec me disse: "Vou comer todas elas."

Eu digo a ele: "Vai comer nada, e eu aposto dinheiro nisso. Se você levar uma delas pra cama, você se casará com ela. Esse é o único jeito de você algum dia deitar com uma delas."

Long John falou que, para início de conversa, nunca havia tido muito interesse em jogar boliche com as garotas. Frank observou que no começo gostava, mas que agora tinha perdido toda graça. Mike disse que ele e Danny formariam um "comitê de reclamações" e readmitiriam alguns de nós como integrantes do Cornerville Bears (o nome de um time profissional de beisebol no qual ele havia jogado) se jurássemos nunca mais jogar com as garotas. Frank prometeu. Long

John, debochando, disse que nunca se candidataria à admissão, e Danny falou que Long John só voltaria passando por cima do seu cadáver.

Mark Ciampa chegou e levou Frank para dar uma volta de carro com Joe Dodge e Carl. Lou Danaro encostou, e Danny, Mike, Long John e eu entramos no seu carro, pegamos Doc em casa e dirigimos até Crighton, onde paramos no boliche. Danny e Doc escolheram seus times. Doc escolheu Lou e Mike; Danny escolheu Long John e a mim. Mas então Mike protestou; queria estar do lado de Danny para defender a honra dos Cornerville Bears. Troquei de lado com Mike, e então Doc, Lou e eu vencemos dois dos três *strikes* contra Danny, Mike e Long John, em grande parte graças ao belo jogo de Doc, que terminou muito na frente de Danny. Ele sentiu assim que havia se vingado da humilhação da noite anterior. Quando o jogo acabou, Doc perguntou se estávamos todos re-admitidos no Bears. Mike disse que sim. Num clima de boa camaradagem, voltamos a Cornerville.

Mais tarde, Doc discutiu comigo o que havia acontecido:

No início, gostava de jogar boliche com as garotas. Esperava que Mike e Danny comessem a gostar também. Quando isso não aconteceu, eu já não gostava tanto... Sabia que eles não gostavam. Eles me disseram: "Não está certo. As garotas estão ocupando todas as pistas." ... Você poderia dizer que havia uma pequena rixa entre nós a respeito de jogar com as garotas, mas viu como foi resolvida. Não era realmente séria. Logo nos juntamos de novo.

Com o final da temporada de boliche, o sábado à noite voltou a ser o espaço dos homens. As relações sociais com as garotas do Afrodite prosseguiram por alguns meses, mas com menor intensidade. O acampamento de verão das garotas era a principal atração que alimentava o interesse depois de passado o pico das atividades de grupo. Nos meses de julho e agosto, os rapazes foram de carro até o acampamento diversas vezes.

Alec sempre se vangloriava de suas proezas com as mulheres. Doc prestava pouca atenção nisso, mas os outros rapazes achavam que algo deveria ser feito para colocar Alec em seu lugar. Numa noite, em abril, eles estavam gozando Alec quando, como conta Doc, o outro o desafiou:

"Se você é um amante tão fantástico, eu o desafio a provar isso."

Eu disse: "Alec, posso não ser tão bonito como você e não tenho toda essa quantidade de cabelo aí, mas posso fazer mais sucesso que você a qualquer hora."

Alec disse: "Não! Não pode!"

"Bom", eu disse, "agora já estou mais velho e não quero tomar uma garota do outro só pra provar que posso."

Mas então Danny falou: "Doc, acho que você está tirando o corpo fora."

Que débil mental! Quando Danny diz isso, tenho que fazer alguma coisa. Só falou pra me provocar, mas eu disse: "Tudo bem, Danny, eu escolho Helen. Sábado à noite. É só esperar." ... Alec não estava lá no sábado à noite para ver o que aconteceu. Foi realmente uma pena. Estávamos jogando um piso abaixo de onde estavam as garotas. Fui procurar Helen e pedi que ela descesse, pois eu tinha algo pra dizer. Ela desceu em poucos minutos — sozinha. Sentou-se perto de mim a noite toda, a única garota no meio de todos aqueles caras. Danny ficou impressionado. Mais tarde, me disse: "Doc, você ainda é um grande amante."

Como Alec não estava presente, continuou a se vangloriar. Passado um mês, Danny novamente insistiu com Doc para pôr Alec em seu devido lugar. Doc passou um sermão em Alec sobre o caráter questionável de suas bravatas. Como isso não adiantasse, perguntou a ele: "Com qual dessas garotas você realmente se encaixa?" Alec disse que se encaixava melhor com Mildred.

"Está bem, você sai com ela mais duas vezes, para poder se encaixar direito, e então eu a tomarei de você."

Alec protestou que isso não podia ser. Mais tarde, Doc comentou comigo:

Eu não achava que pudesse fazer aquilo, mas disse, de qualquer maneira. Eu estava furioso. ... Depois, Alec me chamou de lado e falou que amava Mildred e queria se casar com ela, então eu deveria cair fora. Eu disse: "Tudo bem, Alec, eu só queria ouvir você dizer isso." ... Não acho que ele realmente goste dela, mas esse é o código pirado que há por aqui: se ele diz que ama a garota, tenho que deixá-la em paz.

Como Alec era mais ativo com as garotas que qualquer outro, exceto Joe Dodge, foi preciso a intervenção do líder para colocá-lo em seu lugar. Vários meses mais tarde, ele propôs casamento a Mildred. Como ela recusou, perdeu interesse nas garotas do Afrodite. Um ano mais tarde casou-se com outra.

Quando Doc aceitou o primeiro desafio de Alec e começou a "azarar" Helen, percebeu que estava correndo alguns riscos. Teria sido fácil apaixonar-se por ela, e Doc não tinha dinheiro nem emprego que o habilitassem para o casamento.

Quando as garotas viram Doc com Helen, a combinação pareceu natural. Dorothy, uma das amigas mais próximas de Helen, freqüentemente comentava que eles faziam um par muito atraente. Em abril, Helen adoeceu. Segundo a história contada por Danny:

Dorothy está sempre dando indiretas sobre mandar flores. Ela disse algumas vezes pra Doc: "Helen está doente. Por que não manda flores para ela?" Isso me deixou furioso. Ela é uma burra. Não vê que Doc não tem dinheiro pra flores? ... Na noite passada, eu e Long

John decidimos que mandaríamos algumas flores pra ela em nome de Doc. Ele tentou argumentar conosco para que não mandássemos, mas esta manhã fomos até Vanderwater, o florista da Silverton Street. ... Ele tinha orquídeas, três por 15 dólares — era caro demais. Escolhemos rosas; dissemos que não era para uma namorada, mas para uma amiga doente. Então ele sugeriu rosas-chá. Pagamos cinco dólares por uma dúzia de rosas-chá. ... Por esse preço, podíamos conseguir seis dúzias de rosas por aqui mesmo. Mas se comprássemos as flores de um desses floristas, eles mandariam algum greaser bater na porta pra entregar. Vanderwater tem um carro de entregas legal, e mandam um entregador com um uniforme verde. ... Imagine o que nós não faríamos com aqueles cinco dólares...

Doc recebeu esse gesto com sentimentos ambíguos. Percebeu que havia aumentado seu cacife, mas faria Helen acreditar que queria algo mais sério. Finalmente, ele disse a Dorothy e Helen que os rapazes haviam feito aquilo em seu nome.

Pouco tempo depois, a turma estava no Jennings, e uma das garotas brincava com Doc sobre sua reputação de grande amante, dizendo que ele tinha medo de sair com ela. Como ele me contou:

Essas crianças me deixam injuriado. Elas são inocentes e querem agir como se soubessem tudo a respeito... Tudo bem, eu disse que sairia com ela. Mas ela disse: "Primeiro você tem que vir à minha festa."

Eu perguntei: "Quem vai estar lá?"

"Tony Cardio, Chick Morelli e Angelo Cucci", ela disse.

"Quem mais?"

"Ninguém mais."

Aquilo me enfureceu. Danny, Long John e Frank estavam na mesa comigo, e ela não os convidou... Eu respondi: "Não, vou a um outro lugar esta noite."

Ela disse: "Não é verdade. Você simplesmente não quer vir."

"Está bem", eu disse, "não quero ir."

Ficou furiosa. Quando voltou para sua mesa, virei-me para os rapazes. Estavam muito deprimidos. Eu disse a eles: "Não liguem pra isso, ela é uma estúpida. Não tem tato."

Embora fosse incapaz de proteger seus rapazes de situações sociais embaraçosas, Doc pelo menos mostrou que seus interesses estavam do lado deles.

A associação com as garotas Afrodite, combinada com a atividade do boliche, produziu mudanças importantes na vida de Long John. Na primavera de 1937, perdia todo seu dinheiro no jogo de dados. No outono começou a reduzir seu jogo, e no inverno havia se afastado totalmente. Na primavera, comentei com ele que devia ter precisado de um bocado de força de vontade para se manter

longe do jogo de dados por tanto tempo. Ele encolheu os ombros. "Sabe o que realmente me manteve longe durante este inverno? O boliche!"

A atitude de Long John com relação às mulheres mudou à medida que se afastou do jogo de dados e começou a se relacionar com as garotas Afrodite. Quando parava para pensar a respeito, ele se ressentia da atitude de superioridade social das moças, mas, em outras vezes, achava muito prazeroso estar com elas. Embora nunca tenha pensado seriamente em se casar com uma das Afrodites, ele me disse: "Se eu encontrasse alguma garota por quem realmente pudesse me apaixonar, eu me casaria amanhã. ... Falo sério!"

Em muito pouco tempo Long John havia passado de uma esquina de baixo nível para a esquina mais respeitável da Norton Street; do jogo de dados para as pistas de boliche; das pistas para a companhia de um grupo seletivo de garotas e, com elas, até mesmo para o Centro Comunitário, por um breve período. Como Doc comentou, "foi uma metamorfose".

Os Norton e as garotas Afrodite se conheceram por intermédio de Doc. Quando Danny e Mike quiseram separá-los, concentraram-se particularmente em Doc. Dois dos seguidores poderiam ser deixados de fora sem mudar significativamente o grupo, mas Danny e Mike tinham posições tão importantes que, sem eles, os Norton não teriam continuado a ser o que eram. Além disso, eram os amigos mais próximos de Doc, e, sempre que teve que escolher entre eles e os outros, Doc os escolheu. O jogo de boliche com as garotas ameaçava dividir os Norton, e Danny e Mike cobraram providências de Doc para restabelecer a unidade do grupo. No outono, os rapazes e as garotas haviam se afastado de tal modo que se podia ouvir os Norton referindo-se a elas da mesma forma que faziam antes de conhecê-las. Em essência, apenas Alec, Joe Dodge e Fred Mackey escolheram permanecer com as garotas, e seu relacionamento com os Norton tornou-se bastante tênue. Joe e Fred acabaram casando-se no grupo.

A associação com as garotas era, como no caso do boliche, um meio de ganhar, manter ou perder prestígio no grupo. Como no boliche, devia-se manter Alec em seu lugar. Era essencial, para o funcionamento harmônico do grupo, que se conservassem e reconhecessem informalmente as gradações de prestígio.

4. A CAMPANHA POLÍTICA DE DOC

Para o observador eventual, a gangue da esquina parece ficar durante anos e anos inalterada, mas na verdade as mudanças estão sempre acontecendo; e, à medida que os rapazes entram na casa dos 30, a própria gangue tende a se desintegrar. Alguns dos integrantes se casam e têm filhos. Mesmo que continuem a frequen-

tar a esquina, seus interesses já não se confinam apenas àquela área social. Com o casamento, alguns se mudam de Cornerville; e mesmo quando voltam para passar um tempo com os rapazes, não são mais os associados ativos que costumavam ser. Nesse período da vida, espera-se que o rapaz da esquina "se acomode" e encontre um emprego para sustentar a si e à sua família nos anos vindouros. Ele se torna um camarada diferente, e sua gangue se desfaz, ou é incluída em alguma organização maior, como um clube.

Doc estava agora com 30 anos e tinha que tomar algumas decisões sobre seu futuro. Não tivera qualquer emprego estável desde que a fábrica de vitrais falira. Não possuía tampouco outro treinamento especializado. Sua inteligência, popularidade e habilidade de lidar com os rapazes da esquina pareciam naturalmente adaptadas para uma carreira política, e muitos de seus amigos insistiram para que ele se candidatasse. Mike Giovanni era particularmente persuasivo. Ele me disse uma vez: "Você sabe, há pessoas que não podem fazer as coisas por elas mesmas, mas podem conseguir outras que façam por elas. Talvez eu seja assim. Falta algo em mim, mas posso ver nos outros o que me falta."

Na primavera de 1937, Doc discutiu sua situação comigo:

Eu disse a Mike para esquecer a política. ... Ele disse: "Você não pode fazer isso. Eu ando por aí pegando todos esses nomes. Tenho buzinado todo mundo." Eu disse a ele pra esquecer. ... Não posso fazer isso sem um emprego. Você sabe como é não ter dinheiro algum no bolso? Não saber de onde virá o próximo dólar? Espero que nunca passe por essa experiência. Passei por isso uma vez; não posso passar de novo. ... Mas o que posso fazer, Bill? Sou um artista sofrível. Se eu estivesse no ramo da arte, nunca me daria um emprego. O que mais eu poderia fazer? Talvez devesse tentar um emprego público, mas ia ficar o dia inteiro num escritório, me aborrecendo... Mas, se me candidato, tenho que ter um emprego — qualquer emprego. ... Eu não deveria estar aqui ainda. Minha irmã cuida de mim e meu cunhado é um cara legal, mas isso não é bom para eles. Às vezes querem transar e não podem, porque estou por perto. ... Eu já deveria ter tomado um rumo. Devia pensar em me casar. Se tivesse um emprego, é provável que fizesse isso. Eu não dou muito pra coisa — as garotas esperam algo de mim, e faço. E sou bastante egoísta, gosto de saber quando elas ficam caídas por mim. ... Mas então dispensei elas... O que posso oferecer a uma garota? Nunca me casarei, a menos que tenha um bom emprego. Não sou tão burro assim. ... Não deveria estar por aqui de jeito nenhum.

Quando os rapazes insistiam para que se candidatasse, Doc me dizia: "Não dê nenhuma atenção a isso, Bill. Eles apenas querem ter alguém para quem torcer."

Um ano mais tarde, a situação de Doc não havia melhorado, mas ainda assim cedeu à insistência de seus amigos e concordou em se candidatar ao Legislativo estadual.

A campanha política apenas aumentou os problemas de Doc. Agora, mais que nunca, achava que devia conseguir um trabalho. Ressentia-se de sua falta de educação formal, e o desemprego era uma carga adicional. Precisava de dinheiro para a campanha e não queria que as pessoas dissessem que estava se candidatando só para ter um emprego.

De tempos em tempos, na primavera de 1938, sua irmã que vivia em Dedfield lhe dizia que os supervisores do projeto WPA haviam insinuado que poderiam conseguir colocá-lo na folha de pagamento se ele ainda precisasse de um emprego. Se Doc entrasse na WPA em Dedfield, não poderia ter Cornerville como residência oficial e seria excluído da campanha. Uma vez ele me disse que não agüentava mais, que havia decidido fazer todos os esforços para entrar na WPA de Dedfield. Mais tarde, confessou que não fora ver ninguém em Dedfield porque não podia desapontar as pessoas que o desejavam candidato.

Sua irmã de Cornerville pensava em também se mudar para Dedfield. Os filhos mais novos estavam aprendendo a linguagem pesada das ruas e se tornavam difíceis de controlar. Ela queria tirá-los de Cornerville. Caso se mudasse, Doc teria de ir junto, e ela perguntou que efeito isso teria sobre suas ambições políticas. Ele mentiu, dizendo que não estava mais interessado na política. Como ela não conseguiu encontrar o que queria em Dedfield, a mudança foi adiada, e Doc permaneceu em Cornerville.

Ele acreditava que poderia entrar na WPA de Eastern City se pedisse a certos políticos locais para intercederem a seu favor, mas o preço de uma nomeação como esta teria sido sua retirada da disputa. Portanto, candidatou-se ao emprego por conta própria. Sendo um homem solteiro e sem dependentes, sabia que suas chances eram pequenas, e não se surpreendeu ao ver que seu esforço resultou em nada.

A senhora Mallory, uma assistente que trabalhava com orientação vocacional no Centro Comunitário da Norton Street, interessou-se por Doc e conseguiu para ele um mês de trabalho numa fábrica bem conhecida de vitrais; o salário de dez dólares por semana era pago pelo Centro. Doc começou entusiasmado e esperava conseguir um emprego permanente. No final do mês, o chefe da fábrica cumprimentou-o pelo trabalho e disse que, se ele pudesse continuar por mais um mês por conta do Centro, e para ganhar mais experiência, talvez conseguissem empregá-lo. A senhora Mallory sugeriu que se fizesse isso, mas o senhor Bacon disse: "Já fizemos o bastante por Doc." Como havia outros casos de necessidade demandando atenção, achou que Doc não deveria ser apoiado, a menos que houvesse uma promessa firme de que teria um emprego depois. Não

se fez qualquer promessa, e o projeto foi abandonado. O mês de trabalho resultou apenas em amargo desapontamento para Doc.

O senhor Bacon ofereceu a ele a oportunidade de dar um curso de vitral no Centro Comunitário uma noite por semana, durante a primavera e o verão, por dois dólares a aula. A senhora Mallory esperava conseguir aulas particulares para ele no outono. O senhor Bacon achou que o curso noturno daria a Doc a chance de mostrar sua iniciativa, mas este disse à senhora Mallory que não teria paz de espírito para dar aulas até que tivesse um emprego de verdade e alguma segurança. Ela pediu que agradecesse a oferta ao senhor Bacon, e ele disse que faria isso. Nunca fez. Sabia que o senhor Bacon o considerava um homem sem ambição e preguiçoso. Às vezes Doc tinha a tentação de discutir com o senhor Bacon. Não chegou a isso, mas pelo menos tentou evitar qualquer ação que o colocasse como subordinado do assistente social.

O senhor Smith, coordenador do Centro Comunitário, estava interessado em desenvolver um projeto recreativo elaborado pelo senhor Kendall, o assistente que trabalhava com os meninos menores. Esperava obter fundos para abrir centros de recreação em lojas vazias, com o objetivo de atingir os garotos que não procurariam o Centro por conta própria. Propôs que Doc fosse contratado para dirigir um dos centros de recreação, e promoveu o encontro dele com o senhor Smith. Minha expectativa era de que Doc causasse uma impressão favorável, mas ele tinha muito pouco a dizer. Quando, em resposta a toda a minha persuasão, Doc foi encontrar o senhor Smith novamente, só permaneceu o bastante para dizer que gostava da idéia dos centros de recreação, mas não poderia fazer nada a menos que encontrasse alguma forma imediata de se sustentar. O senhor Smith ficou intrigado com a atitude de Doc. Repreendi-o, e ele explicou que, no meio do primeiro encontro, tivera uma súbita crise de ansiedade, e sair depressa era a única coisa que podia fazer para que não notássemos. Tempos antes, quando enfrentava grandes preocupações financeiras, havia tido o mesmo problema. Não podia ficar num cômodo cheio de gente sem se sentir mal. Se tinha de ir a uma festa, combinava com Angelo para vir chamá-lo dez minutos depois, dizendo que precisavam dele na esquina. Então pedia desculpas e escapava.

Mesmo que tivesse causado uma boa impressão no senhor Smith, o projeto não poderia ser iniciado até o outono, e não oferecia a Doc qualquer perspectiva imediata de sustento. Doc me disse:

Bill, tudo isso é uma boa idéia. Deveria ser feito. ... E se eu tivesse algum dinheiro para viver, faria aquele trabalho de graça. Mas não posso nem mesmo pensar nisso agora. Tenho

de ter primeiro alguma segurança. Preciso de um emprego, qualquer emprego — um emprego fixo, imediatamente ... Depois posso pensar em outras coisas.

Enquanto isso, a campanha de Doc deslanchou. Mike nomeou-se coordenador e dedicou-se ao trabalho com entusiasmo contagiante. Num ano de campanha, a principal atividade dos últimos meses da primavera e do verão é promover o candidato. Seus amigos mais próximos vão de esquina em esquina informando aos rapazes que seu campeão está “no páreo”. Mike era conhecido como um cabo eleitoral de primeira classe, e seu trabalho preliminar deu resultado. Conseguiu interessar os associados de seu sindicato. Os líderes de um clube em Welport que congregava *paesani* de Doc prometeram seu apoio, e o líder de um dos clubes políticos de Cornerville também. Diversos rapazes da esquina que tinham influência em seus próprios grupos em Cornerville procuraram Doc e prometeram auxílio à causa. Doc não fez nada. Mike o pressionava continuamente para entrar em ação, “formar um comitê, elaborar uma plataforma, organizar um baile para conseguir algum dinheiro, botar as coisas pra rolar.”

Finalmente Mike ficou desgostoso com Doc e lhe disse: “Você conseguiu uma bela chance de vencer essa luta, mas vou falar na sua cara: você é um preguiçoso.”

Como os eleitores poderiam fazer duas escolhas na disputa, e o deputado Mike Kelly tinha certeza de que seria reeleito, Doc precisava ser o candidato italiano mais forte para ter uma chance de ganhar. Isso seria esperar demais de sua primeira campanha. Ainda assim, era considerado um candidato forte. Ao insistir com Doc para que desistisse, os amigos de um dos candidatos italianos preferidos predisseram que ele não conseguiria mais que 1.500 votos. Mas, numa disputa como essa, mil votos são suficientes para transformar um homem numa figura política importante.

Um dia, no final de julho, sem consultar ninguém, Doc se retirou da disputa. Eu lhe perguntei por que havia feito isso, e ele disse: “Era gente demais, Bill. Eram 32 candidatos.” Mas então admitiu que essa não era a verdadeira razão:

Quanto mais gente houvesse na luta, melhor seria para mim. ... As demandas sociais é que foram um excesso. Quando estou no Jennings com os rapazes, alguém vem até mim e quer que compre um tiquete para alguma coisa. Estou duro e tenho que negar. Isso acontece o tempo todo, Bill. ... Sendo um político, espera-se que eu vá a bailes e reuniões, e não posso ir porque não consegui dinheiro. Os camaradas me procuram e pedem cartões com meu nome, adesivos e cartazes. Não posso dar nada disso. ... Você não pode ser assim na política. Eles usam isso contra você. Se você não compra os tiquetes, chamam você de droga de um pão-duro. Arrasam você pelas costas. ... Fiquei preocupado

com isso. Muitas noites ficava andando pra lá e pra cá até três ou quatro da madrugada. Aquilo foi demais, Bill. ... Foi duro sair. Os *paesani* em Welpport estavam todos enfurecidos. Tanta gente tinha me prometido apoio. E nunca pedi esse apoio a ninguém. Nem uma vez! Agora que tudo passou, acho que poderia ter vencido. Realmente acho isso. ... Da próxima vez, não entrarei na luta a menos que tenha 200 dólares no bolso. Mas essa era realmente a hora certa para mim. Em dois anos, quem sabe o que acontecerá? ... Bom, foi divertido enquanto eu estava lá.

Quando era mais jovem, Doc havia se movimentado livremente por Córner-ville e pelas redondezas, criando seguidores onde quer que fosse. Popularidade e influência tinham vindo a ele sem que fizesse esforço algum. Os anos de desemprego haviam minado sua confiança e gradualmente reduzido sua esfera de atividade social. Como ele me disse: "Foi só um pouco antes de você vir para cá que comecei a fazer ponto na Norton Street de novo. Agora não vou a nenhum outro lugar. Estou sempre naquela esquina. Ando desgostoso demais comigo mesmo para ir a qualquer outro lugar."

Para tornar-se bem-sucedido na política, o rapaz da esquina deve ser capaz de extrapolar os limites de sua gangue e ampliar continuamente sua esfera de influência social. Tem que conseguir encontrar novos grupos e participar de suas atividades. Doc caminhava exatamente na direção oposta, e sabia disso. Sua autoconfiança não havia desaparecido totalmente. Ele estava certo de que, se arruasse um emprego estável, poderia reverter essa tendência em sua vida. Então teria dinheiro para gastar e poderia fazer as coisas que se esperava dele quando participava de atividades grupais. Ao perder a confiança de conseguir um emprego, viu que seu próprio rumo afastava-se cada vez mais do caminho do político bem-sucedido. Como não poderia trilhar os dois ao mesmo tempo, ficou com a única saída possível.

A notícia a respeito da desistência de Doc teve um efeito devastador sobre os Norton. Mike ficou terrivelmente chateado. Ao fazer de Doc seu campeão, era levado por seu próprio entusiasmo. Agora sua fé estava abalada. Doc ainda era seu amigo íntimo, mas ele começou a falar sobre as limitações do amigo como nunca havia feito antes. Doc era um cara legal — isso era sabido —, mas simplesmente lhe faltava perseverança para ter sucesso, e era preciso dar um desconto pela sua falta de ânimo. Mike era um "virador", tinha o que faltava em Doc. Este já não era o líder de Mike.

O impacto do comportamento de Doc sobre outros rapazes da gangue não foi menos perturbador. Quando um líder de rapazes da esquina mobiliza seus amigos, acende o entusiasmo da turma em apoio a um candidato. Se de repente

o candidato se retira, o grupo sofre uma séria frustração. O líder havia comprometido seu grupo com o homem errado, e seu prestígio fica abalado. Surge a suspeita de que o candidato tenha negociado seus amigos, ou de que tenha feito uma barganha com outro político de modo a capitalizar em cima do apoio dado para ganhar alguma vantagem material.

A posição de Doc era suficientemente forte para que ele pudesse ter demandado algo dos políticos rivais que estavam interessados em sua retirada. Porém, quando saiu, fez isso incondicionalmente e por conta própria. Houve os rumores inevitáveis, mas como ninguém poderia provar nada contra ele, sua reputação não foi destruída.

No auge de sua campanha, Doc era o líder de um exército cada vez maior de simpatizantes. Como resultado de sua retirada, houve um realinhamento geral. As esquinas onde ele havia sido forte voltaram-se para outros candidatos. Mesmo os rapazes de sua própria clique tiveram participação ativa na campanha de outro candidato, Tom Marino, o maioral do Clube Taylor. Quando ambos ainda estavam na disputa, reconhecia-se informalmente que os membros dos dois grupos votariam nos dois candidatos. Com Doc fora, Tom passou a ser o homem mais importante da rua, e Doc tornou-se apenas "um dos rapazes."

Em anos anteriores, Doc assumira um papel de liderança nas discussões políticas entre os Norton. À medida que essa eleição se aproximava, ele tornou-se excessivamente silencioso. Não liderava ninguém. Apenas vagava por ali. Na maior parte do tempo, nem ao menos ficava com seu grupo. Por horas a fio, sentava-se sozinho no fundo da barbearia pouco iluminada do Stefani.

5. DESINTEGRAÇÃO

Se este fosse um trabalho de ficção, a história terminaria aqui. Doc, antes tão ativo, havia se afastado de seus rapazes; sem a sua liderança, os Norton começaram a se desintegrar. No entanto, a vida continuou para Doc e seus amigos, e aconteceram algumas coisas com eles que ilustram a natureza de suas relações pessoais.

Danny e Mike deixaram de ter uma participação ativa no grupo. Um interesse crescente por apostas em corridas de cavalos fez com que o jogo de dados deixasse de ser lucrativo. No outono de 1938, Danny conseguiu um emprego com Spongi, um gângster de Comerville que operava uma casa de apostas em cavalos e um jogo de dados que atraía clientes muito maiores que os que costumavam participar do jogo no playground. O trabalho de Danny o mantinha ocupado todas as tardes e noites com os negócios de Spongi. Já não podia ficar na esquina.

O fim do jogo de dados desfez um dos principais laços de Mike com a Norton Street. Ele trabalhou na WPA durante algum tempo, mas, depois de ser despedido, passava o dia revirando a cidade em busca de trabalhos avulsos. Como dispunha de pouco dinheiro para suas despesas, raramente tinha condição de jogar boliche com os amigos.

Quando alguns dos rapazes estão quebrados, as atividades de grupo podem continuar se os outros puderem cobrir as despesas. Se não há dinheiro algum entre os integrantes do grupo, muitas atividades devem ser suspensas. Essa era a situação enfrentada pelos Norton no outono de 1938. Havia pouco a fazer, exceto ficar à-toa na esquina, e restavam poucos para isso. Carl e Tommy passavam a maior parte do tempo com um grupo mais jovem. Lou e Fred não vinham a Cornerville com a mesma frequência de antes. Alec concentrava a atenção em sua futura esposa. Nutsy voltou a passar seu tempo na Norton Street, e seu primo, Chris Teludo, que sempre havia jogado boliche com a gangue, estava com ele ocasionalmente. Dos 13 participantes originais, permaneceram apenas Nutsy, Long John, Frank, Joe Dodge e Angelo.

O Centro Comunitário de Cornerville recebeu uma doação para financiar, durante seis meses, seu projeto de centros de recreação. O senhor Smith planejava contratar assistentes sociais treinados, mas concordou em experimentar Doc em um dos três centros. Um dos assistentes do Centro Comunitário havia falado bem de Doc quando o senhor Smith perguntou a respeito dele. Ao saber da contratação, o senhor Bacon comentou: "Não é o tipo de homem que eu escolheria para este trabalho."

A partir do início de janeiro de 1939, Doc ficava ocupado no Centro durante todas as tardes e noites até as dez horas, exceto aos domingos, e não podia mais frequentar a esquina. Os outros Norton reagiram passando algum tempo no Centro, mas isso mudou a natureza de suas atividades.

O novo emprego de Doc ajudou-o a recuperar a autoconfiança. O senhor Smith disse que, no início, temera que Doc não fizesse um bom trabalho, tão indolente havia sido na fase preparatória. Quando o centro recreativo abriu, Doc empenhou-se de corpo e alma. Tornou-se completamente responsável e em pouco tempo tudo funcionava de modo eficiente. Nos dois primeiros dias teve algum problema com roubos, mas antes que a semana terminasse as coisas roubadas haviam sido devolvidas. Depois disso, o problema assumiu uma direção bem diferente. Os jovens traziam para o Centro, como contribuição, coisas que, segundo eles, haviam encontrado ou lhes haviam sido dadas, mas Doc suspeitava que fossem roubadas. Qualquer que fosse a origem, essas contribuições indicavam que os garotos tinham aceitado o Centro como seu.

Os antecedentes de Doc davam-lhe vantagens importantes sobre os assistentes sociais. Embora não conhecesse os garotos mais jovens na área do centro recreativo onde trabalhava, conhecia alguns de seus irmãos mais velhos, primos ou parentes. Podia também recorrer a seus amigos para ajudá-lo. Durante algum tempo, Mike Giovanni deu uma aula semanal de boxe. A experiência de Doc também o capacitava a avaliar cada grupo de garotos de esquina após uma breve observação. Na noite após a abertura do centro recreativo, já podia apontar para mim os membros de cada gangue, identificar o lugar onde faziam ponto e dizer quem liderava o grupo. Valorizou o papel dos líderes, fazendo-os responsáveis por iniciativas em questões que envolviam seus grupos. Não havia problema sério de disciplina. Em pouco tempo, o centro de Doc estava organizado e funcionando perfeitamente, e ele ficava disponível para solucionar disputas, responder a perguntas e dar conselhos.

Um dos dois assistentes sociais teve tamanhas dificuldades com janelas quebradas, roubos e indisciplina generalizada que foi forçado a fechar seu centro recreativo poucas semanas depois da abertura. O segundo conseguiu, com grande dificuldade, prosseguir ao longo dos seis meses previstos, mas duvida-se que tivesse sido capaz de fazer isso sem a assistência de Doc. Este conhecia alguns dos rapazes de esquina que faziam ponto perto daquele centro. Os garotos mais jovens os respeitavam como "caras durões". Doc persuadiu-os a entrar e jogar baralho sem fazer algazarra, para dar bom exemplo. O assistente social reconheceu que isso tinha sido de grande ajuda. Em outros momentos, Frank, Joe e Long John foram ao centro para separar brigas e ajudar a manter a ordem.

Todas as pessoas envolvidas no projeto reconheceram que o centro de recreação de Doc foi o único realmente bem-sucedido entre os três. No entanto, o trabalho não ofereceu solução permanente para seu problema. Ao fim do período de seis meses, o projeto não pôde ser financiado, e Doc estava desempregado de novo. Embora o senhor Smith tivesse dito que gostaria de ajudá-lo a conseguir um emprego, não pensava em Doc no contexto do programa regular do Centro Comunitário. Naquele verão, tal como no anterior, o acampamento dos garotos empregou como conselheiros apenas rapazes universitários de fora de Cornerville.

Enquanto estava no centro de recreação, Doc continuou a ver Danny quando ambos haviam terminado o trabalho, à noite. Depois que ficou sem ocupação, começou a fazer ponto no Spongi com Danny. Quando seus negócios declinaram, Spongi já não tinha um emprego estável para Danny, mas gostava de sua companhia e assumiu muitos de seus gastos pessoais. Dentro de pouco

tempo Spongi e Doc tornaram-se amigos íntimos, e o primeiro sempre queria a companhia de Doc onde quer que fosse.

Alguns dos Norton passavam seu tempo no Spongi, mas não reconheciam o lugar como seu ponto. Formou-se um novo grupo na esquina da Norton Street. Angelo, Nutsy, Frank, Joe, Phil Principio e Paul DiMatia passaram a andar juntos. Phil e Paul haviam terminado o curso universitário e tinham participado do Clube da Comunidade Italiana, mas transferiram sua lealdade para os rapazes da esquina. Eram particularmente próximos de Angelo, o líder da gangue, que tinha Nutsy como segundo em comando.

A separação dos Norton envolveu um considerável rearranjo das posições sociais individuais. Doc falou-me de sua relação com Spongi:

Ele decide o que deve ser feito. Naturalmente. É seu lugar, e ele tem um monte de rapazes à sua volta para fazer as apostas. Mas não pode me dar ordens por aí. ... Às vezes, só para me enfurecer, Danny diz a Spongi para me mandar fazer alguma tarefa. Spongi chega perto de mim e começa a rir antes mesmo de dizer qualquer coisa, acha isso muito engraçado. Tenta me dar uma moeda e diz: "Ho-ho-ho, Doc, vai ali e compra uma coisa pra mim."

Eu digo: "Vai você, caral!" Ele ri, acha que é a coisa mais engraçada do mundo. ... Digo a ele que não pode me comprar.

Ele fala: "Ainda não te ofereci um Buick." Claro, um Buick é uma coisa grande. Ele diz que o único problema é que ainda não me ofereceu o suficiente. Digo que não poderia me comprar nem por um milhão de dólares. ... Ele sabe que há coisas que eu não faria. Não tenho nada a ver com seus negócios.

Embora Doc se orgulhasse de manter sua independência, ele não era mais um líder.

Long John dividia seu tempo entre o Spongi e a esquina da Norton Street. O rearranjo deixou-o numa posição vulnerável. Havia dois grupos que giravam em torno da "operação" de Spongi: o círculo interno e os agregados. Spongi incluía no círculo interno o seu irmão, e ainda Danny, Doc e dois outros. Quando saía para fazer um lanche, uma volta de carro ou para o cinema, convidava-os para irem junto. Seus convites não incluíam Long John, que, assim, foi excluído do círculo interno. Sem o apoio de Doc, Danny e Mike, ele não tinha uma posição perante os rapazes que permaneceram na Norton Street e não sabia onde ir.

A direção tomada pelos acontecimentos no boliche mostrou claramente o que estava acontecendo com os Norton. Na temporada de 1937-38, os rapazes iam para as pistas todos os sábados logo após as oito da noite e jogavam um *strike* atrás do outro até a meia-noite, hora em que o boliche era fechado. Na tempora-

da de 1938-39, o jogo só começava às nove horas ou mais tarde. Havia longas pausas entre os *strings*, e a noite terminava por volta das 11 horas. Em lugar de haver homens jogando e outros esperando a vez, apenas seis ou oito apareciam nas pistas. O centro de recreação de Doc mantinha-o ocupado até as dez, e Danny e Mike raramente iam até as pistas. Vários dos rapazes comentaram comigo que toda a graça do boliche parecia haver desaparecido.

No ano seguinte, as pistas estavam lotadas novamente, mas havia tantas caras novas que o grupo já não parecia mais com os Norton. Doc comentou uma vez:

Rico e Chick Morelli nunca estão conosco, exceto nas pistas de boliche. ... Uma noite dessas, tive uma discussão com Chick lá nas pistas. Ele estava absolutamente correto, mas eu fui muito chato e finalmente fiz com que pedisse desculpas pelo que havia dito. Lógico que os rapazes estavam todos comigo. ... Ele disse que éramos uma clique, que tínhamos favoritismos. É claro, é isso mesmo, nós somos uma clique. Mas, mesmo assim, fiz com que ele dissesse que não éramos.

Danny estava nas pistas naquela noite em que jogamos com o San Marcos. Perguntei se queriam jogar contra o primeiro time ou d' meu. Eles disseram "O seu time", e então falei com Danny: "Se você quiser jogar, é só entrar." Disse que não queria. Estivera doente e ainda não se sentia completamente bom. Então não tivemos que deixar de fora Rico ou Chick por causa dele. Mas agora Danny e Mike querem jogar, e eu quero jogar com eles. Para mim, o boliche não é apenas um esporte. Faz um bocado de diferença com quem você joga. Quero jogar com meus amigos. Então disse a Danny e Mike que dessem uma chegada neste sábado para avaliar a situação. Se não houver espaço, eles irão para a próxima pista ou para o andar de cima. E eu falei pra eles: "Se fizerem isso, já me ganharam." Irei com eles, e quem quiser nos seguir pode vir. Desse jeito, realmente será nosso time de novo.

Como Danny e Mike não apareceram no sábado seguinte, nem de uma maneira regular depois disso, o corte decisivo não aconteceu. Os rapazes continuaram jogando num grupo misto.

Em outubro de 1939, Doc me disse: "Nutsy está planejando uma volta. Danny e eu não estamos muito por aqui recentemente, e ele está tentando assumir. Está botando fogo nos rapazes para nos desafiarem no boliche." Nutsy escolheu Frank, Carl e Tommy para jogar contra Doc, Danny, Chris e Long John. O time de Doc ganhou o primeiro jogo por uma margem muito pequena. Nutsy repetiu o desafio, e seu time equilibrou a pontuação. Os rapazes de Nutsy ficaram satisfeitos e nenhum desempate foi marcado.

Nesses dois jogos, Nutsy teve um desempenho notável. Antes disso, havia jogado boliche só raramente e era considerado um jogador fraco. Da primeira vez

ele se saiu bem; da segunda, deixou todos os competidores muito para trás. Também dirigiu a torcida. Sempre bradava frases de encorajamento para seu time e provocava os oponentes. De tempos em tempos, gritava, "Quem é o melhor jogador de boliche que vocês já viram na vida?"

O time gritava de volta: "Nutsy!"

Diversas vezes Danny se juntava ao refrão, brincando. Quando o segundo jogo terminou, Nutsy me disse: "Eu não estava um líder inspirador, Bill?"

No sábado seguinte, Nutsy fez um desafio individual a seu primo, Chris Teldo, então considerado o melhor jogador de boliche entre os Norton. Chris venceu, mas Nutsy repetiu o desafio e o derrotou nos próximos dois *strings*.

Numa ocasião em que Doc, Long John, Chris, Chick e Rico jogaram uma partida contra o San Marcos e perderam por apenas um pino, Nutsy e Frank desertaram e foram jogar em pistas vizinhas. Os integrantes do time sentiram que os gritos de Nutsy poderiam ter levado o San Marco a perder pinos suficientes para uma virada, e Long John disse a Frank: "Vocês são umas drogas de jogadores. Fogem bem na hora em que precisamos de vocês pra torcer."

Frank respondeu: "Por que deveríamos torcer por você, se queremos jogar? Quem é você — o patrão?"

Enquanto os Norton eram um grupo, o segundo time nunca teve uma chance contra o primeiro. Quando o grupo se dividiu em dois, Doc, Danny e Mike não puderam mais manter os seguidores em seus lugares. Nutsy tinha uma chance de assumir a liderança entre seu grupo de jogadores e, apesar da falta de prática, mostrou um desempenho que correspondia à sua nova posição.

Enquanto Nutsy se destacava, Long John decaía. Já era evidente, na primavera de 1939, que ele estava patinando. Seu jogo de boliche declinou e ele acabou em penúltimo lugar no campeonato individual que fechou a temporada. A primeira parte da temporada 1939-40 não trouxe qualquer melhora. Nos jogos contra o time de Nutsy, Long John teve um desempenho muito fraco. Doc e Danny diziam: "Bom, parece que você não é mais o mesmo homem. Este ano, talvez não seja bom o suficiente para estar no primeiro time."

Esses comentários, embora feitos de maneira jocosa, eram sintomas das mudanças ocorridas nas relações pessoais. Como se sentisse a posição indefesa de Long John, os integrantes do time de Nutsy redobram seus ataques verbais a ele. Sempre o haviam atacado mais que a Doc, Danny ou Mike, mas agora, sob a liderança de Nutsy, eles o submetiam a uma avalanche implacável de ataques, calculada para destruir sua autoconfiança. Como jogava mal, havia pouco o que Long John pudesse dizer para se defender.

Numa tarde, Doc veio me consultar sobre Long John, que lhe havia confidenciado não dormir bem há várias semanas. Como contou Doc:

Conversei longamente com ele. ... Sempre que começa a adormecer e o lençol cobre seu rosto, acorda pensando que está morto. ... Eu disse: "John, deve ser alguma coisa que aconteceu no tempo em que você era criança. Talvez alguém tenha jogado um casaco em cima de você quando estavam brincando, e você pensou que estivesse sufocando." Mas não consegui se lembrar de nenhum caso assim. Fiz com que pensasse um pouco mais sobre quando era criança, e finalmente ele se lembrou. Tinha uns oito anos de idade. Estava muito doente, com pneumonia, e o médico disse à sua mãe que ele havia morrido. Puxaram o lençol sobre sua cabeça. Quando voltou a si, ouviu a mãe e os parentes chorando, lamentando sua morte. Então ele se mexeu um pouquinho, eles perceberam, tiraram o lençol e todo mundo se alegrou, mas isso deve ter deixado uma impressão profunda na mente de John. Quando me contou aquela história, expliquei como era estúpido deixar que uma coisa como aquela o incomodasse.

Eu disse a Doc que, para uma cura efetiva, seria necessário mais que aquilo. Sugeri que ele poderia conseguir desfazer as ansiedades de Long John se o levasse para o círculo interno do Spongi, e se ele e Danny comesçassem a defender o amigo no boliche e a encorajá-lo quando outros o atacassem. Doc ficou na dúvida, mas concordou em ver o que poderia ser feito. Dentro de pouco tempo havia encaixado Long John no círculo interno do Spongi. Como me explicou:

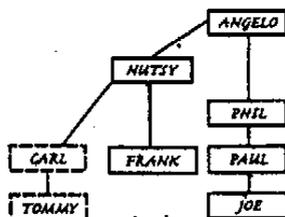
Eu não disse nada a Spongi, mas já integrei o John. Fiz um bocado de barulho sobre ele. Se não estava por perto, eu perguntava aos rapazes por ele. Quando ele chegava, eu dizia: "Olha aqui o Long John, o vagabundo", e perguntava onde ele tinha estado. Dei tanta atenção ao cara que ele acabou se encaixando direitinho. Spongi começou a chamá-lo para sair conosco. Agora, mesmo quando não estou por perto, Long John está lá.

Ao mesmo tempo, Doc e Danny começaram a apoiá-lo nas pistas de boliche. O jogo de Long John começou a melhorar. Em pouco tempo, estava jogando tão bem quanto na temporada de 1937-38. No campeonato individual que encerrou a temporada de 1939-40, ganhou o primeiro prêmio. Nunca mais consultou Doc sobre seus pesadelos.

A estrutura do novo grupo que cresceu na Norton Street pode ser representada no diagrama a seguir:

Como Angelo não jogava boliche, Nutsy pôde assumir a liderança nas pistas. Quando os rapazes estavam na esquina, ele não conseguia competir com Angelo. Carl e Tommy seguiam-no nas pistas, mas passavam pouco tempo na esquina. Frank era o único pessoalmente ligado a Nutsy. Phil e Paul haviam-

OS RAPAZES DE ANGELO



- Rapazes da esquina
 - - - - - Presentes ocasionalmente
 ——— Linha de influência

As posições dos quadrados indicam os status relativos

tornado amigos íntimos de Angelo pelo fato de pertencerem ao Clube da Comunidade Italiana, e Joe também se ligou a Angelo.

A força da posição de Angelo na esquina dependia em parte de suas atividades no Clube Dramático de Cornerville, do qual Nutsy não fazia parte. No final do inverno de 1939, os rapazes insistiam com Doc para achar uma sala de reuniões para manter os Norton juntos. Quando estava conferenciando com o senhor Smith sobre o projeto do centro de recreação, Doc perguntou se os rapazes poderiam usar uma sala no Centro Comunitário. O senhor Smith ofereceu a melhor sala do Centro, uma noite por semana. Doc reuniu Angelo, Joe, Frank e Long John, umas garotas do Afrodite e alguns outros rapazes e moças e fundou o Clube Dramático de Cornerville. Depois disso, estava tão ocupado com seu trabalho no centro de recreação que não tinha tempo para participar das reuniões, mas depositou sua confiança em Angelo, que o procurava para obter conselhos sobre questões de políticas do clube e assumia a liderança das reuniões caso Doc não estivesse presente. Isso fortaleceu a posição de Angelo na esquina.

Doc me explicou como as coisas aconteciam quando Angelo estava com os rapazes:

Numa noite da semana passada, parei no Stefani a caminho de uma festa. A clique inteira estava na barbearia. Perguntei ao Angelo: "O que você vai fazer hoje?"

Ele disse: "Não sei, ficar à-toa por aí, eu acho."

Convidei-o para vir à festa comigo. Disse que não podia, alguém já o havia chamado, e ele tinha dito que estava ocupado. ... Então me virei para Phil e perguntei o que ia fa-

zer, e ele respondeu: "Não sei. O mesmo que os outros caras." E então olhou para Angelo. Perguntei a Paul, e ele me deu a mesma resposta. Perguntei aos outros, um a um, Joe, Nutsy e Frank, e todos disseram exatamente a mesma coisa: "Não sei. O mesmo que os outros caras." ... E "os outros" significava Angelo. ... Eu disse: "Tudo bem, vejo vocês depois." ... Mais tarde fomos para o Jennings, e a clique já estava toda lá numa mesa dos fundos. Sentei-me com os camaradas que tinham vindo comigo. Nenhum problema nisso. Mas depois de algum tempo o Angelo chegou e se sentou perto de mim. Queria me dizer alguma coisa. Imagino que havia planejado ficar só uns poucos minutos, mas ficou bastante. Paul puxou uma cadeira, e então Phil também veio. Um por um, chegaram todos, até ficarem os seis conosco. Tiveram que juntar outra mesa para se sentarem perto de nós. ... Agora, suponha que Paul tivesse tido alguma coisa para falar comigo. Ele poderia ter chegado e ficado o tempo que quisesse; desde que Angelo não chegasse, nenhum dos outros camaradas teria se mexido de onde estava.

Suponha que os cinco estejam no Stefani, uma noite, e o Angelo não tenha aparecido. Phil pode dizer: "Vamos a um show." Nutsy diria: "Certo, mas vamos esperar o Angelo." E esperaríamos. Se, depois de um tempo, ele não aparece, iriam procurá-lo. Vão até sua casa e tentam encontrá-lo. Só depois de esperar é que sentem que podem ir sem ele. Esperar pelo Angelo é como uma obrigação. ...

Suponha que o encontrem e o chamem para ir a um show. Se ele diz "tudo bem", irão; se diz "não", não irão.

Às vezes Frank e Nutsy falam mal do Angelo. Frank me diz: "Ele é um folgado. Me fala pra esperar por ele, e tenho que esperar uma hora antes que apareça. Eu, se me atraso cinco minutos, eles vão sem mim." ... Nutsy diz: "Ontem à noite, o Angelo me disse para encontrá-lo no Jennings às dez e meia. Esperei até meia-noite e ele não apareceu!" ... Nessa noite de que Nutsy estava falando, o Angelo estava comigo. ... Eles arrasam o Angelo na minha frente e esperam que concorde com eles. Se dissesse que estavam certos, não sei o que teria acontecido. Mas eu disse: "Não, o Angelo é um bom rapaz."

Não, o Angelo não sabe que é o líder deles. Se você lhe dissesse isso, ele estaria arruinado. Não saberia o que fazer.

Perguntei a Doc o que aconteceria se ele chegasse para os cinco, sem o Angelo, e os chamasse para ir a algum lugar.

Teriam que encontrar o Angelo primeiro. É como uma obrigação. Veja só, eu não sou realmente parte daquela clique agora. Não fico o bastante com eles. Não fariam nada, a menos que estivesse tudo certo com o Angelo. ... O Angelo e eu somos bons amigos. Ele sempre me pergunta o que estou fazendo, e sei que, se o chamasse para vir comigo, ele viria.

Uma noite dessas, vi Nutsy, Frank, Phil e Joe Dodge na esquina. Estavam esperando o Angelo e depois iam dar uma volta. Subi a rua e encontrei o Angelo descendo. Disse a ele — não porque quisesse mostrar que eu era um líder, mas porque queria que ele viesse

comigo: "Angelo, espere por mim na esquina, e depois a gente vai junto para o Metropolitan Hotel. ..." Quando voltei, estavam todos esperando por mim. Começamos a caminhar juntos, e, depois de uns poucos quarteirões, Phil perguntou onde estávamos indo. Eu disse que o Angelo e eu fomos ao Metropolitan. Phil disse ao Angelo que tinham esperado a noite toda por ele, e agora ele ia deixá-los. Eu disse ao Angelo que não queria tomá-lo dos rapazes, podia ficar com eles, se quisesse. Mas veio comigo. Eles se separaram de nós numa esquina. Olhei para trás e vi por onde iam. Eles se dividiram. Frank e Nutsy tomaram uma direção, Phil e Joe foram noutra.

É o Angelo que está mantendo a clique junta agora. Se ele se afastasse durante um mês, eles se separariam.

No início da primavera de 1941, Angelo ainda liderava os rapazes. Embora freqüentemente expressassem insatisfação com suas decisões, sempre o seguiam. Doc vinha pouco à esquina, e Angelo sentia-se tão seguro que não se dava ao trabalho de procurá-lo para consultar sobre os projetos do grupo ou do clube. Então, uma noite, Doc apareceu numa reunião do Clube Dramático. Angelo propôs uma certa linha de ação. Doc achou que a idéia era insensata e disse isso. Quando Doc liderou a oposição, os seguidores de Angelo desertaram, e ele foi neutralizado. Ele achou difícil ajustar-se à nova situação. Retirou-se do Clube Dramático Sunset e durante algum tempo ficou sem falar com Doc. Esperava que os rapazes ficassem de seu lado, mas eles apoiaram Doc e falavam mal de Angelo à vontade. Doc defendeu Angelo. Depois de um tempo, Angelo voltou para o clube e se acertou com Doc, e a relação entre os dois voltou a ser muito do que era antes que Angelo se tornasse o líder dos rapazes da esquina. Quando o poder de Angelo no clube foi destruído, ele também perdeu seu controle sobre a esquina. Já não havia um líder para manter os rapazes unidos, e os últimos remanescentes da gangue de Doc desapareceram da Norton Street.

Chick e seu clube

1. A HISTÓRIA DE CHICK MORELLI

COMO CHICK MORELLI e alguns integrantes de seu Clube da Comunidade Italiana apareceram na história dos Norton, eles não exigem aqui uma introdução especial. No entanto, até agora foram vistos apenas porque afetavam um grupo de rapazes da esquina. A fim de entender quem eram aquelas pessoas e onde elas estavam indo, é necessário conhecer o clube por dentro, observar as ações de seus sócios e ouvir os relatos que fazem sobre si mesmos. Chick Morelli contou sua história assim:

Nasci na Itália. Só vim para cá quando tinha oito anos de idade. ... Nasci em Avellino, perto de Nápoles. Meu pai era um homem bastante poderoso lá. Criou um partido político, candidatou-se a prefeito e quase foi eleito. Imagino que a política esteja no sangue da família. ... Acho que meu intelectualismo vem de meu pai. Agora compreendo que as coisas que tenho feito são do tipo das que ele gostaria de fazer.

Meu pai chegou a Eastern City nove ou dez anos antes de minha mãe e eu virmos para cá. Abriu uma loja de frutas e verduras e também tinha uma pequena padaria. Fazia pouco tempo que estávamos aqui quando ele morreu, deixando minha mãe, minha irmã mais velha e a mim sozinhos para cuidarmos de nós mesmos. Vendemos seus bens e conseguimos um pouco de dinheiro, mas não durou muito.

Comecei a trabalhar vendendo papéis. No início, fazia cinco dólares por semana no meu negócio. Eu trabalhava duro, estava ansioso para avançar. Depois de pouco tempo, já fazia dois dólares aos sábados com os papéis e cerca de dez dólares por semana ao todo. Sempre levava para minha mãe cada centavo que ganhava, porque não sabia como gastá-lo. Ela tampouco sabia como gastar dinheiro neste país, e também economizava. ... Eu costumava sair para conseguir madeira. Fornecia toda a lenha para o fogão, exceto nos tempos mais frios, quando comprávamos um pouco de carvão. ... Então, consegui um emprego depois das aulas vendendo sorvete no balcão de uma sorveteria. Fazia dez dóla-

res por semana com isso durante algum tempo. ... Quando estava no segundo grau, fui trabalhar com meu tio. Ele estava no negócio de bebidas ilegais. Tive que aceitar o emprego, não tinha escolha, porque precisava do dinheiro. Trabalhei lá por um tempo, misturando o concentrado e atendendo no balcão. Uma vez quase fui preso. Só não fui por pura sorte. ...

Quando estava trabalhando no negócio de bebidas ilegais, tinha muito dinheiro. Naquela época, era um gastador mão-aberta. Ia a muitos dancings e sempre que tinha comigo alguns companheiros eu os convidava para um café ou um drinque. Gastei um monte de dinheiro desse jeito, mas agora, quando olho para trás, parece-me que foi melhor para mim, aprendi minha lição cedo na vida, quando o dinheiro não contava tanto quanto agora. ... Num verão, eu ia a vários lugares com um amigo em particular. Durante todo o verão saíamos para dancings e festas três vezes por semana, e sempre pagava para ele. Outras vezes dava uns dólares a ele para não ficar embaraçado caso encontrasse uma garota. Nunca pensei que chegaria a hora em que eu pediria um trocado e ele não me daria, mas essa hora chegou. Foi logo antes de eu voltar para a escola. Nessa noite em particular, sabia que ele tinha acabado de receber seu salário. Veio e me chamou para ir a um dancing com ele. Eu disse que gostaria de ir, mas não tinha o suficiente para comprar o ingresso. Precitava de mais dez centavos.

Ele falou: "Bom, eu tenho 30, mas preciso deles pra mim."

"Não se preocupe, vou conseguir com outra pessoa", eu disse.

Aquilo me ensinou uma lição. A partir dali, nunca mais eu sairia tanto do meu caminho por ninguém. Sempre manteria uma certa reserva. ... Não sei se você descobriu isso também, mas minha experiência mostra que eu faço mais amigos e melhores amizades quando ajo com um pouco de reserva, em vez de sair correndo atrás da pessoa. ... Provavelmente fui um tanto influenciado por minha mãe. Ela sempre acreditou que você não devia confiar demais numa pessoa, devia manter algo na reserva, e freqüentemente me dizia isso.

Perguntei se tinha tido dificuldade em se ajustar quando veio da Itália.

Tive. Era ridicularizado por meus colegas de classe por causa do modo como falava. Mas eles não faziam por mal. Afinal, éramos todos italianos aqui. Ainda assim eu me ressentia facilmente quando se tratava de meu jeito de falar. Não acredito que tenha tido sotaque por muito tempo, mas faz pouco alguém me mostrou que nunca pronunciei os sons de *th*.

Fiz um bocado de coisas com os garotos. Jogava aquele jogo de bola de borracha que vocês jogam com as mãos. Eu era campeão naquilo. Não era tão bom no beisebol nem no futebol, talvez porque gastasse tanto tempo com o outro jogo.

Perguntei se houvera uma gangue de companheiros com quem tivesse se associado, e ele disse que sim. Quis saber se era o líder da gangue.

Não sei. Eu não diria bem assim. Sei que eles sempre costumavam me chamar, em vez de eu ir até eles. Costumava esperar por eles em minha casa. Não que eu quisesse que vissem me procurar. Passou a ser um hábito, simplesmente. Quando jogávamos baralho, era sempre na minha casa. Jogávamos lá à noite, e às vezes eu dizia: "Desculpem, companheiros, mas tenho que sair", e o jogo terminava.

Fiz um curso acadêmico quando estava no segundo grau. Não sei a razão, só sei que sempre gostei daquelas matérias. Naquela época não pensava que conseguiria entrar na faculdade, mas não sei o que teria feito se não pudesse ter ido. Queria sair pelo mundo, não estava satisfeito em apenas ficar onde estava. ... Quando trabalhava na loja do meu tio, fiquei ligado ao mais baixo do baixo, os mendigos e bêbados. Às vezes ficava pensando se iria acabar feito eles. ... Nós tínhamos alguns bons fregueses. Um deles era um juiz. Havia um outro homem muito bem-educado. Uma vez ele chegou e queria comprar bebida fiado. Eu não podia vender, não porque não quisesse, mas porque tinha ordens do meu tio. Entramos numa discussão e ele disse umas coisas que me doeram. Ele disse: "Chick, quero ver você na faculdade, vai parecer um idiota com esse seu jeito de falar e agir." ... Eu era muito suscetível a comentários assim, e aquilo me doeu. Logo depois, fui ao centro da cidade e comprei dois livros. Um de inglês e o outro de etiqueta. Não sei por que comprei aquele livro de etiqueta, mas quando cheguei em casa li do princípio ao fim. Queria saber tudo o que deveria fazer ou não fazer.

No verão do meu penúltimo ano no segundo grau, quando estava num dancing na praia, conheci uma garota chamada Edith Clark. Nos demos muito bem, e ela anotou meu telefone. Disse que procuraria por mim quando voltássemos para Eastern City. Passaram-se alguns meses e não tive notícias dela. Decidi esquecer a história. Mas um dia, no meu último ano, estava na biblioteca e um camarada me disse que uma garota chamada Edith havia ligado para a loja do meu tio. Já tinha até esquecido quem ela era, mas liguei, e depois disso ficamos juntos. Eu a via dia sim, dia não, por quase dois anos. Ela vivia com uma mulher chamada senhora Burroughs, que se deu bem comigo desde o começo e me apresentou a outras pessoas antes mesmo de me apresentar a seus filhos. Aprendi muita coisa com ela e com Edith. Comecei a conviver com pessoas diferentes. Sempre que safa com Edith, observava o que ela fazia, e fazia o mesmo. Às vezes notava que ela não seguia exatamente o que estava no livro de etiqueta, mas, é claro, não dizia nada. Aprendi muito com ela. ... Uma vez, perguntei se havia alguma coisa errada com minha maneira de falar, e ela disse que nunca havia percebido nada. Agora sei que não pronunciava os sons *th* naquela época, mas provavelmente ela não queria me magoar. ... Depois de algum tempo, comecei a notar que havia outras pessoas que não sabiam tanto quanto eu. Quando estava no elevador de um hotel com alguns companheiros e garotas, reparava que os outros não tiravam os chapéus. Ou quando estava numa mesa com um outro rapaz e chegava uma garota, eu me levantava, mas ele não. Comecei a achar que não estava tão mal assim. ...

Olha, Bill, se há uma coisa para a qual tenho talento, se é que tenho talento para alguma coisa, é para imitação. Quando alguém diz uma coisa de um certo jeito, em geral eu

posso imitá-lo, não cem por cento, mas bastante bem. Quando estava na faculdade, costumava prestar atenção a tudo que o professor dizia, e assim podia aprender com o jeito como ele falava as coisas. E em casa, à noite, além do estudo regular, costumava colocar um livro de biografia de grandes homens na minha frente e um dicionário ao lado. Lia a biografia e, quando aparecia uma palavra que não soubesse, olhava no dicionário e escrevia num pedaço de papel. Depois, antes de ir para a cama, eu revia as palavras. E todas as noites eu lia alto por dez ou quinze minutos antes de me deitar. Não importava o que estivesse lendo. Queria que minha voz soasse melhor. Sempre tive aquele desejo de refinamento. Estava sempre buscando refinamento. ...

Quando minha mãe me disse que eu ia para a faculdade, fiquei surpreso. Mas ela havia economizado algum dinheiro, e sempre trabalhei durante os verões. Em alguns verões, não conseguia trabalho, então comecei a fazer transportes com um carrinho de mão, eu e Lou Danaro. Uma vez um amigo me perguntou se não tinha vergonha de trabalhar com um carrinho de mão. Eu disse: "Por que teria? Isso é o meu pão com manteiga."

No curso primário, éramos todos italianos. No curso secundário [em Welport], as raças estavam misturadas. Na Faculdade St. Patrick havia apenas uns cem italianos entre os 1.400 alunos. Uns 1.200 eram irlandeses e os outros cem eram de outras raças. Notei a diferença quando entrei na faculdade. Nós nos sentíamos discriminados. No começo eu era muito tímido. Às vezes, mesmo sabendo a resposta certa, não levantava a mão, com medo que as pessoas rissem da maneira como me expressava. Mas comecei a aparecer quando estava no segundo ano. Falava mais nas aulas. Lembro-me de uma aula de inglês, quando estávamos discutindo *Macbeth*. Eu disse alguma coisa sobre a peça e o professor discordou de mim; mas insisti, e ele me deu um bocado de crédito por aquilo. Ele se referiu à "teoria do senhor Morelli". Aquilo me deu muita confiança.

Em meu terceiro ano, alguns estudantes italianos vieram da Itália visitar várias faculdades. Fui indicado para chefiar um comitê de 30 na St. Patrick e mostrar a escola para eles. ... Naquela época, não se ensinava italiano lá. Isso não estava certo, ... que eles ensinassem espanhol em vez de italiano. Que contribuição deram os espanhóis para a literatura, comparada com as contribuições italianas? ... Organizei uma Academia Italiana na St. Patrick e fui o primeiro presidente. À minha própria custa, angariei assinaturas para o ensino da língua italiana. Falei com o padre Donnelly, diretor da faculdade. Não mostrou muita simpatia. Argumentei, perguntei se ele poderia dizer o nome de um poeta maior que Dante. Disse que não. Eu disse que, para cada irlandês que ele nomeasse, em qualquer área, eu poderia nomear um grande homem italiano ainda maior. Ele disse que talvez não houvesse número suficiente de alunos interessados. Respondi que haveria pelo menos 20, e que, se não houvesse, poderia cancelar o curso. ... Naquele outono, houve um curso de italiano e o professor Salerno veio para a faculdade. ... Havia 30 estudantes matriculados. Eu mesmo não pude fazer porque estava no último ano, mas a Academia Italiana se expandiu, apresentou peças teatrais e promoveu várias outras atividades.

A respeito de seus contatos pessoais, Chick me disse que valorizava especialmente sua amizade com Thomas L. Brown, um advogado proeminente de Eastern City. Disse que Brown teve forte influência sobre ele, muitas vezes corrigindo seus erros e dando conselhos. Uma vez, perguntou a Brown se achava que o povo italiano era discriminado. O advogado respondeu: "Não seja estúpido, Chick; só os idiotas discriminam o povo italiano. Ninguém inteligente faria isso."

Chick disse que aquilo o impressionou, e começou a achar que a culpa era dos próprios italianos.

Os rapazes italianos daqui têm aquele sentimento de inferioridade. Eu mesmo tenho. Estou falando sério! Quando ouço que algumas pessoas acham que sou bastante bom, fico pensando o que é que vêem em mim. Não consigo ver. Não estou fingindo quando digo que me sinto inferior. Essa é a verdade... Acho que a única maneira de superar essa inferioridade é sair e se misturar com outras pessoas. Se você não puder fazer isso, nunca vai superar esse sentimento.

Perguntei a Chick como aconteceu de ele ir para a Escola de Direito da Ivy University.

Fiz um curso de direito com o professor Martini na St. Patrick. Eu tinha orgulho de haver um italiano dando aquele curso. Perguntei a ele onde eu deveria estudar. Sugeriu a Escola de Direito da St. Patrick. Então fiz meu pedido de admissão, e estava indo para lá quando me encontrei com um advogado chamado Marino. Perguntou por que não ia para a Escola de Direito da Ivy University, e respondi: "Conheço minhas próprias limitações. Não conseguiria entrar num lugar como aquele. Vou estar satisfeito ficando no meu próprio nível."

Ele disse: "Chick, não seja um idiota. Se você conseguiu as notas necessárias, pode ir para a Ivy, e um diploma de lá significa muito mais para você do que um da St. Patrick."

Refleti sobre o assunto. Fui para casa e conversei com minha mãe. Ir para a Ivy iria me custar 420 dólares, sem contar livros e transporte; na St. Patrick, custaria apenas 250. Fiz um trato com minha mãe. Se ela pagasse minha matrícula, eu pagaria todo o resto. Perguntou como poderia ter certeza de que eu honraria o trato. Eu disse que, se não honrasse, simplesmente sairia da faculdade. Então ela concordou. E esse é o trato que estamos mantendo desde então. ... Eu estava ansioso para ser o primeiro italiano de Cornville a entrar na Escola de Direito da Ivy. Fiz meu pedido de matrícula e mandei minhas notas e uma carta do senhor Brown. Ele me pôs lá nas alturas. Poucos dias depois soube que havia sido aceito.

A entrada de Chick na Escola de Direito da Ivy University constituiu um importante passo adiante em sua carreira social e profissional. Ainda havia uma

dura batalha pela frente. Os próximos anos seriam decisivos para determinar sua posição na sociedade. Tendo em mente esse panorama, pode-se entender o que o Clube da Comunidade Italiana significava para Chick Morelli.

2. A ORGANIZAÇÃO DO CLUBE

As raízes do Clube da Comunidade Italiana podem ser encontradas no tempo em que Chick ainda estava no segundo grau. A professora da 9ª série tinha um sistema de sentar seus alunos de acordo com o que ela julgava ser o desempenho escolar de cada um. O reconhecimento especial que receberam levou-os à criação de uma clique formada pelos meninos da primeira coluna e os da frente da segunda coluna. Chegaram até a criar um clube que durou pouco. A clique da 9ª série incluía Chick Morelli, Pat Russo, Tony Cardio, Joe Gennusi, Paul DiMatia, Leo Marto e Jerry Merluzzo, com Phil Principio na periferia. Oito anos e meio depois, Chick chamou esses rapazes para formar o núcleo do Clube da Comunidade Italiana, e convidou cinco outros de Cornerville — Tom Scala, Mike Ferrara, Frank e Al Perino, e Jim Filippo — para serem sócios fundadores.

Pat Russo, o amigo mais próximo de Chick, havia começado o curso de serviço social na St. Patrick. Tony Cardio estava empregado num escritório e cursava a faculdade de direito à noite. Joe Gennusi vendia seguros e também fazia curso de direito à noite. Paul DiMatia completava o curso de administração no Eastern College. Leo Marto e Jerry Merluzzo estudavam medicina na recém-criada Meridian Medical School.

Tom Scala estava na Ivy University, a um ano de se formar em literatura inglesa. Mike Ferrara fazia o último ano na St. Patrick. Frank Perino, formado na St. Patrick, fazia o curso de medicina na Sheldon University, que, na região de Eastern City, tinha um status próximo ao da Ivy University nesse campo. Seu irmão mais novo, Al, estava no terceiro ano na St. Patrick. Jim Filippo estava no Eastern College, no último ano de contabilidade.

A reunião para a criação do clube foi feita no Centro Comunitário da Norton Street no início de janeiro de 1937. Chick Morelli foi eleito presidente; Leo Marto, vice-presidente; Tom Scala, secretário; e Frank Perino, tesoureiro.

Tom Scala registrou na ata esta descrição da reunião:

O senhor Morelli explicou brevemente para o grupo reunido o propósito da assembléia. Afirmou que os italianos haviam criado uma reputação brilhante na civilização mundial e que, portanto, deveríamos nos considerar um elemento vital da raça americana.

Devemos criar vínculos sociais, principalmente com nossos iguais em termos intelectuais, pois é sobretudo entre estes que a influência da mente italiana nos campos das artes e das ciências pode ser plenamente exercida.

Nosso próximo objetivo é instruir nossa comunidade sobre suas próprias necessidades e melhoria de seus próprios interesses educacionais e locais.

O presidente [na segunda reunião] apresentou seu esboço das atividades desenvolvidas durante o ano. O esboço propôs pontos de natureza tanto social quanto intelectual:

- I. Palestras semanais feitas por sócios, de preferência em seus respectivos idiomas.
- II. Artigos mensais para um jornal local, um artigo por mês de cada associação.
- III. Um fórum mensal para pais italianos.
- IV. Produção de uma peça de teatro.
- V. Um debate.
- VI. Concursos de oratória para não-sócios.

Programa social

- I. Reuniões sociais mensais para os sócios.
- II. Reuniões para homens, com a presença de intelectuais de extração italiana.
- III. Bailes em benefício do Orfanato Italiano.
- IV. Festas bimensais só para homens.
- V. *Buttons* do clube

A segunda reunião também aprovou um estatuto que havia sido elaborado por Chick Morelli e Tony Cardio. Estavam previstas a eleição anual de integrantes da diretoria, taxas de associação, taxas regulares, multas e a nomeação de comitês, mas não havia qualquer descrição mais precisa das qualificações exigidas de alguém que quisesse se associar. Estava claro que o clube seria formado por uma classe superior de homens jovens, mas ficou para ser decidido o que exatamente seria essa superioridade.

O clube tinha dois objetivos: a ascensão social dos sócios e a melhoria de Cornerville. Quando foi organizado, parecia não haver conflito algum entre esses pontos, mas provou-se impossível perseguir ambos ao mesmo tempo. Conseqüentemente, quase todas as questões implicavam uma decisão sobre qual dos objetivos deveria ser enfatizado. Quando novos sócios eram admitidos e quando se planejavam novas atividades, os integrantes estavam de fato decidindo que tipo de clube iriam ter; e embora não expressassem isso nesses termos, sabiam o que estava envolvido.

O primeiro debate surgiu em torno da questão de saber se o clube admitiria homens que não tivessem uma educação universitária ou profissional. Embora alguns sócios temessem baixar o nível do clube, ainda assim tinham amigos en-

tre os não-formados. Joe Gennusi argumentou que não seria democrático excluí-los, e, depois que a questão foi discutida durante várias reuniões, finalmente concordou-se que o comitê de admissão deliberaria sobre tais casos.

Quando o caminho foi aberto para os não-formados, Doc e Angelo Cucci foram admitidos, e, nos vários meses seguintes, Lou Danaro, Fred Mackey, Art Testa e Patsy Donato também foram aceitos. Art e Patsy tinham sido sócios do Clube Dramático Sunset. Art trabalhava num escritório e Patsy tinha uma pequena empreiteira.

Na mesma época, diversos outros rapazes formados entraram para o clube. Mike Ferrara apresentou um amigo que também cursava o último ano na St. Patrick. Chick trouxe Vincent Pelosi, um moço de Westland que, como o próprio Chick, estudava na Escola de Direito da Ivy University. Tony Cardio trouxe Ernest Daddio, que havia passado dois anos na St. Patrick e saído para um emprego num escritório.

Em abril, Doc me convidou para uma reunião do clube e me chamou para entrar. Ele disse que seria necessário mudar o estatuto para me admitir, já que a associação estava limitada aos italo-americanos. Na realidade, essa cláusula não existia, mas o estatuto escrito raramente era consultado, e todo mundo acreditou que havia necessidade de uma emenda. Doc submeteu meu nome ao comitê de admissão de Tony Cardio, Tom Scala e Phil Principio. Disse-me que quando entrou para o clube a maior parte dos sócios era formada por pessoas que conhecia, mas agora confiava nas manobras políticas necessárias para que eu pudesse entrar. Falei que não queria ver meu pedido se transformar num problema, mas Doc disse que, ao contrário, era o que ele queria.

Muito mais tarde ele me relatou o desenrolar do meu caso. Tony Cardio havia sido contra, mas Tom Scala e Phil Principio me deram maioria no comitê. No entanto, como vários outros também eram contra mim, o voto de Tony era necessário para aprovar a emenda. Foi finalmente persuadido a votar em mim. Como me disse Doc:

Eu tinha tudo arranjado, Bill. O vice-presidente do clube [Leo Marto] era contra você; então, se fôssemos precisar de voto, eu ia fazer com que Chick não estivesse presente, e o vice teria que assumir o posto, e não votaria. Mas apenas três dos que estavam na reunião me haviam dito que estavam contra você, então eu disse a Chick para vir. Quando votamos — pelo sistema australiano*, houve cinco votos contra você. Eles me traíram, Bill.

* Sistema australiano: os estados australianos de Victoria e South Australia foram os primeiros a introduzir o voto secreto (1856), que, por isso, ficou conhecido como voto australiano. (N.T.)

Fiquei magoado. Acusei dois deles de votarem contra você, mas juraram que não. ... Não fazia qualquer diferença, Bill. Só fiquei magoado porque eles me traíram. ...

Doc e Chick pensaram que Tony Cardio havia faltado com a palavra votando contra mim, e embora Tony negasse, Chick disse, depois da reunião, que nunca mais confiaria nele. Na mesma reunião fui admitido com o recém-criado status de sócio-convidado. Na reunião seguinte, Tom Scala disse que tinha sido estúpido criar um status especial para mim e submeteu a proposta de que eu fosse transformado em sócio regular. Dessa vez a proposta foi aprovada.

Meu pedido de associação produziu a primeira divisão profunda de opiniões no clube, mas ela não coincidiu com a divisão entre formados e não-formados. Os rapazes da esquina queriam que eu entrasse, mas alguns dos rapazes formados também.

3. ATIVIDADES SOCIAIS

O programa esboçado pelo presidente Morelli era ambicioso o bastante para manter uma dezena de clubes ocupados. Logo ficou evidente que apenas parte de seu plano poderia ser implementada. Não se tomou providência alguma com relação aos artigos mensais, ao fórum de pais, ao debate, às reuniões para intelectuais, aos bailes beneficentes, às festas masculinas ou aos *buttons* do clube. Foi planejado e anunciado um concurso de oratória para não-sócios, mas não houve interesse suficiente, e o projeto foi cancelado. Os rapazes formados revezaram-se nas palestras, realizadas com alguma regularidade nas noites de reunião. Na primeira temporada, a produção de uma peça ocupou o centro dos interesses.

Chick Morelli assumiu a responsabilidade de selecionar a peça a ser apresentada. Escolheu *Noite de horror*, pois, segundo explicou, era divertida, empolgante e tinha a vantagem adicional de que os direitos autorais a serem pagos eram de apenas dez dólares. Doc foi admitido no clube quando a escolha já havia sido feita, mas me confidenciou que, em sua opinião, *Noite de horror* era uma peça ruim da qual Chick gostava apenas porque via nela um bom papel para si mesmo.

Um dos associados sugeriu que Doc fosse convidado para dirigir a peça, mas Chick disse: "Não, Doc seria tendencioso." Chick indicou um homem chamado Felix DiCarlo, que era seu vizinho. Nenhum dos outros sócios conhecia DiCarlo, mas todos aceitaram a sugestão de Chick.

Quando começaram os testes para seleção dos atores, Frank Perinto, que tinha trabalhado no teatro amador da St. Patrick, sentou-se no fundo da sala e se recusou a participar. Ele disse a Doc: "Para que fazer testes? Chick vai tomar a frente de qualquer maneira." Pouco tempo depois Frank retirou-se do clube e seu irmão saiu com ele.

Doc e Chick foram testados para o papel principal e DiCarlo escolheu Chick. Alguns dos sócios foram tão explícitos na opinião de que Doc merecia o papel que Chick finalmente sugeriu que Doc o substituísse. No entanto, nem Doc nem DiCarlo aceitaram a mudança.

Havia quatro papéis femininos a preencher. Doc me disse que existia um grande interesse por teatro em Cornerville, e achava que dar às moças locais a oportunidade de aprenderem a se expressar no palco estaria de acordo com o objetivo do clube de melhorar as condições da comunidade. Mas Chick achou que essa era uma oportunidade para o clube fazer contatos sociais úteis. Propôs falar com a presidente da Liga Italiana Júnior para ver se poderia fornecer as atrizes necessárias. Isso ficou acertado.

Os resultados da abordagem de Chick Morelli à Liga Italiana foram registrados na ata do clube:

O presidente resumiu os eventos que ocorreram durante seu encontro com a presidente da Liga e sua diretoria. Os resultados finais foram muito favoráveis. Elas concordaram em nos dar assistência em nossos empreendimentos de natureza social. Por nossa vez, daremos a elas nossa ajuda. Isso é considerado um acordo verbal reconhecido por ambas as partes.

A direção de Felix DiCarlo foi um espetáculo. Como comentou Doc: "Ele é mais dramático que qualquer um dos atores." As moças ficaram tão impressionadas que pediram a ele para dirigir a peça a ser apresentada pela Liga Italiana. No início a maior parte dos rapazes ficou impressionada, mas com o tempo se cansaram do temperamento de DiCarlo. Doc sentiu desde o começo que o diretor era um charlatão.

Doc e Angelo queriam que a peça fosse encenada no Centro Comunitário, como um ato de lealdade a Cornerville. Chick e Tony Cardio queriam um espaço maior e mais profissional, fora de Cornerville, e essa opinião prevaleceu.

Chick conseguiu que algumas das garotas da Liga Italiana servissem de guias no dia da apresentação, encaminhando os espectadores para seus assentos. Só depois lhe ocorreu que deveria ter convidado garotas do Clube Clarion, outra

organização exclusivamente italiana, de modo que seu clube pudesse fazer contato com os dois grupos de moças.

A peça foi considerada um grande sucesso pelos sócios do clube. Chick, que fez o herói, e Tony Cardio, o vilão, estavam particularmente entusiasmados. Doc e Angelo foram os únicos que, privadamente, partilharam comigo suas opiniões contrárias.

Quaisquer que fossem os méritos de *Noite de horror* como drama, a peça abriu os canais de ascensão social para o Clube da Comunidade Italiana. As atrizes que participaram do espetáculo eram moças que trabalhavam, mas, diferentemente da maior parte das moças de Cornerville, trabalhavam em escritórios, e não em fábricas. Eram atraentes, bem-vestidas e tinham uma posição social reconhecida. Houve muitas atividades sociais em torno dos ensaios. Chick e Tony tomaram a si a tarefa de divertir as garotas, mas todos os associados sentiram-se obrigados a proporcionar bons momentos a elas.

A associação com as garotas da Liga Italiana resultou em duas crises relacionadas aos negócios do clube, uma menor e outra grave. Quando estava chegando ao fim a primeira reunião após a produção da peça, Ernest Daddio ficou de pé:

ERNEST: Um minuto. Tenho algo a dizer. ... Na noite da peça, eu estava duro, mas quando estava saindo encontrei cinco garotas do elenco meio perdidas e querendo ir a algum lugar. Então pensei que era minha obrigação com o clube gastar algum dinheiro com elas. Eu disse: "Não tenho nada comigo agora, mas se vierem até minha casa pego algum dinheiro." Então fui de táxi até em casa, peguei algum dinheiro e safmos, e gastei 4,35 com elas.

CHICK: Bom, e daí? O que você quer de nós?

ERNEST: Quero meu dinheiro de volta. ... Eu não agia como eu mesmo, Ernest Daddio, estava agindo como um grupo. ... Estava agindo pelo clube. (Risos.)

CHICK: Quem lhe disse que deveria agir pelo clube?

TONY: Ele tem razão, Chick. Estava cuidando dos interesses do clube.

JOE: Você acha que foi o único que gastou dinheiro com as garotas naquela noite?

CHICK: É isso mesmo. Nós todos gastamos dinheiro com elas, mas não estamos pedindo ao clube que nos reembolse.

TONY: Mas o caso do senhor Daddio é diferente. O clube tem mais responsabilidade aí porque ele estava gastando com integrantes do elenco.

JOE: Quantas eram?

ERNEST: Havia cinco moças do elenco.

CHICK: Duas delas não eram.

ERNEST: E que diabo então eram elas?

PAUL: Parasitas.

A discussão aconteceu no meio de risadas e Daddio foi o único que permaneceu completamente sério. Afinal, Doc disse: "Acho que o rapaz está sendo sincero. Deixem que ele receba seu dinheiro de volta." Propôs que a tesouraria pagasse três dólares (com o que Daddio concordou). A proposta foi aprovada por oito votos contra sete. Então Chick fez uma reprimenda irada aos sócios e a Daddio em particular.

Tom Scala anunciou que o procedimento havia sido inconstitucional. Para liberar recursos, o clube devia ter a autorização do presidente e do comitê executivo. Chick disse que não daria sua autorização. Pediu-se que Daddio devolvesse os três dólares. Ele disse: "Tudo bem, mas preciso deles amanhã. Tenho que pagar uma conta."

Concordou-se que ele poderia ficar devendo ao clube até a próxima reunião. Quando saíram, Daddio comentou com Doc: "Eu tinha que receber o dinheiro."

"Essa foi uma maneira desgraçada de conseguir, hein?", respondeu Doc.

Nunca mais Daddio participou de uma reunião. Depois de faltar a três consecutivas, foi automaticamente expulso. Ele ainda estava com os três dólares, mas todos os esforços do clube para reavê-los provaram-se inúteis.

O caso Daddio custou ao clube um sócio e três dólares. A associação com as moças criou uma perturbação muito mais séria. Após a peça, Chick estava ansioso para continuar os contatos sociais com a Liga Italiana. Quando o Clube da Comunidade Italiana planejou um evento social, ligou para a presidente da Liga e pediu a ela para convidar algumas das moças. Era costume em Cornerville que os rapazes e as garotas fossem dançar separadamente. As garotas da Liga Italiana não estavam acostumadas com esse sistema, e os rapazes formados tendiam a ignorá-lo, especialmente quando saíam com garotas de fora de Cornerville. Os arranjos de Chick eram um meio-termo. Ele pediu que as garotas viessem por conta própria, mas se cinco delas fossem convidadas ele pedia que cinco sócios se encarregassem de diverti-las. As garotas de Cornerville, especificamente as que participavam de reuniões do clube no Centro Comunitário, também foram convidadas, mas Chick estava em especial preocupado com que as garotas da Liga se divertissem. Ele e Tony Cardio haviam se proposto a dançar com cada uma delas. Os outros rapazes formados eram tímidos e se retraíram, exceto quando instigados por Chick e Tony. Paul DiMatia e Phil Principio eram particularmente arredios. Doc dividiu suas atenções entre os dois grupos de moças e era popular em ambos, mas não dançou nem uma vez. Os outros não-formados limitaram suas atenções sobretudo às garotas locais.

A divisão entre rapazes formados e não-formados mostrou-se mais claramente no último encontro social da primeira temporada. Fomos convidados para a

casa de Patsy Donato em Dedfield. Chick Morelli, Tony Cardio, Leo Marto, Phil Principio, Joe Gennusi e Jim Filippo estavam com garotas da Liga Italiana. Doc, Angelo Cucci, Lou Danaro e Fred Mackey estavam com garotas de Cornerville.

Chick tinha se oferecido a todos os rapazes para conseguir encontros com garotas da Liga para esse evento, mas os não-formados declinaram. Fred Mackey me disse que tudo bem se Chick conseguia garotas para os que quisessem, mas se sentiria desleal com as garotas locais se as trocasse pelas da Liga.

Houve uma divisão semelhante entre os dois grupos de moças. Saí com uma garota chamada Mary, que crescera em Cornerville e depois se mudara para Dedfield, mas não era associado da Liga Italiana. Fomos de carro para a casa de Donato, com Joe Gennusi, Tony Cardio, um amigo de Tony e três garotas da Liga. Durante a viagem, as duas garotas que estavam com Tony e o amigo dele falaram sobre projetos de férias e eventos sociais, limitando a conversa a elas e aos dois rapazes. Mary tentou ser sóciável, mas não lhe deram atenção alguma. Mais tarde, ela se regozijou, comentando comigo que as garotas da Liga não tinham boas maneiras e que haviam pronunciado errado algumas palavras. Ela disse que todas as garotas locais que estiveram na festa também não gostavam das meninas da Liga.

Aquelas que haviam se associado à Liga Italiana afastavam-se da sociedade de Cornerville. Alguns pensavam que o clube deveria ir mais rápido nessa direção, enquanto outros achavam que o movimento deveria ser sustado.

Felix DiCarlo estava entre os mais agressivos socialmente. Pouco depois da produção de *Noite de horror*, apresentou seu pedido de admissão. Após a aprovação apressada de uma regra estipulando que nenhum sócio do clube jamais poderia ser autorizado a dirigir uma peça, os rapazes votaram a favor de sua admissão. Quando se discutiu o programa social do clube, DiCarlo sugeriu um jantar dançante. Essa foi a mais dispendiosa proposta de natureza social a ser apresentada ao clube. Até Chick Morelli se opôs, dizendo que os rapazes não teriam condição de participar. A proposta foi retirada, e DiCarlo nunca mais participou de outra reunião.

Embora Chick não pensasse que era possível ir tão longe em tão pouco tempo, concordou com o que DiCarlo almejava para o clube. Doc analisou a atitude de Chick quando lhe pedi para comentar a meta do clube de melhoria da comunidade local:

...! O propósito é melhorar a eles próprios. Não vê como Chick sempre fala de se envolver com uma classe melhor de garotas de fora de Cornerville? É certo que elas podem ser

mais inteligentes e tudo isso, mas por que não ajudar a instruir as ignorantes daqui? ... Uma vez tivemos uma reunião do comitê executivo com Chick, Tony Cardio, Pat Russo, Joe Gennusi e eu. Chick propôs um grande baile para o qual seriam cobrados dois dólares por ingresso, de modo que os rapazes da esquina fossem mantidos fora. Argumentei contra isso durante uma hora. ... Finalmente a proposta foi adiada.

Embora essa não tenha sido implementada, houve outras propostas com o mesmo resultado. Se os sócios quisessem impressionar as garotas da Liga Italiana, não poderiam permitir que rapazes da esquina que não fossem sócios do clube entrassem, partilhassem a comida e a bebida e se misturassem com as garotas. Chick insistia na idéia de que apenas associados do clube e seus convidados tivessem permissão de participar nos eventos sociais. Essa política era aceita pelo clube. Chick não queria antagonizar os rapazes da esquina, mas, dado que seu principal interesse eram as garotas da Liga, perseguia uma política que não poderia ter outro efeito senão esse. Assim, nos primeiros meses de sua existência, o clube havia traçado uma linha de distinção social entre seus próprios integrantes e isolado os rapazes formados do corpo central da sociedade de Cornerville.

4. A OPOSIÇÃO A CHICK

Chick Morelli planejou um ritual de iniciação para todos que não eram sócios fundadores, embora já tivessem se tornado associados ativos do clube imediatamente após a admissão. O caso de Doc trouxe dificuldades especiais. Ele me disse: "Não acha que isso é um bocado de loucura, Bill? Por que eles têm que inventar esse negócio?" Ele tinha um encontro com uma garota na noite da iniciação, mas passou pelo Centro Comunitário às sete e meia para avisar Chick de que tinha uma meia-hora livre, de modo que os rapazes poderiam aproveitar esse tempo para a iniciação se quisessem se apressar. Chick disse que estaria ferrado se fizesse qualquer concessão a Doc.

A iniciação prosseguiu na ausência de Doc. Chick tentou passar para nós sua concepção de como devia ser uma iniciação numa fraternidade de universitários, mas não conseguiu dar alma à sua fala, e quando o ritual terminou tinha uma expressão muito sombria.

Na reunião seguinte, Doc foi mandado para fora da sala enquanto os sócios discutiam o que deveria ser feito para penalizá-lo. A proposta de cobrar uma multa de um dólar foi aprovada com a diferença de um voto. Lou Danaro e Fred Mackey tentaram votar contra a multa, mas Chick estabeleceu que, como não eram sócios do clube na época da iniciação, não tinham direito de voto.

Doc aceitou a decisão sem comentário, até que soube que Lou e Fred não haviam tido permissão para votar. Então disse a Chick que isso era simplesmente um litígio privado entre eles, e que Chick não sairia ileso por ter-lhe aplicado essa multa. Chick respondeu que apenas agia no melhor interesse do clube.

A questão da multa foi reaberta por Doc na reunião seguinte. A discussão revelou que ninguém mais estava a favor dela. Alguém pleiteou que não houvesse multa, mas a proposta foi derrubada pelo voto de desempate de Chick. Ele então sugeriu que houvesse uma iniciação mais estrita em alguma data futura. A idéia foi aprovada por unanimidade. Chick explicou a Doc que era necessário cobrar a multa a fim de manter o prestígio do clube. Chick ficou satisfeito e Doc também. Nunca houve outra iniciação.

Pouco tempo depois de resolvido o problema da iniciação, Chick enfrentou o mais sério desafio a sua liderança. Nem mesmo seus melhores amigos poderiam alegar que ele teve tato. Na verdade, ele nem pretendia ter tato. Uma vez disse-me que essa era uma maneira adequada de lidar com crianças, mas que quando estava com homens maduros dizia exatamente o que pensava deles, e esperava que tomassem aquilo como uma crítica construtiva. Em várias ocasiões, quando terminava a primeira temporada, ele disse aos sócios que estava fazendo todo o trabalho do clube e os acusou de preguiça e falta de espírito de equipe. Nas reuniões, ele estabelecia a lei. Certa vez tentou terminar uma discussão dizendo: "Afinal, sou o presidente, e vale o que eu digo."

Doc e seus rapazes não-formados nunca tinham se importado com a liderança de Chick, cuja posição estaria garantida caso tivesse tido o apoio conjunto dos rapazes formados. Mas ele evitou esse apoio de várias maneiras.

Num jogo de boliche contra outro clube, Chick jogou bem, e Joe Gennusi saiu-se mal. Chick disse que nos próximos jogos alguém deveria tomar o lugar de Joe. Doc protestou. Ele me disse que achava Joe tão bom jogador quanto Chick, e, além disso, ele não tinha autoridade alguma para decidir quem deveria jogar. Chick nunca mais levantou a questão, e então não houve um conflito aberto, embora Joe tenha se sentido muito mal com o incidente.

Várias reuniões após a produção de *Noite de horror*, Chick perguntou a Tony Cardio se havia pagado ao clube o que devia da venda de tíquetes. Tony disse que ia apresentar um relatório a Joe Gennusi, o coordenador do comitê da peça. Chick disse: "Faz tempo que apresentei meu relatório. Por que você tem que ficar protelando isso?" A observação causou um furor na reunião. Tony respondeu com raiva e acrescentou, em tom judicioso: "Acho que o presidente tem-se permitido muitos comentários pessoais ofensivos. Se isso continuar, será a ruína do clube."

"Ah, esqueça isso", disse Chick. Joe Gennusi também criticou Chick. No começo, Tom Scala era um leal colaborador de Chick, mas a amizade entre os dois foi esfriando gradualmente. Tom, que estava se formando em inglês, tinha uma paixão por palavras raras e arcaicas. Começou a escrever as atas de maneira simples, direta, mas em muito pouco tempo as reuniões "sobrevinhañ" ou "tiveram como ponto focal". O secretário viria a produzir sua obra-prima ao descrever a última reunião antes das férias de verão de 1937: "O sol havia cruzado o meridiano oito vezes quando a última assembléia pré-estival oficial do Clube da Comunidade Italiana uniu-se outra vez no Centro Comunitário da Norton Street às 20:30 em ponto."

Antes disso, Chick havia me dito:

Quando um homem usa uma fileira de palavras bombásticas, os companheiros pensam que ele é um gênio. Posso lhe dar o nome de cinco sócios do clube que vêem Tom Scala como gênio apenas porque usa palavras que nunca ouviram antes. Ao encorajá-lo, eles realmente o estragam para nosso clube. ... Não compro essa, Bill, estou lhe dizendo francamente. Não penso que isso seja arte. Acho que é podre. ... A verdadeira arte é simples. Li a *Odisséia* de Homero no original quando estava na St. Patrick e vou lhe dizer, não havia montes de palavras altissonantes ali. Tudo era dito de uma maneira muito simples; profunda e tocante, é claro, mas as palavras eram simples. ...

Chick não hesitava em expressar essa opinião nas reuniões. Tom gostava de entreter os sócios do clube e, ao mesmo tempo, orgulhava-se de seu estilo. Quando Chick tentou desencorajá-lo, Tom insistiu com obstinação e foi naturalmente atraído na direção dos rapazes não-formados, que mais apreciavam seus esforços.

Chick havia se antagonizado com Jerry Merluzzo, Leo Marito e Jim Filippo pela sua maneira de lidar com o caso da iniciação de Jerry. Este havia sido convidado para sócio fundador, mas como estava doente não pôde participar da reunião de organização do clube. Chick propôs que Jerry fosse isentado do pagamento da taxa de iniciação, mas que não deveria ser considerado um sócio fundador, e, portanto, teria que se submeter a uma iniciação. Em diversas reuniões Jerry insistia em sua demanda de ser sócio fundador, com vigoroso apoio de Leo e Jim. Embora a maioria dos integrantes votasse contra ele, Jerry e seus amigos continuaram a protestar. Chick provocou um conflito aberto com Jim ao anunciar que o afastava do comitê jurídico. Jim pediu uma explicação. Chick disse: "Não tenho que lhe dar uma resposta, sabe? Mas como você pediu, vou lhe dizer." As acusações eram de que Jim causava distúrbio nas reuniões e havia destruído a solenidade de iniciação gritando: "Acaba logo com essa ...!" Tom Scala

protestou contra a repetição dessa linguagem na reunião. Jim ficou muito enfurecido e exigiu uma chance de se defender. Numa voz já quase fora de controle, sustentou que não tinha agido de maneira diferente da de muitos outros sócios. Quando Chick tentou discutir com ele, Jim gritou: "Proponho o impeachment do presidente!" Tom Scala o apoiou. Chick estava calmo. Propôs que a questão fosse discutida. Tony Cardio disse que o estatuto não previa o impeachment e sugeriu que se criasse uma cláusula. Chick disse que se deveriam fazer acusações sérias. Jim disse que fazia objeções aos comentários pessoais ofensivos que o presidente havia trazido para a reunião e à sua atitude diante dos sócios. Doc pediu a Jim para retirar sua proposta, de forma que se pudesse aprovar uma emenda constitucional sobre impeachment. Ele se recusou, dizendo que o voto da maioria simples deveria ser suficiente para depor um membro da diretoria. Tom Scala disse que seu apoio à proposta havia sido uma brincadeira que agora gostaria de retirar. Doc propôs que o voto de três quartos dos membros deveria ser suficiente para depor qualquer um. Paul DiMatia contestou, dizendo que isso significava que qualquer um poderia propor um impeachment quando quisesse. Sugeriu que as acusações deveriam ser levadas ao comitê jurídico, que as apresentaria ao clube. Doc aceitou a emenda. Tony Cardio objetou, dizendo que qualquer sócio deveria ser capaz de apresentar uma proposta como essa a qualquer momento. A proposta aprovada foi a submetida por Doc e emendada por Paul.

A idéia de pedir o impeachment de Chick Morelli não era nova. Tony Cardio sondara privadamente alguns dos associados, embora não tivesse planejado ação alguma para aquela reunião. Se Doc estivesse estado inclinado a puxar os votos de seus não-formados a favor do impeachment, a manobra poderia ter sido obtida rapidamente, mas ele assumiu a posição contrária; disse-me que, embora não tivesse nenhum amor por Chick Morelli, não estava disposto a submetê-lo a tal humilhação.

Tony Cardio teve sua chance de se livrar de Chick e a perdeu. Quando a proposta do impeachment foi apresentada, seria necessário que Tony agisse com vigor para forçar uma votação. Em vez disso, estava ocupado com pensamentos legalistas quando a crise estourou. Se estivesse determinado a que tudo fosse feito legalmente, poderia ter encaminhado uma proposta de que o presidente apresentasse sua renúncia. Chick não poderia resistir a uma votação contrária a ele num tema como este. Ao sugerir um complicado processo de emenda ao estatuto, Tony derrotou a si mesmo. Quando Doc e Paul apresentaram a emenda, garantiu-se de novo a posição de Chick. Entre as reuniões, os proponentes

do impeachment tentaram mobilizar apoio. Contudo, sem Doc e os rapazes não-formados, ficaram longe de obter os necessários três quartos de votos.

A punição de Chick durou algum tempo. Em vez de assumir uma posição afirmativa ou arrogante, ele dizia: "Afinal de contas, a decisão depende de vocês, companheiros. O que quer que decidam fazer. ..." No entanto, não levou muito tempo até que ele recuperasse sua velha agressividade.

O clube suspendeu as reuniões durante o verão, de junho a agosto, e deveria reunir-se novamente em setembro. Em vista das tempestuosas sessões que fecharam a primeira temporada, muitos dos sócios ficaram imaginando se haveria uma segunda. Doc contou-me um incidente que houve perto do final do verão:

Nós tínhamos um jogo de morra* com três caras de cada lado. Eu era âncora do meu lado, contra Chick. O jogo era de 12 pontos, e, quando cheguei, o score estava onze a três contra nós. Fiz nove pontos um atrás do outro e ganhei o jogo para nosso time. Chick ficou doente! Me xingava de todos os nomes. Mas eu só fazia rir. Pensei que era uma grande piada. ... Pouco depois, saí e me sentei no degrau de uma porta na Norton Street. Chick chegou e me deu um tapa na cara. Eu disse: "Se fizer isso de novo, você leva." Então ele me estapeou de novo. ... Na primeira vez não liguei muito, mas na segunda vi tudo vermelho. Corri atrás dele até o outro lado da rua. Ele encostou-se à parede. Acertei o ombro dele com um direto. Pode ser que, se ele estivesse no meio da rua, eu o tivesse acertado no queixo, mas, quando se encostou na parede, vi que poderia rachar sua cabeça se batesse direto. ... Ele ficou com uma mancha preto-azulada abaixo do ombro por um longo tempo. Não pôde ir trabalhar durante dois dias porque não conseguia mexer o braço. Fiquei preocupado. Pensei que poderia ficar aleijado. Me senti chateado por ter perdido a paciência, mas ele realmente me tirou do sério... Depois disso, ficou sem falar comigo durante três semanas.

5. A SEGUNDA TEMPORADA

Em setembro, quando o clube voltou a se reunir, o interesse estava em baixa. Apenas Chick Morelli, Pat Russo, Joe Gennusi, Phil Principio, Tom Scala e Lou Danaro participavam das reuniões regularmente. Paul DiMatia tinha um emprego noturno e recebeu uma licença do clube. Tony Cardio perdeu três reuniões sucessivas e recebeu uma licença porque estava "muito ocupado" para ir às reuniões. Angelo Cucci começou a perder reuniões alternadas porque não tinha

* Jogo de morra (pronuncia-se mórra): jogo popular no qual dois jogadores estendem alguns dedos da mão e gritam um número de dois a dez, tentando adivinhar a soma dos dedos mostrados pelos dois jogadores. (N.T.)

condição de pagar as taxas. Os outros associados apresentavam várias desculpas, todas indicando que o clube não era muito importante para eles.

Uma noite, Chick encontrou Doc no Jennings depois de uma reunião que Doc havia perdido.

CHICK: Onde você estava esta noite?

DOC: Eu tinha negócios importantes.

CHICK: Isso é o que você sempre diz. ... É melhor você vir às reuniões do clube, ou será expulso.

DOC: Vou pular duas reuniões e ir à terceira. E vocês não vão poder fazer nada.

CHICK: É o que você pensa.

DOC: Tudo bem. Se não acredita em mim, separa a grana da aposta, e veremos o que acontece. Você não pode me botar pra fora sem mudar o regulamento, e se tentar fazer isso, não vai ter nenhuma justificativa lógica.

CHICK: Você vai ver.

DOC: Quer apostar?

CHICK: Não. ... Mas é melhor você vir às reuniões.

Pouco depois disso, Doc deliberadamente perdeu três reuniões sucessivas e saiu do clube. Lou Danaro e Fred Mackey continuaram como sócios, mas eram críticos. Lou predisse que o clube seria transformado numa organização política quando um dos jovens advogados quisesse se candidatar a um cargo público. Fred disse: "Enquanto o clube tiver um propósito estritamente beneficente, será um bom clube. Não gosto desse negócio mercenário."

Chick empenhou todos os seus esforços para reinjetar vida no clube. Abriu a primeira reunião do outono com esta declaração:

Sei que não sou diplomático o tempo todo. Sei que tenho montes de inimigos no clube. ["São uma legião", falou Paul DiMatia entre dentes.] Estou satisfeito por ter inimigos no clube; isso o torna mais interessante. ... Mesmo os grandes diplomatas têm inimigos. Quem sou eu para não ter? ... Mas uma coisa eu quero dizer a vocês, companheiros: meus interesses sempre visam o bem do Clube da Comunidade Italiana. Não quero que esqueçam isso.

E então propôs que o clube patrocinasse um concurso de oratória para estudantes do curso secundário e oferecesse um prêmio, a ser pago por doações, que seria entregue ao vencedor quando (e apenas quando) fosse para a universidade. "Afinal, companheiros, é parte do propósito de nosso clube fazer algo pela comunidade. E penso que isso seria uma boa coisa, porque estimula a educação, e este é um de nossos propósitos."

Os associados ouviram sem entusiasmo, mas como não tinham nenhuma contraproposta, concordaram. Foram distribuídos três títulos aos oradores, como "temas preferidos": "A ascensão da juventude ítalo-americana", "A contribuição italiana à vida cívica americana" e "Um ítalo-americano famoso".

Chick nomeou Patsy Donato coordenador do comitê do concurso e indicou Joe Gennusi e Phil Principio para trabalhar com Patsy. Pouco tempo depois, Patsy renunciou, com a desculpa de que seus negócios não lhe deixavam tempo suficiente para se dedicar ao comitê, e Joe tomou seu lugar.

Apenas Chick e Joe fizeram alguma coisa para levantar dinheiro e divulgar o concurso, e finalmente Chick teve que anunciar que ele estava cancelado. Iniciou uma diatribe contra os sócios pela falta de ânimo e pela atitude não cooperativa. Paul DiMatia interrompeu para acusar Chick de ser ele o responsável pelo fracasso do concurso, já que tentara ser um ditador, e não um líder.

Essa foi a primeira vez que Paul saiu com um ataque direto ao presidente. Doc me disse que ele e seus amigos tinham "trabalhado" Paul.

Quando estávamos juntos, eu dizia a ele: "Olha isso que Chick fez, isso não está certo." E ele concordava. Então eu diria — ou um dos rapazes diria: "E olha essa outra coisa que Chick fez. Isso não está certo." E Paul concordava. ... Se ele faz todas essas coisas erradas, não pode ser um bom homem para liderar o clube. Depois de algum tempo, Paul teria que admitir aquilo. ... Um homem quer, naturalmente, as coisas que são certas — que ele pensa que são certas. Se você mostra a ele essas coisas que ele tem que achar que são certas — ou erradas —, ele tem que concordar com você. ... Não, eu não queria o impeachment de Chick. Um golpe como esse pode danificar toda a vida de um homem. Simplesmente me enfurecia ver como ele estava jogando os companheiros pra lá e pra cá. Não queria que sásse ileso.

Chick tinha sido particularmente severo com Tom Scala, e Doc e seus rapazes tinham conversado com ele também. Angelo e Doc tornaram-se os melhores amigos de Phil Principio. Desse modo, Paul, Tom e Phil foram persuadidos pela facção dos não-formados. Como Doc estava fora do clube, a oposição era desorganizada, mas evidenciava o crescente descontentamento com a liderança de Chick.

Sempre que Chick parecia estar balançando, vinha com uma idéia nova. Na reunião seguinte ao cancelamento do concurso de oratória, ele começou assim:

Não sei o que está errado com este clube, mas, se for o presidente, terei prazer em renunciar. Estou falando sério, senhores. Tenho pensado muito seriamente sobre o assunto. Eu

renunciarei esta noite à presidência se for isso o que vocês querem. Não sairei do clube, a menos que queiram que faça isso.

Tom Scala pediu a Chick para dizer o que havia de errado em si mesmo. Chick disse: "Não posso responder a isso. Você sabe, a lei da autopreservação. Homem algum se condena." Quando viu que ninguém estava preparado para fazer nada a respeito de sua proposta de renunciar, Chick seguiu com os procedimentos rotineiros da reunião. Ao terminar, ficou de pé, tirou seu casaco e anunciou que ia dizer coisas que surpreenderiam a todos. "Como homens educados, penso que é nossa obrigação ter algum interesse nas questões de Estado. Não que devamos participar da política, mas acho que, como homens educados, devemos discutir as qualificações dos candidatos em nossas reuniões."

Tom Scala objetou, dizendo: "Pensei que nossas discussões seriam puramente intelectuais, e agora você está trazendo a política."

"Bem", contrapôs Chick, "é parte do propósito de nosso clube trabalhar pela melhoria de nossa comunidade. Devemos cuidar para que Cornerville esteja bem representada no governo local e no estadual."

Os sócios que estavam estudando Direito foram unânimes em apoiá-lo.

Chick sugeriu que o clube deveria escrever uma carta aberta aos candidatos, pedindo que tomassem posição a respeito de certas questões. O clube poderia fazer pressão sobre os políticos para conseguir um novo banho público e melhorar os parques da área.

Leo objetou: "Acho que devemos nos manter fora da política, porque cada um no clube tem idéias diferentes a respeito do tema. Cada um tem seu próprio candidato, e se começarmos a discutir política nunca iremos a lugar algum com este clube."

"Não vejo por que não podemos concordar a respeito de alguns dos temas sem endossar candidatos", replicou Joe.

No início, Tom Scala se opôs ao plano, mas foi convencido quando Chick prometeu que não se solicitaria ao clube que endossasse qualquer candidato. Chick acrescentou: "Mas se um político estiver enganando o povo, é nossa obrigação informar às pessoas."

Apenas Leo Marto, Jim Filippo e Art Testa votaram contra Chick. Quando os rapazes se juntaram no Jennings depois da reunião, Leo imprensou Tony:

LEO: Suponha que um amigo seu é candidato, você o esteja apoiando, e ele prometa que vai ajudar você se for eleito. ... Então, eu apareço e demonstro para você que meu amigo é uma pessoa melhor e deve ganhar a eleição. Você mudaria seu voto?

TONY (hesitando): ... Não. ... Claro que não.

LEO: E então?

Na reunião seguinte, era a vez de Vincent Pelosi fazer uma apresentação. Ele planejava concorrer a um cargo no distrito de Westland, onde morava, e devotou seu tempo à defesa das discussões políticas no clube. Depois que terminou, Chick abriu a discussão. Após breve silêncio, ele mesmo tomou a palavra e repetiu os argumentos que havia apresentado na reunião anterior. Uma vez que tinha começado, não permitiu interrupções, e quando terminou já era hora de encerrar. Lou Danaro e Angelo Cucci comentaram comigo que Chick havia condenado seu próprio projeto à morte. Depois disso, não se ouviu mais nada sobre discussões políticas. Dentro de pouco tempo Vincent Pelosi parou de frequentar as reuniões.

Quando se aproximavam as eleições do clube, marcadas para janeiro de 1938, houve uma retomada do interesse. Talvez a possibilidade de eleger outro presidente tenha estimulado os sócios. Em dezembro, Doc retornou ao clube. Como me explicou:

Uma noite eu passeava de carro com Pat Russo, Joe Gennusi e Chick. Pat e Joe continuavam tentando me persuadir a voltar para o clube. Chick também me chamou para voltar. Não sei se ele queria dizer o que disse ou não. Quando os outros camaradas me chamaram, ele teve que fazer o mesmo. ... Tenho certeza de que Fred Mackey e Lou Danaro queriam que eu voltasse. ... Bom, eu decidi que era dar importância demais a Chick ficando fora do clube por causa dele. Decidi voltar.

Doc só foi readmitido depois de votada uma proposta de Leo Marto estipulando que teria que participar de oito reuniões consecutivas, sob pena de expulsão, e que não seria elegível para qualquer cargo antes de expirado o prazo de oito semanas. Isso o impedia de candidatar-se a qualquer posição nas eleições de janeiro.

Já em outubro, as manobras que precediam a eleição tinham sido iniciadas. Doc me disse que Tony Cardio tentava persuadir os associados de que Chick Morelli deveria ser reeleito. Desde a primavera anterior, quando tentara o impeachment de Chick, Tony virara cabeça radicalmente. Não sei o que se passou entre eles. Quaisquer que fossem suas razões, Tony logo entendeu que não havia chance alguma de se reeleger o presidente.

Em dezembro, Doc me disse que Joe Gennusi, que esperava se candidatar a um cargo político no ano seguinte, queria ser presidente do clube e contava com

o apoio de Chick. Lou, Fred, Art, Patsy e Tom haviam contado a Doc que queriam adiar a eleição até que ele se tornasse elegível para algum cargo, mas Doc não concordou que fizessem isso.

Uma semana antes da eleição, alguns dos sócios estavam no Jennings. Chick, Pat Russo e Joe Gennusi sentavam-se a uma mesa, e Doc, Angelo Cucci e Fred Mackey em outra. Como disse Doc:

Pela primeira vez as cliques no clube foram abertamente reconhecidas. Chick me chamou e perguntou: "Quem vocês querem para presidente do clube?"

Eu disse: "Nós não ligamos, mas queremos Art Testa para vice-presidente." ...

Fechamos com um aperto de mãos, e Chick prometeu seu voto. ... Havíamos pensado que Joe Gennusi estaria ocupado com sua campanha no outono e teria que se ausentar muitas vezes, e então teríamos Art na direção com frequência. Talvez eles tenham pensado o mesmo.

Na noite da eleição, todos os sócios estavam presentes, exceto Tom Scala, e havia um novo sócio, Al Marotta, um amigo íntimo de Joe Gennusi. Leo Marto indicou Joe para presidente e imediatamente foi proposto que as indicações fossem encerradas. A facção de Doc não fez qualquer protesto.

Chick pediu indicações para vice-presidente. Pat Russo indicou Tony Cardio. Doc e os outros associados de sua facção ficaram surpresos. Houve uma breve pausa e então Fred Mackey indicou Art Testa. Art disse algo sobre estar muito ocupado, não poder aceitar, mas Fred o convenceu. Os votos foram distribuídos, marcados e recolhidos. O presidente Morelli os contou diante de vários sócios. Chick anunciou um empate de oito a oito. Hesitou. Disse que poderia ser uma boa idéia fazer uma outra rodada de votos. Doc e seus amigos insistiram que era obrigação do presidente dar o voto de desempate. Finalmente, Chick pôs-se de pé. Anunciou que antes exporia as razões de sua decisão. Disse que os rapazes o haviam pressionado, mas que sempre agiria visando o melhor interesse do clube, e não escolheria um homem por qualquer razão pessoal. Daria seu voto ao homem mais bem qualificado para a posição, que mais tivesse feito pelo clube e faria o máximo no futuro — Tony Cardio. Doc e seus amigos ficaram atônitos. Pat Russo foi unanimemente reeleito tesoureiro. Eu fui eleito secretário.

A partir de minhas conversas com vários dos sócios, estou certo de que a seguinte lista dos votos para vice-presidente está correta:

Para Tony Cardio:

Chick Morelli
 Tony Cardio
 Art Testa
 Pat Russo
 Joe Gennusi
 Leo Marto
 Jerry Merluzzo
 Jim Filippo
 Al Marotta

Para Art Testa:

Doc
 Fred Mackey
 Lou Danaro
 Angelo Cucci
 Patsy Donato
 Phil Principio
 Paul DiMatia
 Bill Whyte

Art Testa teve a elegância de votar em seu oponente, criando assim o empate que resultou em sua derrota. Se o nome de Art for posto na outra coluna, a real divisão dentro do clube fica totalmente representada.

Vários meses mais tarde, Chick discutiu comigo sua escolha entre Tony e Art. Ele disse: "Não gosto de Tony. Eu o detesto. Mas não podia deixar que meus sentimentos pessoais influenciassem meu julgamento. Acho que ele é mais bem-educado e mais inteligente, e tem feito muito pelo clube."

Perguntei a Chick se não havia dito que apoiaria Art Testa.

Não, nunca disse isso. Uma vez eu disse que nunca votaria em Tony Cardio para qualquer cargo, mas mudei de opinião durante a reunião. ... Vi que havia um sócio insistindo que Art se candidatasse para derrotar Tony só porque Tony uma vez havia tomado uma namorada desse sócio. Isso não é correto, Bill. É uma outra coisa: o senhor Testa tentou declinar de sua indicação, ele não achava que podia fazer o trabalho. Levei suas palavras em consideração. ... Quando vi que estavam todos tão ansiosos para derrotar Tony, aquilo aticou meu lado que gosta de desafios. Votei em Tony só para que eles não tivessem sucesso em seus planos.

Sim, conheço Tony desde que éramos crianças. ... Ele se provou não-confiável. Queria fazer amizade comigo. Eu disse a ele: "Você terá que vir atrás de mim." ... Mas então eu não queria deixar meus sentimentos pessoais influenciarem quando votei. Estava buscando o melhor para o clube.

Perguntei a Doc por que Chick havia dito que não confiava em Tony. Ele explicou:

Tony foi um dos que se levantaram contra você quando eu estava tentando levá-lo para o clube. Uma noite, Chick e eu o pegamos no Jennings e discutimos com ele durante algumas horas. ... Finalmente, ele disse, "Bom, camaradas, se vocês se sentem assim a respei-

to do assunto, talvez eu esteja errado." E concordou em votar a seu favor. ... Então, na hora da reunião, Tony começou a fazer o relatório do comitê de admissão, e arrasou você. Eu disse que aquilo não estava de acordo com as regras, tudo que ele tinha a fazer era falar aos sócios o que o comitê havia decidido sobre seu caso. Não sei se eu estava certo em termos legais, mas Chick me apoiou e fizemos com que ele se calasse. Ele simplesmente disse que o comitê de admissão estava a seu favor. ... Mas então votou contra você, e aquele voto foi suficiente para mantê-lo fora no início. Mais tarde ele negou que tivesse votado contra, mas estava mentindo. Pensei em tudo, Bill. Eu tinha um dos meus homens sentado ao lado de Tony para ver como ele votava. Quando eu disse isso a ele, respondeu que primeiro escreveu "Não", e depois riscou e escreveu "Sim", mas ele não me enganava. ... Depois daquilo, Chick ficou magoado. Ele disse: "Cardio não manteve sua palavra. Ele não é confiável." ... Relembrei isso a Chick depois da eleição.

Perguntei a Doc se tinha certeza de que Chick havia prometido seu voto para Art Testa. Ele disse:

Chick não manteve sua palavra. Isso é tudo que quero saber. ... Chequei com Angelo Cucci ontem para ver se ele se lembrava do que aconteceu no Jennings. Registrou a mesma história que eu. ... Chick deu sua palavra de que nunca votaria em Tony, isso apenas uma semana antes da eleição.

Como Pat Russo indicou o nome de Tony, Chick tinha de saber que Tony ia ser candidato. Pat era o amigo mais próximo de Chick e sempre o apoiava em tudo que fazia. Parece provável que Chick tenha se comprometido com os dois lados, na expectativa de que não fosse requisitado a levantar a mão. São muito significativas as razões que deu para a decisão que lhe pediam. Primeiro descontou os argumentos que considerava pessoais: que detestava Tony e que Tony não era confiável. Esses argumentos poderiam ser usados de maneira diferente para mostrar que era má política selecionar um vice-presidente que mobilizava o ódio e a desconfiança da metade dos sócios, em vez de preferir um que era mais ou menos popular com todos eles. Como razões impessoais, Chick citou a inteligência superior de Tony e seus serviços passados e presentes ao clube. Art não era sócio há tanto tempo quanto Tony, mas desde o início da segunda temporada até pouco antes da eleição Tony tivera tão pouco interesse pelo clube que nem participava das reuniões. Os amigos de Art tinham grande respeito por sua inteligência e nenhum deles concordaria que Tony fosse superior nesse aspecto. Mas Tony era um homem formado, e Art não. Doc expressou isso para mim da seguinte maneira:

Não se lembra daquele discurso de Chick? Ele pensava que o cargo deveria ir para o homem mais inteligente, para o homem formado. ... Quando dois homens aspiram ao mes-

mo cargo aqui, e um deles é formado e o outro um rapaz da esquina, o homem formado sempre votará no seu igual. ... Se não fizesse isso, poderia pensar que estava admitindo que uma educação superior não lhe havia servido para nada.

6. DESINTEGRAÇÃO

A eleição de Tony Cardio teve repercussões devastadoras sobre o clube. De acordo com a história de Doc:

Depois da fala de Chick, explicando por que havia votado em Tony, Art queria uma desculpa pública. Chick me disse que não via razão para aquilo, já que dissera apenas o que realmente pensava. Agora Art não fala mais com ele.

Peguei Chick depois da reunião e disse tudo que achava dele. Ele só disse: "Eu estava numa posição difícil." E eu respondi: "De agora em diante, nunca mais terá minha confiança. Vamos nos cumprimentar, diremos 'Alô' e 'Até logo', mas nunca seremos amigos." ... O cara deu pra trás em sua palavra, Bill. É só isso que me interessa.

Os amigos de Doc estavam igualmente perturbados. Patsy Donato, que era o amigo mais íntimo de Art Testa, saiu do clube pouco tempo depois da eleição.

Na reunião seguinte, Tony Cardio surpreendeu os associados ao tentar renunciar ao cargo. Quando pressionado para se explicar, disse que Chick dizia a todo mundo, inclusive às garotas da Liga Italiana, que ele havia feito Tony vice-presidente, e Tony se sentira sem qualquer valor. Chick falou que tinha sido uma brincadeira, e pediu desculpas. Tony foi persuadido a retirar seu pedido de renúncia, mas o incidente revelou que os dois estavam novamente em conflito.

Embora o presidente Gennusi fosse um homem formado, sua atitude diante dos rapazes da esquina era bem diferente da de Chick ou Tony. Numa conversa sobre os atritos entre os dois grupos, ele me disse:

Em Cornerville, o homem não-formado tem um complexo de inferioridade. Não recebeu muita educação, e tem aquele sentimento de inferioridade. ... Mas o homem formado sentia o mesmo antes de ir para a universidade. ... Só que, quando está lá, tenta jogar fora aquele sentimento. Tenta se afastar do complexo de inferioridade contando vantagem, impressionando as pessoas com o que aprendeu com sua educação. Naturalmente o não-formado fica ressentido com isso. ... Quer saber por que me dou bem com os dois grupos? Porque, quando estou com um homem não-formado, nunca falo de meus estudos e nem digo que um homem deve ter uma educação universitária para se qualificar para uma certa posição. ... Há alguns caras inteligentes na esquina, e há alguns cabeças-ocas na universidade.

Os primeiros atos oficiais do presidente Gennusi destinavam-se a conciliar a facção de Doc. Havia corrido um rumor de que Chick seria nomeado coordenador do comitê jurídico, em troca do apoio que dera à eleição de Joe para a presidência. Joe nomeou Chick e Tony para o comitê, mas escolheu Doc como coordenador. Nomeou Art Testa para coordenar o comitê de admissão e escolheu Fred Mackey, Tom Scala e Angelo Cucci para dar apoio ao comitê executivo. Doc e seus amigos ficaram muito bem impressionados.

Como *Noite de horror* havia sido o ponto alto da primeira temporada do clube, Joe decidiu que os sócios deveriam se preparar para apresentar outra peça. Indicou Doc, Fred Mackey e Art Testa para escolher um texto e planejar a produção.

Joe consultou cada sócio e descobriu que apenas Doc, Phil Principio, Pat Russo, Fred Mackey e Tony Cardio estavam dispostos a participar, e que Paul DiMatia poderia fazer um pequeno papel. Chick disse que também estava muito ocupado.

Quando estavam discutindo os papéis femininos para a peça, Chick argumentou:

Não deveríamos trazer uma jovem qualquer, simplesmente. Queremos uma que tenha presença — quero dizer, presença de palco. Isso pode não agradar a alguns, mas acho que deveríamos conseguir uma jovem que tenha proeminência social. Isso aumentará o prestígio de nosso clube. Antes, tivemos moças de A e B [mencionando duas áreas de Eastern City]. Agora, vamos invadir X e Y [cidades de classe média vizinhas]. ... O senhor Cardio conhece a senhorita Masucci. Ele poderia conseguir que ela trouxesse duas moças do Clube Clarion.

Já se havia decidido, por iniciativa de Doc, que cada clube de moças que algum sócio conhecesse deveria ser convidado a enviar garotas que estivessem interessadas em fazer os testes. Chick não conseguiu persuadir o clube a mudar o plano. Esta foi, provavelmente, uma das principais razões para Chick, Tony e alguns dos outros formados demonstrarem tão pouco interesse pela peça.

Ao mesmo tempo, as garotas da Liga Italiana começaram a ensaiar uma peça dirigida por Felix DiCarlo. Pediram voluntários do Clube da Comunidade Italiana, mas os homens declinaram, para se concentrar em sua própria peça. Na reunião seguinte, Tony Cardio tentou se retirar do espetáculo do clube.

TONY: Acabei de falar com Felix DiCarlo e ele me disse que tinha um pequeno papel no primeiro ato da peça da Liga Italiana que me caíria muito bem. Pelo menos, foi isso que

Felix pensou. Eles só precisam de um homem. ... Estou trazendo a questão porque o clube decidiu que não devemos participar, e não quero ir contra a decisão do clube.

CHICK: Não há necessidade do senhor Cardio trazer a questão. Isso é um assunto para o livre-arbítrio de um homem. Não podemos ditar a consciência de um homem..

DOC: O clube decidiu que deveríamos ficar fora da peça, e portanto acho que é um gesto delicado da parte do senhor Cardio trazer até nós a matéria. Penso que seria uma boa idéia mandar um homem, e acho que Tony deveria ir.

PAUL: A Liga Italiana nos ajudou muito com nossa peça, e estaríamos fazendo um papel de merdas se não as ajudássemos.

PRESIDENTE GENNUSI: Faço objeção a essa afirmação.

ART: Penso que ficaria bem mandar o senhor Cardio, porque isso não conflitaria com nossa peça.

PHIL: Acho que devemos retribuir de alguma maneira.

CHICK: É provável que tenha sido mal compreendido. Não objeto a que o senhor Cardio aceite o papel. Mas não digam que nós o mandamos. Quero dizer, não podemos ditar à consciência de um homem. Isso depende do senhor Cardio.

PRESIDENTE GENNUSI: Não penso que seja necessário votar. Só queremos saber o que pensam os sócios.

CHICK: Não sou contra a ida do senhor Cardio. Apenas tentava evitar imposições.

TONY: Então está tudo bem. Estou satisfeito por ter esclarecido o assunto, pois tem havido rumores de que, como assisti ao primeiro teste da Liga Italiana, eu iria participar da peça independentemente da decisão do clube.

PRESIDENTE GENNUSI: Não creio que deva mencionar rumores nas reuniões do clube, senhor Cardio.

Como Doc não conseguiu encontrar um diretor, passaram-se várias semanas sem progresso algum. Na reunião do final de fevereiro, Tony Cardio sugeriu que, como poucos sócios estavam interessados, o projeto fosse descartado.

TONY: O que quero saber é se o clube pode agüentar outros déficits. Quantos ingressos para essa peça nós podemos vender?

PRESIDENTE GENNUSI: Você está assumindo a perspectiva errada. Não é quantos podemos vender, é com quantos nós vamos sair e quantos venderemos.

FRED: Acho que cada sócio deveria ser capaz de vender dez bilhetes.

TONY: Teremos sorte se a metade de nossos sócios vender tantos assim.

PRESIDENTE GENNUSI: Você está vendo da perspectiva errada. Na sua opinião, não deveríamos promover qualquer atividade.

TONY: É isso mesmo. Não agora.

PRESIDENTE GENNUSI: O que quero saber é: por que teríamos um pior desempenho este ano que o do ano passado? ... Não gosto da maneira como o senhor Cardio está falando. Ele se opõe a tudo que o clube tenta fazer.

TONY: Isso não é justo. Você sabe que tenho sido sempre um sócio progressista deste clube.

PAUL: É verdade. Tony tem sido progressista, mas, nesse caso, você mostrou onde ele estava errado.

CHICK (ficando de pé): Sempre temos uma grande agitação neste clube antes de cada evento, mas, a menos que marteleemos isso nos sócios e entreguemos dez bilhetes a cada um, não teremos sucesso. Não duvido de que teremos sucesso, mas é assim que encaro a situação. ... Há alguns poucos sócios agressivos neste clube, e, com todo o respeito, sou um deles. Mas você não pode se afastar dos princípios da natureza humana. Se os outros se encostam, os agressivos acabarão não trabalhando também.

A peça foi discutida durante várias das reuniões seguintes, mas apenas Joe Gennusi e a facção de Doc estavam interessados. Em março, quando o comitê ainda não conseguira encontrar um diretor, Doc sugeriu que o projeto fosse abandonado. Ninguém protestou.

Na reunião seguinte, o presidente Gennusi anunciou que as garotas da Liga Italiana haviam enviado convites aos associados do Clube da Comunidade Italiana para um jantar dançante. Os tíquetes custariam 4,50 dólares por casal. Quando o preço foi anunciado, alguns riram e outros balançaram a cabeça.

Como os sócios não tinham condição de promover as atividades recíprocas planejadas no "acordo mútuo verbal", o clube afastou-se da Liga Italiana e de tudo que ela representava.

Chick Morelli não podia continuar inativo enquanto via essa tendência avançar. Estava impaciente nas reuniões, desde a eleição do novo presidente. Uma vez, no meio de uma longa discussão da qual ele não participava, virou-se para mim e disse: "Vou enlouquecer aqui."

Quando a questão da peça foi finalmente resolvida, Chick pôs-se de pé e começou a falar:

Companheiros, vou falar muito a sério. Já faz um ano que nos organizamos, e não temos progredido com muita rapidez. ... Temos estado é ...! Perdoem-me, senhores. ... Quando vou para a faculdade todos os dias, aprendo alguma coisa. Mas aqui é sempre a mesma coisa. Nós queremos avançar. Não queremos ser como o homem comum, o trabalhador de 20 dólares por semana que não tem qualquer ambição. Queremos transformar nosso desejo em força. Precisamos avançar. Então, senhores, estou propondo algo radical, e quero lhes pedir que me permitam cuidar disso.

E propôs uma rifa para financiar elaboradas atividades sociais para garotas e estudantes italianos dos colégios vizinhos.

Se promovermos encontros sociais para essas pessoas, elas se sentirão obrigadas perante nós. ... Não seremos acusados de mesquinaria como antes. ... Não me interpretem mal, senhores, penso que as garotas que disseram aquilo simplesmente mostraram sua ignorância, mas não queremos que aconteça de novo.

Após a reunião, ele me explicou do que estivera falando. No verão anterior, o clube havia dado uma festa para a qual algumas das garotas da Liga Italiana foram convidadas. Algumas delas saíram achando que os rapazes eram sovinas porque o programa tinha sido algo muito simples. "Pode imaginar isso? ... Eu estava só dizendo que deveríamos aproveitar o que elas têm de bom, por razões diplomáticas. Pessoalmente, não acho que aquelas garotas tenham muita inteligência. Não percebem que não temos muito dinheiro."

Quando o novo projeto foi aceito, Pat Russo pediu uma salva de palmas para Chick Morelli, por seu interesse no progresso do clube. Chick foi nomeado coordenador do comitê de rifa e escolheu Doc, Tony Cardio, Fred Mackey e Pat Russo para trabalhar com ele.

Chick e alguns dos sócios trabalharam duro o bastante para fazer da rifa um sucesso, embora a renda tenha ficado aquém da estimativa original. Doc contou-me sua história da rifa:

Fui àquela reunião em que haveria o sorteio. Não queria ir, mas segui todos os movimentos deles por todo o Centro Comunitário só para ter certeza de que o sorteio seria honesto. Chick queria pôr na urna os tiquetes que não haviam sido vendidos, diminuindo as chances das pessoas que tinham comprado nossos tiquetes. Fiquei furioso, e disse: "As pessoas que compraram aqueles tiquetes são suas amigas. Você não pode enganá-las desse jeito." Chick disse: "Ah, caras honestos!"

Eu falei: "É, caras honestos." Realmente me enfureci. Fui tão eloqüente que ninguém ousou me contestar.

Fred Mackey tinha cuidado dos eventos sociais regulares do clube, mas Chick sentia que, como iniciador do projeto da rifa, deveria ter também os eventos sociais em suas mãos. Joe concordou com a substituição. Chick organizou duas festas para as quais foram convidados estudantes universitários italianos e garotas da Liga e do Clube Afrodite. A maior parte dos sócios compareceu aos encontros, mas isso não reativou o interesse pelo clube.

Encorajado por seu sucesso com o projeto da rifa, Chick tornou-se cada vez mais ativo nas reuniões do clube, até que dominou completamente o presidente Gennusi. Numa ocasião, passou um sermão em Joe. Disse que todas as ações

construtivas no Congresso eram iniciadas pelo presidente, e argumentou que Joe deveria atuar mais como um líder. Joe não respondeu.

Quando Paul DiMatia quis propor alguns novos candidatos à admissão, Chick comentou que Art Testa, coordenador do comitê de admissão, não estava presente, e acrescentou que o presidente Gennusi havia tomado uma decisão equivocada ao nomear um homem cuja participação era tão irregular. O presidente respondeu nomeando Chick coordenador do comitê de admissão.

Mas Chick ainda não estava satisfeito. Terminada a reunião, ele me chamou de lado e sugeriu que organizássemos um encontro para fechar nossas posições antes das reuniões. Então, quando ele propusesse algo numa reunião, Tony Cardio, Pat Russo e eu o apoiaríamos, e a medida seria aprovada. Curiosamente, também levou essa idéia a Doc. Quando Doc e eu não quisemos nos comprometer, não ouvimos mais falar sobre o tal encontro preparatório, mas Chick continuou a promover suas idéias tão ativamente como sempre.

Joe Gennusi sabia o que estava acontecendo e ficou preocupado. Como me disse Doc:

Joe é um fraco. Não é líder nenhum. ... Faz poucos dias, ele me procurou e perguntou: "Por que vocês não pedem o impeachment de Chick? Ele está assumindo poderes demais." ... Pode imaginar isso, Bill? Eu disse a ele: "Faça você isso. Ponha o cara pra fora, se quiser." ... Ele quer que nós façamos o trabalho sujo para ele. ... Que tipo de líder é esse? Chick o bajula e se sai do jeito que quer. ... Que tipo de líder é ele, se até mesmo Chick pode manipulá-lo?

Joe Gennusi era muito apreciado pelos rapazes da esquina. Antes parecia que ele seria capaz de juntar os sócios do clube e reparar alguns dos danos causados pela eleição de Tony Cardio, mas fracassou porque não estava acostumado a agir com decisão e liderar um grupo de jovens. Era incapaz de lidar com Chick e Tony Cardio. Quando Chick tinha propostas a fazer, e ele não, Joe ficava em desvantagem. Chick e Tony falavam frivolamente mesmo quando não tinham nada a propor. Houve uma reunião em que Doc deixou que os dois prosseguissem até que todos os sócios ficassem impacientes, e então mostrou que eles simplesmente voltavam a questões que já haviam sido decididas. Aproveitando a iniciativa de Doc, Joe disse que estavam tratando de "tecnicidades". Chick admitiu que sim. "Tudo bem, estou tratando de tecnicidades, mas, se todo mundo está tratando de tecnicidades, também vou fazer o mesmo." Joe encerrou a discussão.

Incidentes semelhantes ocorreram várias vezes. Quando Doc fazia o primeiro movimento contra Chick ou Tony, Joe conseguia segui-lo e manter os dois sob

controle. Era incapaz de tomar a iniciativa por si mesmo, de modo que, quando Doc não estava presente, Chick fazia o que queria.

Grande parte do que estava acontecendo com o clube podia ser explicado em termos de três homens — Chick Morelli, Joe Gennusi e Doc. Os esforços de Joe para contentar a facção de Doc desagradavam a Chick. Quando Doc foi coordenador do comitê de teatro, os rapazes formados podiam ter certeza de que não se faria qualquer concessão especial para ampliar as relações com garotas socialmente superiores. Por outro lado, Joe se aborrecia com Doc e seus amigos por sua própria falta de habilidade de se levantar contra Chick. Doc não tentou assumir a liderança do clube porque compreendeu que havia a intenção de que aquele fosse um clube de homens formados. Chick Morelli era impopular como sempre, mas tinha uma política clara e sempre tomava iniciativas. Quando chegou a primavera, restavam apenas uns poucos no Clube da Comunidade Italiana, mas Chick dominou os remanescentes.

Em meados de abril, Chick Morelli, Joe Gennusi, Phil Principio, Paul DiMatia, Pat Russo e eu éramos os únicos sócios ativos. O Clube da Comunidade Italiana estava morto, mas Chick não admitiria isso. Ele me disse:

Essa é a melhor coisa que poderia acontecer ao clube. Estávamos indo melhor no começo. Estaremos melhor com dez ou doze bons sócios. Trouxemos o tipo errado de associados. ... Você se lembra quando tínhamos palestras em todas as reuniões? Bom, quando chegava a vez de algum dos nossos sócios, eles vinham me pedir para não chamá-los para falar. ... Você sabe que isso é mau, Bill, mas o que eu poderia fazer? Se os expusesse, não iriam acreditar que eu havia feito isso no melhor interesse do clube. Eles tomavam tudo em termos pessoais.

De modo relutante, Joe Gennusi aceitou o diagnóstico de Chick. Um ano mais tarde, ele disse:

Acho que estávamos com o tipo errado de homens. ... No começo lutei contra termos apenas homens formados. Detesto qualquer tipo de discriminação. Mas pode ser que eu estivesse enganado. Acho que o problema com aquele clube foi que tínhamos dois tipos de sócios. Havia um grupo agressivo, sempre querendo fazer coisas, e havia o outro grupo, que estava sempre puxando para trás, e não parecia ter qualquer ambição. ...

Sabe quem era o melhor integrante do clube? Chick Morelli. Era sempre agressivo. É certo que Chick tem uma falha, falta-lhe tato. Ele dirá na cara do outro o que pensa a respeito dele. Tony Cardio também era um bom associado, mesmo que não fosse muito apreciado. ... No outro grupo, havia caras como Lou Danaro, Fred Mackey, Angelo-Cucci e Art Testa. Angelo parece desgostoso com a vida. Parecia que nenhum deles queria que o clube fosse adiante e fizesse coisas. ... Doc era um bom sócio.

Quando o Clube da Comunidade Italiana se desfez, os sócios tiveram que decidir se sua lealdade estava com os rapazes formados ou com os rapazes da esquina. Para homens como Chick Morelli e Tony Cardio, de um lado, e Doc e Angelo Cucci, do outro, não havia qualquer decisão real envolvida nisso. Joe Gennusi identificou-se com os rapazes formados, e Paul DiMatia e Phil Principio foram aceitos pelos rapazes da esquina.

Paul me explicou: "Eu não tinha nada para fazer no verão, e Phil Principio estava desempregado, então a gente andava junto. Por intermédio de Phil, eu estava com Doc, Angelo e o resto dos rapazes." Mais tarde, quando Doc passou-se para Spongi, Paul e Phil permaneceram com os Norton, sob a liderança de Angelo Cucci.

Como Doc e Chick eram dois de seus amigos mais próximos, Lou Danaro teve que tomar uma decisão. Ainda durante o processo de desintegração, ele me disse:

Acho que as duas cliques estão se separando. Presume-se que os camaradas formados sejam mais inteligentes que nós, que são melhores que nós. Então, que façam como quiserem.

Acho que, em vários sentidos, são estúpidos. ... Chick ainda é meu amigo. Sabe, uma vez nós tivemos uma barraca de frutas, eu e ele. Trabalhamos juntos durante dois verões. Sempre defendi Chick. Ele tem uma porção de falhas, mas mesmo assim gosto dele. ... Costumávamos sair juntos muitas vezes, mas agora é diferente. Quando estou na esquina com Doc e Fred Mackey, ele chega e quer ir a algum lugar comigo. Quero que Doc e Mackey também venham junto, mas ele me diz: "Primeiro vamos a esse lugar, e depois voltamos para pegá-los." Então vou, mas não voltamos. Depois de algum tempo, fiquei esperto afinal. Sempre que Chick quer ir a um dancing, Doc quer ir a um show, então prefiro ir ao show com Doc. ... Tive que fazer minha escolha. Agora Chick não me procura mais. Ele só diz "Alô", e isso é tudo. ...

Acho que Chick gostava de sair comigo porque podia me dizer o que fazer. Sempre que entrávamos numa discussão, eu concordava com ele por algum tempo, e então ele começava a fazer citações de livros, e eu já não sabia mais do que ele estava falando. ... Então, o que posso fazer, Bill? Sempre tenho que concordar com ele. ... Esse é o jeito de Chick. Estava sempre tentando me moldar. Com Doc é diferente. Quando discute comigo, quer ter certeza de que entendi todos os pontos. Ele vai devagar para mim. Então, talvez uma semana depois, estamos na biblioteca e ele encontra algo sobre o assunto e mostra para mim: "Está vendo, Lou, lembra-se daquilo que estávamos conversando? Aqui está, em preto-e-branco." ... Chick não faz isso. Ele não quer me explicar as coisas. Só quer se dar bem na discussão.

7. A POLÍTICA REPUBLICANA

Numa das últimas reuniões do Clube da Comunidade Italiana, Joe Gennusi nos disse que John Carrideo, um jovem advogado de Cornerville, estava organizando um Clube Republicano no distrito. O Clube das Mulheres Republicanas de Eastern City havia prometido seu apoio financeiro e convidado os sócios para uma reunião. Joe acrescentou:

É provável que seja eleito um governador republicano este outono, e, neste caso, se os republicanos de Cornerville fizerem bonito, os trabalhadores terão quem cuide deles. ... Afinal, vocês têm que considerar que a maior parte dos juizes italianos neste estado foi nomeada por republicanos. ... Tenho que pensar em minhas próprias aspirações políticas, mas se esse novo grupo for ajudar o distrito, eu me ligarei a ele, em vez de me candidatar neste outono.

Quarenta jovens de Cornerville, com representantes de outros grupos raciais, participaram da "All-American Night" no Clube das Mulheres Republicanas. Joe Gennusi, Paul DiMatia, Chick Morelli e Pat Russo estavam presentes. O programa da noite começou com um jantar servido pelas senhoras do clube. A senhora Dillingham, que havia tido um jardineiro italiano, estava encarregada de entreter os visitantes de Cornerville. Depois do jantar, ela nos mostrou as luxuosas salas do clube. "Vocês podem usar este salão a qualquer hora para suas reuniões. ... Este pode ser seu salão de fumar. ... Façam daqui a sua casa."

Houve música, um discurso do coordenador do comitê estadual e outro do candidato a governador, Percival Wickham. Quando terminou a reunião, Wickham apertou a mão de cada um dos homens de Cornerville.

Os sócios do Clube da Comunidade Italiana aceitaram essa hospitalidade com certas reservas. Durante o jantar, Chick despejou suas impressões em meus ouvidos:

Não gosto disto, Bill. ... Parece que estou sendo comprado. Deixe que me convençam com argumentos, não com comida. Afinal, tenho que pensar em minhas próprias ambições políticas. ... É tudo muito agradável e amigável aqui, mas o que aconteceria se eu fosse à casa de uma dessas senhoras? Vou lhe dizer — ela viria à porta e diria: "Receio que esteja com o endereço errado."

Enquanto a senhora Dillingham nos mostrava o clube, Paul DiMatia apontou um quadro na parede, com um búfalo, e me disse: "Deveriam ter um touro ali."

Quando caminhávamos de volta para casa, pedi a ele para resumir suas impressões. Sorriu e disse: "Foi um tanto condescendente."

Ainda assim a reunião atingiu seu propósito. Quando chegamos a Cornerville, o grupo se reuniu na calçada para decidir o que deveria ser feito em seguida. Tony Cardio juntou-se a nós. John Carrideo convidou Paul DiMatia para ser o coordenador da próxima reunião da unidade local. Paul concordou. Ele me disse:

Não tenho nada a perder.

"Estou convencido", disse Joe Gennusi.

Tony Cardio disse: "No íntimo, sempre fui um republicano."

Chick Morelli declarou que preferia manter seu julgamento para si e Pat Russo o seguiu, como sempre fazia.

O dinheiro republicano correu em Cornerville logo que começou a campanha. Foi aberto um quartel-general local para reuniões do comitê e comícios políticos.

O núcleo do Clube Republicano local era constituído por homens formados. No início, havia alguns rapazes da esquina participando ativamente, mas muitos deles se retiraram mais tarde. Embora sendo formado, Paul DiMatia agora fazia ponto na Norton Street, e ele também se afastou, junto com os outros rapazes da esquina. Disse-me que a nova organização era composta inteiramente de homens que queriam ser líderes. Estavam todos preparados para dar ordens, mas não para executá-las. Em vez de arregaçar as mangas e ir cavar votos no distrito, preferiam ficar no quartel-general, onde podiam discutir o que deveria ser feito. Quando figuras importantes da organização estadual apareciam em Cornerville, os sócios do clube local tentavam diminuir os demais para se destacarem.

No meio da campanha, Tony Cardio venceu o Concurso de Oratória para Jovens Republicanos de Eastern City, com um discurso sobre "A Constituição como guardiã de nossas liberdades". Com base nisso, foi escolhido coordenador do maior comício realizado em Cornerville. Tony ganhou proeminência como orador, mas suas limitações pessoais eram reconhecidas no Clube Republicano e também na esquina. Como me disse Joe Gennusi:

Estávamos fazendo uma reunião do comitê para discutir como conseguir outros homens para certas posições. Durante a reunião, Tony Cardio fez aquele discurso que sempre gosta de fazer. Disse que temos que conseguir um homem com formação universitária. Ele não acha que um homem sem formação universitária seja qualificado. ... Alguns dias depois, eu conversava com um dos rapazes que havia estado na reunião. Nunca tinha en-

contrado Tony antes, mas, com aquele único encontro, já o detestava. Ele disse: "Mas quem ele pensa que é?" ... Agora aquele cara não vai dar mais nenhuma chance a Tony.

Quando tivemos a eleição para os quadros do Clube Republicano, Tony foi indicado para presidente. John Carrideo foi eleito e Tony teve só dois votos, o dele e de outra pessoa. Nem mesmo o cara que fez sua indicação votou nele. Votei em branco, pois pensei: os dois são meus amigos. Sabia que de qualquer modo John iria ganhar. ... Depois da reunião, eu disse a Tony que o voto branco era meu. Ele começou a se enfurecer. Eu disse: "Por que você não recusou a indicação?"

Ele perguntou: "Por que eu deveria?"

Respondi: "Porque você não é muito benquisto." Isso o enfureceu.

Ele disse: "Agora sei quem são meus verdadeiros amigos." E não falou mais comigo depois daquela reunião. ... Deve ser chato para Tony saber que tem todas as qualificações e, ainda assim, não poder ser eleito para nada.

Wickham foi eleito governador naquele outono, mas Murphy arrastou Cornerville para os democratas por quase seis a um. Os republicanos tiveram uma votação um pouco maior em Cornerville do que tinham tido em 1936, mas o ganho não chegou nem perto de ser tão grande quanto se esperava, e não havia como dizer que proporção poderia ser atribuída aos esforços dos homens formados. Alguns dos mais proeminentes gângsteres de Cornerville também trabalhavam para Percival Wickham.

8. A CARREIRA DE CHICK MORELLI

Uma noite, na primavera de 1938, caminhávamos pela área do mercado, e Chick discutia suas ambições políticas. Dizia que já poderia contar com 500 votos caso se candidatasse ao Legislativo municipal, mas queria obter mais apoio antes de entrar nessa disputa. Quando passávamos pelas barracas de frutas, parou para pegar algumas maçãs, disse umas poucas palavras ao vendedor e saiu sem se oferecer para pagar. Enquanto mastigávamos nossas maçãs, ele explicou que todos esses homens alugam suas barracas de seu tio, e que se ele, Chick Morelli, se candidatasse a um cargo, teriam que trabalhar para ele ou perderiam as barracas. E acrescentou, pensativamente:

Se conseguisse um bom emprego, talvez não entrasse na disputa, mas a política parece estar em meu sangue. ...

Pat Russo diz que a caridade é importante. Está certo, mas, afinal, a autopreservação é a primeira lei do homem. ... Se for eleito, tentarei ajudar o distrito, mas primeiro vou me promover.

No outono de 1938, Chick ainda não estava preparado para juntar-se à campanha republicana. Isso teria significado sacrificar suas ambições na política do distrito, pois estas só poderiam ser realizadas pelo Partido Democrata. Chick procurou outra saída para sua atividade política e a encontrou na campanha de Charles Madden, candidato à indicação pelo Partido Democrata para procurador do distrito. Michael Flaherty, então ocupante do cargo, tinha o apoio de todas as organizações políticas locais. Se Madden se mostrasse um forte candidato, organizar sua campanha local poderia dar a uma pessoa de Cornerville que não ocupasse nenhum lugar nas organizações existentes uma oportunidade favorável para lançar sua própria carreira política.

Mas quando Chick decidiu apoiar Madden, um ex-sócio do Clube Dramático Sunset já estava encarregado da organização do candidato em Cornerville. Chick começou a formar uma organização por conta própria e se nomeou coordenador do distrito. Ele pôs garotos pequenos para distribuir folhetos, um grupo de rapazes e moças para cavar votos, e fez diversos discursos políticos.

Charles Madden foi derrotado, mas em Cornerville ele ganhou quase tantos votos quanto seu oponente. Encorajado por essa "vitória moral", Chick formou o Clube Alexander Hamilton, com 15 rapazes e moças que tinham trabalhado para Madden e vários antigos associados do Clube da Comunidade Italiana. Doc, Phil Principio, Paul DiMatia e Angelo Cucci aceitaram o convite de Chick para entrar no novo clube. Doc explicou sua associação da seguinte maneira:

No último verão, quando eu ia concorrer para o Legislativo, Chick me procurou e prometeu seu apoio. ... Eu disse que ele deveria pensar em suas próprias ambições políticas. Não faria nenhum bem a ele me apoiar, pois eu não ia vencer. ... Mas ele disse: "Não, você é meu amigo, e vou apoiá-lo." ... Realmente aquilo significava alguma coisa para ele. Senti-me obrigado com ele, e, quando veio e me chamou para entrar em seu clube, deixei que registrasse meu nome.

Nunca vou às reuniões. Sorte do Chick que eu não vá. Se fosse um sócio ativo do clube, não poderia deixar que ele se safasse com as coisas que faz. Não sei por que eles toleram isso.

Acho que Chick está fazendo a coisa certa para ele, politicamente. Conseguiu levar um bando de caras jovens para aquele clube. Essas são as pessoas com as quais ele tem que contar. Com camaradas da minha idade, ele já se arruinou. Nós o conhecemos bem demais.

Em janeiro de 1939, Chick, Doc, Phil, Angelo e alguns dos outros associados do Clube Hamilton participaram de uma reunião em homenagem a Charles Madden. Foi isso o que Doc teve a dizer sobre o evento:

Anunciaram um baile em honra de Madden e pediram que todos na audiência que pudessem vender ingressos subissem ao palco para pegá-los. ... Chick foi ao palco sete vezes. Alguns outros voltaram mais de uma vez, mas — sete vezes! — isso é demais. ... Chick apenas queria as luzes da ribalta sobre si. Todos os rapazes notaram aquilo.

Mais tarde, Phil me disse:

Saí do clube. ... Você sabe, Chick nos convidou para aquela reunião para Madden. Quando chegamos lá, não nos deu atenção alguma. Estava ocupado demais se enturmando com as pessoas importantes para ter qualquer coisa a ver com os integrantes de seu clube. Isso é mau, Bill.

E esta foi a história de Angelo:

Também estou fora do clube. Depois da última reunião, conversei com Chick no saguão. Acho que ele só pensava em se promover, e eu disse isso bem na cara dele. ... Bom, ele falou que tinha que se cuidar, de modo que, quando conseguisse uma boa posição, pudesse ajudar todos os sócios. ... Isso foi o que disse, mas não acredito nele. Se conseguir um bom emprego, não penso que vá tentar nos ajudar. Eu realmente não acredito.

Quando chegou o verão de 1939, o Clube Alexander Hamilton estava morto. Chick ainda não havia achado a combinação certa. Naquele outono, ele me disse: "Se tiver os camaradas certos comigo, vamos chegar lá." A partir daí, ele começou a ressuscitar o Clube da Comunidade Italiana. Desta vez a associação estava limitada a homens formados. Joe Gennusi e vários outros sócios antigos entraram, mas os associados foram recrutados, na maior parte, entre aqueles que não tinham participado do clube antes.

A principal atração do programa do Clube da Comunidade Italiana para a temporada 1939-40 deveria ser a produção de uma peça escrita por Ed Preziosa, que, como me disseram, era um dos integrantes destacados do clube.

Os ensaios começaram com Chick no papel principal e Ed na direção, porém a peça não se desenrolou muito tranquilamente. Doc me disse que vários sócios do Clube da Comunidade Italiana relataram sérios atritos entre Chick e Ed. "Parece que não se dão. Ed acha que Chick está tentando enrolá-lo. Ed também é um tipo que pensa por conta própria. Se alguém vai ser enrolado ali, é ele quem vai fazer o rolo."

Nas primeiras fases dos ensaios, Chick teve outra idéia. Propôs que o clube patrocinasse uma campanha de arrecadação de fundos para financiar o curso universitário de estudantes italianos necessitados e de mérito. A campanha deve-

ria ser lançada com um banquete no salão de baile de um dos maiores hotéis de Eastern City. Os sócios votaram a favor do projeto, e Chick se ocupou dos arranjos necessários. Ficou tão preocupado com o projeto que decidiu abandonar seu papel na peça.

O conflito entre a campanha e a peça dividiu o clube em duas partes. Os que estavam mais interessados em Ed Preziosa e na peça saíram do Clube da Comunidade Italiana e formaram os Buskin Players. Preencheram o lugar de Chick com um dos associados e trouxeram Doc para substituir um dos seguidores de Chick. Angelo Cucci compôs a música para uma dança que seria usada na peça. Ed tornou-se grande amigo de Doc, e, depois que sua própria peça havia sido produzida, sugeriu que os Buskin Players se juntassem com o Clube Dramático Sunset. Doc não se comprometeu, mas a proposta mostrou o grande fosso existente entre Ed e seus amigos, de um lado, e Chick e seus amigos, de outro.

Chick entregou o primeiro convite para o banquete ao governador Percival Wickham. A secretária do governador disse a Chick que Sua Excelência estava muito interessada no projeto, mas não conseguiria encontrar tempo para comparecer. Sem se deixar desencorajar, Chick consultou Attilio Volpe, um banqueiro de Cornerville que tinha sido ativo na política republicana e conhecia a secretária. Volpe foi lá pessoalmente e conseguiu a promessa da presença do governador. Isso fez do banquete um acontecimento do qual, obviamente, todos os ítalo-americanos proeminentes deveriam participar. Mais de 500 pessoas pagaram dois dólares para lançar a campanha de arrecadação de fundos.

Percival Wickham esteve presente no início e foi chamado para dizer umas poucas palavras. Apertou a mão de algumas pessoas próximas da cabeceira da mesa, deu sua bênção oficial à campanha e pediu licença para se retirar. Depois do governador, houve um extenso programa de falas.

O juiz Genneli, da Suprema Corte, e vários outros integrantes da colônia italiana de Eastern City falaram palavras de elogio à campanha e a seus organizadores, e prometeram apoio. Attilio Volpe falou em nome dos curadores do fundo acadêmico que cuidariam do dinheiro e selecionariam os vencedores. Primeiro, leu a lista com os nomes dos curadores. Eram eles Maynard H. Atwater, coordenador da junta de curadores da Ivy University e membro da junta diretora do Centro Comunitário da Norton Street; a senhora J. Harrison Dunbar, também membro da junta do Centro; Thomas L. Brown, o proeminente procurador que escreveu a carta de recomendação para a admissão de Chick na Escola de Direito da Ivy University; John Ramsay, assistente social que trabalhava com os garotos no Centro Comunitário; e Attilio Volpe.

Na parte final do programa, Alfred Martini, o mestre-de-cerimônias que também havia sido um dos professores de Chick na St. Patrick, chamou Chick Morelli. Claramente, este era o grande momento na vida de Chick, e ele se superou. Falou dos italianos que tinham dado grandes contribuições à civilização, das dificuldades enfrentadas por imigrantes italianos em suas lutas por reconhecimento e propôs mais educação como solução dos problemas de seu povo. Chick recebeu uma ovação da audiência e, no dia seguinte, o comentarista de notícias italiano caracterizou sua fala como "*un'orazione veramente meravigliosa.*"

O Clube da Comunidade Italiana não inaugurou a campanha de arrecadação de fundos imediatamente após o banquete. O verão estava chegando, e os sócios votaram a favor do adiamento até o outono.

Quando veio o outono, a política ocupou o centro da cena. Chick trabalhou duro para a eleição de Willkie para presidente, Wickham para governador, Bingham para procurador-geral e para os outros candidatos republicanos. Cornerville permaneceu esmagadoramente democrata na eleição estadual, mas os republicanos levaram todos os cargos.

No inverno seguinte, Chick reativou a campanha da bolsa. Ampliou o comitê para incluir alguns homens e mulheres proeminentes na sociedade ítalo-americana.

O segundo banquete foi um evento ainda mais impressionante que o primeiro. Desta vez participaram o prefeito e também o governador. Anunciou-se que a campanha havia produzido algo acima de mil dólares. Embora isso estivesse longe da meta de dez mil dólares, esperava-se que a arrecadação continuasse de um ano para outro a fim de aumentar os recursos disponíveis.

No meio da campanha de levantamento de fundos, foi anunciado que o procurador-geral Bingham nomeara Chick Morelli para sua equipe. Era uma posição modesta, mas um começo na política. Chick havia feito um longo caminho desde o tempo em que criara o primeiro Clube da Comunidade Italiana.

Estrutura e mobilidade social

1. A NATUREZA DOS GRUPOS

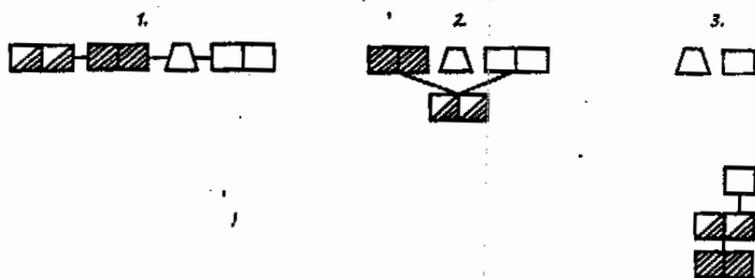
OS NORTON E O Clube da Comunidade Italiana funcionavam em níveis sociais diferentes e estavam organizados sobre bases fundamentalmente distintas. Ao mesmo tempo, eram representativos de uma grande parte da sociedade de Cornerville. A maioria das generalizações que se podem fazer sobre os Norton seria igualmente bem aplicada a um grande número de outras gangues de esquina, embora Doc considerasse seus rapazes "um grupo de gente mais fina". Os formados do Clube da Comunidade não tinham tantas contrapartidas locais, mas ocupavam a posição social antes preenchida pelo Clube Dramático Sunset. Socialmente, a correspondência era próxima o bastante para que alguns dos rapazes da esquina usassem os nomes dos clubes de maneira indiferenciada. Em outras palavras, havia uma mudança contínua dos indivíduos que ocupavam posições sociais particulares, mas as posições propriamente ditas permaneciam constantes. Além disso, quando vistas e comparadas por um longo período de tempo, as pessoas situadas num determinado nível social tinham grandes semelhanças umas com as outras.

Três níveis sociais encontravam-se representados nos Norton e no Clube da Comunidade Italiana no período mais antigo de sua história. Os rapazes da esquina estavam na base; os rapazes formados, no topo; e, entre eles, os intermediários, que podiam participar dos dois grupos. Essas distinções eram informalmente reconhecidas desde os primórdios das duas organizações. Numa noite do outono de 1937, eu estava na Norton Street conversando com Chick Morelli, Phil Principio, Fred Mackey e Lou Danaro quando Frank Bonelli e Nutsy chegaram e postaram-se perto de nós. Eu fiquei de pé entre os dois grupos. Falava com Chick, Phil, Fred e Lou e me virava para falar com Frank e Nutsy.

Não havia uma conversa geral. Então, Lou e Fred avançaram um pouco e se viraram, de modo a ficar diante dos outros e imediatamente à minha frente. Agora eu me via cercado por dois integrantes de cada grupo de cada lado. Nesse momento, o rumo da conversa mudou, de modo que, por exemplo, Nutsy disse algo para Fred, e este continuou a conversa com Chick e Phil; Chick disse algo para Lou, e este continuou a conversa com Nutsy e Frank. Em nenhum momento Chick ou Phil se comunicaram diretamente com Frank ou Nutsy. Pouco depois, Lou fez um convite geral para nos sentarmos em seu carro. Chick, Phil e Fred aceitaram. Nutsy foi até o carro e conversou com Lou por um instante pela janela. Então voltou para o ponto onde eu e Frank estávamos, e saímos andando.

Embora se encontrassem com frequência na Norton Street, Chick e Phil, de um lado, e Nutsy e Frank, de outro, pertenciam a grupos sociais sem qualquer contato íntimo um com o outro. Lou, Fred e eu nos "encaixávamos" nos dois grupos e podíamos, portanto, servir de intermediários. Se estivessem presentes, Doc ou Angelo Cucci teriam assumido nossos papéis. Um ano mais tarde, Phil e Paul DiMatia seriam os intermediários. A situação pode ser representada por um diagrama.

CONVERSA DE ESQUINA



- Rapaz da esquina
- Rapaz formado
- Intermediário
- Observador
- Linhas de interação

As posições dos quadrados indicam as relações espaciais

Os intermediários só funcionavam quando o hiato que separava os dois grupos era pequeno. Quando se ampliava além de certo ponto, já não existia al-

guém capaz de preenchê-lo. Foi o que aconteceu com o Clube da Comunidade Italiana.

A gangue da esquina formou-se na Norton Street. As atividades diárias dos rapazes da esquina determinavam as posições relativas dos integrantes e definiam responsabilidades e obrigações dentro do grupo. Eles julgavam as capacidades de um deles de acordo com a maneira de agir em suas relações pessoais.

A gangue informal não tinha, é claro, estatutos nem regulamento. Quando os rapazes da esquina formam clubes, às vezes têm estatutos, mas não recorrem a procedimentos parlamentares para tomar suas decisões. Estas se configuram por meio da associação informal, e, a menos que o clube inclua mais de um grupo de esquina, suas reuniões simplesmente ratificam o que já havia sido objeto de acordo. Doc comentou:

É melhor não ter um estatuto que obrigue a votar todas essas coisas. Tão logo você comece a decidir questões pelo voto, vai ver que alguns camaradas estão a seu favor, e outros contra; desse modo criam-se facções. É melhor fazer com que todo mundo concorde primeiro, e então você não tem que votar.

Em contraste com a gangue da esquina, o núcleo do Clube da Comunidade Italiana foi formado por uma professora, que ordenou os alunos de acordo com sua avaliação do desempenho acadêmico de cada um. Desde o início os sócios do clube foram encorajados a se considerar indivíduos superiores. A afiliação ao grupo dependia não tanto da ação grupal, mas das realizações intelectuais do indivíduo e de sua habilidade em agradar às autoridades externas. Na universidade, a ênfase estava novamente no desempenho intelectual individual.

Os rapazes formados aprendiam que uma educação universitária era a principal qualificação para a liderança. Conseqüentemente, todos se sentiam qualificados para ocupar posições de chefia.

Fora das reuniões do clube, raramente os sócios estavam juntos, exceto quando em pares. Como não havia qualquer organização informal para manter unidos os rapazes, também não existia entendimento comum sobre questões de autoridade, responsabilidade e obrigação. Aqueles que haviam pertencido à clique do curso secundário reconheciam certas lealdades uns com os outros, mas havia integrantes como Ernest Daddio e Felix DiCarlo, que não partilhavam nem ao menos desses laços tênues.

Chick dependia dos procedimentos parlamentares para organizar tais indivíduos. Quando devia resolver questões controvertidas, ele primeiro discutia, e então convocava uma votação. Quando o voto tendia para a direção que ele

aprovava, ficava satisfeito por ter alcançado seu objetivo. Se os associados "falhassem", repreendia-os pela atitude não-cooperativa.

Os rapazes formados aprenderam na escola e no Centro Comunitário que o procedimento parlamentar fornece o quadro de referência a partir do qual grupos de pessoas devem governar seus comportamentos. Quando aplicado literalmente, esse procedimento formal fornece os meios para destruir um clube. Se as questões importantes acabam decididas pelo processo de discussão e voto, o clube já começou a se desintegrar. As regras parlamentares são úteis para formalizar decisões que já tenham sido tomadas de maneira informal. No entanto, tais acordos só podem ser alcançados se o grupo formalmente organizado também tiver uma organização informal que funcione sem problemas. Em vez de tentar criar os laços pessoais necessários para o funcionamento de uma organização informal efetiva, Chick sempre levantava questões que demandavam a decisão formal do clube. Desse modo, trouxe à superfície e acentuou todas as diferenças latentes que dividiam os associados.

A história do clube demonstrou que seus dois objetivos — a ascensão social dos integrantes e a melhoria das condições em Cornerville — não poderiam ser alcançados pelas mesmas pessoas ao mesmo tempo. Os rapazes formados estavam interessados, acima de tudo, na ascensão social. Os rapazes da esquina preocupavam-se sobretudo com a comunidade local. Em torno dessa questão, o clube se dividiu e foi fechado.

Havia, é claro, um embate de personalidades no Clube da Comunidade Italiana, mas só é possível explicar a história da organização levando-se em conta as personalidades à luz do conflito social. A decisão de Chick Morelli sobre a eleição vice-presidencial de 1938 fornece um bom exemplo desse aspecto. Chick se embatera com Tony Cardio e não fez qualquer esforço para esconder que não gostava dele, não confiava nele. Reconheceu que a metade do clube odiava Tony, mas, ainda assim, de modo bastante significativo, sentiu que essas considerações não deveriam influenciá-lo. Tony era uma pessoa formada. Qualificava-se portanto para o cargo. Quando Tony estava sendo atacado pelos outros, Chick reconheceu sua afinidade com o candidato dos formados e esqueceu seu compromisso com os rapazes da esquina. Embora a principal divisão fosse entre rapazes formados e rapazes da esquina, havia também uma dissensão nas fileiras dos formados. Esta baseava-se principalmente nas diferenças entre eles quanto a seus desejos de participação social e suas capacidades para tanto. Na ocasião em que o Clube da Comunidade Italiana entreteinha as garotas da Liga Italiana, Chick e Tony ficaram muito preocupados com o fato de que Paul, Phil e alguns outros rapazes formados não conseguiam desempenhar papéis ativos. Dois rapa-

zes não poderiam dançar com todas as garotas ao mesmo tempo, e quando algumas delas ficaram abandonadas num canto, Chick e Tony sentiram que isso iria se refletir sobre eles mesmos e sobre o clube. Não poderiam deixar de se indagar se não conseguiriam avançar mais rapidamente como indivíduos se estivessem fora do grupo. Tony respondeu a essa questão por si mesmo quando aceitou o papel na peça da Liga Italiana e saiu do Clube da Comunidade Italiana. Chick preferiu basear suas operações num grupo, mas estava preparado para se livrar dele quando chegasse a ocasião de se promover individualmente. Um clube pode ser usado como veículo para a ascensão social, mas como a mobilidade depende quase inteiramente de atividades individualistas, a organização está destinada a ter uma existência extremamente instável.

2. O PAPEL SOCIAL DO CENTRO COMUNITÁRIO

Para completar o quadro das relações entre rapazes da esquina/rapazes formados, devemos observar o funcionamento do Centro Comunitário. Os assistentes sociais tinham papéis importantes na vida das pessoas dos dois grupos.

Os assistentes sociais cujas ações definiam o papel do Centro Comunitário eram pessoas de classe média de ascendência não-italiana (quase todos ianques). As juntas de diretores do Centro da Norton Street e do Centro de Cornerville eram compostas de pessoas de classe média alta e da classe alta com ascendência racial norte-americana. A junta do Centro da Norton Street representava a elite social de Eastern City. Até o verão de 1940, quando o Centro de Cornerville contratou uma jovem local para ocupar uma posição administrativa, os únicos italianos ligados aos centros comunitários faziam trabalhos subalternos, ensinando em cursos especiais ou trabalhando no escritório ou na zeladoria. Embora alguns dos assistentes sociais profissionais chegassem a ter 20 anos de trabalho no distrito, não havia um sequer que soubesse falar italiano, até que, em 1940, o Centro de Cornerville empregou um não-italiano fluente no idioma. Os que trabalhavam ali não tinham qualquer conhecimento sistemático dos antecedentes sociais daquelas pessoas em seu país de origem. Além disso, pouco se esforçavam para conhecer a organização social local, e só sabiam o que lhes chegava pelos contatos em suas instituições.

A concepção que os assistentes sociais tinham de suas funções era bastante evidente. Pensavam em termos de adaptação numa única direção. Considerando-se as origens da comunidade, embora o Centro Comunitário fosse uma instituição "de fora", ainda assim esperava-se que a comunidade se adaptasse aos

padrões do Centro. Algumas pessoas passaram por essa adaptação; a maior parte não.

Nenhum dos homens da primeira geração de migrantes conheceu-se no Centro Comunitário. Cada centro tinha clubes de mães para as mulheres da primeira geração e para jovens casadas. Essas instituições abrigavam uma amostra representativa da população quanto aos meninos e meninas pequenos, mas à medida que se transitava para faixas de idade mais velhas, a seleção ficava menos diversificada. Inúmeros clubes de meninas mais velhas permaneceram abrigados no interior dos centros, mas eram formados por moças consideradas socialmente superiores ao nível médio de Cornerville. Entre os homens jovens, a situação era mais radical ainda. Apenas um grupo seletivo continuava a participar. Na verdade, houve anos em que nem um único clube de rapazes acima de 18 anos se encontrava acolhido no Centro Comunitário da Norton Street.

Uma noite, eu estava no Centro com Joe Gennusi, Jerry Merluzzo e diversos outros rapazes formados. O senhor Ramsay, coordenador dos trabalhos com os meninos, falava sobre as políticas da instituição. Ele disse:

Há uma coisa sobre este Centro que ninguém pode negar. Sempre fizemos tudo que pudemos para inspirar entre vocês a ambição de abrir seus caminhos na vida. Lembro-me de quando Jerry, este aqui, queria ser médico. Naquela época, parecia impossível para ele, mas eu lhe disse: "Jerry, outros conseguiram; por que você não seria capaz de fazer o mesmo?" E agora Jerry está quase alcançando o que ambicionava. ...

Alguns acham que deveríamos fazer um esforço para trazer para cá os baderneiros que estão nas esquinas. Bom, fico pensando nisso. O que vocês, rapazes, achariam se tivessem de se relacionar com aqueles camaradas?"

Os rapazes formados concordaram que não gostariam daquilo.

Os "baderneiros" aos quais se referia o senhor Ramsay eram os rapazes da esquina. O que quer que se possa dizer a respeito deles, constituíam o povo. Na sua faixa de idade, representavam a esmagadora maioria da população masculina de Cornerville.

A campanha para governador disputada por Wickham e Murphy fornece um exemplo de como os assistentes sociais se colocavam à distância das pessoas de Cornerville. Wickham era rico por herança e de alta posição social. Murphy também era rico, mas havia feito fortuna na política. As pessoas de classe alta viam Wickham como um homem de excelente caráter e olhavam Murphy como um escroque. A maior parte da população de Cornerville encarava Wickham como um amigo dos ricos e privilegiados, e embora não defendessem a honestidade de Murphy, tinham-no como amigo dos trabalhadores.

Uma noite, eu estava na esquina com Nutsy e vários outros rapazes da gangue quando um jovem italiano que ensinava artes no Centro Comunitário da Norton Street aproximou-se de nós em seu caminho para o Centro. Os rapazes notaram que usava um *button* de Wickham na lapela e começaram a discutir com ele. O professor de arte ficou claramente na defensiva, e afirmava apenas que aquele era um país livre, que ele não estava criando problemas para os rapazes da esquina e tinha o direito de votar como quisesse. Ouvindo isso, Nutsy comentou com sarcasmo: "Você é apenas um pau-mandado!" "Claro, sou um pau-mandado", respondeu. "Tenho que ser. Meu pão depende disso."

Certamente o senhor Bacon ficaria chocado se alguém lhe dissesse que dessa forma ele coagia seus empregados. A regra geral para o Centro era manter-se politicamente neutro. Mas de alguma maneira essa campanha era vista como diferente das outras. Era uma luta entre o bem e o mal. Em tal disputa, não poderia haver neutralidade alguma, e os assistentes sociais assumiram o lado certo. Adesivos de Wickham foram pregados nas janelas dos prédios vizinhos, onde viviam alguns dos assistentes sociais, e, pelos corredores do Centro, Wickham era exaltado, e Murphy condenado. Como os que freqüentavam o Centro eram vistos como "um tipo melhor de pessoa", esperava-se que ficassem do lado de Wickham. Essa era a natureza da pressão informalmente exercida, eficaz para conquistar um pequeno número de adultos sobre os quais os assistentes sociais podiam exercer influência direta. Mas de outra forma servia para criar uma separação entre o Centro e os que aceitavam sua liderança, de um lado, e o corpo central da comunidade, de outro.

As clivagens sociais acentuavam-se de uma maneira menos óbvia, mas igualmente importante, por meio dos indivíduos que os assistentes sociais consideravam merecedores de atenção especial e ajuda. A história de Lou Danaro é um exemplo ilustrativo. Como me disse Lou:

O senhor Bacon arrasou comigo, Bill. Ele realmente me arrasou. Eu idolatrava o cara, e então ele me abandonou. ... Um dia, eu estava na igreja rezando por um emprego. Precisava desesperadamente de um emprego. Então, quando saí, o senhor Bacon me parou na rua e perguntou se eu queria trabalhar. ... Ele me levou para trabalhar na sua loja de antiguidades com alguns dos outros rapazes do Centro. Eu ganhava 12 dólares por semana, mas vivia no mesmo quarto que ele. Onde quer que fosse, eu era o seu chofer: Ele me dava ternos. Comprava dois ingressos para os shows e fomos juntos. Ele me dava dinheiro para minhas despesas pessoais, me levava para jogar tênis, golfe e andar a cavalo com ele. ... À noite, eu ficava sentado em seu escritório durante duas ou três horas até que ele estivesse pronto para ir dormir. Eu me sentava e lia. Preferia fazer isso a ficar na esquina com os rapazes. ... Quando ele queria jogar bridge à noite, eu saía e conseguia alguns parcei-

ros. Trazia Ted Costa e Frank Perino, ou algum outro, e jogávamos. ... Quando ele ia a algum lugar à noite, eu o levava e depois podia ficar com o carro e passear com os rapazes até a hora de buscá-lo.

Eu idolatrava o cara, Bill. Tive muitas oportunidades de conseguir empregos melhores, mas não queria deixar o senhor Bacon. Preferia sair com ele a sair com uma garota. Ele sempre dizia coisas para mim, para me educar. ... Tentou fazer uma porção de coisas por mim. Ele me pôs na escola preparatória de ... e me fez entrar na faculdade. Mas nunca tive muita inclinação para os livros, Bill. Acho que não era suficientemente ambicioso. Quer dizer, era ambicioso, mas jamais quis me empenhar muito. ... Ele tentou fazer uma porção de coisas por mim, mas no fim foi sujo comigo. Eu estava saindo com Josie Cutler, uma garota nova que trabalhava na nossa loja de antiguidades. Agradava a moça, não fazia nada errado. Mas alguns dos camaradas devem ter ficado com ciúme e contaram para o senhor Bacon. Ele me disse para deixá-la em paz. Naquela época, aquilo não era nada muito especial, mas depois comecei a vê-la escondido. ... Então, um dia, ele me despediu. Essa era a última coisa que eu podia pensar que ia me acontecer, Bill. ... Não, não acho que foi por causa da garota. Acho que ele pensou que eu estava ficando muito dependente dele, então me chutou. ... Fui direto para casa, empacotei minhas coisas e saí de seu quarto para sempre. Nunca mais voltei lá. Sempre que me vê, pergunta como vão as coisas, e eu conto, mas isso é tudo. ... Ele me arrasou, Bill. Passei todos aqueles anos com ele, na expectativa de que fosse sair algo dali. Acabei gostando de jogar golfe e tênis com ele. No verão, eu andava de carro com ele todas as manhãs. Gostava de estar com ele. ... e então me dispensou. Durante aqueles anos, eu poderia ter aprendido um ofício ou uma profissão, e estaria em situação muito melhor hoje. Sei que estaria melhor. Poderia ter começado alguma coisa. Agora não sei o que vou fazer da minha vida. ...

Os únicos atributos que podem ter qualificado Lou para receber a consideração especial do senhor Bacon eram sua personalidade atraente e sua docilidade. Ele idolatrava o assistente social, e foi premiado por isso.

Se Lou tivesse inteligência para estudar ou alguma habilidade na área do comércio, poderia ter sido capaz de capitalizar a partir do apoio do senhor Bacon para melhorar sua posição social e econômica. Como lhe faltavam tais talentos, não teve alternativa senão retornar aos rapazes da esquina quando o assistente social o dispensou.

O senhor Bacon afastou Lou de seus companheiros da esquina e tornou extremamente difícil para ele reintegrar-se ao grupo. Quando lidam com os rapazes da esquina, é isso, na realidade, o que os assistentes sociais procuram fazer. Doc me disse que muitas vezes os assistentes da Norton Street tinham tentado persuadi-lo a parar de ficar na esquina e a afastar-se de seus velhos amigos. Se seguisse esses conselhos, teria se subordinado aos assistentes sociais e perdido sua posição na comunidade.

A história de Lou Danaro é um caso excepcional, mas há diversos outros que ilustram o mesmo aspecto. A situação era tão generalizada que os rapazes da esquina viam os que eram muito identificados com o Centro como "marionetes" ou "lacaio" dos assistentes sociais.

Mesmo dentro do pequeno grupo de homens formados, a respeito dos quais os assistentes sociais sentiam-se particularmente orgulhosos, havia aqueles cuja lealdade deixava a desejar. Phil Principio uma vez me disse: "Eles acham que somos a escória. ... Mesmo nós, os caras formados. Os assistentes falam conosco com a maior consideração, mas por trás nos vêem como a escória."

Paul DiMatia observou que nunca havia se sentido confortável no Centro Comunitário. Como Phil e Paul acabaram se juntando aos rapazes da esquina, seria natural que partilhassem as atitudes da esquina. Mas uma noite Chick Morelli me confidenciou que não gostava dos assistentes sociais porque achava que eles menosprezavam todos os italianos, fossem rapazes da esquina ou formados. Havia outros que expressavam sentimentos semelhantes a esses. Até os rapazes formados são pessoas de classe baixa enquanto não progredem em suas carreiras, e são para sempre italianos. Os assistentes sociais podem ter acreditado sinceramente que não tinham preconceitos contra os italianos de classe baixa, mas suas ações os traíam.

O relato de Doc sobre a história dos Vagabundos da Esquina no Centro Comunitário da Norton Street mostra que os assistentes sociais eram totalmente incapazes de lidar com os rapazes. A linguagem obscena que os Vagabundos da Esquina usavam contra o senhor Ramsay e a senhorita Baldwin não indicava que fossem incorrigíveis por natureza. Os rapazes nunca usavam essa linguagem quando falavam com pessoas que se encaixavam em sua sociedade e mereciam seu respeito. As obscenidades eram simplesmente uma forma de agressão contra forças estranhas a Cornerville. É significativo que nenhuma gangue de esquina tenha se identificado com o Centro da Norton Street depois que os Vagabundos saíram de lá para criar seu próprio clube.

Além das posições sociais e das atitudes dos assistentes sociais, havia outros aspectos do Centro Comunitário aos quais os rapazes da esquina também faziam objeções. A maior parte dos assistentes sociais era formada por mulheres, e, entre os grupos mais velhos, predominavam as jovens. Isso criava uma atmosfera feminina incompatível com homens acostumados a passar a maior parte do tempo em grupos exclusivamente masculinos. Além disso, pelas limitações de espaço, nenhum clube tinha sua própria sala no Centro para usar todas as noites da semana. Isso era uma desvantagem para os rapazes da esquina, que dependiam de

uma rotina social fixa. O Centro também impunha certas normas de conduta, envolvendo maneiras e decore, bastante estranhas aos rapazes da esquina.

Caso não esteja disposto a lidar com a organização social existente, o assistente social só tem uma alternativa: ocupar-se com os que não se encaixam nela. Atualmente é isso que faz o Centro Comunitário. Aceita aqueles que já estão desajustados segundo os termos da sociedade local; recompensa-os por romperem os laços com Cornerville e os encoraja a melhorar suas posições sociais e econômicas. Em certa medida, essa é uma política consciente. Os assistentes sociais querem lidar com "os melhores elementos".

A principal função do Centro Comunitário é estimular a mobilidade social, acenando com a possibilidade de padrões e recompensas de classe média para pessoas de classe baixa. Como a mobilidade ascendente quase sempre envolve um movimento para fora da área pobre, o Centro Comunitário constantemente lida com pessoas em vias de sair de Cornerville. Isso aliena a lealdade da grande maioria das pessoas que vêem a área como sua residência permanente.

Ao estimular a mobilidade social, o Centro da Norton Street ampliou a brecha entre os Norton e o Clube da Comunidade Italiana, desempenhando assim um papel significativo no aumento dos atritos entre os dois grupos e no fechamento do clube.

3. LEALDADE E MOBILIDADE SOCIAL

Doc e seus rapazes da esquina não têm progredido, e parece haver pouca perspectiva de que venham a fazê-lo. Por outro lado, os rapazes formados avançam. Da última vez que soube deles, antes da entrada dos Estados Unidos na guerra, Leo Marto e Jerry Merluzzo haviam se formado em medicina. Jim Filippo era contador público. Joe Gennusi abriu um escritório de advocacia com um amigo e ia bem. Tom Scala fizera mestrado em literatura inglesa pela Ivy University e era professor universitário. Paul DiMatia e Phil Principio, os dois que haviam sido bem recebidos pela turma da esquina, encontraram dificuldade maior. Paul esteve desempregado por um longo período até que finalmente conseguiu um trabalho como contador numa grande organização industrial, como resultado de seu desempenho num concurso. Em 1937, depois de se formar, Phil não conseguiu nada além de empregos temporários e mal pagos que não utilizavam seu treinamento como engenheiro. Seu primeiro trabalho de engenharia veio com a prosperidade da indústria de armamentos, e Phil estava nele apenas há um mês quando foi convocado.

Aqueles que galgaram maior número de degraus foram os mesmos que tinham sido mais agressivos socialmente. Tony Cardio conseguiu uma posição de executivo na filial de uma das maiores lojas de departamento de Eastern City. Um ano depois de se formar na Escola de Direito da Ivy University — algo que, por si só, traz grande prestígio —, Chick conseguiu se fazer notar pelo mais importante político republicano do estado e garantiu seu primeiro emprego político. Ele segue o caminho de vários outros que começaram suas carreiras em Cornerville e ganharam proeminência na política republicana. Até o momento, o desempenho de Chick indica que — a menos que a guerra interfira — seu progresso está apenas começando. É provável que saia de Cornerville dentro de pouco tempo. Se permanecer solteiro, poderá continuar lá com a mãe enquanto ela viver. Casando-se, certamente se mudará. Chick não gostaria de se casar com uma moça que quisesse viver em Cornerville.

À medida que subir na escala social, Chick Morelli será citado por pessoas da classe alta como um exemplo do que pode conseguir um homem de origem humilde que tenha capacidade. Sua história será contada como prova da vitalidade de nossa sociedade democrática. E, à proporção que ascender, contará às pessoas da classe alta — como contaram outros antes dele — que os rapazes da esquina são preguiçosos e não querem cooperar, que não vale a pena lidar com eles como grupo. As pessoas da classe alta irão acreditar nele porque ouviram a mesma história contada por assistentes sociais e porque, afinal, Chick Morelli aprendeu com sua própria experiência.

Uma das mais valiosas crenças democráticas é a de que nossa sociedade funciona de modo a promover até o topo a inteligência e a habilidade. A dessemelhança em inteligência e habilidade evidentemente não explica as diferentes carreiras de Chick e Doc. Deve haver alguma outra maneira de explicar por que alguns rapazes de Cornerville subiram, enquanto outros permanecem estacionados.

A explicação mais óbvia é que, em Cornerville, uma educação universitária é extremamente importante para o progresso social e econômico. No entanto, este é apenas um pedaço da história. A maior parte dos rapazes formados foi separada de seus companheiros já a partir da nona série. Quando ainda eram crianças, ajustaram-se a um padrão de atividade que conduzia à mobilidade social. A educação universitária era simplesmente uma parte do mesmo padrão.

Pode-se entender melhor o padrão de mobilidade social em Cornerville contrastando-o com o padrão de atividade dos rapazes da esquina. Uma das mais importantes divergências surge nas questões que envolvem o gasto de dinheiro. Os rapazes formados encaixam-se numa economia de poupança e investimento.

Os da esquina, numa economia de consumo. O rapaz que está na universidade tem que economizar seu dinheiro a fim de financiar sua educação e dar início a um negócio ou à sua carreira profissional. Assim, ele cultiva a parcimônia, uma das virtudes da classe média. A fim de participar das atividades de grupo, o rapaz da esquina deve partilhar seu dinheiro com os outros. Se ele tem dinheiro, e seu amigo não, espera-se que gaste por ambos. É possível economizar e continuar a ser um rapaz da esquina, mas não é possível ser parcimonioso e, ainda assim, manter uma alta posição na gangue da esquina. O prestígio e a influência dependem em parte de se ser um gastador. Como regra, o rapaz da esquina não gasta dinheiro com a intenção consciente de ganhar influência sobre seus companheiros. Ele se ajusta ao padrão de seu grupo, e seu comportamento tem o efeito de aumentar sua influência.

Chick e Doc ilustram as duas atitudes conflituosas a respeito de dinheiro. Em sua história de vida, Chick disse que havia sido um gastador, mas aprendera sua lição quando um amigo recusou-se a retribuir da mesma forma. Doc me disse:

Eu tenho dinheiro agora, Bill, mas se todos os que me devem algum pagassem, aí sim, teria um monte de dinheiro. Nunca economizei. Nunca tive conta em banco. ... Se os rapazes vão a um show e esse cara não pode porque está duro, eu me pergunto: "Por que ele deveria ser privado desse luxo?" Então dou o dinheiro a ele. ... E nunca falo sobre o assunto.

Tanto Chick quanto Doc reconhecem que o gastador não recebe um retorno financeiro equivalente, mas tiraram conclusões diferentes a partir dessa observação. Embora Doc às vezes desejasse receber de volta uma parte do dinheiro que havia gastado e emprestado, pensava o gasto em termos de relações pessoais, e não de lucros, perdas e economias.

Chick precisava economizar a fim de progredir. Doc precisava gastar para manter sua posição em Cornerville. Se Doc tivesse 100 ou 200 dólares de economia no verão de 1938, não precisaria se retirar da campanha política; mas, para acumular tais recursos, teria de alienar seus amigos e destruir sua base política.

Chick e Doc também assumiam atitudes conflituosas a respeito da mobilidade social. O primeiro julgava os homens de acordo com a capacidade que tinham de se promover. Doc julgava-os segundo a lealdade para com os amigos e o comportamento nas relações pessoais.

Ao discutir a diferença entre rapazes formados e rapazes da esquina, Doc declarou o seguinte:

Chick diz que a autopreservação é a primeira lei da natureza. Acho que isso é correto até um certo ponto. Você tem que se cuidar primeiro. Mas Chick pisaria no pescoço de seu

melhor amigo se isso lhe rendesse um emprego melhor. ... Numa noite dessas, conversávamos sobre isso na esquina, e eu provocava ele. Fiz com que admitisse que se voltaria contra seu melhor amigo se pudesse lucrar com a história. ... Eu nunca faria isso, Bill. Nunca passaria por cima de Danny, mesmo que fosse para conseguir um emprego de 50 dólares por semana. Nenhum dos meus rapazes faria isso.

Tanto o rapaz formado quanto o rapaz da esquina querem vencer na vida. A diferença é que o rapaz formado não se liga a um grupo de amigos próximos, ou então está disposto a sacrificar sua amizade com aqueles que não avançam tão rapidamente quanto ele. O rapaz da esquina liga-se a seu grupo por uma rede de obrigações recíprocas das quais não quer se afastar, ou não consegue.

Às vezes o líder dos rapazes da esquina reclama e ameaça abandonar seu papel. Uma vez, quando Doc encontrava-se esmagado sob a tensão de sua campanha política, me disse, bastante comovido: "Agora vou atrás da grana. ... Antes era tudo idealismo. Agora, que vá tudo pro inferno! Pro inferno! ... Por que tenho sempre que cuidar dos outros? Ninguém se preocupa comigo."

Apesar disso, continuou a agir em favor das outras pessoas do mesmo jeito que fazia antes. Era impotente para mudar.

É um equívoco contrastar Chick e Doc em termos de egoísmo versus altruísmo, pois isso implicaria que cada um deles era livre para decidir o curso de sua ação. Doc não teria sido ele se tivesse agido apenas no sentido de satisfazer seus interesses materiais; e Chick jamais teria sido Chick caso se preocupasse com os outros antes de cuidar de si mesmo. Padrões consistentes de ação não podem ser alterados por um mero ato da vontade.

Doc percebeu que meios usar de maneira mais eficaz para se promover, e poderia até indicá-los para os outros. Mas ele mesmo não os poderia empregar. Uma vez, me disse:

Acho que meus rapazes me impediram de ir adiante. ... Mas, se tivesse que começar de novo, se Deus me dissesse, "Olha aqui, Doc, você vai começar de novo e pode escolher seus amigos antes", ainda assim eu ia garantir que meus rapazes estivessem entre os escolhidos — mesmo que pudesse pegar Rockefeller e Carnegie. ... Muitas vezes as pessoas no Centro e alguns dos Sunset me disseram: "Por que você anda com esses caras?" Eu respondia: "Por que não? São meus amigos."

Olha, Bill, na noite passada, em casa, meu cunhado estava ouvindo seu programa italiano favorito quando meu sobrinho chegou. O garoto quer ouvir outra coisa, então vai e roda o dial — sem pedir a ninguém. ... Fico numa situação difícil aqui, Bill. Eles querem fazer tudo por aquelas crianças, e, se tento corrigi-las, saltam em cima de mim. ... Mas aquilo foi demais. Tirei o menino dali e passei um sermão nele. Fui mesmo muito eloquente, Bill. Mas, então, no fim, eu disse: "Não mude demais, garoto. Continue a ser do jeito que é, que assim você vai se dar bem no mundo."

Conclusão

1. A GANGUE E O INDIVÍDUO

A ESTRUTURA DA GANGUE de esquina resulta de relações habituais já existentes há muitos anos entre seus integrantes. O núcleo da maior parte das gangues pode remontar à infância dos participantes, quando eles viviam próximos uns dos outros e tiveram suas primeiras oportunidades de estabelecer contatos sociais. O padrão original foi modificado, em alguma medida, durante os anos de escola, mas não conheço qualquer gangue de esquina que tenha surgido da convivência em salas de aula ou de contatos escola-playground. As gangues cresceram na esquina e permaneceram lá, com notável persistência, desde os tempos de garoto, até que os integrantes chegassem aos seus 20 ou 30 anos de idade. Ao longo dos anos, alguns grupos se separaram porque as famílias se mudaram de Cornerville, e os demais se uniram a outras gangues de esquinas vizinhas; mas, com freqüência, mudanças para fora do distrito não afastam o rapaz da esquina de sua turma. Em qualquer noite, em quase qualquer esquina, encontramos rapazes que vieram de outras partes da cidade ou de cidadezinhas vizinhas para se encontrar com velhos amigos. A residência do rapaz da esquina também pode mudar dentro do distrito, mas quase sempre ele mantém lealdade à sua esquina original.

O lugar onde mora o rapaz da esquina desempenha um papel muito pequeno nas suas atividades grupais. Ele raramente fica em casa, exceto para comer, dormir ou se está doente; quando querem encontrá-lo, seus amigos sempre o procuram primeiro na esquina. Até o nome do rapaz da esquina indica a importância prioritária da gangue em suas atividades. É possível andar com um grupo durante meses e nunca descobrir os sobrenomes de grande parte de seus componentes. A maioria é conhecida por apelidos dados pelo grupo. Além disso, é fácil

não perceber a distinção entre casados e solteiros. O homem casado reserva regularmente uma noite da semana para sair com a esposa. Há outras ocasiões nas quais saem juntos para se divertir, e alguns rapazes da esquina dão mais atenção às esposas que outros, mas, casado ou solteiro, o rapaz pode ser encontrado em sua esquina quase todas as noites da semana.

As atividades sociais fora da esquina são organizadas com a mesma regularidade. Muitas gangues de esquina reservam a mesma noite, todas as semanas, para as atividades especiais, como jogar boliche. Com os Norton, esse hábito era tão forte que persistiu para alguns dos integrantes até muito depois que o grupo original se desfez.

Muitos grupos têm um local regular de encontros à noite, além da esquina. Quase toda noite, por volta da mesma hora, a gangue se junta para um café ou para comer em sua lanchonete predileta, ou para tomar cerveja no bar da esquina. Quando alguma outra atividade ocupa a noite, os rapazes se encontram na lanchonete ou no bar antes de voltar para a esquina ou de ir para casa. As posições nas mesas são definidas pelo hábito. Noite após noite, cada grupo se reúne em volta das mesmas mesas. O direito a essas posições é reconhecido por outros grupos de Cornerville. Quando estranhos ocupam os lugares costumeiros, a necessidade de achar outras cadeiras provoca certo aborrecimento, especialmente se não houver qualquer lugar próximo disponível. No entanto, a maior parte dos grupos se reúne depois das nove da noite, quando só estão presentes na lanchonete, em geral, os fregueses habituais; já familiarizados com o procedimento estabelecido.

A vida do rapaz da esquina desenrola-se por meio de canais regulares e estreitamente delimitados. Como me disse Doc:

Os camaradas aqui não sabem o que fazer além de um raio de cerca de 300 metros. É verdade, Bill. Vão de casa para o trabalho, param na esquina, vão pra casa comer, voltam pra esquina, saem para um show e voltam de novo pra esquina. Se não estão na esquina, é provável que os rapazes saibam onde você pode encontrá-los. A maior parte deles se fixa numa única esquina. Só raramente um cara muda de esquina.

A composição estável do grupo e a falta de segurança social de seus membros contribuem para produzir uma taxa muito alta de interação social dentro do grupo. A estrutura grupal é um produto dessas interações.

A partir delas surge um sistema de obrigações mútuas fundamental para a coesão do grupo. A fim de realizar suas atividades como grupo, há muitas ocasiões nas quais os rapazes devem fazer favores uns aos outros. O código do rapaz da es-

quina impõe que ele ajude seus amigos toda vez que possa e se abstenha de fazer qualquer coisa para prejudicá-los. Quando a vida no grupo corre sem problemas, as obrigações que ligam os integrantes não são explicitamente reconhecidas. Uma vez, Doc me pediu que fizesse algo para ele, e eu disse que ele havia feito tanto por mim que eu apreciava a oportunidade de retribuir. Ele objetou: "Não quero que seja assim. Quero que você faça isso por mim porque é meu amigo. É só isso."

Apenas quando a relação se desfaz as obrigações subjacentes são trazidas à luz. Enquanto Alec e Frank eram amigos, nunca ouvi nenhum deles discutir os serviços que prestavam um ao outro, porém, quando se desentenderam por causa das atividades do grupo com o Clube Afrodite, os dois reclamaram com Doc. Cada um dizia que o outro não estava agindo como deveria, tendo em vista os favores que recebera. Em outras palavras, as ações realizadas explicitamente em nome da amizade revelavam-se parte de um sistema de obrigações mútuas.

Nem todos os rapazes da esquina cumprem igualmente bem suas obrigações, e esse fator explica de modo parcial as diferenças de status entre eles. O homem com um status baixo pode violar as obrigações sem que sua situação se altere muito. Os companheiros sabem que já deixou de cumprir certas obrigações, e seu status reflete o comportamento passado. Por outro lado, todos os integrantes dependem do líder e esperam que ele cumpra suas obrigações pessoais. O líder não pode deixar de fazê-lo sem causar transtorno e sem colocar sua posição em risco.

A relação entre o status e o sistema de obrigações mútuas é mais claramente revelada quando se tem em mente o uso do dinheiro. Durante o tempo em que observei uma gangue de esquina chamada "os Miller", Sam Franco, seu líder, estava sem trabalho, exceto por algum emprego temporário; ainda assim, toda vez que ele tinha algum dinheiro, gastava-o com Joe e Chichi, seus melhores amigos e de status próximo ao seu na estrutura do grupo. Quando Joe ou Chichi tinham dinheiro, o que era menos freqüente, eles retribuía. Sam usualmente pagava para dois integrantes de status mais baixo em seu grupo e às vezes para outros rapazes. Considerava-se que os dois homens que ocupavam as posições imediatamente abaixo das de Joe e Chichi desfrutavam de boas condições financeiras segundo os padrões de Cornerville. Sam disse que às vezes pegava dinheiro emprestado com eles, mas nunca além de 50 centavos de cada vez. Tais empréstimos eram pagos o mais cedo possível. Havia quatro outros integrantes com posições mais baixas no grupo, que quase sempre tinham mais dinheiro que Sam. Ele não se lembrava de jamais ter pedido um empréstimo a esses rapazes. Disse que a única vez em que conseguiu uma soma substancial de alguém próxi-

mo de sua esquina foi quando pegou emprestados 11 dólares de um amigo que era o líder da gangue de outra esquina.

A situação era a mesma entre os Norton. Doc não hesitava em aceitar dinheiro de Danny, mas evitava receber qualquer coisa de seus seguidores.

O líder gasta muito mais dinheiro com os seguidores do que estes com ele. Quanto mais baixo na estrutura, mais ténues são as relações financeiras que podem obrigar o líder perante um seguidor. Isso não significa que o líder tenha mais dinheiro que outros, ou mesmo que necessariamente gaste muito — embora deva ser sempre um mão aberta. Representa que as relações financeiras devem ser explicadas em termos sociais. Inconscientemente — e, em alguns casos, conscientemente — o líder se abstém de criar obrigações para si perante os que têm um status baixo no grupo.

O líder é o ponto focal da organização de seu grupo. Em sua ausência, os membros da gangue ficam divididos em várias pequenas cliques. Não há atividades comuns nem conversas gerais. Quando o líder aparece, a situação muda notavelmente. As pequenas unidades formam um grupo maior. A conversa se generaliza e muitas vezes surge uma ação grupal. O líder se torna o ponto central na discussão. Um seguidor começa a dizer algo, faz uma pausa quando nota que o líder não está ouvindo e recomeça quando tem sua atenção. Quando o líder deixa o grupo, a unidade é substituída pelas divisões que existiam antes de sua chegada.

Os integrantes não sentem que a gangue esteja realmente reunida até que chegue o líder. Reconhecem a obrigação de esperar por ele antes de começar qualquer atividade de grupo, e, quando está presente, esperam que tome as decisões por eles. Uma noite, quando os Norton iam jogar boliche, Long John não tinha dinheiro algum para fazer sua aposta e concordou que Chick Morelli jogasse em seu lugar. Depois da partida, Danny disse a Doc: "Você nunca deveria ter posto Chick ali."

Doc respondeu um tanto aborrecido: "Escuta, Danny, foi você mesmo quem sugeriu que Chick jogasse no lugar de Long John." Danny respondeu: "Eu sei, mas você não devia ter deixado."

O líder é o homem que age quando a situação exige ação. Ele tem mais recursos que seus seguidores. Os acontecimentos passados mostraram que suas idéias eram corretas. Nesse sentido, "corretas" significa simplesmente que foram satisfatórias para os integrantes. O líder faz os julgamentos mais independentes. Enquanto seus seguidores estão indecisos a respeito do que fazer ou quanto ao caráter de um recém-chegado, o líder já formou sua opinião.

Quando dá a palavra a um de seus rapazes, o líder a mantém. Os seguidores procuram-no para conselho e encorajamento, e confidenciam com ele mais que com qualquer outro homem. Conseqüentemente, ele sabe mais que ninguém sobre o que acontece no grupo. Toda vez que há um desentendimento entre os rapazes, ele sabe quase na mesma hora. Cada lado do conflito pode apelar a ele para que ache uma solução; mesmo quando os homens não querem conciliar suas diferenças, cada qual leva sua versão da história ao líder na primeira oportunidade. A posição de um homem depende, em parte, de o líder acreditar que ele age corretamente.

O líder é respeitado por sua isenção. Embora possa haver ressentimentos entre alguns dos seguidores, o líder não pode guardar rancor contra nenhum homem do grupo. Ele tem amigos íntimos (homens com posições próximas às suas), e alguns integrantes lhe são indiferentes; contudo, para manter sua reputação de imparcialidade, não pode permitir que sentimentos pessoais se sobreponham a seu julgamento.

O líder não precisa ser o melhor jogador de beisebol ou boliche, nem o melhor lutador, mas deve ter alguma habilidade em todas as áreas de interesse especial para o grupo. É natural que promova atividades nas quais se destaque e desencoraje aquelas em que não tenha talento; e, à medida que seja capaz de assim influenciar o grupo, seu desempenho competente é uma conseqüência natural de sua posição. Ao mesmo tempo, seu desempenho sustenta sua posição.

O líder é mais conhecido e mais respeitado fora de seu grupo do que qualquer um de seus seguidores. Sua capacidade de gerar atividades sociais é maior. Uma de suas funções mais importantes é estabelecer o relacionamento entre seu grupo e outros grupamentos da área. Seja a relação de conflito, competição ou cooperação, sempre se espera que represente os interesses de seus companheiros. O político e o gangster devem tratar com o líder para ganhar o apoio de seus seguidores. A reputação do líder fora do grupo tende a reforçar sua posição dentro dele, e sua posição no grupo sustenta sua reputação entre os de fora.

O líder não trata seus seguidores como um grupo indiferenciado. Doc explicou:

Em qualquer esquina, você encontra não apenas um líder, mas, provavelmente, um ou dois tenentes. Eles poderiam ser líderes, mas deixam que o outro os lidere. Você pode dizer: "Deixam que os lidere porque gostam do jeito como faz as coisas." Certo, mas ele se apóia neles para exercer sua autoridade. Muitas vezes, você vê camaradas numa esquina que ficam nos bastidores até que surja alguma situação, então assumem e dão os comandos. Às vezes coisas assim podem acontecer de uma hora para outra.

O líder mobiliza o grupo tratando, em primeiro lugar, com seus tenentes. Os Miller costumavam jogar boliche todo sábado à noite. Num sábado, Sam estava sem dinheiro, e então tratou de persuadir os rapazes a fazer outra coisa. Mais tarde, ele me explicou como conseguira mudar a rotina social do grupo:

Tinha que mostrar aos rapazes que seria do interesse deles vir comigo — que cada um deles se beneficiaria. Mas sabia que só tinha que convencer dois camaradas. Se eles começam a fazer alguma coisa, os outros dirão a si mesmos: “Se Joe faz — ou se Chichi faz —, deve ser uma boa para nós também.” Eu disse a Joe e Chichi qual era a idéia e consegui que viessem comigo. Não dei atenção alguma aos outros. Quando Joe e Chichi vieram, todos os outros se juntaram a nós.

Outro exemplo dos Miller indica o que acontece quando o líder e seu tenente discordam a respeito da política do grupo. É Sam quem fala de novo:

Uma vez, fizemos uma rifa para levantar recursos e construir um campo no Lake Blank [numa propriedade emprestada por um negociante local]. Tínhamos arrecadado 54 dólares, e Joe e eu guardávamos o dinheiro. Naquela semana, soube que Joe estava jogando sinuca e já havia perdido três ou quatro dólares em apostas. Quando chegou o sábado, eu digo pros rapazes: “Vamos lá, vamos até Lake Blank construir aquele campo na colina.”

Na mesma hora, Joe disse: “Se vocês vão fazer o campo na colina, eu não vou. Quero fazer do outro lado.”

O tempo todo, eu sabia que ele tinha perdido o dinheiro e estava só inventando desculpa pra que ninguém soubesse. Mas a colina era realmente o melhor lugar para fazer o campo. O terreno era pantanoso do outro lado, teria sido uma escolha estúpida. Mas eu sabia que, se tentasse forçá-los agora, o grupo se dividiria em duas cliques, alguns ficariam comigo e outros com Joe. Então deixei a coisa esfriar por uns tempos. Mais tarde, quando Joe estava sozinho, eu digo pra ele: “Joe, sei que você perdeu uma parte daquele dinheiro, mas não tem problema. Pode pagar quando tiver, e ninguém vai dizer nada. Mas, Joe, você sabe que a gente não deve fazer o campo do outro lado da colina porque o terreno não é bom lá. Temos de fazer na colina mesmo.” Então ele disse: “Tudo bem.” Juntamos os rapazes e fomos construir o campo.

Nem sempre os desacordos são resolvidos tão amigavelmente. Uma vez, perguntei a Doc e Sam quem era o líder de uma gangue de esquina que ambos conheciam. Sam comentou: “Doc disse que era Carmen. Ele pegou o homem errado. Eu disse por que ele estava errado — Dominic era o líder. Mas, naquela mesma noite, quase saiu uma luta entre os dois, Dominic e Carmen. E agora o grupo se dividiu em duas gangues.”

Doc disse: "Às vezes você não consegue identificar só um líder. A liderança pode estar duvidosa. Talvez haja alguns rapazes disputando a honra. Mas você pode descobrir isso."

A liderança é alterada não por meio de uma rebelião dos homens na base, mas por uma alteração nas relações entre os homens no topo da estrutura. Quando uma gangue se divide em duas partes, a explicação está num conflito entre o líder e um de seus antigos tenentes.

Esta discussão não deve dar a impressão de que o líder é o único homem que propõe um curso de ação. Outros homens freqüentemente têm idéias, mas, para atingirem um resultado, suas sugestões devem passar pelos canais apropriados.

Numa reunião do Clube Social e Atlético Cornerville, Dodo, que estava no nível mais baixo, propôs que o autorizassem a cuidar da venda de cerveja no clube, recebendo 75% dos lucros. Tony apoiou a sugestão, mas propôs uma percentagem menor. Dodo concordou. Então Carlo propôs que Dodo cuidasse da cerveja de uma maneira bem diferente, e Tony concordou. Tony formalizou a proposta, aprovada por unanimidade. Nesse caso, a proposta de Dodo passou, mas após modificações substanciais resultantes das ações de Tony e Carlo.

Numa outra reunião, Dodo disse que tinha duas propostas: que os recursos do clube fossem depositados num banco e que nenhum sócio pudesse ter dois mandatos consecutivos. Tony não estava presente na ocasião. Dom, o presidente, disse que só se podia fazer uma proposta de cada vez, e que, além disso, Dodo não deveria formular sugestão alguma antes que a idéia tivesse sido discutida. Dodo concordou. Dom então comentou que seria loucura depositar os recursos quando o clube dispunha de tão pouco. Carlo concordou. A reunião seguiu com outras questões, sem se tomar qualquer providência com relação à primeira proposta, e nem ao menos uma palavra de discussão sobre a segunda. Na mesma reunião, Chris, que tinha uma posição mediana, propôs que só depois de um ano no clube um sócio tivesse permissão para ocupar um cargo. Carlo disse que era uma boa idéia, apoiou a proposta, que foi aprovada por todos.

Em termos de origem, as ações de um líder podem ser caracterizadas como eventos-par e eventos-grupo. Um evento-par acontece entre duas pessoas. Num evento-grupo, um homem origina a ação para outros dois ou mais. O líder freqüentemente origina ações para o grupo, sem esperar pelas sugestões de seus seguidores. Um seguidor pode originar ações para o líder num evento-par, mas não origina ação para o líder e outros seguidores ao mesmo tempo — isto é, não origina ação num evento-grupo que inclua o líder. É claro que, quando o líder não está presente, partes do grupo são mobilizadas quando homens em posições inferiores na estrutura originam ações em eventos-grupo. A observação desses even-

tos-grupo, quando os homens do topo não estão presentes, permite determinar as posições relativas dos que não são líderes nem tenentes.

Cada membro da gangue da esquina tem sua própria posição na estrutura do grupo. Embora as posições possam permanecer as mesmas durante muito tempo, não devem ser vistas em termos estáticos. Ter uma posição significa que o indivíduo possui uma forma costumeira de interagir com outros membros do grupo. Quando muda o padrão de interações, as posições mudam, como são interdependentes, uma não pode mudar sem causar alguns ajustes na outra. Como o grupo é organizado em torno dos homens nas posições superiores, alguns dos que ocupam as inferiores podem mudar ou sair sem perturbar o equilíbrio do grupo. Por exemplo, quando Lou Danaro e Fred Mackey deixaram de participar das atividades dos Norton, estes continuaram a se organizar basicamente da mesma forma que antes. Já quando Doc e Danny saíram, os Norton se desintegraram, e os padrões de interação tiveram de ser reorganizados segundo novos critérios.

Pode-se generalizar a respeito desses processos em termos de equilíbrio grupal. O grupo estará em equilíbrio quando as interações entre seus membros seguirem o padrão costumeiro (passado e atual) de organizar as atividades. O padrão de interações pode sofrer certas modificações sem alterar o equilíbrio do grupo, mas mudanças abruptas e drásticas destroem o equilíbrio.

As ações dos integrantes individuais também podem ser concebidas em termos de equilíbrio. Cada pessoa tem suas formas características de interagir com outras. Provavelmente isso é definido, dentro de limites amplos, por seus dotes inatos, mas estes se desenvolvem e tomam formas particulares por meio das experiências do indivíduo em suas interações com os outros ao longo de sua vida. A vida norte-americana no século XX demanda alto grau de flexibilidade de ação por parte do indivíduo, e a pessoa normal aprende a se ajustar, dentro de certos limites, a mudanças na frequência e no tipo de suas interações com outras pessoas. Essa flexibilidade só pode se desenvolver por experiências com uma ampla gama de situações que exijam ajustes a diferentes padrões de interação. Quanto mais limitada a experiência do indivíduo, mais rígida sua maneira de interagir, e mais difícil seu ajuste quando as mudanças lhe são impostas.

Essa conclusão tem implicações importantes para o entendimento dos problemas do rapaz da esquina. Como vimos, as atividades da gangue seguem, dia após dia, um padrão notavelmente fixo. Os integrantes se encontram todos os dias e interagem numa frequência muito alta. Esteja um deles no topo e origine ações para o grupo em eventos-grupo; esteja no meio e siga o que foi originado pelo líder, originando para os que estão abaixo; ou esteja na base do grupo e seja

posic
no grupo
(rel. e
EAs)

equilíbrio
grupal

ação: for-
mo de
interagir e
outros

rel. ação
rap, etc.

sempre um seguidor em eventos-grupo, a forma de interação do participante individual permanece estável e fixa por extensos períodos, durante as contínuas atividades do grupo. Seu bem-estar mental requer a continuidade de sua forma de interagir. Ele precisa de canais costumeiros para suas atividades, e, quando estes faltam, fica perturbado. Doc me contou a seguinte história:

Uma noite, Angelo e Phil foram ver um filme no Tivoli. Não tinham dinheiro suficiente para Frank e deixaram ele pra trás. Você devia ver como ele ficou. É uma coisa terrível ser deixado pra trás pelos rapazes. Parecia que Frank estava numa jaula. Sentei perto dele no playground. Danny comandava o jogo de dados ali. Frank me perguntou: "Você acha que Danny teria 25 centavos pra mim?"

Eu disse: "Não sei, peça a ele, se quiser."

Mas Frank não queria pedir. Então perguntou: "Acha que Long John tem?"

"Não. Sei que Long John está duro." Frank não sabia o que fazer. Se tivesse coragem de pedir os 25 centavos a Danny, na mesma hora poderia correr atrás dos outros e pegá-los antes de chegarem ao cinema. Eu sabia que ele teria corrido se tivesse o dinheiro. Mas esperou demais, e não conseguiria mais alcançá-los. Eram nove e meia quando o jogo de dados fechou. Frank entrou no playground comigo. Queria que eu pedisse alguma coisa a Danny, mas eu disse pra ele mesmo pedir. Ele não queria. Falou que achava que ia pra casa, e foi saindo, mas então voltou. Perguntou quando iríamos para o Jennings. Eu disse que às dez. Sempre vamos às dez, agora. Ele disse que era tempo demais para esperar, e então foi embora. Danny, Long John e eu fomos para o Jennings. Estávamos lá há uns 15 minutos quando chega Frank, ele se senta numa mesa perto de nós e começa a ler o jornal. Danny pergunta: "Qual o problema, Frank, não vai um café?"

Frank diz: "Tudo bem, não estou com vontade."

Danny diz: "Vai lá, pega seu café." Então Frank pegou o café. Estávamos prontos para ir embora antes que Angelo e Phil chegassem. Eu via que Frank não queria sair, mas tinha que ir, pois se espera que você saia com o homem que pagou a sua conta. Foi para casa conosco, mas imagino que tenha voltado ao Jennings para encontrar Angelo e Phil.

Frank tinha uma grande admiração por Danny e Doc, e, em tempos passados, ficaria totalmente feliz na companhia dos dois. Porém, como Angelo havia se tornado o líder do grupo, raramente interagia com eles agora, porque interagia regular e assiduamente com Angelo e com Phil. Quando foi privado de suas companhias, a perturbação resultante era visível.

Um homem numa posição baixa no grupo tem menos flexibilidade para se ajustar que o líder, acostumado a tratar com outras pessoas fora de seu agrupamento. Isso pode explicar por que Frank ficou tão alterado por eventos que duraram apenas algumas horas. No entanto, qualquer que seja a posição do rapaz da esquina, ele sofre quando sua maneira de interagir deve passar por mudanças

drásticas. Isso é claramente ilustrado no caso dos pesadelos de Long John e das crises de ansiedade de Doc.

Long John tivera esse problema em algumas ocasiões anteriores, mas o medo de morrer passou, e ele conseguia dormir sem dificuldades. Não fora incômodo por um longo tempo, até que teve seu último ataque. Não sei as circunstâncias que envolviam as primeiras crises, mas, nessa oportunidade, a situação social de Long John parecia claramente explicar sua dificuldade. Ele se acostumara a um nível muito alto de interação com Doc e Danny. Embora não tivesse grande influência entre os seguidores nos Norton, eles originavam ação para ele em eventos-grupo, e ele às vezes fazia o mesmo para os outros. Quando os Norton se desfizeram, e Doc e Danny foram para o círculo interno de Spongi, Long John ficou desgarrado. Já não podia interagir com os dois tão freqüentemente. Quando voltou a Norton Street, encontrou os seguidores construindo sua própria organização sob a liderança de Angelo. Se quisesse participar de suas atividades, teria que se tornar um seguidor em eventos-grupo originados por Angelo. Os integrantes que estavam abaixo dele nos Norton agora constantemente tentavam originar ação para ele. Quando sua relação com Doc e Danny se desfez, ficou sem qualquer defesa contra essas agressões.

Doc forneceu um meio de cura mudando a situação social de Long John. Ao levá-lo para o círculo interno de Spongi, restabeleceu a relação íntima entre Long John, Danny e ele próprio. Ao fazer isso, protegeu Long John das agressões dos antigos seguidores. Quando voltou a interagir com Doc e Danny com grande freqüência, suas dificuldades mentais desapareceram, e Long John começou a atuar com a mesma segurança que antes caracterizava seu comportamento.

As crises de ansiedade de Doc começaram quando estava desempregado e não tinha dinheiro para gastar. Ele considerava o desemprego a causa de suas dificuldades. Num certo sentido, era, contudo, para entender o caso, é necessário pesquisar as mudanças que o desemprego provocava nas atividades do indivíduo. Embora ninguém goste de estar desempregado e sem dinheiro, muitos homens em Cornerville puderam se ajustar àquela situação sem sérias dificuldades. Por que Doc era tão diferente? Dizer que era uma pessoa particularmente sensível seria apenas dar nome às coisas, sem oferecer qualquer resposta. Observar as interações, contudo, pode fornecer a explicação. Doc estava acostumado a uma alta freqüência de interação com os membros de seu grupo e a estabelecer contatos assíduos com integrantes de outros grupos. Embora às vezes tomasse a iniciativa de originar ações em eventos-grupo para sua turma, era comum que um dos outros integrantes originasse ação para ele num evento-par, e então ele originasse algo num evento-grupo. Ou seja, alguém sugeria um curso de ação, e Doc

juntava os rapazes e organizava a atividade do grupo. Os eventos de sua campanha política mostram que esse padrão fora rompido. Mike estava continuamente dizendo a Doc o que fazer a respeito da campanha, e eu dizia o que devia fazer para falar com o senhor Smith e com outros a fim de conseguir um emprego. Embora estivéssemos cada vez mais originando ação para ele, Doc não era capaz de originar ações em eventos-grupo. Como não tinha dinheiro, não podia participar de atividades de grupo sem aceitar a ajuda de outros e deixar que determinassem o curso de ação para ele. Assim, em muitas ocasiões, ele evitava se juntar a seus amigos — ou seja, sua assiduidade de interação foi drasticamente reduzida. Num momento em que deveria sair e fazer contatos com outros grupos, era incapaz de agir de acordo com o padrão político até mesmo com os grupos que conhecia, e via cada vez menos pessoas de fora do seu círculo de amigos mais próximos. Quando sozinho, não se sentia mal, porém, quando estava com um grupo e não podia agir de sua maneira habitual, era tomado por ataques de ansiedade.

Quando Doc começou a trabalhar no centro recreativo, os episódios de ansiedade desapareceram. Ele voltou a originar ações, primeiro para os garotos em seu centro, mas também para seus rapazes da esquina. Como agora tinha dinheiro, podia juntar-se de novo aos amigos e também ampliar seus contatos. Quando o emprego e o dinheiro acabaram, o modo de interação ao qual Doc estava ajustado perturbou-se mais uma vez. Ele ficou desempregado desde que o centro fechou, no inverno de 1939-40, até que encontrou um emprego na WPA, na primavera de 1941. Os ataques de ansiedade voltaram e, pouco antes de conseguir o emprego, teve o que seus amigos chamaram de crise de nervos. Um médico de excelente reputação em Eastern City o examinou e não conseguiu encontrar causa orgânica alguma que explicasse seu estado. Quando visitei Cornerville em maio de 1941, ele começava novamente a superar os ataques. Discutiu suas dificuldades comigo:

Quando estou duro, não vou muito à esquina. E quando estou na esquina só fico lá. Não posso fazer o que quero. Se os rapazes querem ir a um show, ao Jennings ou jogar boliche, tenho que contar os tostões para ver se tenho o suficiente. Se estou duro, tenho que inventar uma desculpa. Digo que não quero ir, e caminho sozinho. Às vezes me chateio ficando no Spongi, mas aonde posso ir? Tenho que ficar lá. Danny me oferece dinheiro, não tem problema, mas ele tem tido fases difíceis sem trabalho. Na semana passada reclamou que estava duro, e uns dias mais tarde me ofereceu dois dólares. Recusei. Não quero pedir nada a ninguém. Às vezes digo pra Danny ou Spongi: "Quer um cigarro?" Eles dizem: "Não, ainda tenho alguns." Então falo: "Tudo bem, aceito um dos seus." Eu brinco com isso, mas, mesmo assim, é humilhante. Nunca fuço isso, exceto quando estou desesperado por um cigarro. Danny é o único que alguma vez me dá dinheiro.

Antes de conseguir este emprego na WPA, eu tinha uma aparência horrível. Faço as refeições aqui em casa, mas não posso esperar que comprem roupas para mim. Tinha um terno todo puído no cotovelo, e os punhos tinham mais pregas que um crisântemo. Quando tinha que ir a algum lugar, ficava de sobretudo, ou então carregava ele no braço para esconder o buraco no cotovelo. E eu literalmente andava nas solas dos pés. Acha que gosto de andar assim?

Lou Danaro tem me procurado para sair com ele. Ele tem um Buick novo, — um Buick zero. Isso é muito legal, você sabe. Ele quer que eu conheça uma garota para sairmos juntos. Mas não vou. Teria que fazer um papel secundário. Não, isso é o que ele quer que eu faça. Quer dizer, eu não poderia fazer o que quero.

Na semana passada, me convidaram para ser o coordenador da festa do Centro Comunitário da Norton Street. Trabalhei com o comitê e tudo o mais, mas na noite antes da festa estava previsto que todo o grupo iria para o campo e passaria a noite lá. Ia ser ótimo, mas não fui. Não tinha dinheiro nenhum. Na manhã seguinte, os vi saindo de ônibus, e disse que ia mais tarde. Dei uma volta, mendiguei uns trocados e fui no carro de um dos rapazes. Fiquei umas horas lá e vim embora. Espera-se que o coordenador seja ativo num evento como esse, que trate bem as pessoas, coisas assim. Eles acham que estou fugindo de minhas responsabilidades, mas não é verdade. É o dinheiro.

Pensei muito sobre isso, e sei que só tenho esses ataques de ansiedade quando estou duro. Lamento que você não tenha me conhecido quando eu era realmente ativo por aqui. Eu era um homem diferente. Sempre safa com as garotas. Emprestava um monte de dinheiro. Eu gastava meu dinheiro. Estava sempre pensando em coisas para fazer e lugares onde ir.

Doc mostrou que estava bem consciente da natureza de suas dificuldades, mas não bastava saber para se curar. Ele precisava de uma oportunidade para agir da maneira a que havia se acostumado. Na ausência disso, ficava socialmente desajustado. Se fosse um homem de baixo status no grupo e habitualmente necessitasse que os outros originassem ações para ele em eventos-grupo, a dependência derivada da falta de dinheiro teria se encaixado em seu padrão de comportamento no grupo. Como tivera uma posição de liderança entre seus rapazes da esquina, havia um conflito inevitável entre o comportamento exigido por aquela posição e o comportamento imposto por sua condição de miséria.

O que sugiro como explicação para as dificuldades de Long John e Doc tem a vantagem de se basear no estudo objetivo de ações. As atitudes de um homem não podem ser observadas, mas devem, em vez disso, ser inferidas a partir de seu comportamento. Como as ações estão diretamente sujeitas à observação e podem ser registradas como outros dados científicos, parece válido tentar entender o homem por meio do estudo de suas ações. Essa abordagem não apenas fornece dados sobre a natureza das relações informais de grupos, como também prevê

estudo
objetivo
das ações

um quadro de referência para se compreender o ajustamento do indivíduo à sua sociedade.

2. A ESTRUTURA SOCIAL

A história de Cornerville é contada aqui em termos de sua organização, pois assim parece ser o lugar para as pessoas que lá vivem e atuam. Elas concebem a sociedade como uma organização hierárquica de partes intimamente entremeadas, na qual são definidas e reconhecidas as posições das pessoas e suas obrigações mútuas. Essa perspectiva inclui não apenas o universo de Cornerville, mas também o mundo do supranatural. O quadro fica claro quando se observa a maneira como as pessoas representam simbolicamente seu mundo para si mesmas.

Sociedade
(p/pe:
de Cor
nerville

A festa anual do santo padroeiro revela não apenas a natureza das crenças e práticas religiosas, mas também os contornos da organização social. Até o verão de 1940, os *paesani* de cada cidadezinha com população suficientemente grande, em Cornerville e nas redondezas, juntavam-se para a celebração. Cada comitê de festa reservava um determinado fim de semana, todos os anos, e selecionava um local para a construção de um altar ao ar livre e a colocação de postes para pendurar lâmpadas coloridas em toda a área.

Havia concertos de bandas nas noites de sexta-feira e sábado, mas o domingo era o dia da verdadeira celebração. De manhã, os *paesani* assistiam à missa especial em honra de seu padroeiro.

A missa representava a única conexão direta da igreja com a festa. Embora fosse parte da vida religiosa mais ampla, a festa era uma cerimônia totalmente popular.

No início da tarde de domingo, todos os que quisessem participar da procissão — e qualquer um podia fazê-lo — juntavam-se em frente ao altar. O comitê aceitava a ajuda dos participantes que desejasse ter o privilégio de carregar a imagem do santo pelas ruas. Em algumas das grandes procissões, várias centenas de pessoas seguiam o santo. Havia uma banda de crianças, outra de pífaros e tambores, com integrantes de uma ou das duas igrejas italianas, além de uma ou duas bandas profissionais. Crianças pequenas, vestidas de anjo, levavam buquês de flores. Alguns homens e muitas das mulheres seguravam velas acesas. Algumas pessoas, especialmente as mulheres mais velhas, caminhavam sem sapatos ou mesmo sem meias.

Do dossel sobre a imagem do santo saíam estandartes nos quais as contribuições em dinheiro eram presas com alfinetes. Muitas mulheres carregavam uma

bandeira grande ou um lençol, que conduziam esticados para pegar as moedas jogadas das janelas. Outras circulavam pela multidão que enchia a rua, pedindo doações. Em reconhecimento às doações mais substanciais, a banda profissional parava em frente à casa do doador e tocava o hino nacional italiano. Depois de passar em cada igreja, a procissão parava, e a imagem era levada para dentro da igreja. Aí terminavam as cerimônias.

O retorno da imagem ao altar era o ponto alto da procissão. As bandas tocavam, puxava-se uma corda para soltar os estandartes e os pombos, que tinham sido postos numa caixa enfeitada, suspensa no meio da rua. Antes de a imagem voltar para seu lugar, havia em geral algumas declamações sobre a vida do santo e sua relação com as pessoas locais.

No domingo à noite, havia um último concerto da banda, com falas breves de alguns membros do comitê. Usualmente um político destacado expressava seu respeito pelas devoções religiosas do povo italiano.

A festa fornecia oportunidade para uma grande reunião dos *paesani* que haviam se mudado para outras cidades ou mesmo para outros estados. Milhares de pessoas circulavam pelas ruas à noite. Vendedores de sorvete e outras comidas faturavam como nunca. Os salões de dança locais e os restaurantes enchiam-se de pessoas e seus parentes celebrando a ocasião. Todos os membros de uma família juntavam-se numa casa para comer e beber juntos. A festa era, ao mesmo tempo, uma cerimônia religiosa e social, e também um tipo de carnaval. Era uma atividade elaborada que envolvia gastos de até 2.500 dólares e receitas equivalentes.

Conversei com integrantes dos comitês de várias festas de ~~santo padroeiro~~ para entender o que significavam para eles. Um de meus informantes expressou-se desta maneira:

A razão das festas é que queremos renovar e reforçar a fé do povo em Deus. Queremos ser discípulos de Cristo entre o povo. Desse modo, damos um bom exemplo para os jovens. A criança vê a festa enquanto cresce e mais tarde repassa-a para seus filhos, do mesmo modo como recebeu. Assim, ajudamos a preservar nossa religião e mantê-la forte. Os protestantes rezam diretamente a Deus. Eles dizem: "Deus nos conhece, sabe tudo que fazemos. Por que não deveríamos rezar para Ele?" Sim, Deus sabe tudo, mas somos pecadores fracos. Por que Ele nos faria os favores que pedimos? Em vez de ir direto a Ele, rezamos para algum santo — uma pessoa que foi um ser humano como nós, cuja pureza e santidade foram provadas para que fosse reconhecida como santo. Rezamos a esse santo que é sem pecados, que levou uma vida tão pura que pode tirar alguns pecados de nossos ombros. Pedimos ao santo para interceder por nós e ser nosso advogado perante Deus. Somos pessoas pobres, humildes. Se só celebrássemos a festa de nosso santo a cada 20 ou 30

anos, ele perguntaria: "Quem são essas pessoas que estão me invocando?" Então, destinamos um dia por ano a nosso santo, e todo ano celebramos a festa naquele dia para que ele nos reconheça como seu povo e tente nos ajudar quando rezamos pedindo seu auxílio.

Algumas pessoas ignorantes pensam que o santo pode fazer milagres. Isso não é verdade. O santo pode apenas pedir a Deus para fazer os milagres. Deus é um Deus de misericórdia. Se o pecador reza para o santo, o santo está bem com Deus, e Deus tem piedade do pecador e perdoa seus pecados. Esse é o mundo espiritual. É a mesma coisa no mundo material, exceto que, aqui, estamos lidando com coisas materiais. Se você está dirigindo e é parado pela polícia e multado por excesso de velocidade, você não espera até a hora do julgamento. Procura o sargento, o tenente, o capitão — alguma pessoa influente —, e talvez o capitão conheça seu irmão ou algum amigo seu. Por amizade, ele o perdoa pelo que você fez e deixa você ir embora. Se o capitão não ouvir, você fala com o sargento ou com o tenente, e ele conversa com o capitão por você.

Perguntei se pagar ao capitão para esquecer o caso era o mesmo que dar dinheiro para o santo na procissão.

Não, isso é diferente. Quando você dá dinheiro para o santo, faz isso porque quer que a festa seja um sucesso. Você quer mostrar sua devoção ao santo. Promete que dará uma certa quantia ao santo, ou que caminhará descalço na procissão, ou que carregará o santo. Faz isso para mostrar sua fé. Você não pode comprar um favor de Deus. Deus não é influenciado por dinheiro. Você dá aquele dinheiro para manter suas instituições religiosas. É claro que há pessoas que não farão coisas por você por pura amizade. Elas só estão atrás de coisas materiais.

É verdade que as festas são em grande parte atividades da geração mais velha. Todavia, mesmo assim, representam uma visão da sociedade que é basicamente a mesma da geração mais jovem. De acordo com as pessoas de Cornerville, a sociedade é constituída de pessoas graúdas e pessoas miúdas — com intermediários que servem de ponte entre elas. As massas de Cornerville são pessoas miúdas. Não podem chegar diretamente às pessoas graúdas, mas devem ter um intermediário que interceda por elas. Ganham essa intercessão estabelecendo conexões com o intermediário, prestando serviços a ele e, assim, fazendo com que ele se torne obrigado com relação a elas. O intermediário desempenha as mesmas funções para o graúdo. As interações entre os "peixes graúdos", os intermediários e os "peixes miúdos" constituem uma hierarquia de relações pessoais baseadas num sistema de obrigações recíprocas.

As gangues de esquina, como os Norton e as cliques do Clube Social e Atlético Cornerville, encaixam-se no nível mais baixo da hierarquia, embora existam algumas diferenças sociais entre elas. Os líderes de rapazes da esquina como

Doc, Dom Romano e Carlo Tedesco, serviam de intermediários, representando os interesses de seus seguidores perante os superiores. Chick e seus rapazes formados situavam-se acima dos rapazes da esquina, mas estavam na base de outra hierarquia que era controlada de fora do distrito. Existem, evidentemente, amplas diferenças de posições hierárquicas entre os peixes graúdos. Visto da esquina da Shelby Street, Tony Cataldo era um graúdo, e as relações entre ele e os seguidores das gangues eram reguladas por seus líderes. Por outro lado, Tony servia como intermediário, intercedendo junto aos peixes graúdos a favor dos rapazes da esquina e tentando controlar os rapazes para os poderosos. T.S., o chefe dos gângsteres, e George Ravello, o senador do estado, eram os homens mais importantes em Cornerville. T.S. lidava com os que estavam abaixo dele por meio de seus subordinados imediatos. Embora Ravello se recusasse a permitir que se fizesse qualquer distinção entre ele e os rapazes da esquina, o homem na posição inferior saía-se melhor quando buscava o político por um intermediário que tivesse uma conexão, em vez de tentar cobrir o fosso sozinho.

A gangue da esquina, as organizações mafiosa e policial, a organização política e agora, a estrutura social, todas elas foram descritas e analisadas aqui em termos de uma hierarquia de relações pessoais baseada num sistema de obrigações recíprocas. Esses são os elementos fundamentais com os quais estão construídas todas as instituições em Cornerville.

3. O PROBLEMA DE CORNERVILLE

O problema das áreas pobres e degradadas, dizem alguns, é que são comunidades desorganizadas. No caso de Cornerville, esse diagnóstico é extremamente equivocado. É claro que há conflitos no distrito. Os rapazes da esquina e os rapazes formados têm diferentes padrões de comportamento e não se entendem. Há um choque entre gerações. Com o suceder das gerações, a sociedade encontra-se em estado de fluxo — mas até esse fluxo é organizado.

tese O problema de Cornerville não é a falta de organização, mas o fracasso de sua própria organização social em se interconectar com a estrutura da sociedade à sua volta. Isso explica o desenvolvimento das organizações políticas e mafiosas locais, e também a lealdade que as pessoas devotam à sua raça e à Itália. O fenômeno torna-se aparente quando se examinam os canais pelos quais o homem de Cornerville pode progredir e ganhar reconhecimento em seu próprio distrito ou na sociedade mais ampla.

Nossa sociedade atribui grande valor à mobilidade social. De acordo com a tradição, o trabalhador começa de baixo e, pela inteligência e o trabalho árduo,

sobe a escada do sucesso. É difícil para o homem de Cornerville colocar o pé nessa escada, nem que seja no degrau mais baixo. Seu distrito ficou conhecido como uma comunidade caótica e fora da lei. Esse homem é um italiano, e as pessoas da classe alta colocam os italianos entre os imigrantes menos desejáveis. Essa atitude foi acentuada pela guerra. Mesmo que um homem consiga se agarrar ao primeiro degrau, encontrará os mesmos fatores prejudicando o seu progresso. Por conseguinte, não se encontram nomes italianos entre as principais autoridades responsáveis pelos negócios mais antigos de Eastern City. Os italianos tiveram de construir suas próprias hierarquias de negócios, e, quando chegou ao fim a prosperidade da década de 1920, tornou-se cada vez mais difícil para os recém-chegados avançar nesse caminho.

Para progredir, o homem de Cornerville deve se movimentar no mundo dos negócios e da política republicana, ou no mundo da política democrata e dos gângsteres. Não pode circular pelos dois mundos ao mesmo tempo; eles se encontram de tal modo separados que praticamente não existe qualquer conexão entre os dois. Se o homem avança no primeiro, a sociedade mais abrangente o considera uma pessoa de sucesso, mas em Cornerville é visto apenas como um estranho no distrito. Se progride no segundo, ganha reconhecimento em Cornerville, mas se transforma num pária social para as pessoas respeitáveis de fora. Todo o treinamento do rapaz da esquina na vida social de seu distrito prepara-o para uma carreira numa atividade mafiosa ou na política democrata. Se tomar a outra direção, terá de fazer um grande esforço para romper a maior parte dos vínculos que o prendem a Cornerville. De fato, a sociedade mais abrangente premia a deslealdade a Cornerville e penaliza os que estão mais bem ajustados à vida do distrito. Ao mesmo tempo, a sociedade oferece recompensas atrativas, em termos de dinheiro e posses materiais, ao homem "de sucesso". Para a maior parte das pessoas de Cornerville, essas recompensas só estão disponíveis por meio de progressos no mundo dos gângsteres e da política.

Da mesma forma, a sociedade premia os que podem se desfazer de todas as características vistas como tipicamente italianas, e penaliza os que não são totalmente americanizados. Alguns perguntam: "Por que essas pessoas não podem parar de ser italianas e se transformam em americanas como todos nós?" A resposta é que elas estão bloqueadas de duas maneiras: por sua própria sociedade organizada e pelo mundo do lado de fora. As pessoas do local querem ser bons cidadãos norte-americanos. Nunca ouvi expressões tão comoventes de amor por este país como as que escutei em Cornerville. Ainda assim, uma forma organizada de vida não pode ser mudada da noite para o dia. Como mostra o estudo da gangue de esquina, as pessoas tornam-se dependentes de certas rotinas de ação.

Caso se afastassem abruptamente dessas rotinas, se sentiriam desleais e seriam deixadas por conta própria, sem apoio. E se um homem quer esquecer que é italiano, a sociedade à sua volta não lhe permite isso. Ele está marcado como uma pessoa inferior — como todos os outros italianos. Para reforçar seu auto-respeito, deve dizer a si mesmo e aos outros que os italianos são um grande povo, que sua cultura não é suplantada por qualquer outra e que seus grandes homens são insuperáveis. É nesse sentido que Mussolini tornou-se importante para as pessoas de Cornerville. Chick Morelli expressou um sentimento muito comum quando dirigiu estas palavras ao seu Clube da Comunidade Italiana: "O que quer que possam pensar de Mussolini, vocês têm de admitir uma coisa: ele fez mais para conquistar respeito para o povo italiano que qualquer outro homem. Os italianos são muito mais respeitados agora do que quando comecei a freqüentar a escola. E vocês podem agradecer isso a Mussolini."

Permanece em aberto a questão de saber se Mussolini realmente fez com que os norte-americanos nativos tivessem mais respeito pelos italianos (antes da guerra). No entanto, à proporção que as pessoas de Cornerville sentiam que Mussolini havia conquistado respeito para elas, seu auto-respeito aumentou. Isso foi um reforço importante para o moral das pessoas.

Se a estrutura mafiosa-política e a ligação simbólica à Itália são aspectos de um desajuste fundamental entre Cornerville e a sociedade norte-americana em geral, então é evidente que isso não pode ser alterado com sermões. O ajuste deve ser feito em termos de ações. As pessoas de Cornerville se ajustarão melhor à sociedade que as circunda quando tiverem mais oportunidades de participar dessa sociedade. Isso significa provê-las de melhores oportunidades econômicas e também dar-lhes maior responsabilidade na direção de seus próprios destinos. A situação econômica geral da população de Cornerville é um tema tão amplo que breves comentários aqui prestariam apenas um desserviço — além de serem inúteis.

Um exemplo — o projeto do centro de recreação do Centro Comunitário de Cornerville — sugere as possibilidades de encorajar a responsabilidade local. O projeto do centro constituiu uma das raras tentativas feitas pelos assistentes sociais de lidar com a sociedade de Cornerville tal como era. O objetivo era alcançar as gangues de esquina da forma como estavam então constituídas. A lição aprendida com o projeto foi que é possível lidar com os rapazes da esquina reconhecendo seus líderes e dando a eles responsabilidade de ação.

Os assistentes sociais falam freqüentemente sobre líderes e liderança, mas essas palavras têm um significado especial para eles. "Líder" é simplesmente sinônimo de alguém que coordena um grupo. Um dos principais objetivos do

coordenador de grupo é desenvolver a liderança entre as pessoas com quem atua. Na verdade, todo grupo formal ou informal que tenha se mantido unido por qualquer tempo já terá desenvolvido sua própria liderança, mas isso raramente é reconhecido pelos assistentes sociais. Eles não vêem isso porque não é o que buscam. Não pensam o que é liderança, mas naquilo que ela deveria ser. Para os de fora, os líderes da comunidade são os respeitáveis homens de negócios e profissionais — pessoas que alcançaram um status de classe média. Na realidade, esses homens que progridem e saem de Cornerville têm pouca influência local. A comunidade não pode ser estimulada por esses "líderes". Para que possam tratar com a estrutura social real e produzir mudanças significativas na vida de Cornerville, os de fora precisam estar preparados para reconhecer como líderes alguns dos homens que as pessoas locais reconhecem como tal.

Até aqui essa discussão soa bastante parecida com a prescrição do antropólogo para o administrador colonial: respeite a cultura nativa e trate com a sociedade por intermédio de seus líderes. Isso é com certeza um requisito mínimo para lidar efetivamente com Cornerville, mas será suficiente? Pode qualquer programa ser efetivo se todas as posições superiores de autoridade formal são ocupadas por pessoas alheias ao local? Como afeta um indivíduo o fato de ter que se subordinar a pessoas que ele reconhece como diferentes?

Doe me disse certa vez:

Você não sabe como se sente alguém que cresce num distrito como este. Você entra no primeiro ano da escola — dona O'Rourke. Segundo ano — dona Casey. Terceiro ano — dona Chalmers. Quarto ano — dona Mooney. E assim por diante. No corpo de bombeiros é a mesma coisa. Nenhum é italiano. O tenente da polícia é um italiano e há uns dois sargentos italianos, mas nunca alguém de Cornerville chegou a capitão. Nos Centros Comunitários, ninguém na direção é italiano.

Uma coisa: você deve saber que os mais velhos aqui têm grande respeito por professoras e pessoas desse tipo. Quando o menino italiano vê que ninguém do seu próprio povo tem bons empregos, por que vai pensar que é tão bom quanto o irlandês ou os ianques? Isso faz com que se sinta inferior.

Se eu tivesse como, faria com que a metade dos professores fosse formada de italianos, e também três quartos do Centro Comunitário. A outra quarta parte estaria lá só para mostrar que estamos na América.

Bill, esses centros comunitários eram importantes no início. Quando nossos pais chegaram aqui, não sabiam aonde ir nem o que fazer. Precisavam ter os assistentes sociais como intermediários. Eles fizeram um bom trabalho naquela época, mas agora a segunda geração está amadurecendo, e começamos a ganhar asas. Deveriam tirar aquela rede e nos deixar voar.

Cuba ④

integradora

▣ Anexo A

Sobre a evolução de *Sociedade de esquina*

Nos anos que se passaram desde que terminei *Sociedade de esquina*, muitas vezes quis ensinar a meus alunos os métodos de pesquisa necessários para a realização de estudos de campo em comunidades ou organizações. Assim como ocorria com outros professores dessa área, encontrei-me seriamente limitado pela escassez de leituras que pudesse recomendar aos alunos.

Hoje existem inúmeros bons estudos sobre comunidades ou organizações, mas em geral os relatórios publicados conferem pouca atenção ao processo efetivo de realização da pesquisa. Também têm aparecido alguns trabalhos úteis sobre métodos de pesquisa, porém, com poucas exceções, situam toda a discussão num nível puramente lógico-intelectual. Falham quando deixam de levar em conta que, assim como seus informantes, o pesquisador é um animal social. Tem um papel a desempenhar, e as demandas de sua própria personalidade devem ser satisfeitas em alguma medida para que ele possa atuar com sucesso. Quando o pesquisador está instalado numa universidade, indo ao campo apenas por poucas horas de cada vez, pode manter sua vida social separada da atividade de campo. Lidar com seus diferentes papéis não é tão complicado. Contudo, se viver por um longo período na comunidade que é seu objeto de estudo, sua vida pessoal estará inextricavelmente associada à sua pesquisa. Assim, uma explicação real de como a pesquisa foi feita necessariamente envolve um relato bastante pessoal do modo como o pesquisador viveu durante o tempo de realização do estudo.

Esse relato da vida na comunidade também pode ajudar a explicar o processo de análise dos dados. As idéias que temos durante a pesquisa são apenas parcialmente um produto lógico que cresce a partir de uma cuidadosa avaliação de evidências. Em geral, nossa maneira de refletir sobre os problemas não é linear. Com frequência temos a sensação de estarmos imersos numa massa confusa de dados. Nós os analisamos cuidadosamente, colocando sobre eles todo o peso

de nosso poder de análise lógica. Saímos disso com uma ou duas idéias. Mas os dados ainda não revelam qualquer padrão coerente. Então, passamos a viver com os dados — e com as pessoas — até que, quem sabe, algum acontecimento fortuito lance uma luz totalmente diferente sobre eles e comecemos a enxergar um padrão até então não visualizado. Esse padrão não é puramente uma criação artística. Quando pensamos que o vemos, somos forçados a reexaminar nossas notas e, talvez, coletar novos dados a fim de determinar se o padrão percebido representa adequadamente a vida que observamos ou é simplesmente um produto de nossa imaginação. A lógica, então, tem uma participação importante. Mas estou convencido de que a evolução real das idéias na pesquisa não acontece de acordo com os relatos formais que lemos sobre métodos de investigação. As idéias crescem, em parte, como resultado de nossa imersão nos dados e do processo total de viver. Considerando que muito desse processo de análise ocorre num plano inconsciente, estou seguro de que dele nunca podemos apresentar um relato completo. No entanto, uma descrição do modo de se fazer a pesquisa pode ajudar a explicar como o padrão de *Sociedade de esquina* foi gradualmente emergindo.

Não sugiro que minha abordagem em *Sociedade de esquina* precisa ser seguida por outros pesquisadores. Em alguma medida, ela deve ser única, para mim mesmo, para a situação particular e para o universo de conhecimentos que existia quando comecei o trabalho. Por outro lado, deve haver alguns elementos comuns no processo de pesquisa de campo. Somente à medida que acumularmos uma série de relatos sobre como a pesquisa foi efetivamente realizada seremos capazes de ir além do quadro lógico-intelectual e de aprender a descrever o processo real de investigação. O que se segue, portanto, é simplesmente uma contribuição na direção desse objetivo.

1. ANTECEDENTES PESSOAIS

Venho de um contexto muito sólido de classe média alta. Um avô era médico; o outro, inspetor escolar. Meu pai era professor universitário. Minha criação, portanto, foi muito diferente e distante da vida que descrevem *Cornerville*.

No Swarthmore College, eu tinha dois fortes interesses: economia (misturada com a idéia de reformismo social) e escrever. Naquela época redigi diversos contos e peças teatrais em um ato. Durante o verão, no ano em que terminei a faculdade, tentei produzir um romance. O ato de escrever foi importante, acima de tudo porque me ensinou sobre mim mesmo. Vários dos contos saíram na revista literária do colégio e um foi aceito para publicação (mas nunca publicado)

na revista *Story*. Três das peças em um ato foram produzidas em Swarthmore no concurso anual de peças curtas. Não foi um mau começo para alguém que tinha esperanças, como eu, de seguir a carreira de escritor. Mas, ainda assim, sentia-me desconfortável e insatisfeito. As peças e os contos eram todos relatos ficcionais de eventos e situações que eu próprio vivera ou observara. Ao tentar ir além de minha experiência e enfrentar um romance sobre tema político, o resultado foi um fracasso total. Enquanto escrevia os últimos capítulos, já havia percebido que o manuscrito não valia nada. Terminei, suponho, só para dizer a mim mesmo que tinha escrito um romance.

Agora leio com frequência o conselho dado a jovens escritores, de que devem trabalhar a partir de sua própria experiência; e vejo que não tinha razão para me envergonhar daquela limitação. Por outro lado, foi quando refletia sobre minha experiência que comecei a me sentir incomodado e insatisfeito. Minha vida familiar havia sido muito feliz e intelectualmente estimulante — mas sem aventura. Nunca tivera de lutar por nada. Conhecia muitas pessoas agradáveis, mas quase todas elas, como eu, tinham boas, sólidas raízes de classe média. Na escola, é claro, convivia com estudantes e professores de classe média. Nada sabia sobre as áreas pobres e degradadas (como, aliás, também não sabia sobre a vida dos milionários da Costa Dourada). Nada sabia sobre a vida nas fábricas, nos campos ou nas minas — exceto o que conseguira aprender nos livros. Assim, acabei por me sentir um tipo bastante banal. Algumas vezes esse senso de banalidade tornava-se tão opressivo que eu simplesmente não podia pensar em conto algum para escrever. Comecei a achar que, se fosse para realmente escrever qualquer coisa que valesse a pena, teria de alguma maneira que ir além das estreitas fronteiras sociais de minha existência.

Meu interesse em economia e em reforma social também me levou a *Sociedade de esquina*. Uma das minhas lembranças mais vívidas do tempo da faculdade é de um dia passado com um grupo de estudantes visitando os distritos pobres da Filadélfia. Lembro-me disso não só pelas imagens de prédios dilapidados e pessoas amontoadas, mas também pela minha sensação de embaraço, de que eu era um turista na área. Como é comum entre os jovens, sentia o impulso de ajudar todas aquelas pessoas, mas, ainda assim, sabia que a situação era tão além de qualquer coisa realista que eu pudesse tentar àquela época que me senti como um diletante fingido, pelo simples fato de estar ali. Comecei a pensar algumas vezes em voltar ao distrito e realmente aprender a conhecer as pessoas e as condições em que viviam.

Meus impulsos de reforma social assumiram outras formas no campus. No segundo ano da faculdade, fazia parte de um grupo de 15 pessoas que se retira-

ram de suas fraternidades em meio a um bocado de fanfarra. Aquela era uma época excitante no campus, e alguns dos homens fortes na fraternidade temeram que, com nossa saída, a estrutura ruísse sob seus pés. Não precisavam ter se preocupado. As fraternidades prosseguiram muito bem sem nós. No último ano envolvi-me em outro esforço para reformar o campus. Desta vez pretendíamos não menos que a reorganização de toda a vida social do lugar. O movimento decolou de modo promissor, mas rapidamente se exauriu.

Esses esforços abortados de reforma tiveram um grande valor específico para mim: vi que reformar não era tão fácil. Reconheci que havia cometido vários equívocos. Também cheguei à conclusão de que algumas das pessoas que me fizeram a mais forte oposição eram na realidade gente bastante agradável. Não concluí, com isso, que estavam certas e eu errado, mas reconheci quão pouco eu realmente sabia sobre as forças que levam alguém a agir. A partir de minhas próprias reflexões sobre os fracassos de meus esforços em reformar o campus, cresceu um interesse ainda mais acentuado de entender as outras pessoas.

Houve também um livro que li e me causou forte impressão naquela época. Era a *Autobiografia de Lincoln Steffens*. Caiu-me nas mãos durante o ano que passei na Alemanha, entre o fim do segundo grau e a faculdade. Em meus esforços para dominar a língua alemã, esse livro foi a única coisa escrita em inglês que li durante algum tempo, e isso pode explicar por que me impressionou tanto, o que talvez não tivesse acontecido em outras circunstâncias. De qualquer modo, estava fascinado por ele e o li várias vezes. Steffens começou como reformador e nunca abandonou esse ímpeto de mudar as coisas. A infundável curiosidade sobre o mundo à sua volta fez com que se tornasse cada vez mais interessado em descobrir como a sociedade realmente funcionava. Ele demonstrou que um homem com uma origem semelhante à minha poderia se afastar de seu modo de vida usual e ganhar um conhecimento íntimo de indivíduos e grupos cujas atividades e crenças fossem muito diferentes das suas. Então, você poderia realmente fazer com que esses "políticos corruptos" falassem com você. Eu precisava saber disso, que me ajudou algumas vezes, quando sentia que as pessoas que entrevistava prefeririam bem mais que eu desaparecesse dali de uma vez por todas.

2. DESCOBERTA DE CORNERVILLE

Em 1936, quando me formei em Swarthmore, recebi uma bolsa do Comitê Acadêmico de Harvard. Isso me abriu uma oportunidade excepcional — três anos de apoio para qualquer linha de pesquisa que desejasse desenvolver. A única restrição era que não me seria permitido acumular créditos para o doutorado. Hoje

sou grato por essa limitação. Se tivesse tido permissão de trabalhar para o doutorado, suponho que teria sido levado a aproveitar o tempo e a oportunidade. Com essa alternativa eliminada, fui forçado a fazer o que queria, independentemente dos créditos acadêmicos.

Comecei com uma vaga idéia de que queria estudar uma área pobre e degradada. Eastern City me oferecia diversas escolhas possíveis. Nas primeiras semanas de minha bolsa de Harvard, gastei algum tempo a andar para cima e para baixo nas ruas dos vários distritos pobres de Eastern City, falando com diferentes pessoas e conversando com o pessoal das agências sociais a respeito das áreas.

Minha escolha foi feita com bases nem um pouco científicas: Cornerville era o que melhor se ajustava à minha idéia de como deveria ser um distrito pobre e degradado. De alguma maneira, eu havia criado uma imagem de prédios de três a cinco andares, decadentes e amontoados. Embora dilapidados, não me pareciam muito genuínos os prédios com estruturas de madeira que encontrara em algumas outras partes da cidade. Sem dúvida Cornerville tinha outra característica um pouco mais objetiva que também motivou minha escolha: ali viviam mais pessoas por metro quadrado do que em qualquer outro ponto da cidade. Se distrito pobre e degradado significava superpopulação, Cornerville certamente era um.

3. O PLANEJAMENTO DO ESTUDO

Tão logo encontrei uma área pobre e degradada, comecei a planejar meu estudo. Naquela época, não era suficiente planejar apenas para mim. Havia começado a ler a literatura sociológica e a seguir uma linha semelhante à dos Lynd em *Middletown*. Gradualmente, passei a me ver como sociólogo ou antropólogo social, e não como economista. Descobri que, embora as áreas pobres tivessem recebido muita atenção na literatura sociológica, não existia qualquer estudo de comunidade verdadeiro sobre elas. Assim, decidi organizar um estudo de comunidade sobre Cornerville. Tratava-se claramente de um grande empreendimento. Meu primeiro esquema previa pesquisas especiais sobre a história do distrito, economia (padrões de vida, habitação, marketing, distribuição e emprego), política (a estrutura da organização política e suas relações com os gângsteres e a polícia), padrões de educação e recreação, a igreja, saúde pública e — quem diria — atitudes sociais. Obviamente isso era mais que um trabalho para uma pessoa só, e então eu o planejei para uma equipe de dez pesquisadores.

Com o projeto nas mãos, procurei L.J. Henderson, eminente bioquímico e secretário do Comitê Acadêmico.

Passamos uma hora juntos, e saí dali num estado de grande incerteza a respeito de meus planos. Como escrevi para um amigo na época: "Henderson jogou água fria sobre aquele gigantesco começo; disse-me que não deveria conceber projetos tão grandiosos enquanto eu mesmo ainda não tivesse feito praticamente trabalho de campo algum. Seria muito mais razoável começar o trabalho prático e tentar criar lentamente uma equipe, à medida que fosse avançando. Se até o outono eu tivesse uma equipe de dez pessoas funcionando, a responsabilidade pela direção e coordenação inevitavelmente cairia sobre mim, pois eu a teria criado. Como poderia dirigir dez pessoas num campo que não me era familiar? Henderson disse que, se eu conseguisse logo de início um projeto com dez pessoas isso seria minha ruína; era o que ele pensava. O jeito como apresentou tudo isso fez com que soasse bastante perspicaz e razoável."

Essa última sentença deve ter sido escrita depois que tive tempo de me recuperar da entrevista, da qual me lembro como uma experiência esmagadora. Suponho que um bom conselho seja tão difícil de aceitar quanto um mau aviso, mas, apesar disso, não levou muito tempo até eu perceber que Henderson estava certo, e abandonei o plano grandioso. Como as pessoas que oferecem conselhos dolorosos — embora bons — raramente recebem qualquer reconhecimento por eles, serei sempre grato por ter ido ver Henderson novamente, pouco antes de sua morte, para dizer que eu percebera como ele estava absolutamente certo.

Embora tenha deixado de lado a idéia de um projeto para uma equipe de dez pessoas, ainda relutava em voltar inteiramente à Terra. Parecia-me que, em vista da magnitude da tarefa que eu assumia, devia ter pelo menos um colaborador, e comencei a procurar meios de conseguir um amigo, um colega da faculdade, para se juntar a mim no trabalho de campo. Seguiram-se, durante o inverno de 1936-37, várias revisões da versão preliminar do estudo de comunidade e numerosas entrevistas com professores de Harvard que me poderiam ajudar a conseguir o apoio necessário.

Relendo essas várias versões da pesquisa, o mais impressionante sobre elas é como estavam distantes do trabalho que efetivamente realizei. À medida que eu prosseguia, os termos do projeto foram se tornando cada vez mais sociológicos, de forma que encerrei essa fase planejando atribuir maior ênfase a um tipo de estudo sociométrico sobre os padrões de amizade entre as pessoas. Começaria com uma família e perguntaria quem eram seus amigos e quais as pessoas pelas quais sentiam maior ou menor hostilidade. Então iria aos amigos indicados e pediria uma lista de seus próprios amigos, e, ao longo desse processo, aprenderia algo sobre suas atividades conjuntas. Desse modo poderia traçar a estrutura social de pelo menos uma parte da comunidade. Porém, é claro que não fiz nem isso, por-

que acabei descobrindo que se pode examinar a estrutura social diretamente, observando as pessoas em ação.

Quando, um ano depois, no outono de 1937, John Howard — também pesquisador-júnior de Harvard — deixou o campo da físico-química e passou para a sociologia, eu o convidei a se juntar a mim no estudo de Cornerville. Trabalhamos juntos por dois anos. Howard concentrava-se particularmente numa das igrejas e na Congregação do Verbo Divino. As discussões entre nós ajudaram imensamente a tornar mais claras minhas idéias. Contudo, poucos meses apenas depois de começar o trabalho de campo em Cornerville, eu havia abandonado totalmente a idéia de montar uma equipe. Suponho que tenha achado a vida local tão interessante e compensadora que já não sentia mais necessidade de pensar em termos tão amplos.

Embora estivesse completamente à mercê das circunstâncias no que se referia ao planejamento do estudo, pelo menos contava com uma ajuda valiosa para desenvolver os métodos de pesquisa de campo que acabariam levando a um projeto de pesquisa e aos dados que aqui relato.

É difícil perceber agora como foi veloz o desenvolvimento dos estudos sociológicos e antropológicos de comunidades e organizações desde 1936, quando comeci meu trabalho em Cornerville. Naquela época ainda não havia nada publicado sobre o estudo de "Yankee City" feito por W. Lloyd Warner. Eu tinha lido com interesse *Middletown*, dos Lynd, e *Greenwich Village*, de Carolyn Ware, e aprendera muito com ambos. Ainda assim, comeci cada vez mais a me dar conta, à proporção que continuava, que o estudo de comunidade que eu realizava não era do mesmo tipo. Grande parte do resto da literatura sociológica então disponível tendia a olhar a comunidade em termos de problemas sociais, o que fazia com que ela simplesmente não existisse como um sistema social organizado.

Passei o primeiro verão depois do início do estudo lendo algumas das obras de Durkheim e *The Mind and Society*, de Pareto (para um seminário com L.J. Henderson, do qual participei no outono de 1937). Tinha a sensação de que esses textos eram úteis, mas, ainda uma vez, apenas de modo genérico. Então comeci a ler a literatura de antropologia social, a começar de Malinowski, e isso pareceu mais próximo daquilo que eu queria fazer, embora os pesquisadores estudassem tribos primitivas — e eu estivesse no meio de um distrito de uma grande cidade.

Como havia pouca orientação para mim na bibliografia, eu precisava, com mais urgência ainda, da ajuda de pessoas mais capacitadas e experientes que eu no trabalho que realizava. Nisso fui extraordinariamente bem afortunado, ao encontrar Conrad M. Arensberg bem no início de minha pesquisa. Ele também

era pesquisador-júnior, e por isso nos víamos com muita freqüência. Depois de ter trabalhado por alguns meses com W. Lloyd Warner no estudo de Yankee City, juntara-se a Solon Kimball para pesquisar uma pequena comunidade na Irlanda. Quando o encontrei, acabava de voltar da viagem de campo e começava a elaborar a descrição dos dados. Junto com Eliot Chapple, também desenvolvia uma nova abordagem para a análise da organização social. Os dois tinham procurado juntos maneiras de estabelecer essa pesquisa social em base mais científica. Ao rever os dados de Yankee City e também o estudo irlandês, tinham montado cinco diferentes esquemas teóricos. Um após outro, os quatro primeiros esquemas desabaram sob suas próprias exigências críticas ou sob os golpes de Henderson, Elton Mayo ou outras pessoas consultadas. Finalmente os dois começaram a desenvolver uma teoria da interação. Sentiam que, a despeito de tudo o que fosse subjetivo na pesquisa social, era possível estabelecer objetivamente o padrão de interação entre as pessoas: quão freqüentemente A entra em contato com B, quanto tempo passam juntos, quem origina a ação quando A, B e C estão juntos, e assim por diante. A cuidadosa observação desses eventos interpessoais poderia então fornecer dados confiáveis sobre a organização social de uma comunidade. Essa, pelo menos, era a presunção. Como a teoria fora desenvolvida a partir de pesquisa já realizada, era natural que esses estudos prévios não tivessem tantos dados quantitativos quanto os impostos por uma teoria. Assim, parecia que eu poderia ser um dos primeiros a levar a teoria ao campo.

Arensberg e eu tivemos infindáveis discussões sobre a teoria, e Eliot Chapple participou de algumas delas. No início, tudo parecia muito confuso para mim — e ainda não estou seguro de que já tenha esclarecido todos os aspectos —, mas tinha a crescente sensação de que havia ali algo sólido que poderia servir de base para construir meu trabalho.

Arensberg também discutiu comigo a questão dos métodos de pesquisa de campo, enfatizando a importância de observar as pessoas em ação e escrever um relatório detalhado sobre os comportamentos concretos, totalmente isento de julgamentos morais. No segundo semestre em Harvard, fiz um curso ministrado por Arensberg e Chapple sobre estudos sociais antropológicos de comunidades. Embora fosse útil, devo muito mais às longas conversas pessoais que tive com Arensberg durante todo o trabalho em Cornerville, particularmente nas etapas iniciais.

No outono de 1937, fiz um pequeno seminário com Elton Mayo. Isso envolvia, particularmente, leituras dos trabalhos de Pierre Janet e também alguma prática de entrevistas com psiconeuróticos num hospital de Eastern City. A ex-

periência foi muito breve para me levar além do estágio de amador, mas foi útil para desenvolver meus métodos de entrevista.

L.J. Henderson exerceu uma influência menos específica, mas ainda assim generalizada, sobre o desenvolvimento de meus métodos e teorias. Como presidente do Comitê Acadêmico, ele comandava nossos jantares de segunda-feira como um patriarca o faz em seus próprios domínios. Embora o grupo incluísse A. Lawrence Lowell, Alfred North Whitehead, John Livingston Lowes, Samuel Eliot Morrison e Arthur Darby Nock, Henderson era facilmente a grande figura impressionante para os bolsistas mais novos, e parecia gostar particularmente de atormentar os jovens cientistas sociais. Ele me fisgou em meu primeiro jantar de segunda-feira e decidiu me mostrar que todas as minhas idéias sobre a sociedade se baseavam num sentimentalismo ingênuo. Embora frequentemente me ressentisse com as críticas penetrantes de Henderson, ficava cada vez mais determinado a fazer com que minha pesquisa de campo fosse capaz de resistir a qualquer coisa que ele pudesse dizer.

4. PRIMEIROS ESFORÇOS

Quando comecei meu trabalho, não tivera treino algum em sociologia ou antropologia. Via a mim mesmo como economista e, naturalmente, começava olhando as questões que tínhamos abordado nos cursos de economia, como o problema da habitação em áreas pobres. Naquela época, eu assistia a um curso sobre favelas e habitação no Departamento de Sociologia de Harvard. Como trabalho final, fiz um estudo sobre um quarteirão em Cornerville. Para legitimar esse esforço, entrei em contato com uma agência privada que tratava de questões de moradia e me ofereci para passar para eles os resultados de meu *survey*. Com esse apoio, comecei a bater às portas, a olhar para dentro de apartamentos e a conversar com os moradores sobre as condições de habitação. Isso me pôs em contato com as pessoas de Cornerville, mas seria difícil imaginar agora um modo mais inadequado de dar início a um estudo como o que eu acabaria por fazer. Sentia-me muito desconfortável com essa intromissão, e tenho certeza de que as pessoas também. Terminei o trabalho sobre o quarteirão o mais rápido possível e o contabilizei como perda total no que se referia a conseguir uma verdadeira entrada no distrito.

Pouco depois, tive outro começo problemático — se é que um esforço tão precário inereça ser chamado até mesmo de começo. Na época, estava completamente tomado — e frustrado — pelo problema de achar uma forma de entrar no distrito. Cornerville estava bem à minha frente, e ainda assim tão distante. Po-

dia andar livremente para cima e para baixo em suas ruas e já tinha até conseguido entrar em alguns apartamentos. Todavia, ainda era um estranho num mundo completamente desconhecido para mim.

Nessa época conheci em Harvard um jovem professor de economia que me impressionou com sua autoconfiança e seu conhecimento de Eastern City. Ele estivera ligado a um centro comunitário e falava levemente sobre suas associações com os jovens durões do distrito, homens e mulheres. Também descreveu como às vezes entrava num bar na área, travava conhecimento com uma garota, pagava uma bebida para ela e então a encorajava a contar sua história de vida. Ele garantia que as mulheres que encontrava desse modo apreciavam a oportunidade, e que não havia aí qualquer obrigação adicional.

Essa abordagem parecia pelo menos tão plausível quanto qualquer outra que eu tivesse sido capaz de pensar. Resolvi tentar o mesmo. Escolhi o Regal Hotel, que ficava quase no final de Cornerville. Com uma certa agitação, subi as escadas para a área de comida e lazer e dei uma olhada em volta. O que encontrei foi uma situação para a qual meu conselheiro não me preparara. De fato, havia mulheres, mas nenhuma delas estava sozinha. Algumas se faziam acompanhar por um homem, e havia dois ou três pares de mulheres. Avaliei rapidamente a situação. Sentia pouca confiança em minha habilidade de escolher uma mulher, e me parecia desaconselhável lidar com duas ao mesmo tempo. Ainda assim, estava determinado a não me dar por vencido sem lutar. Olhei em volta de novo e percebi um trio: um homem e duas mulheres. Ocorreu-me que ali havia má distribuição de mulheres, e que eu poderia corrigir isso. Aproximei-me do grupo com uma fala mais ou menos assim: "Perdoem-me. Vocês se importam se eu me juntar a vocês?" Houve um momento de silêncio, enquanto o homem me encarava. E então se ofereceu para me jogar escada abaixo. Garanti que isso não seria necessário, e demonstrei o que dizia saindo de lá sem qualquer ajuda.

Mais tarde descobri que dificilmente alguém de Cornerville teria entrado no Regal Hotel. Se meus esforços ali fossem coroados de sucesso, teriam sem dúvida conduzido a algum lugar, mas certamente não a Cornerville.

Na minha próxima tentativa, escolhi os centros comunitários locais. Eram abertos para o público. Neles podia-se entrar à vontade, e eram operados por pessoas de classe média como eu (com certeza eu não teria falado assim na época). Mesmo naquela oportunidade percebi que, para estudar Cornerville, teria de ir muito além do centro comunitário. Mas talvez os assistentes sociais pudessem me ajudar na partida.

Olhando para trás agora, o centro comunitário continua a parecer um lugar muito pouco promissor para se começar um estudo. Se eu tivesse de principiar

novamente, era provável que fizesse minha primeira abordagem por intermédio de um político local, ou, talvez, da igreja católica, embora não seja católico. John Howard, que trabalhou comigo mais tarde, fez sua entrada com muito sucesso pela igreja, e ele também não era católico — embora sua esposa fosse.

Seja como for, o centro comunitário provou-se o lugar certo para mim daquela vez, pois foi ali que conheci Doc. Tinha falado com vários assistentes sociais sobre meus planos e esperanças de me familiarizar com as pessoas e estudar o distrito. Ouviram-me com graus de interesse variados. Se tiveram sugestões a dar, não me lembro agora, exceto uma. De alguma forma, a despeito da imprecisão de minhas próprias explicações, a chefe das moças do Centro Comunitário da Norton Street entendeu o que eu buscava. Começou descrevendo Doc para mim. Disse que era uma pessoa muito inteligente e talentosa que, numa certa época, havia sido muito ativa no centro, mas o abandonara, de forma que só muito raramente aparecia por ali. Talvez ele pudesse entender o que eu queria, e certamente tinha os contatos de que eu necessitava. Ela disse que o encontrava com freqüência no caminho entre sua casa e o trabalho, e que às vezes paravam para conversar um pouco. Se eu quisesse, marcaria uma hora para me encontrar com ele no centro, à noite. Isso, finalmente, parecia correto. Não perdi essa oportunidade. Quando fui para o distrito naquela noite, senti que ali estava minha grande chance de começar. De alguma forma, Doc teria de me aceitar e se dispor a trabalhar comigo.

Num certo sentido, meu estudo começou na noite de 4 de fevereiro de 1937, quando a assistente social me chamou para conhecer Doc. Ela nos levou para seu escritório e então saiu, para que pudéssemos conversar. Doc afundou-se numa poltrona e esperou calmamente que eu começasse. Era um homem de estatura mediana e compleição magra. Seus cabelos eram de um castanho claro, bem em contraste com o cabelo negro típico dos italianos, e começavam a escassear nas têmporas. A face era afilada, e os olhos, de um azul claro, davam-lhe um ar penetrante.

Comecei perguntando se a assistente social havia falado sobre o que eu queria fazer.

“Não, ela só me disse que você queria se encontrar comigo e que eu ia gostar de conhecê-lo.”

Então comecei uma longa explicação que infelizmente omiti de minhas notas. Pelo que me lembro, disse que, no meu tempo de faculdade, havia me interessado por distritos urbanos superpopulosos, mas me sentira muito distanciado deles. Eu esperava estudar os problemas nesses distritos. Sentia que podia fazer muito pouco como alguém de fora. Só seria capaz de atingir a compreensão de

que precisava se pudesse conhecer as pessoas e saber de seus problemas em primeira mão.

Doc me ouviu sem alterar sua expressão, de modo que eu não dispunha de qualquer meio de antecipar sua reação. Quando terminei, ele perguntou: "Você quer ver a alta roda ou o povão?"

"Quero ver tudo o que puder. Quero conseguir o quadro mais completo possível da comunidade."

"Bom, qualquer noite que quiser, saio com você por aí. Posso levá-lo aos pontos — pontos de jogos — e andar com você pelas esquinas. Lembre-se apenas de que você é meu amigo. Isso é tudo que precisam saber. Conheço esses lugares, e se eu disser que é meu amigo ninguém vai incomodá-lo. Basta me dizer o que quer ver, e nós providenciamos."

A proposta era tão perfeita que fiquei perdido por um momento, sem saber como responder. Conversamos um pouco mais, e busquei algumas indicações sobre como deveria me comportar em sua companhia. Ele me alertou que eu teria que correr o risco de ser preso numa batida em algum ponto de jogo, mas acrescentou que não seria nada sério. Eu só teria que dar um nome falso, e então o homem responsável pelo lugar conseguiria me liberar pagando apenas uma multa de cinco dólares. Concordei em correr o risco. Perguntei se deveria entrar no jogo com os outros. Ele disse que era desnecessário e, para um incauto como eu, muito desaconselhável.

Finalmente, eu já estava em condições de expressar meu reconhecimento. "Você sabe, os primeiros passos para conhecer uma comunidade são os mais difíceis. Com você, eu posso ver coisas que, de outra forma, não veria durante muitos anos."

"É isso mesmo. Você me diz o que quer ver, e nós arranjam os. Quando quiser alguma informação, eu pergunto e você ouve. Quando quiser descobrir a filosofia de vida deles, começo uma discussão e consigo pra você. Se quiser alguma outra coisa, monto a cena pra você. Simplesmente me diga o que quer e consigo tudo pra você, a história inteira."

"Bom demais. Eu não poderia querer nada melhor que isso. Vou tentar me encaixar legal, mas, a qualquer momento, se você achar que estou entrando pelo caminho errado, quero que me diga."

"Agora a gente está ficando dramático demais. Você não vai ter nenhum problema. Vem como meu amigo. Quando você chega assim, no início todo mundo vai te tratar com respeito. Você pode tomar um monte de liberdades e ninguém vai chiar. Depois de um tempo, quando já te conhecerem, vai ser tratado como qualquer outro — você sabe, dizem que a familiaridade traz a falta de res-

peito. Mas nunca terá qualquer problema. Só vai ter que tomar cuidado com uma coisa: não pague nada para os outros. Não seja liberal demais com seu dinheiro.”

“Você quer dizer que, se fizer isso, vão pensar que sou otário?”

“É, e você não vai querer pagar pra ser aceito.”

Conversamos um pouco mais sobre como e quando poderíamos nos encontrar. Então ele me fez uma pergunta: “Você quer escrever algo sobre isso?”

“Quero, em algum momento.”

“Você quer mudar as coisas?”

“Bom... Sim, quero. Não vejo como alguém poderia chegar aqui, com as pessoas tão amontoadas, sem dinheiro algum ou nenhum trabalho, e não desejar ver as coisas mudadas. Mas penso que cada pessoa deve fazer aquilo para o qual ela é mais adequada. Não quero ser um reformador, e não sou talhado para ser político. Só quero entender essas coisas o melhor que puder e escrever sobre elas, e se isso tiver alguma influência...”

“Acho que você pode mudar as coisas desse jeito. Na maior parte das vezes, é assim que as coisas são mudadas, escrevendo sobre elas.”

Esse foi o começo. Na época achei difícil acreditar que, com seu apoio, minha entrada pudesse ser tão fácil como Doc havia dito. Mas aconteceu exatamente assim.

Enquanto dava meus primeiros passos com Doc, também procurava um lugar para viver em Cornerville. Minha bolsa incluía acomodações muito confortáveis em Harvard, com quarto, sala e banheiro. Eu tinha tentado viver ali e ao mesmo tempo ir a Cornerville fazer a pesquisa. Tecnicamente era factível, mas cada vez mais me convenci de que socialmente tornava-se impossível. Percebi que seria sempre um estranho para a comunidade se não me mudasse para lá. Também encontrei dificuldade para dedicar o tempo que sabia necessário para estabelecer relações mais próximas em Cornerville. A vida no lugar não se desenrolava segundo encontros formalmente agendados. Para encontrar as pessoas, passar a conhecê-las, encaixar-me em suas atividades, tinha que gastar tempo com elas — um bocado de tempo, dia após dia. Quando vive fora de Cornerville, você pode vir uma determinada tarde ou noite apenas para descobrir que as pessoas que pretendia ver não estão ali naquele momento. Ou, mesmo se as encontrasse, podia ver o tempo passando sem acontecer absolutamente nada. Você podia ficar dando voltas com pessoas cuja única ocupação era conversar fiado ou andar à-toa para não se aborrecer.

Em diversas tardes e noites, em Harvard, me peguei pensando em ir a Cornerville e então fazendo uma racionalização qualquer para não ir. Como pode-

ria saber se ia encontrar as pessoas que queria ver? Mesmo se isso acontecesse, como poderia ter certeza de que aprenderia alguma coisa hoje? Em vez de sair às cegas para Cornerville, poderia aproveitar meu tempo lendo livros e artigos para preencher minha lamentável ignorância de sociologia e antropologia social. E também tinha que admitir que, naquela época, sentia-me mais confortável nesse ambiente familiar que a vagar por Cornerville e a gastar tempo com pessoas em cuja presença sentia-me indiscutivelmente desconfortável.

Quando me percebi racionalizando dessa forma, entendi que teria de fazer o corte. Só se vivesse em Cornerville eu seria capaz de um dia entendê-la e aceitá-la por si mesma, como era. No entanto, ficava difícil achar um lugar. Num distrito tão superpovoado, praticamente inexistia um cômodo desocupado. Poderia achar um quarto no Centro Comunitário da Norton Street, mas percebi que deveria conseguir algo mais que isso, se possível.

A melhor dica me foi dada pelo editor de um jornal semanal publicado em inglês para a colônia italo-americana. Eu falara antes com ele sobre meu estudo, e ele fora simpático. Agora eu voltava, pedindo ajuda para encontrar um quarto. Levou-me aos Martini, uma família que operava um pequeno restaurante. Fui almoçar lá e depois conversei com o filho. Ele foi receptivo, mas disse que não tinham espaço para mais uma pessoa. Ainda assim, gostei do lugar e apreciei a comida. Voltei lá várias vezes só para comer. Numa delas, encontrei o editor, e ele me convidou para sua mesa. No início fez algumas perguntas exploratórias sobre meu estudo: o que eu procurava, qual minha conexão com Harvard, o que eles esperavam conseguir, e assim por diante. Depois que respondi de uma forma que infelizmente não anotei, disse-me que estava satisfeito e que, de fato, já havia me defendido com pessoas que achavam que eu podia estar ali para "criticar nosso povo".

Discutimos meu problema de alojamento de novo. Mencionei a possibilidade de viver no Centro Comunitário da Norton Street. Ele concordou, mas acrescentou: "Seria muito melhor se ficasse com uma família. Você aprenderia a língua muito mais rapidamente e ficaria conhecendo as pessoas. Mas você quer uma boa família, uma família educada. Não quer se envolver com tipos inferiores. Você quer uma família boa mesmo."

Então virou-se para o filho da casa, com quem eu havia falado, e perguntou: "Você não pode conseguir um lugar para o senhor Whyte em sua casa?" Al Martini pensou um momento e disse: "Talvez a gente consiga resolver. Vou falar com a Mama de novo."

Ele falou com a Mama, e encontraram um lugar. Na verdade, ele cedeu seu quarto para mim e passou a dividir uma cama dupla com o filho do cozinheiro.

Protestei timidamente a respeito do arranjo, mas tudo já estava decidido — exceto o preço. Eles não sabiam quanto cobrar de mim, e eu não sabia quanto oferecer. Finalmente, após algumas idas e vindas, ofereci 15 dólares por mês, e eles fecharam por 12.

O quarto era simples, mas adequado aos meus propósitos. Não tinha aquecimento, porém, quando comecei a datilografar minhas notas, consegui um pequeno aquecedor a óleo. Não havia banheira na casa, mas, de qualquer modo, eu tinha que ir a Harvard com frequência e usava as instalações da grande universidade (o quarto de meu amigo Henry Guerlac) para um banho ocasional de banheira ou de chuveiro.

Fisicamente, o lugar dava para viver e me propiciou muito mais que apenas uma base física. Eu estava entre os Martini apenas há uma semana quando descobri que era muito mais que um pensionista para eles. Fazia muitas das refeições no restaurante e às vezes ficava para conversar um pouco com a família, antes de ir para a cama à noite. Então, numa tarde, eu estava em Harvard e percebi que começava a pegar uma gripe forte. Como ainda conservava meu quarto ali, pareceu razoável passar a noite na universidade. Não pensei em comunicar meu plano aos Martini.

No dia seguinte, quando cheguei ao restaurante para almoçar, Al Martini me recebeu calorosamente e disse que todos tinham ficado preocupados porque eu não voltara para casa na noite anterior. A Mama permanecera acordada até as duas horas, à minha espera. Como eu era um jovem estrangeiro na cidade, ficou imaginando todas as coisas que poderiam me acontecer. Al me disse que a Mama tinha passado a me ver como um membro da família. Eu era livre para ir e vir como quisesse, mas ela não se preocuparia tanto se soubesse os meus planos.

Fiquei muito comovido com esse pedido e decidi ser, dali em diante, o melhor filho que pudesse para os Martini.

No início eu me comunicava com a Mama e o Papa basicamente com sorrisos e gestos. O Papa não sabia nada de inglês, e o conhecimento da Mama estava limitado a uma única frase, que usava quando alguns dos garotos da rua faziam barulho em baixo de sua janela enquanto tentava tirar a soneca da tarde. Enfiava a cabeça para fora da janela e gritava: “Seusfilhodaputadesgraçado! Foradaqui!”

Algumas semanas antes, ao preparar minha mudança para o distrito, eu havia começado a estudar italiano por conta própria, com o auxílio de um linguafone. Uma manhã, Papa Martini, como eu já o chamava, passou por mim quando eu falava com o gravador. Ficou parado à porta, ouvindo por alguns momentos, tentando entender essa conversa peculiar. Então meteu-se quarto adentro com exclamações fascinadas. Sentou-se perto de mim, enquanto eu explicava o fun-

cionamento da máquina e o método. Depois disso, ficava encantado quando trabalhava comigo, e eu o chamava de meu professor de italiano. Em pouco tempo chegamos a um estágio no qual eu podia entabular conversas simples, e, graças ao linguafone e a Papa Martini, o italiano que saía aparentemente soava autêntico. Ele gostava de me apresentar a seus amigos como “*un paesano mio*” — um homem de sua cidade natal na Itália. Quando tinha o cuidado de manter minhas falas dentro dos limites de meu vocabulário, às vezes podia passar por um imigrante da vila de Viareggio, na província da Toscana.

Como a pesquisa fizera com que eu me concentrasse quase exclusivamente na geração mais jovem, que falava inglês, meu conhecimento de italiano provou-se desnecessário para os propósitos do estudo. No entanto, tinha certeza de que era importante para estabelecer minha posição social em Cornerville — mesmo com aquela geração mais jovem. Havia professores e assistentes sociais que trabalharam em Cornerville durante 20 anos e, ainda assim, não fizeram qualquer empenho para aprender italiano. Meu esforço em aprender a língua provavelmente foi mais útil para demonstrar a sinceridade de meu interesse do que qualquer coisa que eu pudesse ter dito às pessoas a meu respeito e de meu trabalho. Como poderia um pesquisador planejar “criticar nosso povo” quando se deu ao trabalho de aprender a língua? Com a língua vem a compreensão, e com certeza é mais fácil criticar as pessoas se você não as compreende.

Meus dias com os Martini eram assim: acordava por volta das nove horas e tomava café. Al Martini disse que eu podia tomar o desjejum no restaurante, contudo, por mais que desejasse me ajustar, nunca consegui tomar o café da manhã deles, composto de café com leite e uma fatia de pão.

Depois de comer, voltava para o quarto e passava o resto da manhã, ou a maior parte dela, datilografando as notas que havia tomado sobre os acontecimentos da véspera. Almoçava no restaurante e então ia para a esquina. Usualmente voltava para jantar no restaurante e depois saía para a noite.

Em geral voltava para casa entre 11 horas e meia-noite, quando o restaurante estava vazio, exceto talvez por uns poucos amigos da família. Então eu podia me juntar a Papa na cozinha; ficava conversando e ajudava a enxugar os pratos; ou puxava uma cadeira e me juntava à conversa da família em volta das mesas próximas da cozinha. Havia um copo de vinho para bebericar, e eu podia ficar ali, basicamente ouvindo e de vez em quando testando com eles meu pequeno mas crescente vocabulário italiano.

O padrão era diferente no domingo, quando o restaurante fechava às duas horas e os dois irmãos e a irmã de Al, mais esposas, marido e filhos, vinham para um grande almoço domingueiro. Insistiam para que eu almoçasse com eles, des-

sa vez como membro da família, sem pagar pela refeição. Sempre havia mais comida do que eu conseguia comer, mas era delicioso, e eu engolia tudo acompanhado por dois copos de vinho Zinfandel. Qualquer tensão que pudesse ter sofrido em meu trabalho na semana anterior desaparecia enquanto eu comia, bebia e depois ia para o quarto, tirar uma soneca de uma ou duas horas, da qual saía completamente renovado e pronto para partir novamente rumo às esquinas de Cornerville.

Embora tivesse feito vários contatos úteis no restaurante, ou por intermédio da família, não foi por isso que os Martini se tornaram importantes para mim. Há um desgaste quando se faz esse tipo de trabalho de campo. Ele é maior quando você é um estranho e está constantemente se perguntando se as pessoas vão aceitá-lo. Por mais que goste do que está fazendo, você deve desempenhar um papel enquanto observa e entrevista, e nunca está completamente descontraído. Era um sentimento maravilhoso poder voltar para casa depois de um dia de trabalho e relaxar e me distrair com a família. Provavelmente teria sido impossível para mim realizar um estudo tão intensivo de Cornerville se não tivesse uma casa como aquela de onde sair e à qual pudesse retornar.

5. NO COMEÇO, COM DOC

Ainda posso me lembrar de minha primeira saída com Doc. Nos encontramos uma noite no Centro Comunitário da Norton Street e saímos de lá para um ponto de jogo a alguns quarteirões de distância. Segui Doc ansiosamente, por um longo e escuro corredor nos fundos de um prédio de apartamentos. Eu não me preocupava com a possibilidade de uma batida policial. Pensava em como me encaixar e ser aceito. Entramos por uma pequena cozinha quase vazia e com as paredes descascadas. Logo que passamos a porta, tirei o chapéu e procurei um lugar onde o pendurar. Não havia. Olhei em volta, e aqui aprendi minha primeira lição de observador participante em Cornerville: não tire o chapéu quando entrar numa casa — pelo menos quando estiver entre homens. Pode-se permitir, mas certamente não é exigido, tirar o chapéu quando houver mulheres.

Doc me apresentou como “meu amigo Bill” a Chichi, que administrava o lugar, e aos amigos e fregueses de Chichi. Fiquei parte do tempo com Doc na cozinha, onde vários homens estavam sentados conversando; e parte na outra sala, olhando o jogo de dados.

Havia conversas sobre jogo, corrida de cavalos, sexo e outros assuntos. Na maior parte do tempo, apenas ouvia e tentava agir de maneira amigável e interessada. Tomamos vinho, café com anis, e cada um da roda dava sua contribuição

para pagar as bebidas. (Doc não me deixou pagar minha parte nessa primeira vez.) Como ele havia antecipado, ninguém perguntou nada sobre mim, mas depois ele me disse que, quando fui ao toalete, houve uma torrente de diálogos excitados em italiano, e que ele teve de garantir que eu não era agente do FBI. Contou-me que simplesmente informou que eu era um amigo seu, e eles concordaram em deixar por isso mesmo.

Fomos muitas outras vezes juntos ao ponto de jogo de Chichi, até que chegou a hora em que ousei ir sozinho. Quando passei a ser cumprimentado de maneira natural e amigável, senti que começava a encontrar um lugar para mim em Cornerville.

Quando Doc não ia ao jogo, passava seu tempo em volta da Norton Street, e comecei a ficar ali com ele. No início, Norton Street significava apenas um ponto onde me punha à espera para ir a outro lugar. Gradualmente, à medida que conhecia melhor os rapazes, vi que me tornava um integrante da gangue da Norton Street.

Então formou-se o Clube da Comunidade Italiana no Centro Comunitário da Norton Street, e Doc foi convidado para ser sócio. Ele manobrou para que eu fosse aceito no clube, e fiquei feliz, pois via que representava algo totalmente diferente das gangues de esquina que eu estava conhecendo.

Quando comecei a encontrar os homens de Cornerville, também entrei em contato com algumas garotas. Uma vez levei uma delas para uma dança na igreja. Na manhã seguinte, os camaradas na esquina me perguntaram: "Como vai sua namorada?" Isso me deu uma sacudida. Aprendi que ir à casa da garota era algo que você simplesmente não fazia, a menos que esperasse se casar com ela. Felizmente a garota e sua família sabiam que eu não conhecia os costumes locais, e não presumiram que eu estivesse me comprometendo. No entanto, o aviso foi útil. Embora achasse algumas garotas de Cornerville extremamente atraentes, nunca mais saí com uma delas, exceto em grupo, e nunca mais as visitei em casa.

Com o passar do tempo, descobri que a vida em Cornerville não era nem de perto tão interessante e agradável para as garotas como para os homens. Um rapaz tinha total liberdade para sair e andar à-toa. As garotas não podiam ficar pelas esquinas. Tinham que dividir seu tempo entre sua casa, a casa das amigas e dos parentes e um emprego, se fosse o caso. Muitas delas tinham um sonho mais ou menos assim: um dia chegaria um jovem de fora de Cornerville, com algum dinheiro, um bom emprego e uma boa educação, e as cortejaria e levaria para fora dali. Difícilmente eu teria condição de preencher esse perfil.

6. TREINO EM OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A primavera de 1937 me propiciou um curso intensivo de observação participante. Aprendi a me conduzir, e fiz isso no convívio de vários grupos, em particular com os Norton.

Quando comecei a andar por Cornerville, descobri que precisava dar uma explicação para minha presença ali e para meu estudo. Se estivesse com Doc, endossado por ele, ninguém me perguntava quem eu era ou o que fazia. Quando circulava sem ele em outros grupos, ou mesmo entre os Norton, era óbvio que tinham curiosidade a meu respeito.

Comecei com uma explicação bastante elaborada. Eu estudava a história social de Cornerville — mas de um novo ângulo. Em vez de trabalhar do passado para o presente, buscava um amplo conhecimento das condições presentes e, depois, seguiria em direção ao passado. Na época estava bastante satisfeito com minha fala, mas ninguém parecia se importar com ela. Só dei essa explicação duas vezes, e quando terminei ficou aquele silêncio incômodo. Ninguém, inclusive eu mesmo, sabia o que dizer.

Embora essa explicação tivesse ao menos a virtude de abarcar qualquer coisa que eu algum dia quisesse fazer no distrito, era aparentemente complicada demais para significar algo para as pessoas de Cornerville.

Logo descobri que essas pessoas desenvolviam sua própria explicação a meu respeito: eu escrevia um livro sobre Cornerville. Pode parecer uma explicação absolutamente vaga, mas ainda assim foi suficiente. Descobri que minha aceitação no distrito dependia das relações pessoais que desenvolvi, muito mais que de qualquer explicação que pudesse dar. Se escrever um livro sobre Cornerville era ou não boa coisa, isso dependia inteiramente das opiniões que as pessoas tinham sobre mim, sobre a minha pessoa. Se fosse favorável, então meu projeto estava bem; se fosse desfavorável, então nenhuma explicação que eu desse poderia convencê-las do contrário.

É claro que as pessoas não satisfaziam sua curiosidade a meu respeito apenas com perguntas que me fizessem diretamente. Procuravam Doc, por exemplo, e indagavam. Doc então respondia às perguntas e dava as garantias necessárias.

Durante meu período em Cornerville, aprendi bem rapidamente a importância crucial de ter o apoio dos indivíduos-chave de qualquer grupo ou organização que eu estudasse. Em vez de tentar me explicar a todos, descobri que as informações sobre mim e meu estudo que eu dava a líderes como Doc eram muito mais detalhadas que as que oferecia ao rapaz comum da esquina. Sempre tentava transmitir a todos a impressão de que estava disposto e ansioso para falar

sobre meu estudo para qualquer um, mas só com os líderes dos grupos eu fazia um esforço especial para realmente passar a informação completa.

Minha relação com Doc mudou rapidamente nesse primeiro período em Cornerville. No início, ele era apenas um informante-chave — e também meu padrinho. À medida que passávamos o tempo juntos, parei de tratá-lo como um informante passivo. Discutia bastante francamente com ele o que eu tentava fazer, que problemas me intrigavam, e assim por diante. Muito de nosso tempo era gasto nessa discussão de idéias e observações, de modo que Doc se tornou, num sentido muito real, um colaborador da pesquisa.

Esse pleno conhecimento da natureza de meu estudo estimulou Doc a procurar e me mostrar os tipos de observação pelas quais me interessava. Muitas vezes, quando eu o pegava no apartamento onde vivia com a irmã e o cunhado, ele me dizia: "Bill, você devia estar aqui ontem à noite. Teria ficado curioso com isso." E então prosseguia contando o que acontecera. Seus relatos eram sempre interessantes e valiosos para meu estudo.

Doc achava atraente e prazerosa essa experiência de trabalhar comigo, mas, mesmo assim, a relação tinha seus aspectos negativos. Uma vez ele comentou: "Você me fez diminuir a velocidade desde que está aqui. Agora, quando faço alguma coisa, tenho que pensar o que Bill Whyte gostaria de saber sobre isso e como posso explicar a ele. Antes costumava fazer tudo por instinto."

No entanto, Doc não parecia considerar este um problema sério. Na verdade, sem ter qualquer treinamento, ele era um observador tão perceptivo que bastava um pequeno estímulo para ajudá-lo a tornar explícitas muitas das dinâmicas da organização social de Cornerville. Algumas das interpretações que fiz são mais dele que minhas, embora seja impossível desemaranhá-las agora.

Embora trabalhasse mais próximo de Doc que de qualquer outra pessoa, sempre busquei os líderes em qualquer grupo que estivesse estudando. Queria não apenas seu apoio, mas também uma colaboração mais ativa com o estudo. Como as posições desses líderes na comunidade lhes permitiam observar muito melhor que os seguidores o que acontecia, e como eram em geral observadores mais habilidosos que os seguidores, descobri que tinha muito a aprender por meio de uma cooperação mais ativa com eles.

Quanto aos métodos de entrevista, havia sido orientado para não discutir com as pessoas, nem fazer julgamentos morais sobre elas. Isso estava bem de acordo com minhas próprias inclinações. Apreciava aceitar as pessoas e ser aceito por elas. No entanto, essa atitude não aparecia tanto nas entrevistas, pois tive poucas conversas formais. Buscava mostrar essa aceitação interessada pelas pessoas e pela comunidade em minha participação cotidiana em suas vidas.

Aprendi a participar das discussões na esquina sobre beisebol e sexo. Isso não exigiu qualquer treinamento especial, pois esses temas pareciam ser de interesse quase universal. Eu não era capaz de participar tão ativamente das discussões sobre corridas de cavalos. Comecei a seguir as corridas de maneira bastante geral e amadora. Tenho certeza de que teria valido a pena dedicar mais tempo ao estudo do *Morning Telegraph* e outras publicações sobre corridas, mas meu conhecimento de beisebol pelo menos garantiu que eu não fosse deixado de fora das conversas nas esquinas.

Embora evitasse expressar opiniões sobre questões melindrosas, descobri que discutir sobre alguns assuntos era simplesmente parte do padrão social, e que dificilmente alguém poderia participar sem se juntar à discussão. Muitas vezes achei-me envolvido em discussões acaloradas, mas cordiais, sobre os méritos relativos de determinados jogadores ou dirigentes de algum time importante.

Sempre que uma garota ou grupo de garotas viesse andando pela rua, os rapazes da gangue tomavam notas mentais para depois discutir suas avaliações sobre elas. Essas avaliações tinham a ver, basicamente, com questões de forma, e aí eu tinha prazer de argumentar que Mary possuía um corpo melhor que Ana, ou vice-versa. É claro que, se alguns dos rapazes fossem pessoalmente ligados a Mary ou Ana, não se faria qualquer comentário indiscreto, e eu também evitaria esse tópico.

Às vezes ficava pensando se simplesmente estar parado na esquina seria um processo suficientemente ativo para ser dignificado pelo termo "pesquisa". Talvez devesse fazer perguntas a esses homens. No entanto, é preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, e também que perguntas fazer.

Aprendi essa lição uma noite, nos primeiros meses, quando estava com Doc no ponto de jogo de Chichi. Um homem de outra parte da cidade estava nos regalando com uma história sobre a organização das atividades relacionadas com o jogo. Havia me dito que ele fora grande operador de jogos e falava com conhecimento de causa sobre muitos assuntos interessantes. Falou a maior parte do tempo, mas como os outros faziam perguntas e comentários, achei, numa certa altura, que deveria dizer alguma coisa para participar. E perguntei: "Imagino que os tiras eram todos subornados, não?"

O queixo do jogador caiu. Ele me encarou. E então negou com veemência que qualquer policial tivesse sido subornado, e imediatamente mudou de assunto. Passei o resto daquela noite sentindo-me muito desconfortável.

No dia seguinte, Doc explicou a lição da noite anterior. "Vá devagar. Bill, com essa coisa de 'quem', 'o quê', 'por quê', 'quando', 'onde'. Você pergunta essas coisas e as pessoas se fecharão em copas. Se te aceitam, basta que você fique

por perto, e saberá as respostas a longo prazo, sem nem mesmo ter que fazer as perguntas.”

Descobri que isso era verdade. Sentando e ouvindo, soube as respostas às perguntas que nem mesmo teria tido a idéia de fazer se colhesse minhas informações apenas por entrevistas. Não abandonei de vez as perguntas, é claro. Simplesmente aprendi a julgar quão delicada era uma questão e a avaliar minha relação com a pessoa, de modo a só fazer uma pergunta delicada quando estivesse seguro da solidez de minha relação com ela.

Depois de ter estabelecido minha posição na esquina, os dados vinham a mim sem esforços muito ativos de minha parte. Apenas ocasionalmente, quando estava preocupado com um problema específico e sentia necessidade de novas informações sobre um certo indivíduo, apenas então eu buscava uma oportunidade de encontrá-lo a sós e fazer uma entrevista mais formal.

No início, concentrei-me na tarefa de me ajustar a Cornerville, embora um pouco mais tarde tivesse de enfrentar a questão de até que ponto ia me envolver na vida do distrito. Dei de cara com o problema numa noite, quando descia a rua com os Norton. Tentando entrar no espírito do papo furado, soltei um monte de obscenidades e vulgaridades. Todos pararam por um momento e olharam para mim, surpreendidos. Doc balançou a cabeça e disse: “Bill, a gente não espera que você fale desse jeito. Não combina com você.”

Tentei explicar que somente usava termos comuns na esquina. Doc insistiu, no entanto, que eu era diferente, e que eles queriam que eu continuasse assim.

A lição foi muito além do emprego de obscenidades e vulgaridades. Aprendi que as pessoas não esperavam que eu fosse exatamente igual a elas; na realidade, estavam interessadas em mim e satisfeitas comigo porque viam que eu era diferente, bastava que tivesse um interesse amigável por elas. Abandonei portanto meus esforços de imersão total. Ainda assim, meu comportamento foi afetado pela vida na esquina. Quando John Howard chegou de Harvard para se juntar a mim no estudo do lugar, notou na mesma hora que minha maneira de conversar em Cornerville era muito diferente da que eu tinha em Harvard. Não era uma questão de usar imprecisões ou obscenidades, nem de eu me forçar a usar expressões gramaticalmente incorretas. Eu falava de um jeito que me parecia natural, mas o natural de Cornerville não era o mesmo de Harvard. Em Cornerville encontrei-me dando muito mais vivacidade à minha fala, engolindo as terminações de algumas palavras e gesticulando de maneira muito mais expressiva. (Havia também, é claro, a diferença de vocabulários. Quando estava mais profundamente envolvido em Cornerville, vi-me bastante desarticulado durante minhas visitas a Harvard. Eu simplesmente não conseguia acompanhar as dis-

cussões sobre relações internacionais, a natureza da ciência e coisas assim, nas quais antes me sentira mais ou menos à vontade.)

À medida que fui sendo aceito pelos Norton e por vários outros grupos, tentei me tornar bastante agradável, de modo que as pessoas tivessem prazer de me ver por perto. Ao mesmo tempo, tentei não influenciar o grupo, porque queria estudar a situação da maneira menos afetada possível por minha presença. Assim, durante toda a minha estada em Cornerville, evitei aceitar empregos ou posições de liderança em qualquer dos grupos, com uma única exceção. Uma vez fui nomeado secretário do Clube da Comunidade Italiana. Meu primeiro impulso foi declinar da indicação, mas então refleti que a função do secretário é normalmente considerada menor — escrever as atas e cuidar da correspondência. Aceitei e descobri que poderia fazer um registro muito completo do desenrolar das reuniões enquanto elas aconteciam, sob o pretexto de tomar notas para as atas.

Embora tenha evitado influenciar indivíduos ou grupos, tentei ser útil em Cornerville da maneira como ali se espera que um amigo ajude o outro. Quando um dos rapazes tinha de ir fazer alguma coisa no centro da cidade e queria companhia, eu ia junto. Quando alguém tentava conseguir um emprego e devia escrever uma carta falando de si mesmo, eu o ajudava a escrever, e assim por diante. Esse tipo de comportamento não apresentava problema algum, mas quando se tratava de lidar com dinheiro, de modo algum estava claro como eu deveria me conduzir. Certamente, buscava gastar dinheiro com meus amigos do mesmo jeito que faziam comigo. Mas, e quanto a emprestar? Num lugar como Cornerville, espera-se que um homem ajude seus amigos sempre que possa, e muitas vezes a ajuda necessária é financeira. Emprestei dinheiro em diversas ocasiões, mas sempre me senti desconfortável a respeito disso. Naturalmente uma pessoa gosta quando você lhe empresta dinheiro, mas o que sente ela quando chega a hora de pagar e não tem como? Talvez fique embaraçada e tente evitar sua companhia. Nessas ocasiões, eu tentava encorajar meu amigo, dizendo saber que não tinha como me pagar no momento e que isso não me preocupava. Ou então dizia para esquecer a dívida de uma vez por todas. Mas isso não apagava do livro de contabilidade, e o desconforto permanecia. Aprendi que é possível fazer um favor para um amigo e, no processo, causar um dano à relação.

Não conheço solução fácil para esse problema. Tenho certeza de que haverá circunstâncias nas quais o pesquisador agiria muito mal caso se recusasse a fazer um empréstimo a uma pessoa. Por outro lado, estou convencido de que, sejam quais forem os seus recursos financeiros, ele não deve buscar oportunidade de emprestar dinheiro, e precisa evitar fazer isso, sempre que possa, de maneira elegante.

Se o pesquisador estiver tentando entrar em mais de um grupo, seu trabalho de campo torna-se mais complicado. Pode haver momentos em que os grupos entrem em conflito um com o outro, e esperam que ele tome posição. Uma vez, na primavera de 1937, os rapazes combinaram um jogo de boliche entre os Norton e o Clube da Comunidade Italiana. Doc jogou pelos Norton, é claro. Felizmente meu jogo naquela época não havia chegado a um nível que me tornasse disputado por qualquer dos times, e pude ficar sentado assistindo. De lá eu tentava aplaudir, imparcialmente, os bons lances dos dois times, embora tema que estivesse evidente o crescente entusiasmo de meus aplausos para os Norton.

Quando estava com os sócios do Clube da Comunidade Italiana, de forma alguma me sentia chamado a defender os rapazes da esquina contra quaisquer observações depreciativas. No entanto, houve uma ocasião constringedora, quando estava com os rapazes da esquina e um dos rapazes formados parou para falar comigo. No meio da conversa, ele disse: "Bill, esses caras não vão entender o que quero dizer, mas tenho certeza de que você entende." Eu pensei que tinha de dizer alguma coisa, e falei que ele estava muito equivocados ao subestimar os rapazes, e que os formados não eram os únicos inteligentes.

Embora a observação estivesse de acordo com minha inclinação natural, estou certo de que ela se justificava de um ponto de vista estritamente prático. Minha resposta não abalou o sentimento de superioridade do rapaz formado, nem perturbou nossa relação pessoal. Por outro lado, ficou claro, logo que ele saiu, como os rapazes da esquina tinham ficado profundamente sentidos com aquela observação. Passaram algum tempo expressando, de maneira explosiva, o que achavam do cara. Então me disseram que eu era diferente, que apreciavam isso, e que eu sabia muito mais do que esse cara, e mesmo assim não me exibira.

A primeira primavera que passei em Cornerville serviu-me para estabelecer uma posição sólida na vida do distrito. Estava lá somente há umas semanas quando Doc me disse: "Você é uma coisa tão parte desta esquina como aquele poste ali." Talvez o evento mais importante a sinalizar minha aceitação entre os Norton tenha sido o jogo de beisebol que Mike Giovanni organizou contra o grupo dos rapazes da Norton Street que tinham perto de 20 anos. Os homens mais velhos haviam acumulado gloriosas vitórias no passado contra os mais jovens, que então começavam a surgir. Mike me deu uma posição regular no time, acho que talvez não fosse uma posição-chave (eu fiquei na primeira base), mas pelo menos estava jogando. Quando chegou minha vez de rebater, na segunda parte da nono tempo, o escore estava apertado, já houvera duas fora, e as bases estavam carregadas. Quando me abaixei para pegar o bastão, ouvi algum dos camaradas sugerir a Mike que ele devia pôr um rebatedor da reserva. Mike respondeu

numa voz alta que só podia ser para eu ouvir: “Não, tenho confiança em Bill Whyte. Ele vai se sair bem desse aperto.” Então, com o estímulo da confiança de Mike, fui lá, perdi duas rebatidas e depois bati uma bola difícil, que passou entre a segunda base e a base central. Pelo menos foi o que me disseram. Estava tão ocupado tratando de chegar à primeira base que não sei se cheguei lá por erro ou por ter feito uma rebatida indefensável mesmo.

Naquela noite, quando descemos para um café, Danny me presenteou com um anel, por ser um companheiro regular e um jogador bastante bom. Fiquei particularmente impressionado com o anel, pois tinha sido feito a mão. Danny começara com um dado de âmbar claro, que já não tinha utilidade em seu jogo. Durante longas horas, usou o cigarro aceso para fazer um furo no dado e arredondar os cantos, de modo que a parte de cima ficasse com o formato de um coração. Assegurei meus amigos de que guardaria aquele anel comigo para sempre.

Talvez devesse acrescentar que minha rebatida, que nos deu a vitória, resultou no score 18-17, a mostrar que eu não era o único a acertar a bola. Ainda assim, foi um sentimento maravilhoso ter conseguido corresponder quando eles contavam comigo, e isso me fez sentir mais ainda que tinha um lugar na Norton Street.

À medida que juntei os primeiros dados de pesquisa, tive que decidir como organizar as notas escritas. Bem no início da fase exploratória, simplesmente punha todas as notas numa única pasta, em ordem cronológica. Como seguiria estudando vários diferentes grupos e problemas, era óbvio que essa não poderia ser a solução.

Tive que subdividir as notas. Parecia haver duas possibilidades, basicamente. Organizá-las por tópicos, com pastas para política, organizações mafiosas, igreja, família, e assim por diante. Ou em termos dos grupos aos quais se referiam, o que implicaria pastas sobre os Norton, o Clube da Comunidade Italiana, e outras. Sem realmente refletir a respeito do problema, comecei a organizar o material com base nos grupos, raciocinando que mais tarde poderia redividir o material por tópicos, quando tivesse conhecimento sobre o método mais relevante.

Porém o material nas pastas começou a aumentar, e cheguei à conclusão de que a organização das notas por grupos sociais se adequava ao modo como meu estudo vinha se desenvolvendo. Por exemplo, temos um rapaz formado que é membro do Clube da Comunidade Italiana que diz: “Esses gângsteres dão má reputação ao nosso distrito. Eles realmente deveriam ser postos pra fora daqui.” E temos um membro dos Norton dizendo: “Esses gângsteres são realmente legais. Quando você precisa de ajuda, eles estão aí. O empresário legítimo — este não te dá nem a hora certa.” Essas citações deveriam ser arquivadas em “Gângs-

teres, atitudes com relação a"? Nesse caso, elas apenas mostrariam que há atitudes conflituosas em Cornerville a respeito dos gângsteres. Somente um questionário (dificilmente viável para estudar esse tópico) poderia mostrar a distribuição de atitudes no distrito. Além disso, como seria importante saber quantas pessoas se sentiam de uma ou de outra maneiras a respeito do assunto? Parecia-me de muito maior interesse científico ser capaz de relacionar a atitude ao grupo do qual participava o indivíduo. Isso mostraria por que seria de se esperar que duas pessoas tivessem atitudes bastante diferentes com relação a uma dada questão.

Com o passar do tempo, até as notas em cada pasta aumentaram além do ponto a partir do qual minha memória já não me permitia localizar rapidamente determinado item. Então inventei um sistema rudimentar de indexação: uma página de três colunas contendo, para cada entrevista ou relato de observação, a data, a pessoa ou as pessoas entrevistadas ou observadas, e um breve resumo da entrevista ou da observação. Esse índice tinha de três a oito páginas. Quando chegou o momento de rever as notas ou de escrever a partir delas, uma busca de cinco a dez minutos no índice era suficiente para me dar um quadro razoavelmente completo do que eu tinha e de onde qualquer item podia ser localizado.

7. UMA AVENTURA NA POLÍTICA

Passei julho e agosto de 1937 fora de Cornerville, com meus pais. Talvez simplesmente estivesse muito acostumado com as férias de verão da família para permanecer em Cornerville, mas por fim racionalizei que precisava sair de lá por um tempo para ler algumas coisas, e também construir uma perspectiva sobre meu estudo. Não era fácil construir uma perspectiva naquela época. Ainda não via o elo que conectava um estudo abrangente da vida da comunidade e os estudos intensivos de grupos.

Voltei sentindo que, de alguma forma, devia ampliar meu estudo. Isso podia significar abandonar meus contatos com os Norton e com o Clube da Comunidade Italiana — e passar a ter uma participação mais intensa em outras áreas. Talvez essa tivesse sido uma decisão lógica em termos da forma como via meu estudo de Cornerville na época. Felizmente não agi assim. O clube me tomava apenas uma noite por semana, então não havia qualquer grande pressão para abandoná-lo. Os Norton tomavam muito mais tempo, porém, ainda assim, era importante para mim ter uma esquina e um grupo nos quais me sentisse em casa em Cornerville. Na época, não via claramente que aquele estudo de um grupo representava muito mais que um exame de suas atividades e relações pessoais

num determinado momento. Somente quando comecei a perceber mudanças nesses grupos me dei conta de quão extremamente importante é observar um grupo durante um longo período de tempo.

Embora eu perambulasse com os Norton e o Clube da Comunidade Italiana mais ou menos por inércia, decidi que deveria expandir o estudo buscando uma visão mais ampla e profunda da vida política da comunidade. Em Cornerville, as atividades dos grupos de esquina e a política estão inextricavelmente entrelaçadas. Havia diversas organizações políticas buscando fortalecer candidatos rivais. Senti que a melhor maneira de ter uma visão de dentro da política seria me associando ativamente a uma delas, mas tinha receio de que isso me pusesse um rótulo que, mais tarde, dificultaria meu estudo, quando eu quisesse me relacionar com pessoas que fossem contra esse determinado político.

O problema se resolveu sozinho. No outono de 1937, houve uma eleição para prefeito. Um político irlandês que já fora prefeito e governador do estado se recandidatava. Entre os "bons ianques", o nome de Murphy era a personificação da corrupção. No entanto, em Cornerville, ele tinha a reputação de ser um amigo dos pobres e do povo italiano. A maior parte dos políticos de Cornerville fechava com ele, e se esperava que ganhasse no distrito por uma tremenda maioria. Decidi, portanto, que seria bom para meu estudo se eu pudesse começar na política trabalhando para esse homem. (Entre meus colegas de Harvard, essa nova aliança política provocou o arquear de algumas sobrancelhas; mas racionalizei dizendo que um neófito completo dificilmente poderia fazer qualquer coisa que contribuísse para a eleição de um notório político.)

A fim de me engajar na campanha, tinha que fazer algum tipo de conexão local. Consegui isso com George Ravello, o senador do estado que representava nosso distrito e dois outros. No restaurante onde eu vivia, conheci Paul Ferrante, secretário de Ravello e também amigo da família Martini. Os serviços que Ferrante prestava a Ravello eram inteiramente voluntários. Paul estava desempregado na época e trabalhava para o senador na esperança de que, com isso, pudesse conseguir um emprego político algum dia.

Após uma rápida discussão preliminar, alistei-me como secretário não-remunerado do secretário não-remunerado do senador estadual, enquanto durasse a campanha para prefeito. Quando terminou a eleição, me realistei, pois havia uma eleição especial para uma cadeira vaga no Congresso, e George Ravello concorria a ela. Felizmente, para meu estudo, todos os outros políticos de Cornerville estavam pelo menos oficialmente com Ravello, já que ele concorria com vários irlandeses. Assim, senti que poderia atuar em sua campanha sem criar barreiras para mim em qualquer outra parte do distrito.

Como alguém que trabalhava na campanha do senador estadual, eu era uma completa anomalia. A maior parte dos que se engajam nessas campanhas pretende pelo menos arrebancar um número substancial de votos; eu não podia prometer nada além do meu. Foi difícil para a organização acostumar-se com isso. Uma vez George Ravello me deu uma carona até a Assembléia Legislativa e quis saber quando eu ia conseguir para ele o apoio do Clube da Comunidade Italiana. Naquela época, esta era uma questão bastante discutida no clube. Por um lado, todos os sócios tinham interesse em ver um italo-americano avançar para um alto posto; por outro, sentiam-se embaraçados quando eram identificados com George Ravello. Dificilmente se poderia considerar educada a linguagem que ele usava em público, e Ravello ganhara um tipo de publicidade que em diversas ocasiões deixava os rapazes embaraçados. Uma vez, por exemplo, uma mulher estava testemunhando contra um projeto apresentado no senado por Ravello. Ele se enfureceu no meio da audiência e ameaçou jogar a boa mulher ao mar se ela algum dia pusesse os pés em seu distrito. Em outra ocasião, os jornais mostraram a foto de Ravello com um olho roxo, que havia ganhado numa luta com um membro da Junta de Indultos e Liberdade Condicional do estado.

Expliquei a Ravello que era contra a política do clube endossar candidatos a qualquer cargo público. Embora isso fosse verdade, dificilmente era uma explicação satisfatória para o senador. Ainda assim ele não insistiu no assunto, talvez reconhecendo que, afinal, o apoio do Clube da Comunidade Italiana não contava muito.

Como não era capaz de angariar votos, busquei ser útil fazendo diversos pequenos serviços, como pregar cartazes de Ravello em várias partes do distrito.

Estou certo de que ninguém achou que eu fosse de grande ajuda para a campanha do senador, mas também não parecia causar nenhum dano, de modo que tive a permissão de andar à vontade pelo lugar, que servia como uma combinação de escritório político e salão funerário.

Eu achava esse um dos piores lugares para ficar, porque jamais consegui manter um completo distanciamento científico com relação à questão dos "salões funerários". Uma das minhas mais vívidas e desagradáveis memórias de Cornerville vem desse período. Um dos eleitores do senador havia morrido. Como a escada para seu apartamento era muito estreita para passar o caixão, o morto foi exposto para os amigos e a família na capela dos fundos do salão funerário. Infelizmente foi exposto em dois pedaços, pois sua perna fora amputada pouco antes da morte. O resto do corpo estava embalsamado, mas me disseram que não havia como embalsamar uma perna avulsa. A perna gangrenada tinha

um cheiro nauseante. Enquanto a família e os amigos vinham prestar suas últimas homenagens, os empregados políticos ficavam na parte da frente do escritório, tentando se manter concentrados na política. De vez em quando Paul Ferrante andava pela sala borrifando perfume. A combinação de perfume e mau-cheiro de podridão dificilmente poderia melhorar a situação. Fiquei no meu posto o dia todo, mas terminei um tanto enjoado.

Como os políticos não sabiam o que fazer com meus serviços, mas, ainda assim, estavam dispostos a me ter por perto, descobri que poderia criar minha própria definição do cargo. Antes de uma das reuniões dos trabalhadores políticos, sugeri a Carrie Ravello — a esposa do candidato e verdadeiro cérebro da família — que eu servisse de secretário. Então, passei a tomar notas enquanto a reunião se desenrolava e datilografei um sumário para uso futuro, que passei para ela. (A invenção do papel carbono me permitiu guardar minha própria cópia de todas as anotações.)

Na realidade, esses registros não tinham qualquer importância para a organização. Embora fossem consideradas reuniões para discutir estratégia e táticas políticas, eram apenas encontros preparatórios para a segunda linha de poderes políticos que apoiava Ravello. Nunca estive em nenhuma das discussões políticas do alto escalão, em que as verdadeiras decisões eram tomadas. No entanto, as anotações que fiz nesses encontros políticos realmente me deram um registro plenamente documentado de uma área específica. A partir dali, passei para o comício político de grande porte, onde busquei registrar, no local da ação, as falas e outras atividades dos principais correligionários de Ravello.

Quando chegou o dia da eleição, votei logo que a seção abriu e me apresentei no quartel-general do candidato. Ali soube que havia sido designado para trabalhar com o secretário de Ravello em outro Distrito. Passei a primeira parte do dia fora de Cornerville, seguindo Ferrante, sem exercer qualquer atividade útil para mim ou para a organização. Não me preocupava com minha contribuição porque tinha a impressão cada vez mais forte de que muito do que acontecia sob o nome de atividade política era simples perda de tempo. Na manhã daquele dia paramos para conversar com vários amigos de Paul Ferrante e beber alguma coisa ou tomar um café aqui e ali. Depois ficamos em circulação, oferecendo transporte para eleitores que precisassem chegar a suas seções — o que, num distrito tão povoado, significava um local logo ali, depois da esquina. Fizemos cerca de 30 paradas e transportamos uma eleitora que declarou pretender caminhar até a seção dali a cinco minutos. Os outros não estavam em casa ou disseram que iriam mais tarde a pé.

Às duas horas, perguntei se poderia sair e voltar para meu Distrito. A permissão foi imediata, e então pude passar o resto do dia em Comerville.

Quando cheguei em casa, comecei a ouvir relatos alarmantes a respeito do Distrito do político irlandês, o principal adversário de Ravello. Dizia-se que ele tinha uma frota de táxis passeando pelo Distrito, e assim cada repetidor conseguia votar em todas as zonas. Ficou claro que, se não roubássemos a eleição, esse mau caráter a roubaria de nós.

Por volta das cinco horas, um dos principais assessores do senador correu até alguns de nós que estávamos parados na esquina, do outro lado da rua onde ficava minha seção. Ele nos disse que a seção de Joseph Maloney, em nosso Distrito, estava totalmente aberta para repetidores. Os carros estavam prontos para transportá-los e tudo de que precisávamos eram uns poucos homens para começar o trabalho. Naquele momento a organização estava desfalcada de mão-de-obra para realizar essa importante tarefa. O assessor não pediu voluntários; ele simplesmente nos mandou entrar nos carros e seguir para as seções onde o trabalho pudesse ser feito. Hesitei um momento, mas não me recusei.

Antes que as seções fossem fechadas naquela noite, eu havia votado mais três vezes em George Ravello — realmente nenhuma grande façanha, já que um outro novato que começara na mesma hora que eu conseguira produzir nove votos no mesmo período. Dois dos meus votos foram dados numa ponta do Distrito que pertencia a Joseph Maloney, e o terceiro foi registrado na minha própria seção.

Estava parado na esquina quando os capangas do político chegaram com a lista de eleitores e pediram que eu entrasse. Expliquei que aquela era minha seção e que já havia votado com meu próprio nome. Quando souberam que isso tinha acontecido logo que a seção fora aberta, disseram que não havia razão para me preocupar, pois a equipe encarregada da seção já mudara. Escolheram para mim o nome de Frank Petrillo. Disséram que Petrillo era um pescador siciliano que estava no mar no dia da eleição, e portanto estávamos exercendo os direitos democráticos por ele. Olhei na lista e descobri que Petrillo tinha 45 anos e media 1,75m. Como eu tinha 23 anos e media 1,89m, pareceu-me implausível substituí-lo, e levantei a questão. Garantiram que isso não fazia a menor diferença, já que as pessoas dentro da seção eram gente de Joe Maloney. Não me senti completamente tranqüilo com isso, mas, mesmo assim, já perto da hora de encerrar a votação, entrei numa longa fila e esperei a minha vez.

Dei meu nome, a mulher na entrada me deixou entrar, peguei minha cédula, voltei à cabine e marquei George Ravello. Quando estava a ponto de colocar o voto na urna, a mulher me olhou e perguntou minha idade. De repente o ridículo da farsa me bateu de cheio. Eu deveria dizer 45, mas não pude falar mentira

tão absurda. Em vez disso, fiz por 29. Ela perguntou minha altura e fiz outra média, dizendo 1,82. Eu estava pego, mas o interrogatório continuou. A mulher perguntou como eu soletrava meu nome. Naquela excitação toda, soletrei errado. A outra fiscal chegou e perguntou sobre minhas irmãs. Achei que me lembrava de ter visto os nomes de algumas mulheres Petrillo na lista, e, de qualquer modo, se eu inventasse nomes que não aparecessem, poderiam ser nomes de mulheres que não estavam registradas. Eu disse: "Sim, tenho duas irmãs." Ela perguntou seus nomes, e respondi "Celia e Florence."

Lançou-me um olhar malicioso e perguntou: "E essa Marie Petrillo?" Inspirei profundamente e disse: "É minha prima." Elas disseram que teriam que impugnar meu voto. Chamaram o policial encarregado da seção.

Tive um minuto de espera até que ele chegasse, e foi tempo suficiente para refletir sobre meu futuro. Podia ver diante de mim grandes manchetes nas primeiras páginas dos tablóides de Eastern City: BOLSISTA DE HARVARD PRESO POR FRAUDAR A ELEIÇÃO. Por que deixariam de fazer isso? Na verdade, era a história ideal para um jornal, do tipo homem morde cachorro. Naquele instante resolvi que pelo menos não mencionaria minha conexão com Harvard nem meu estudo sobre Cornerville quando fosse preso.

O policial chegou, disse que teria que impugnar meu voto e pediu que eu escrevesse meu nome atrás do voto. Fui para a cabine. Mas àquela altura estava tão nervoso que esqueci qual era meu primeiro nome, e escrevi "Paul". O policial pegou meu voto e olhou no verso. Fez-me jurar que esse era o meu nome e que não havia votado antes. Jurei. E caminhei para o portão. Ele me disse para parar. Olhei a multidão entrando e pensei em sair correndo na direção dela, mas não fiz isso. Voltei. Ele olhou no livro de eleitores registrados. Então se virou para a cabine e por um momento ficou de costas para mim. E o vi apagando o nome que eu tinha escrito no verso do voto. Depositou o voto na urna e o registrou, soando uma campainha. Disse-me que eu podia sair, foi o que fiz, tentando caminhar de um jeito calmo e displicente.

Quando estava na rua, disse para o cabo eleitoral do político que meu voto havia sido impugnado. "E daí, qual o problema? Não perdemos nada com isso." Então contei que o voto finalmente havia ido para a urna. "Bom, melhor ainda. Escute, o que eles poderiam ter feito com você? Se os tiras tivessem te levado, não iam te segurar lá. A gente cuidava de você."

Não comi bem naquela noite. Curiosamente, não me sentia tão culpado com o que havia feito até pensar que iam me prender. Até aquele momento tinha apenas feito as coisas, meio desligado. Depois do jantar fui procurar Tony Cardio, do Clube da Comunidade Italiana. À tarde, quando eu entrava na seção

para "repetir" o voto, ele vinha saindo. Ao passar por mim, arreganhou um sorriso e disse: "Estão dando um duro em você hoje, não é?" Concluí imediatamente que ele devia saber que eu ia votar de novo. Agora sentia que precisava vê-lo o mais depressa possível para explicar da melhor maneira o que eu havia feito e por quê. Felizmente para mim, Tony não estava em casa naquela noite. À medida que minha ansiedade foi baixando, reconheci que, simplesmente porque eu sabia de minha própria culpa, isso não necessariamente significava que todos os outros e Tony soubessem o que eu fizera. Confirmei isso indiretamente quando mais tarde tivemos uma conversa sobre a eleição. Ele não levantou questão alguma a respeito de minhas atividades como votante.

Foi esse o meu desempenho no dia da eleição. O que ganhei com ele? Tinha visto de primeira mão, por experiência pessoal, como era feita a repetição. Mas isso era realmente de pouca importância, pois observara essas atividades bastante de perto antes, e poderia ter obtido todos os dados sem correr risco algum. Na verdade não aprendi nada de valor para a pesquisa com essa experiência, e me arrisquei a prejudicar todo o meu estudo. Embora tivesse escapado da prisão, nem sempre essas coisas são resolvidas com tamanha segurança quanto pensa o assessor do político. Um ano mais tarde, quando estava fora da cidade no dia da eleição, alguém foi realmente preso por votar em *meu* nome.

Além do risco de ser preso, havia outras perdas possíveis. Embora a repetição fosse bastante comum em nosso Distrito, somente umas tantas pessoas estavam engajadas nisso, e em geral eram vistas como as que faziam o trabalho sujo. Se a notícia tivesse se espalhado, minha posição no Distrito teria sofrido um dano considerável. Até onde saiba, apenas algumas das pessoas-chave na organização de Ravello ficaram sabendo da história. Eu votara mais fora do Distrito, e meus amigos da Norton Street não votavam na mesma seção em que dei meu segundo voto em Cornerville. Não tinha sido observado por ninguém cuja opinião pudesse me causar dano. Além disso, foi por absoluta sorte que não me denunciarei a Tony Cardio; na verdade, tive sorte em tudo, do começo ao fim.

A experiência trouxe problemas que transcendiam a questão de ter-me saído bem. Eu fora criado como um respeitável cidadão de classe média, seguidor da lei. Quando descobri que era um repetidor, minha consciência começou a criar sérios problemas. Não era essa a auto-imagem que vinha tentando construir. Não podia simplesmente rir dela, como se fosse uma parte necessária do trabalho de campo. Sabia que não era necessária; depois de ter começado a "repetir", poderia ter-me recusado a ir adiante. Houve outros que se recusaram. Eu simplesmente me envolvera na dinâmica da campanha e me permitira ser levado por ela. Tive de aprender que, para ser aceito pelas pessoas num distrito, você

não deve fazer tudo exatamente como elas fazem. Na verdade, num distrito onde existem diferentes grupos com diferentes padrões de comportamento, ajustar-se aos padrões de um grupo particular pode ter conseqüências muito sérias.

Também precisei aprender que o pesquisador de campo não pode se dar ao luxo de pensar apenas em viver a vida com os outros à sua volta. Ele deve continuar a viver consigo mesmo. Se o observador participante se vê assumindo comportamentos que havia aprendido a considerar imorais, então é provável que comece a pensar sobre o tipo de pessoa que ele é. A menos que possa levar consigo uma imagem razoavelmente consistente de si mesmo, é provável que se meta em dificuldades.

8. DE VOLTA A NORTON STREET

Quando terminou a campanha, voltei a Norton Street sem cortar totalmente meus laços com a organização de Ravello. Havia duas razões para isso: queria manter meus contatos para futuras possíveis pesquisas sobre política, e também não desejava que pensassem em mim apenas como mais um desses caras fingidos que fazem a maior agitação em torno do político quando este parece ter a chance de vencer, e o abandonam quando perde. Ainda assim, não havia qualquer laço pessoal forte me prendendo à organização. Gostava de Carrie Ravello e a respeitava; o senador me intrigava e me interessava, mas nunca senti vontade de conhecê-lo. Seu ex-secretário simplesmente desapareceu de vista por algum tempo depois da eleição — e ainda me devendo dez dólares. Os outros realmente não tinham importância para mim, pessoalmente. E ao rever minhas notas, hoje, vejo que até mesmo seus nomes têm pouco significado.

Quando voltei a estar mais ativo na Norton Street, o mundo local começou a me parecer diferente. O universo que eu vinha observando estava num processo de mudança. Observei alguns dos sócios do Clube da Comunidade Italiana estabelecer contatos com o alto mundo ianque quando os acompanhei à “All-American Night” no Clube das Mulheres Republicanas. Via crescer as tensões e os desgastes entre os Norton, como resultado dos contatos com o Clube Afrodite e o Clube da Comunidade Italiana. Completamente desprovido de distanciamento científico, observava Doc enquanto ele se preparava em seu esforço fracassado de concorrer a um cargo público.

Então, em abril de 1938, numa noite de sábado, me defrontei inesperadamente com uma de minhas mais empolgantes experiências de pesquisa em Cornerville. Foi na noite em que os Norton iam disputar um prêmio em dinheiro no boliche, a maior noite do boliche em toda a temporada. Lembro-me de estar na

esquina com os rapazes enquanto eles discutiam o torneio. Ouvia Doc, Mike e Danny fazerem suas previsões quanto à ordem de classificação final dos homens. De início aquilo não me causou impressão particular alguma, pois minhas próprias previsões não expressas eram exatamente as deles. Então, enquanto os homens brincavam e discutiam, subitamente comecei a questionar toda a situação e a vê-la de uma maneira nova. Estava convencido de que Doc, Mike e Danny estavam basicamente corretos em suas previsões, mas, ainda assim, por que as classificações deveriam se aproximar da estrutura da gangue? Será que esses homens no topo eram simplesmente melhores atletas que o resto? Não fazia qualquer sentido, pois ali estava Frank Bonelli, um atleta bom o suficiente para receber a promessa de um teste num time de beisebol da primeira divisão. Por que não poderia Frank superar todos nós na pista de boliche? Então me lembrei do jogo de beisebol que tínhamos jogado um ano antes contra a turma mais jovem da Norton Street. Eu via o homem que era tido consensualmente como o melhor jogador de beisebol entre nós a fazer arremessos errados, com passos longos, graciosos, e deixar as bolas rasteiras repicar entre suas pernas. E então me lembrei de que nem eu nem ninguém parecia surpreso com o desempenho de Frank naquele jogo. Nem mesmo ele estava surpreso, como explicou: "Até parece que não sei jogar bola quando jogo com os camaradas que conheço, como os dessa turma."

Naquela noite fui para as pistas fascinado e um tanto tomado por um sentimento de reverência pelo que estava prestes a testemunhar. Aqui estava a estrutura social em ação, bem aqui, nas pistas de boliche. Ela mantinha os integrantes individuais em seus lugares — e a mim também, junto com eles. Naquele momento, não parei para raciocinar que, como amigo íntimo de Doc, Danny e Mike, eu tinha uma posição próxima ao topo da gangue. Portanto, devia-se esperar de mim um desempenho excepcional nessa grande ocasião. Simplesmente me vi extasiado, transportado pela situação. Sentia que meus amigos estavam comigo, tinham confiança em mim, queriam que eu jogasse bem. Quando chegou minha vez e avancei para jogar, senti uma absurda confiança de que ia derrubar os pinos que mirava. Nunca havia me sentido daquele jeito antes — nem depois. Aqui, na pista de boliche, experimentava subjetivamente o impacto da estrutura do grupo sobre o indivíduo. Era um sentimento estranho, como se algo maior que eu controlasse a bola quando comecei a fazer o balanço e soltei-a em direção aos pinos.

Quando tudo terminou, olhei as pontuações de todos os outros homens. Ainda estava um tanto perplexo com minha própria experiência, e agora empolgado ao descobrir que os rapazes realmente haviam terminado na ordem prevista,

com apenas duas exceções que poderiam ser facilmente explicadas em termos da estrutura do grupo.

Refletindo depois sobre a disputa na pista de boliche, duas coisas se destacaram em minha mente. Em primeiro lugar, estava convencido de que agora tinha chegado a algo importante: a relação entre desempenho individual e estrutura grupal, embora, naquela época, ainda não visse como tal observação poderia se encaixar no padrão geral do estudo sobre Cornerville. Eu acreditava então (e ainda acredito hoje) que esse tipo de relação pode ser observado em outras atividades de grupos em toda parte. Como um ávido fã de beisebol, freqüentemente me vira intrigado com o desempenho de alguns atletas que pareciam capazes de rebater, arremessar e recuperar a bola com fantásticas habilidades técnicas e, ainda assim, não conseguiam entrar nos times da primeira divisão. Também me intrigara os casos de homens que, tendo jogado bem numa época, de repente fracassavam feio, enquanto outros pareciam fazer tremendos progressos que não poderiam ser explicados simplesmente pela experiência acumulada. Desconfio que um estudo sistemático da estrutura social de um time de beisebol, por exemplo, explicaria alguns desses fenômenos que, de outra forma, permanecem misteriosos.

O outro ponto que me impressionou envolvia métodos de pesquisa de campo. Aqui estavam as pontuações dos homens naquela noite final no boliche. Esse conjunto de números certamente era importante, pois representava o desempenho dos homens no evento pelo qual tinham esperado durante todo o ano, o ponto alto. No entanto, o mesmo grupo jogara boliche todos os sábados à noite durante muitos meses, e alguns dos integrantes também tinham jogado em outras noites durante a semana. Teria sido uma tarefa ridiculamente simples para mim manter um registro de todas as partidas jogadas em todas as noites de sábado daquela temporada e em outras noites nas quais joguei com eles. Isso teria produzido um conjunto de estatísticas de dar inveja a alguns dos meus amigos altamente quantitativos. Mas não fiz registro algum, pois na época não via qualquer razão para isso. Tinha tomado as noites de sábado no boliche como simplesmente uma recreação para mim e meus amigos. Eu descobrira que gostava tanto de jogar boliche que de vez em quando sentia um pouco de culpa por negligenciar minha pesquisa. Jogava com os homens para estabelecer uma posição social que me permitisse entrevistá-los e observar coisas importantes. Mas quais eram essas coisas importantes? Só depois de deixar passar essa mina de ouro estatística foi que percebi subitamente que o comportamento dos homens nos jogos regulares de boliche era o exemplo perfeito do que eu deveria estar observando. Em vez de jogar boliche para conseguir observar uma outra coisa, eu deveria jo-

gar para observar o jogo. Descobri então que as atividades diárias rotineiras daqueles homens constituíam os dados básicos de meu estudo.

9. REPROGRAMAÇÃO DA PESQUISA

O final da primavera e o verão de 1938 trouxeram algumas mudanças importantes para minha pesquisa.

No dia 28 de maio casei-me com Kathleen King e, três semanas depois, voltamos juntos para Cornerville. Kathleen me visitara no restaurante e se encontrara com alguns de meus amigos. Mesmo sendo um homem casado, não queria me mudar do distrito, e felizmente Kathleen estava ansiosa para vir morar ali. Isso apresentava problemas, porque, embora não estivéssemos à procura da perfeição, esperávamos encontrar um apartamento que dispusesse de toailete e de uma banheira. Fomos visitar diversas possibilidades deprimentes, até que afinal achamos um prédio que estava sendo remodelado na Shelby Street. Alguns dos meus amigos da Norton Street nos alertaram a respeito da vizinhança, dizendo que o lugar era cheio de sicilianos, um bando de assassinos. Ainda assim, o apartamento tinha a banheira e o toailete, era limpo e relativamente arejado. Não possuía aquecimento central, mas poderíamos desfrutar de um relativo conforto com o fogão da cozinha.

Agora que éramos dois, seria possível nos engajamos em novos tipos de atividades sociais, e Kathleen poderia conhecer algumas das mulheres tal como eu conhecera os homens. No entanto, essas novas orientações das atividades sociais eram coisa para o futuro. Meu problema por ora era saber onde eu estava e para onde ia. Chegara a hora de fazer um balanço.

Ao descrever meu estudo em Cornerville, freqüentemente digo que passei 18 meses no campo antes de saber para onde se encaminhava minha pesquisa. Num sentido, isso é literalmente verdadeiro. Comecei com a idéia geral de fazer um estudo de comunidade. Sentia que precisava me estabelecer como observador participante a fim de fazer isso. Nos primeiros meses em Cornerville, vivi o processo que o sociólogo Robert Johnson descreveu em seu próprio trabalho de campo. Comecei como um observador não-participante. À medida que fui aceito na comunidade, vi que me tornava quase um participante não-observador. Tinha de sentir a vida em Cornerville, mas isso significava que devia tomar como dados os mesmos aspectos que meus amigos de Cornerville consideravam como tal. Encontrava-me imerso na vida local, mas ainda não conseguia que as coisas adquirissem sentido para mim. Tinha a impressão de que fazia algo importante, mas faltava explicar a mim mesmo do que se tratava.

Felizmente, nesse ponto, enfrentei um problema bem prático. Minha bolsa de estudos de três anos terminaria no verão de 1939 e poderia ser renovada por um período de até três anos. Os pedidos de renovação deviam ser entregues até o início da primavera de 1939.

Eu gostava de Cornerville e sentia que estava chegando a algum lugar, mas ao mesmo tempo percebia que precisava de pelo menos mais três anos. Entendia que, até aquele momento, tinha pouco a mostrar como produto do tempo gasto. Quando apresentasse meu pedido de renovação, deveria também oferecer alguma evidência de que me conduzira bem nos primeiros três anos. Caberia escrever alguma coisa. Eu tinha vários meses à frente para fazer isso, mas no início a tarefa me abateu. Sentei-me para perguntar a mim mesmo sobre que aspecto de Cornerville eu dispunha de dados razoavelmente bons. Havia alguma coisa pronta para ser escrita? Refleti com cuidado sobre isso e conversei a respeito com Kathleen e John Howard, que trabalhava comigo no distrito.

Ainda pensando em termos de estudo de comunidade, reconheci que sabia muito pouco a respeito da vida das famílias em Cornerville, e que meus dados sobre a igreja eram bastante superficiais, embora John Howard estivesse começando a trabalhar nessa área. Eu morava com a família dona do restaurante num quarto que dava para a esquina onde T.S., o mais famoso gângster de Cornerville, às vezes era visto com seus seguidores. Olhara o grupo constantemente de minha janela, contudo, ainda assim, nunca encontrara aqueles homens. As organizações mafiosas tinham uma óbvia importância no distrito, mas tudo que eu sabia eram comentários ouvidos de rapazes apenas um pouco mais próximos delas que eu. Tinha muito mais informação sobre a vida política e suas organizações, porém, mesmo nesse aspecto, sentia haver tantas lacunas que ainda não podia juntar as peças.

Se essas grandes áreas ainda precisavam ser preenchidas, o que eu tinha a apresentar? Enquanto manuseava as várias pastas, estava óbvio que a dos Norton e a do Clube da Comunidade Italiana eram mais grossas que as outras. Se é que sabia alguma coisa sobre Cornerville, essa coisa seria sobre os Norton e o Clube da Comunidade. Se escrevesse essas duas histórias, talvez começasse a ver algum padrão naquilo que eu fazia em Cornerville.

À medida que fui escrevendo os estudos de caso dos Norton e do Clube da Comunidade Italiana, gradualmente emergiu em minha cabeça um padrão para a pesquisa.

Percebi, finalmente, que não escrevia um estudo de comunidade no sentido usual do termo. O leitor que examinar *Middletown* notará que o livro trata das pessoas em geral naquela comunidade. Indivíduos ou grupos não figuram na his-

tória, exceto para ilustrar os aspectos que os autores estão desenvolvendo (a seqüência, *Middletown in Transition*, apresenta uma exceção, com um capítulo sobre a principal família da comunidade). O leitor notará ainda que *Middletown* está organizado em termos de tópicos: obtenção de um meio de vida, construção de uma casa, treinamento dos jovens, uso do tempo livre.

Os Lynd cumpriram admiravelmente a tarefa que se propuseram. E simplesmente acabei compreendendo que minha tarefa era diferente: eu lidava com indivíduos particulares e grupos específicos.

Também percebi que encontrara uma outra diferença. Presumira que um estudo sociológico deveria apresentar a descrição e análise de uma comunidade em um momento específico, apoiadas, é claro, em alguns dados históricos que constituíssem um panorama geral. E agora percebia que o tempo, em si mesmo, era um dos elementos-chave de meu estudo. Eu observava, descrevia e analisava grupos à medida que avançavam e mudavam ao longo do tempo. Parecia-me que eu poderia explicar de maneira muito mais efetiva o comportamento de pessoas caso as observasse durante um certo período, bem mais do que se as pegasse num único momento. Em outras palavras, eu as filmava, em vez de fotografá-las.

Porém, se este era um estudo de indivíduos particulares, e se havia mais de 20 mil pessoas no distrito, como poderia dizer qualquer coisa significativa sobre Cornerville com base nesses indivíduos e grupos? Acabei percebendo que só poderia fazer isso se visse os indivíduos e grupos em termos de suas posições na estrutura social. Também deveria presumir que, quaisquer que fossem as diferenças entre indivíduos e grupos, havia semelhanças básicas a serem descobertas. Desse modo, eu não teria que estudar todas as gangues de esquina a fim de fazer afirmações significativas sobre as gangues de esquina em Cornerville. Um estudo de uma gangue não era suficiente, é claro, mas se o exame de várias outras mostrasse os mesmos aspectos uniformes que eu esperava encontrar, então essa parte da tarefa se tornaria manejável.

Sobre o Clube da Comunidade Italiana, senti que não precisava de qualquer dado adicional. Havia poucos homens formados em Cornerville naquela época, de modo que o grupo do clube representava uma ampla amostra das pessoas nessa categoria. Também me pareceu que eles representavam pontos significativos na estrutura social e no processo de mobilidade social. Certamente surgiriam outros homens formados depois que estes saíssem do distrito, assim como acontecera antes com o Clube Dramático Sunset. Além disso, o exame de suas atividades mostrou ligações importantes com a política republicana e com o Centro Comunitário.

Agora eu começava a ver a conexão entre meu estudo político e o estudo de caso da gangue da esquina. Em Cornerville, o político não buscava influenciar indivíduos separados; conscientemente ou não, buscava os líderes dos grupos. Assim, eram homens como Doc que serviam de elo de ligação entre seus grupos e a organização política maior. Agora eu poderia começar a escrever meu estudo examinando detalhadamente os grupos particulares, e depois prosseguir relacionando-os com as estruturas maiores da comunidade. Tendo em mente esse padrão, pude perceber que eu tinha muito mais dados sobre política do que havia pensado.

Ainda existiam lacunas importantes a preencher. Meu conhecimento sobre o papel da igreja na comunidade era fragmentário, e esperava poder ampliá-lo. Não havia feito qualquer pesquisa sistemática sobre a família. De um lado, parecia inconcebível que alguém pudesse escrever um estudo sobre Cornerville sem discutir a família; ao mesmo tempo, não sabia como proceder para encaixar esses estudos na organização do livro, tal como ele surgia em minha mente. Devo confessar também que, por razões nada científicas, sempre achei que política, organizações mafiosas e gangues são temas muito mais interessantes que a unidade básica da sociedade humana.

As lacunas que mais me preocupavam eram na área das organizações mafiosas e da política. Eu tinha um conhecimento geral de como funcionavam as organizações, mas nada comparável aos detalhados dados interpessoais sobre a gangue da esquina. À medida que meu livro prosseguia, parecia-me que esta era uma fragilidade que simplesmente devia ser superada, embora na época não tivesse a menor idéia de como chegar à experiência direta de que precisava.

Terminei de escrever os dois primeiros estudos de caso e os apresentei como justificativas de meu pedido de renovação da bolsa. Recebi a resposta algumas semanas depois. O auxílio fora renovado por um ano, e não pelos três que eu esperava. No início fiquei amargamente desapontado. Uma vez que somente começava a colher os primeiros frutos, não via como seria possível terminar adequadamente o estudo nos 18 meses que ainda restavam.

Tendo a acreditar agora que essa redução de tempo foi muito boa para mim e para a pesquisa. Num certo sentido, o estudo de uma comunidade ou organização não tem um ponto final lógico. Quanto mais você aprende, mais coisas vê para aprender. Se tivesse tido três anos, em vez de um, levaria mais tempo para completar o trabalho. Talvez fosse um estudo melhor. Por outro lado, quando soube que só dispunha de 18 meses, tive de parar e reavaliar meus planos mais detalhadamente, avançando na pesquisa e na escrita com muita determinação.

10. DE NOVO A GANGUE DA ESQUINA

Os passos mais importantes que dei para ampliar meu estudo das gangues de esquina resultaram do projeto do centro de recreação de Doc, embora no início eu tivesse alguns outros interesses em mente. Tudo começou com um dos meus esforços periódicos para conseguir um emprego para ele. Quando soube que o Centro Comunitário de Cornerville havia finalmente obtido uma doação para abrir três centros de recreação em lojas vazias que davam para a rua, busquei persuadir o senhor Smith, o diretor, a contratar pessoas locais para operar os centros, pessoas como Doc, que fossem líderes em seus grupos. Descobri que ele planejava contratar assistentes sociais treinados em trabalho de grupo. Quando percebi que não conseguiria fazer com que selecionasse três homens de Cornerville, tentei pelo menos levá-lo a contratar Doc. Eu podia ver que o senhor Smith deixaria-se tentar pela idéia, mas ao mesmo tempo estava receoso. Quando trouxe Doc para o encontro, descobri que havia perdido terreno, em vez de ganhar, pois como ele próprio me disse mais tarde, teve um ataque de ansiedade e confusão mental no escritório do Centro Comunitário e não pôde causar uma impressão pessoal favorável. Se eu e Doc tivéssemos entendido corretamente as causas subjacentes de seu mal-estar, saberíamos que um emprego seguro e o dinheiro que lhe permitissem retomar seu padrão costumeiro de atividades social curariam esses sintomas neuróticos. Por outro lado, dificilmente eu poderia explicar isso ao senhor Smith. Temia parecer que tentava fazer um simplês favor a um amigo. Como último recurso nessa direção, passei para ele uma cópia do meu estudo de caso dos Norton e pedi o favor de mantê-lo confidencial, pois ainda não estava pronto para publicação. Isso contou, e ele concordou em empregar Doc.

À medida que as atividades preparatórias para instalar os centros de recreação avançavam, comecei a me preocupar com minhas previsões otimistas a respeito do sucesso de Doc. Nas primeiras reuniões para discutir planos para os centros ele ficou passivo e em aparência apático. Apesar disso, praticamente desde o momento em que o centro foi aberto, estava claro que seria um sucesso.

Numa de minhas primeiras visitas ao centro de Doc, ele me apresentou a Sam Franco, que desempenharia um papel muito mais importante em meu estudo que os indicados pelas breves menções a ele no livro. Doc conheceu Sam na noite de abertura do centro. A gangue de Sam estava do lado de fora, examinando o lugar. Ele entrou como emissário do grupo — um movimento que imediatamente o identificou como líder para Doc. Os dois conversaram brevemente sobre o centro e então Sam saiu e trouxe sua turma. Na noite seguinte, ele se tor-

nara o segundo em comando na administração do centro. Doc conhecia umas poucas pessoas neste lado do distrito, mas Sam conhecia todo mundo.

Doc sabia que eu tentava ampliar meu estudo de gangues de esquina, e sugeriu que Sam me ajudasse. Já soubera que este tinha um álbum com notícias de jornais sobre atividades em Cornerville e algum material pessoal sobre seu próprio grupo.

Convidei Sam — e seu álbum — para vir a nosso apartamento. Lá soube que ele começara o álbum depois de uma experiência num projeto da National Youth Administration², onde trabalhara para um homem que estava escrevendo sobre os problemas dos jovens na região. O álbum era totalmente desorganizado e sem um eixo, mas uma parte me interessou especialmente. Sam tinha uma seção sobre sua gangue, com uma página para cada integrante. No alto da página havia um desenho (feito de memória) de cada indivíduo, e então Sam escrevia coisas como idade, endereço, educação, emprego e ambição. (Usualmente estava escrito “nenhuma” junto à palavra “ambição”).

Minha tarefa agora era persuadir Sam de que, embora fosse bom ver esses homens como indivíduos, ainda melhor seria olhar para eles em termos de suas relações mútuas. Mal começara minha explicação quando Sam captou a idéia e aceitou-a com entusiasmo. Evidentemente era o tipo de coisa que ele sabia, mas estava tão habituado com isso que não lhe ocorrera sua importância. A partir daquele momento, e até o final de meu estudo, Sam Franco foi meu assistente de pesquisa. Consegui até mesmo que Harvard pagasse cem dólares por seus serviços.

Começamos com uma análise da própria gangue de Sam, os Miller. Também examinamos outras gangues que iam ao centro de recreação de Doc. Ali, tínhamos a grande vantagem de contar com dois observadores perspicazes checando mutuamente suas impressões a respeito dos mesmos grupos. Fiquei tranquilo ao ver que estavam em pleno acordo a respeito da estrutura da liderança de todas as gangues — com uma exceção, que me perturbava, até que a explicação um dia se apresentou.

Fu passara parte de uma tarde ouvindo Doc e Sam discutirem sobre a liderança de uma gangue. Doc argumentava que Carl era o homem; Sam dizia que era Tommy. Cada um apoiava seu ponto de vista, relatando incidentes observados. Na manhã seguinte, Sam correu até minha casa com esta novidade: “Sabe o que aconteceu na noite passada? Carl e Tommy quase se atracaram. Tiveram uma grande discussão e agora a gangue partiu-se em duas, alguns foram com

² National Youth Administration: um dos programas da WPA que fornecia empregos de tempo parcial para jovens entre 16 e 25 que queriam prosseguir seus estudos. (N.T.)

Carl, e o resto com Tommy." O conflito entre as duas percepções acabou se revelando uma representação correta do que ocorria na gangue.

Enquanto trabalhava com esses estudos de outras gangues, eu presumia que havia terminado minha pesquisa sobre os Norton. Ainda assim, continuava a manter contatos com Doc e, só como diversão, a jogar boliche com os remanescentes dos Norton em alguns sábados à noite.

Com a atenção voltada para outras coisas, deixei de ver o que acontecia entre os Norton, bem à minha frente. Sabia que Long John não jogava como o fizera nos anos anteriores, e também que já não era tão próximo a Doc, Danny e Mike. Notara também que, quando Long John estava na Norton Street, os seguidores o molestavam muito mais agressivamente do que jamais tinham feito antes. Devo ter presumido que havia alguma conexão entre esses fenômenos, porém, mesmo assim, não dei muita atenção à situação até que Doc veio falar comigo sobre as dificuldades psicológicas de Long John.

Foi como se essa informação acendesse uma lâmpada em minha mente. De repente, todas as peças do quebra-cabeça se encaixaram. Nos meses anteriores, eu havia topado com a relação entre posição no grupo e desempenho nas pistas de boliche. Agora via a conexão tríplice entre posição no grupo, desempenho e saúde mental. E não apenas em Long John. Os episódios de ansiedade e confusão mental de Doc pareciam ter exatamente a mesma explicação.

Poderíamos generalizar isso nos termos que se seguem. O indivíduo se acostuma com um certo padrão de interação. Se esse padrão é submetido a uma mudança drástica, então é de se esperar que ele tenha problemas com sua saúde mental. Essa é uma afirmação muito rudimentar. Seria necessário pesquisar mais antes de podermos determinar o grau de mudança exigido, as possibilidades de compensar com interações em outras áreas sociais, e assim por diante. Ali estava, pelo menos, uma forma de juntar relações humanas e ajuste psicológico.

Além disso, aquela era uma oportunidade de realizar uma experiência em terapia. Se meu diagnóstico estivesse correto, então a linha de tratamento era clara: restabelecer um padrão de interação semelhante ao que Long John tinha anteriormente, e os sintomas neuróticos deveriam desaparecer. Essa era a primeira oportunidade real de testar minhas conclusões sobre estrutura de grupo. Eu a agarrei com real entusiasmo.

Convencido como estava do resultado, devo confessar que fiquei de certo modo fascinado quando, sob o programa de terapia habilmente executado por Doc, Long John não apenas deixou de ter os sintomas neuróticos como também fechou a temporada ganhando o prêmio em dinheiro do último campeonato de boliche. É claro que essa vitória não era necessária para definir a razoabilidade

do diagnóstico. Teria bastado que Long John recuperasse sua posição *entre* os melhores jogadores. O prêmio de cinco dólares era apenas uma recompensa extra para a teoria da interação.

11. ESTUDO DO GANGSTERISMO

Meu encontro com Tony Cataldo, o proeminente gângster de Cornerville, aconteceu quase por acaso. Uma tarde passei no restaurante da família com quem tinha morado. Ed Martini, o irmão mais velho de Al, estava lá, reclamando de dois ingressos para um banquete que tivera de comprar de um policial do lugar. Disse que a esposa não queria ir a banquetes, talvez eu quisesse acompanhá-lo.

Perguntei do que se tratava. Explicou que o banquete era em honra do filho do tenente da polícia local. O jovem acabara de passar no exame da Ordem e começava sua carreira como advogado. Pensei um minuto. Era perfeitamente óbvio o tipo de pessoa que estaria no banquete: basicamente policiais, políticos e gângsteres. Decidi que aquela podia ser uma oportunidade para mim.

No salão de banquete, Ed e eu ocupamos nossa posição no saguão, próximo ao toailete masculino. Ali encontramos Tony Cataldo e um de seus empregados, Rico Defeo. Ed Martini conhecia Tony superficialmente, e Rico morava bem do outro lado da rua onde eu residia. Rico me perguntou o que eu estava fazendo, e disse-lhe algo sobre escrever um livro a respeito de Cornerville. Tony falou que me vira tirando fotografias na festa do santo padroeiro, na Shelby Street, no último verão. Esta se provou uma associação providencial de sua mente, pois me permitiu falar bastante à vontade sobre o que eu tentara aprender na festa — que ela era na verdade apenas um interesse secundário na pesquisa.

Os quatro subimos para o salão de banquete e ocupamos uma mesa, onde tivemos que esperar mais de uma hora pelo jantar. Comemos azeitonas e talos de aipo, e expressamos simpatia uns pelos outros diante do serviço ruim. Depois do jantar, descemos e jogamos juntos três partidas de boliche. A essa altura Tony estava bastante amigável e me convidou para passar em sua loja a qualquer hora.

Fiz várias visitas à sala dos fundos da loja de onde Tony operava alguns de seus negócios. Uma semana depois de nos conhecermos, convidou Kathleen e a mim para um jantar em sua casa. Sua esposa, uma jovem atraente, contou-nos mais tarde que ele havia falado de nós como um professor de Harvard e uma artista. Estava muito aborrecida de só ter sido avisada na véspera, pois achava que precisaria de pelo menos uma semana para preparar um jantar digno de personagens tão importantes. Ainda assim, os pratos eram bastante elaborados, e cada

qual equivalia a uma refeição completa. Depois do jantar Tony nos levou para conhecer alguns parentes que moravam num bairro de pessoas mais abastadas. E então fomos todos jogar boliche.

Jantamos duas vezes em sua casa, e eles vieram duas vezes à nossa. Em cada ocasião, além da conversa ligeira, o padrão de pesquisa era semelhante. Falávamos um pouco sobre a festa, as atividades dos *paesani* no clube e coisas que Tony associava ao meu estudo. Então, aos poucos, fui deixando-o à vontade para discutir seus negócios. Tudo indica que a discussão se moveu naturalmente nessa direção. Era apenas um amigo perguntando a um homem de negócios legítimos sobre os progressos que fazia e os problemas que encontrava. Tony parecia satisfeito de poder se abrir.

Agora eu me sentia otimista a respeito de meu futuro quanto ao gangsterismo. Parecíamos nos dar muito bem com os Cataldo, e eu estava pronto a seguir Tony na nova área. No entanto, depois das primeiras trocas de amabilidades sociais, Tony perdeu o interesse em nós.

Eu me senti mal com esse súbito esfriamento. Não estou certo a respeito da explicação completa, mas acho que ela tinha pelo menos duas partes. Em primeiro lugar, mais ou menos na mesma época os negócios de Tony passavam por uma crise. Uma tarde, alguns homens invadiram sua loja de apostas em corridas de cavalos, puseram todos de mãos para o alto e levaram todo o dinheiro dos clientes e de Tony. A fim de manter boas relações com seus clientes, ele teve que reembolsá-los, de modo que aquela tarde lhe custou muito caro. Também foi bem frustrante, porque, enquanto os homens fugiam, Tony podia vê-los da janela, correndo bem abaixo na rua. Poderia acertá-los facilmente com um tiro, mas, ainda assim, não teve como fazê-lo, pois sabia que não havia nada pior para o jogo em Cornerville que um tiroteio: tudo seria fechado. Se as coisas fossem realizadas em silêncio, o "fogo" não tinha tanta probabilidade de pegar.

Isso pode ter levado à interrupção de nossa vida social juntos, mas dificilmente explicaria seu total encerramento. Parece-me que o outro fator foi um problema de status social e mobilidade. No início Tony me promovera perante sua esposa — e provavelmente também perante seus amigos e parentes — como professor de Harvard. Eles eram bem conscientes da questão de status. Não permitiam que o filho brincasse com a gentinha local. Explicaram que só viviam no distrito por exigências dos negócios, mas ainda tinham a esperança de se mudar. Quando fomos à casa deles, nos apresentaram a seus amigos e parentes que viviam em partes mais chiques da cidade.

Por outro lado, quando vieram jantar em nossa casa, estávamos apenas nós dois e eles. Além disso, Tony agora via que eu me ligava a pessoas da Shelby

Street, claramente peixes miúdos para ele. No início pensara que seu contato comigo fosse algo importante; agora talvez o considerasse insignificante.

Numa certa medida, eu tinha consciência desse risco, e havia pensado na possibilidade de convidar amigos de Harvard para o jantar com os Cataldo. Vinha mantendo os dois mundos separados. Um de meus amigos, especialista em lógica simbólica, uma vez me pedira para levá-lo a um jogo de dados. Explicou que havia descoberto, matematicamente, como vencer o jogo. Eu disse-lhe que meus amigos jogadores de dados também tinham chegado à mesma conclusão matemática pelo método experimental prático, e declinei da aventura. Em outra ocasião, a esposa de um de meus companheiros de Harvard estava nos visitando quando um dos homens locais apareceu. Avaliando sua nova audiência, ele começou a entretê-la com histórias de assassinatos famosos que haviam acontecido em Cornerville nos anos recentes. Ela ouvia de olhos arregalados. No fim de uma história particularmente arrepiante, perguntou: "E quem o matou?". Nosso amigo de Cornerville balançou a cabeça e disse: "Madame! Madame! Não se perguntam coisas assim por aqui."

O incidente não nos causou qualquer dano, pois o homem nos conhecia o bastante para levar tudo na brincadeira. Ainda assim, eu hesitava em misturar Harvard e Cornerville. Não me preocupava com o que Cornerville pudesse fazer a Harvard, mas, sim, que alguns amigos de Harvard pudessem involuntariamente cometer algum equívoco que tornasse as coisas embaraçosas para mim; ou agisse de tal modo que deixasse as pessoas locais em situação desconfortável. Por essa razão, mantive os dois mundos separados. Mas isso significava que Tony não poderia melhorar sua posição social usando sua relação conosco.

Quando ficou evidente que eu chegara a um beco sem saída com Tony, comencei a procurar novas possibilidades para o estudo do gangsterismo. Parecia haver dois caminhos abertos. Tony tinha um irmão mais velho que trabalhava para ele. Raciocinei que, como eram irmãos e trabalhavam tão próximos um do outro, Henry saberia quase o mesmo que Tony sobre operações mafiosas. Eu já fazia uma idéia de quem era Henry, e comencei a avançar na relação com ele. Isso foi caminhando muito naturalmente, com várias visitas um ao outro e conversas na sala dos fundos da loja. (O que indica que Tony não se afastou de nós por suspeita, pois, neste caso, teria impedido que retomássemos o contato com seu irmão.)

Isso levou a uma grande quantidade de conversas sobre a organização mafiosa de Tony que eram extremamente valiosas para mim. Ainda assim, tinha a sensação desagradável de que não conseguia aquilo de que precisava. Ainda não estava pronto para desistir da possibilidade de chegar mais perto de Tony e obser-

vá-lo em ação. Sabia que era membro do Clube Social e Atlético Cornerville, situado do outro lado da rua, bem em frente ao nosso apartamento. Então me associei ao clube, com o propósito de recomençar minha caçada a Tony Cataldo.

No início fiquei desapontado com os frutos de minha decisão. Embora fosse oficialmente sócio, Tony ia ao clube muito poucas vezes. Em algumas semanas, ficou evidente que eu não iria cimentar relações com ele nessa área. E agora? Considerei a possibilidade de sair do clube. Talvez tivesse feito isso se na época houvesse outras possibilidades de pesquisa demandando minha atenção. Como planejava me concentrar no papel do gângster, e como não tinha planos alternativos, concluí que deveria ficar no clube. Não registrei as razões de minha decisão naquele momento. Talvez pressentisse que fossem acontecer coisas interessantes. Ou, talvez, eu simplesmente tivesse sorte.

Pelo menos reconheci que o clube agregava alguns ângulos novos à pesquisa. Era muito maior que qualquer das gangues de esquina que eu estudara. Aqui estava uma oportunidade de avançar nos métodos de observação que usara com os Norton.

Quando redigi o primeiro rascunho deste relatório, descrevi como desenvolvi esses novos métodos até obter um conhecimento sistemático da estrutura do clube *antes* da crise da eleição. Em outras palavras, eu dizia que, quando Tony entrou e tentou manipular o clube, eu já tinha um quadro completo da estrutura que ele tentava manipular. Devo admitir agora, ao rever minhas anotações, que esta é uma falsificação retrospectiva. O que escrevi primeiro era o que eu *deveria* ter feito. Na realidade, comecei minhas observações sistemáticas do clube várias semanas antes da eleição. Porém, quando a crise chegou, tinha apenas um quadro impressionístico da estrutura do grupo. As anotações de que dispunha naquele momento não justificavam quaisquer conclusões sistemáticas.

Houve dois fatores que me impeliram na direção de esforços mais sistemáticos para mapear a estrutura organizacional. Em primeiro lugar, quando comecei a passar meu tempo no clube, também principiei a olhar em volta procurando o líder. Naturalmente não o encontrei. Se Tony não vinha muito ali, então alguém devia assumir a liderança em sua ausência. O clube tinha um presidente, mas era apenas um cara legal, indeciso, que não contava muito. Por certo não encontrei o líder porque o clube consistia de duas facções com dois líderes, e — só para tornar as coisas mais difíceis para mim — Carlo Tedesco, o líder de uma delas, nem ao menos era membro do clube quando comecei minhas observações. Como estava completamente confuso em meio aos meus rudimentares esforços de mapear a estrutura, deduzi que eu devia trabalhar os dados de maneira mais sistemática. Então, a crise política reforçou a necessi-

dade de ir adiante com as observações. Eu tinha que aprender mais sobre a estrutura que Tony tentava manipular.

Aqui eu estava diante de uma tarefa mais complicada que qualquer outra que já tivesse enfrentado. O clube possuía 50 sócios. Felizmente, apenas cerca de 30 eram freqüentadores assíduos, de modo que pude me concentrar num número menor; mesmo assim o problema era enorme.

Senti que teria de desenvolver procedimentos mais formais e sistemáticos que aqueles que empregara quando andava numa esquina com um grupo muito menor de rapazes. Comecei com o mapeamento de posições. Presumindo que os rapazes que tivessem uma convivência social mais próxima se posicionariam de um mesmo lado quando se tratasse de tomar decisões, comecei a fazer um registro dos agrupamentos que observava a cada noite no clube. Em alguma medida, podia fazer isso da janela da frente de nosso apartamento. Eu ajustava a veneziana de modo a não ser visto, e então podia observar a sala da frente do clube. Infelizmente nosso apartamento ficava dois andares acima, e o ângulo de visão era tal que só podia enxergar até a metade da sala. Para ter o quadro completo, devia atravessar a rua e me juntar aos rapazes.

Quando as atividades da noite estavam no auge, eu olhava em volta da sala para ver que pessoas conversavam juntas, quem jogava cartas ou de alguma forma interagia com os outros. Contava o número de homens na sala para saber quantos teria que observar. Como tinha familiaridade com os principais objetos físicos na sala, não era difícil registrar um quadro mental dos homens com relação a mesas, cadeiras, sofás, rádio, e assim por diante. Quando as pessoas se movimentavam pela sala, ou quando havia alguma interação entre os grupos, eu também buscava registrar isso mentalmente. No curso de uma noite, poderia haver uma reorganização geral das posições, e eu não era capaz de me lembrar de todos os movimentos, mas tentava observar com que sócios esses movimentos tinham início. E quando se desenvolvia um outro arranjo espacial, seguia o mesmo processo mental que usara para registrar o primeiro.

Eu conseguia tomar algumas notas nas idas ao toalete, porém a maior parte do mapeamento era feito de memória, quando chegava em casa. No início, eu ia em casa uma ou duas vezes por noite para fazer os mapas. Contudo, com a prática, fiquei tão bom nisso que podia reter pelo menos dois arranjos completos na memória e fazer todas as anotações no final da noite.

Achei esse método extremamente produtivo, poupando-me bastante das rotinas aborrecidas dos mapeamentos infundáveis. Ao juntar os mapas, ficaram evidentes quais os principais agrupamentos sociais e que pessoas flutuavam entre as

duas facções. Quando surgiam questões no clube, eu podia antecipar quem ficaria de que lado.

Ao longo de minhas observações, registrei 106 agrupamentos. Examinando os dados, dividi o clube, experimentalmente, em duas facções que eu julgava observar. Então, quando reexaminei tudo, descobri que apenas 40%, ou 37,7% dos agrupamentos observados continham integrantes de ambas as facções. Descobri ainda que apenas dez desses 40 grupos tinham dois ou mais membros de cada facção. Os outros 30 eram casos em que um único indivíduo da outra facção se juntava ao jogo ou à conversa. Então dividi os agrupamentos em duas colunas, colocando na primeira aqueles que eram predominantemente de uma facção, e na segunda, os que pertenciam predominantemente à outra. Depois, grifei com vermelho os nomes que não "pertenciam" à coluna onde os havia encontrado. De um total de 462 nomes, 75, ou aproximadamente 16%, foram marcados assim. É claro que não se poderia esperar uma total separação de duas cliques em nenhum clube, mas os números, embora grosseiros, pareciam demonstrar que as duas facções eram duas entidades reais que seriam importantes para a compreensão de qualquer decisão tomada pelo clube.

Essa observação de agrupamentos não indicava, por si mesma, as pessoas influentes no clube. Para esse propósito, tentei prestar atenção especial aos eventos nos quais um indivíduo originava atividades para um ou mais integrantes — ocasiões em que uma proposta, sugestão ou solicitação era seguida por uma resposta positiva. Num período de seis meses, tabulei em minhas anotações todos os incidentes observados nos quais A havia originado atividade para B. O resultado disso para a compreensão de eventos-par (que envolviam apenas duas pessoas) foi totalmente negativo. Embora pudesse ter a impressão de que, na relação entre A e B, este era decididamente o subordinado, a tabulação podia mostrar que B originava atividades para A aproximadamente o mesmo número de vezes que A para B. No entanto, quando tabulei os eventos-grupo (os que envolviam três ou mais pessoas), a estrutura hierárquica da organização ficou claramente visível.

Com o prosseguimento desta fase da pesquisa, vi com maior clareza como relacionar a grande organização mafiosa e a gangue da esquina ou clube. Na verdade, o estudo do papel de Tony Cataldo nesse cenário forneceu o elo necessário, e os métodos de observação aqui descritos proporcionaram os dados para a análise desse elo.

Enquanto aprimorava esses métodos de pesquisa, cometi um sério equívoco. Aconteceu durante a crise política. Tony vinha tentando persuadir o clube a convidar seu candidato a falar para os sócios, embora quase todos estivessem dis-

postos a apoiar Fiumara. Desse momento crucial eu participei ativamente, dizendo que, embora fôssemos todos a favor de Fiumara, achava uma boa idéia ouvir o que os outros políticos tinham a dizer. A questão foi votada logo depois que falei, e o resultado foi a favor de Tony e contra Carlo. Isso resultou no comício de Mike Kelly no salão do nosso clube e na mais séria discordância entre os sócios.

Neste caso, violei uma regra fundamental da observação participante: busquei ativamente influenciar os eventos. Numa disputa tão acirrada e confusa, é bem provável que meu endosso à posição de Tony tenha sido um fator decisivo. Por que intervim assim?

Na época ainda tinha esperança de restabelecer relações próximas com Tony Cataldo e queria fazer alguma coisa que me facilitasse um avizinhamento. Então busquei o impossível: assumir uma posição que não antagonizasse Carlo e seus rapazes, mas fosse apreciada por Tony. Foi uma tentativa insensata e errônea. Mostrei-me contrário a Carlo — e ele me perdoou apenas porque presumiu que eu ignorasse a situação na qual agia. Como a ignorância é considerada preferível à traição, aceitei essa desculpa.

Ironicamente, meu esforço para ficar bem com Tony foi um fracasso total. Antes da crise política, ele praticamente não conhecia Carlo e não reconhecera sua posição de liderança no clube. Quando Carlo se opôs à ele de forma tão vigorosa e efetiva, Tony imediatamente reconheceu a posição de Carlo e fez todos os esforços para se aproximar dele. Como eu tomara posição a seu lado na crise, Tony não precisava fazer qualquer esforço para estabelecer relações mais próximas comigo.

Eu não devia ter falado nada naquela situação. Se ficasse contra Tony, provavelmente teria sido melhor para a recuperação de nossas relações.

Mais tarde, pensando sobre esse evento, cheguei à conclusão de que minha ação não apenas havia sido imprudente, do ponto de vista prático da pesquisa, mas também uma violação da ética profissional. Não é justo com as pessoas que aceitam o observador participante que ele busque manipulá-las, possivelmente causando-lhes algum prejuízo, somente para tentar fortalecer sua posição social numa determinada área. Além disso — embora, consciente e explicitamente, possa se empenhar para influenciar algumas ações com o pleno conhecimento das pessoas com as quais interage —, com certeza é bastante questionável da parte do pesquisador firmar sua posição social com base no entendimento geral de que não quer levar ninguém a lugar algum, e então, de repente, jogar todo o seu peso a favor de um dos lados em uma situação de conflito.

12. RUMO À PREFEITURA

Suponho que ninguém vá viver numa área pobre e degradada durante três anos e meio se não estiver preocupado com os problemas enfrentados pelas pessoas do lugar. Nesse caso, é difícil ser apenas um observador passivo. Uma vez cedi ao impulso de fazer algo. Tentei dizer a mim mesmo que eu simplesmente testava algumas das coisas que havia aprendido sobre a estrutura das gangues de esquina. Contado, sabia que na verdade esse não era o objetivo principal.

Durante todo o tempo que passei em Cornerville ouvira falar, muitas e muitas vezes, como o distrito era esquecido pelos políticos, como nunca se fazia melhoria alguma, como os políticos apenas tentavam promover a si e a seus amigos. Ouvi várias coisas sobre coletas de lixo esporádicas, mas a reclamação mais amarga talvez fosse sobre os banhos públicos, onde, no verão de 1939 e em vários anteriores, não havia água quente. Num distrito onde apenas 12% dos apartamentos tinham banheiras, esta era uma questão candente.

As pessoas reclamavam umas com as outras sobre essas coisas, mas, aparentemente, não adiantara tentar conseguir algo por intermédio dos políticos locais, preocupados acima de tudo em fazer favores para amigos verdadeiros ou potenciais. Se você nada obtém com os políticos locais, por que não ir direto ao prefeito — e em massa? Se, como eu presumia, os líderes das gangues de esquina eram capazes de mobilizar seus grupos para a ação em vários sentidos, então deveria ser possível, trabalhando com um pequeno número de indivíduos, organizar uma grande manifestação.

Discuti isso com Sam Franco, que ficou entusiasmado e disposto a agir imediatamente, prometendo o apoio de seu setor de Cornerville. Para a área da Norton Street, convoquei Doc. Para a área em volta do quartel-general de George Ravello, escolhi um dos líderes locais. Com meus novos conhecidos na Shelby Street, foi possível cobrir aquela ponta do distrito.

Então começou a complicada tarefa de organizar os vários grupos, juntando-os e preparando-os para marchar no mesmo dia e hora. E quem iria liderar essa manifestação? Como eu era o elo de ligação entre a maior parte desses líderes de gangues de esquina, e como havia começado a organizar a atividade, era o homem indicado para assumir. Mas não estava preparado para me afastar tanto assim de meu papel de observador. Concordei em ficar no comitê de organização, como queriam os outros, mas não seria o coordenador. Propus Doc, e todos concordaram, mas quando falei com ele, vi que, embora ficasse feliz de se juntar a nós, não estava preparado para aceitar a responsabilidade da liderança. Então propus Mike Giovanni, que também era aceitável para o pequeno grupo com o

qual eu fazia o trabalho preparatório. Mike disse que organizaria uma reunião pública em Cornerville para juntar as pessoas para a marcha, mas achava que, a partir daquele momento, o coordenador deveria ser eleito pelos representantes das diferentes áreas presentes no encontro. Todos concordamos.

Então tivemos um mal-entendido a respeito da composição dessa reunião pública. Sam Franco trouxe apenas diversos representantes de sua parte do distrito, enquanto uma grande parte da área da Shelby compareceu em massa. Assim, quando houve indicações para a coordenação, foi indicado e eleito um rapaz da Shelby Street que não tivera participação alguma no planejamento. Os amigos de Sam Franco ficaram bastante aborrecidos com isso, pois sentiram que poderiam ter elegido um de seus candidatos se houvessem trazido os rapazes. Sam e vários dos outros homens também suspeitaram dos motivos do nosso coordenador. Estavam convencidos de que ele tentaria usar a manifestação em benefício próprio, e tive de concordar que havia boa possibilidade disso acontecer. A partir daí, parte dos esforços de nosso comitê foi canalizada para cercar o coordenador, de modo que ele não tivesse oportunidade alguma de sair pela tangente.

Nessa reunião para a eleição, tínhamos sido induzidos ao erro por nossa própria concepção de processo democrático. Faz sentido eleger um coordenador apenas quando se tem um grupo ou uma base regularmente constituídos. No nosso caso, o resultado da eleição fora bastante fortuito, dada a super-representação da Shelby Street.

Em seguida, tivemos dificuldade com a data para a manifestação. Foi marcada para uma semana depois da reunião da eleição, mas agora os homens da Shelby Street vinham me dizer que seu pessoal já estava quente e queria fazer a marcha bem antes. Consultei Sam Franco e um ou dois outros integrantes do comitê, mas não consegui juntar os demais. Apesar disso, eu disse a eles que talvez devêssemos esperar cerca de dois dias. Então marcamos uma reunião do comitê completo para a noite antes da marcha. Quando os homens começaram a chegar, ficou evidente que alguns deles estavam aborrecidos porque haviam ficado de fora, e percebi que cometera um erro sério. Felizmente, nesse momento chegou um dos políticos locais e tentou argumentar contra a marcha. Isso foi ótimo para elevar o moral. Em vez de discutirmos uns com os outros sobre como havíamos lidado com o planejamento, jogamos toda a nossa agressividade sobre o político.

Na manhã seguinte, nos reunimos no playground em frente à casa de banho. Tínhamos mimeografado folhetos que foram distribuídos por toda a vizinhança no dia anterior; os jornais haviam sido avisados. O comitê estava preparado para liderar a marcha, e o playground se encontrava cheio de gente. Havia alguns da

velha geração nas laterais. Pensei que marchariam conosco, mas, bastante significativamente, não o fizeram. Devíamos ter percebido que, se quiséssemos trazer a geração mais velha, caberia também atuar por intermédio de suas lideranças.

Quando a manifestação começou, meninos de todo o distrito engrossavam a multidão, carregando suas bandeiras feitas em casa. E assim marchamos para a Prefeitura, atravessando diretamente o centro do setor comercial. Tivemos a satisfação de parar o trânsito em todo o caminho, mas não por muito tempo, pois a marcha se movimentava muito rapidamente. Cometemos o erro de pôr todo o comitê na frente. Como parecia que todos atrás de nós tentavam avançar para a primeira fila, os que lideravam a manifestação quase foram pisoteados. Algumas mulheres empurrando carrinhos de bebê não conseguiam nos acompanhar.

Não encontramos qualquer oposição por parte da polícia, que só se preocupava com a manutenção da ordem quando nos juntamos no pátio abaixo da Prefeitura. Então, os dez membros do comitê subiram para ver o prefeito, enquanto o resto dos manifestantes cantava "Deus salve a América" e outras canções, acompanhados por uma banda improvisada. Sabíamos que o prefeito estaria fora da cidade, mas nossa manifestação não podia esperar, então falamos com o substituto. Ele anotou nossos nomes e uma lista de reclamações, tratando-nos com seriedade e respeito. Quando os membros do nosso comitê começaram a falar, ouvi Sam, atrás de mim, dizer em voz baixa: "Fora daqui, seu gângster barato." Virei-me para ver o político local, Angelo Fiumara, se acotovelando para passar. Fiumara manteve posição e falou na primeira oportunidade: "Gostaria de juntar minha voz ao protesto, como um cidadão..." Sam interrompeu-o, gritando: "Ele não tem nada a ver com a gente. Está só tentando se intrometer." Mike Giovanni reiterou a observação de Sam, e o prefeito substituto decidiu que não ouviria Fiumara ali. Enquanto as falas prosseguiam, distribuí entre os repórteres um texto que havia preparado. No fim de nossa sessão, o prefeito substituto prometeu que todas as reclamações seriam seriamente consideradas e que se faria tudo que fosse possível para nos atender.

Marchamos então para a casa de banho do playground, onde contamos aos nossos seguidores o que havia acontecido no gabinete do prefeito. Ali, novamente, Angelo Fiumara tentou se dirigir à multidão, e o empurramos para fora. Os jornais do dia seguinte traziam longas matérias com fotos de nossa manifestação. Em diferentes jornais registrou-se que tivéramos entre 300 e 1.500 pessoas na marcha. Os companheiros aceitaram, felizes, os 1.500, mas suspeito que 300 era o número mais próximo da verdade. No dia seguinte da marcha, alguns engenheiros examinavam as caldeiras da casa de banho, e em menos de uma semana tínhamos água quente. A limpeza das ruas e a coleta de lixo também pareciam

reavivadas, pelo menos por algum tempo. Apesar de todos os erros que havíamos cometido, era evidente que a manifestação produzira resultados. Mas então surgiu um novo problema: e agora? Tínhamos criado uma organização e realizado uma manifestação. De algum modo era preciso manter Cornerville trabalhando em conjunto.

Quanto a isso, fracassamos totalmente. Várias reuniões do comitê se dispersaram sem que se tivesse chegado a qualquer acordo sobre uma ação programada. Acho que havia várias dificuldades. Em primeiro lugar, os membros do comitê não estavam acostumados a se reunir ou trabalhar juntos pessoalmente. Não havia nada a uni-los, exceto a questão formal da reunião. Seus laços eram em suas respectivas esquinas. Em segundo lugar, começáramos com um desempenho tão sensacional que qualquer coisa depois daquilo seria um anticlímax. Parecia difícil dirigir o entusiasmo para uma atividade que parecesse diminuta em comparação com a nossa marcha de protesto.

Acabei concluindo que qualquer organização que juntasse os grupos de esquina teria de ser construída em torno de algum tipo de ação permanente. A liga de softball desenvolveu-se na primavera seguinte e, em certa medida, atendeu a esse requisito. Trabalhei com os mesmos homens para criar a liga, de modo que, num certo sentido, a marcha à Prefeitura teve conseqüências mais continuadas, embora muito aquém de nossas acalentadas esperanças.

13. O ADEUS A CORNERVILLE

Durante a primavera e o verão de 1940, passei a maior parte do meu tempo escrevendo a primeira versão de *Sociedade de esquina*. Já tinha os estudos de caso dos Norton e do Clube da Comunidade Italiana. Depois disso, produzi três manuscritos cujos títulos eram "Política e estrutura social", "Os gângsteres no Clube Social e Atlético Cornerville" e "A estrutura social do gangsterismo".

Enquanto escrevia, mostrei as diversas partes para Doc e revi tudo detalhadamente com ele. Suas críticas foram inestimáveis para minha revisão. Às vezes, quando eu falava dele e de sua gangue, Doc sorria e dizia: "Isso vai me embarçar, mas é assim que era; então, vá em frente."

Quando deixei Cornerville, na metade do verão de 1940, o Clube Social e Atlético Cornerville fez uma festa de despedida para mim, regada a cerveja. Cantamos "Deus salve a América" três vezes e "Um barril de chope" seis. Já havia me mudado bastante em minha vida, mas nunca, antes de deixar Cornerville, sentira a mudança com tanta intensidade, como se estivesse deixando minha

! casa. A única coisa que faltava era um adeus dos Norton, e aquilo era impossível, pois eles já não existiam.

14. CORNERVILLE REVISITADO

Enquanto escrevo agora, mais de 40 anos depois de ter saído do distrito, parece não haver razão alguma para manter o nome fictício nem os pseudônimos de alguns dos principais personagens. Eu estudava o North End de Boston, uma das partes historicamente mais significativas deste país, onde os turistas podem visitar a casa de Paul Revere na North Street, e a Old North Church na Salem Street. Na ponta sul do North End está o Faneuil Hall, onde líderes da Revolução Norte-Americana se encontraram algumas vezes. Península do porto, o North End também foi cenário do Boston Tea Party.

O North End também figura com proeminência na história política do século XIX e início do século XX. Estava localizado no distrito 3 e era então dominado pelo Clube Hendricks, no West End, área estudada por Herbert Gans em seu *Urban Villagers*. Ali Martin Lomasney, o chefe de distrito preferido por Lincoln Steffens, dominava durante as primeiras décadas deste século. Quando comecei meu estudo, em 1937, Lomasney falecera, e, sob a liderança de John I. Fitzgerald, o clube controlado pelos irlandeses perdia seu comando sobre a política distrital.

Em 1980, o North End passava por um processo de transformação. Ainda era um distrito predominantemente italo-americano, mas a *renovação* começara. Algumas décadas antes, os trilhos do trem elevado foram derrubados, abrindo a vista para o mar. Isso estimulou o surgimento de restaurantes requintados e condomínios caros ao longo do cais. Na outra extremidade do distrito, a atrativa reurbanização do Quincy Market deu ainda mais encanto ao North End. A distância até o centro comercial, bancário e político de Boston já era facilmente percorrida a pé. Do ponto de vista físico, a maior parte do distrito parecia intocada. Em 1980, a North Bennett Street (Norton Street) se assemelhava exatamente ao que eu deixara em 1940. O restaurante Capri, da família Orlandi, há muito desaparecera, mas o primeiro prédio onde vivi, no número 7 da Parmenter Street, esqui-

* Boston Tea Party: manifestação realizada em 1773 por cidadãos de Boston em protesto contra a tentativa inglesa de criar um imposto sobre o chá; os manifestantes assaltaram três navios ingleses no porto e jogaram toda a carga de chá ao mar. (N.T.)

** *Renovação (Gentrification)*: processo pelo qual pessoas de classe média ou afluentes tomavam a iniciativa de restaurar e melhorar propriedades urbanas deterioradas; as pessoas de baixa renda que viviam na área eram com frequência delas expulsas. (N.T.)

na com Hanover Street, parecia exatamente o mesmo. O outro, onde Kathleen e eu começamos nossa vida de casados, a meio quarteirão do mar, no número 477 da Hanover Street, ainda está lá, mas a Hanover Association (Clube Social e Atlético Cornerville), que ficava do outro lado da rua, desapareceu. O prédio que a abrigava foi reconstruído e é hoje um condomínio.

Que impacto teve o livro sobre o North End? Não possuo qualquer evidência de que tenha exercido uma influência importante, ou mesmo de que tenha sido amplamente lido no distrito. Por mais de dez anos após a publicação, a capa da primeira edição (desenhada por Kathleen Whyte) ficou no quadro de avisos da biblioteca pública, na categoria "publicações recentes interessantes", porém, entre os rapazes da esquina, Ralph Orlandella (Sam Franco) não conseguiu encontrar ninguém que tivesse lido o livro, a não ser aqueles aos quais eu enviara exemplares.

É certo que os assistentes sociais que trabalhavam no distrito leram o livro, mas isso não teve qualquer efeito significativo sobre suas instituições. Ouvi de terceiros que, com uma exceção, os que trabalhavam na North Bennett Street Industrial School (Centro Comunitário da Norton Street) ficaram aborrecidos, pois haviam sido amigáveis comigo, e eu me virara contra eles, deixando-os embaraçados perante outros assistentes sociais e membros da elite que os apoiavam. A única exceção me trouxe algum consolo: a chefe do trabalho com as moças, que me havia apresentado a Ernest Pecci (Doc). Soube que ela julgava meu estudo uma representação precisa da instituição e do distrito. Na década de 1950, a Escola Industrial finalmente passou a contar — para trabalho em tempo integral com os meninos — com um membro da equipe nascido e criado no North End, mas ele devia ter título universitário e alguma outra formação como assistente social.

As reações na North End Union (Centro Comunitário de Cornerville) pareciam ambivalentes. Frank Havey (senhor Kendall) falou-me, em 1953, que não questionava a precisão do livro, mas não sabia dizer em que medida o Centro Comunitário poderia atrair rapazes da esquina sem perder sua clientela convencional. Então disse que conseguira uma doação para contratar um herói local da Segunda Guerra Mundial, que organizara uma liga de basquete com 42 times e propiciara ao Centro o período mais vivo de sua história — aparentemente sem perturbar os programas regulares. Infelizmente, quando terminaram os recursos, deixaram que o homem fosse embora. No início da década de 1950, a Union teve dois italo-americanos em seus quadros, mas ambos eram homens de fora do distrito.

Havey confessou que se encontrava num dilema entre o reconhecimento do valor das lideranças locais e os padrões promovidos pelos que avaliavam os programas de assistência social. As escolas de serviço social têm se empenhado em elevar o prestígio profissional de seus formandos. Como o serviço social poderia ser encarado como profissão se suas instituições contratam jovens que tiveram treinamento básico nas esquinas?

Ele não sabia de alguém que tivesse sido ameaçado com um corte de recursos se contratasse uma pessoa sem mestrado em serviço social. Ainda assim, frequentemente lhe perguntavam quantas pessoas de sua equipe tinham mestrado, e ouvia referências a outras instituições que “não possuíam as qualificações necessárias.” Ao investigar, descobriu que essas instituições consideradas de qualidade inferior eram aquelas que continuavam a empregar pessoas sem pós-graduação.

Quando preparava esta terceira edição, falei de novo com Frank Havey. Na época de sua aposentadoria, em 1974, após 40 anos na North End Union, ele era visto com admiração e afeto em todos os círculos do serviço social na área de Boston. O reconhecimento que merecia foi além de um memorável banquete de gala em sua honra: um professor da Universidade de Boston começou um projeto de história oral sobre suas quatro décadas no North End e fez extensas entrevistas com Havey. Este espera um dia transformar essas reminiscências em um livro — que lerei com grande interesse.

Havey relatou que os problemas de relacionar o Centro Comunitário a grupos de esquina permaneciam os mesmos até a década de 1970. Ele próprio fizera diversos esforços para incluir em sua equipe homens do North End que tinham experiência com gangues de esquina. Lembrava-se particularmente de dois homens que faziam bons trabalhos para o Centro, mas após alguns meses saíram. Sua explicação: viram-se divididos entre os padrões do Centro Comunitário e os da esquina. Acrescentou que não havia problema em contratar pessoas para funções que não exigissem formação em serviço social. Mas, é claro, um homem contratado para um programa de basquete ou uma mulher contratada para dar aulas de costura estariam num emprego fim-de-linha, sem perspectiva alguma de carreira.

A despeito da boa reputação da Union nos círculos de serviço social, durante muitos anos Havey não conseguiu persuadir qualquer das principais agências de assistência social a fornecer estudantes ou funcionários em tempo parcial para prover os serviços de orientação que ele não podia oferecer. Isso só era feito para agências nas quais o programa fosse supervisionado por alguém com mestrado

em serviço social. A Union só conseguiu superar a barreira das credenciais quando pôde contratar um funcionário em tempo integral com pós-graduação.

Na década de 1960, ganharam crescente popularidade em todo o país os centros de recreação que funcionavam em lojas dando direto para a rua, e também outros programas que dependiam de lideranças locais. Se eu tinha algo a ver com isso? Duvido. Suponho que a mudança tenha resultado da crescente militância das pessoas que vivem em áreas pobres e degradadas, o que forçou um reconhecimento cada vez maior de que as velhas estratégias paternalistas não funcionavam. No máximo, meu livro pode ter dado alguma legitimidade acadêmica a essa tendência, e pode ter estimulado alguma reflexão entre planejadores, professores e estudantes de serviço social. Ainda assim, o problema subjacente não será resolvido simplesmente colocando-se líderes locais para cuidar de programas de "alcance" enquanto essas posições não oferecerem possibilidade de premiar o bom desempenho com promoções e segurança no emprego.

Nas últimas décadas, com o aumento do nível geral de educação, tornou-se cada vez mais difícil para quem não tem curso superior ascender às posições de gerência na indústria privada, mas isso ainda acontece de vez em quando — e até mesmo com bastante frequência, em alguns campos. Em geral, tudo que se requer para cargos de gerência é um diploma universitário, e, em muitas empresas, a pós-graduação não confere vantagem alguma ao indivíduo que compete pela maior parte desses empregos. Não se deveria pensar que a barreira das credenciais é agora muito mais difícil de ser superada na área do serviço social que na indústria privada?

O que aconteceu após 1940 a alguns dos principais personagens do livro? Joseph Langone (George Ravello) faleceu há muito tempo, mas seu salão funerário continua com a família no North End, e um de seus filhos foi eleito para o Legislativo do estado em 1980.

Levou muito tempo para Ernest Pecci (Doc) encontrar um lugar seguro no mercado de trabalho. Só conseguiu um emprego fixo depois que a expansão econômica resultante da guerra já ia bastante avançada. Então deslançou, e estava indo muito bem até que chegaram os cortes do pós-guerra. As pessoas eram demitidas de acordo com o tempo de serviço, e Pecci ficou sem trabalho de novo.

Finalmente, conseguiu emprego numa fábrica de aparelhos eletrônicos. Na época de minha última visita (dezembro de 1953), soube que havia ascendido à posição de supervisor-adjunto no departamento de planejamento de produção da fábrica. Essa seção é o centro nervoso da empresa, pois lida com a agenda de pedidos em todos os departamentos.

Pecci havia alcançado algum sucesso nessa posição, mas tendia a minimizar suas conquistas. Ele explicou: "Do lado técnico, sou um desastre total. A única coisa em que realmente brilho é quando tenho de convencer o capataz a passar um novo pedido na frente de outro que ele havia planejado. Consigo fazer isso sem deixá-lo aborrecido." Assim, Pecci aplicava a este novo mundo industrial algumas das habilidades sociais que demonstrara no North End. No entanto, essa era uma área de tecnologia muito avançada, e sua falta de conhecimento específico impunha um limite a seu progresso.

Pecci se casou logo depois de conseguir seu primeiro emprego fixo, durante a Segunda Guerra Mundial. Sua esposa era uma atraente moça do North End, uma pessoa muito inteligente e capaz que abriu, por conta própria, uma pequena loja de roupas.

Fiz uma visita a Pecci cerca de cinco anos depois da publicação do livro. Sua reação pareceu-me uma combinação de orgulho e embaraço. Perguntei a ele sobre como haviam reagido os membros de sua gangue. Disse que Frank Luongo (Mike Giovanni) parecia ter gostado do livro. O único comentário de Gillo (Danny) foi: "Nossa! Você é realmente um cara fenomenal! Se eu fosse uma moça, casaria com você." E os outros membros da gangue? Até onde Pecci sabia, nunca leram o livro. Sem dúvida a questão havia surgido. Uma noite, na esquina, um dos caras disse a Pecci: "Olha, ouvi falar que o livro do Bill Whyte saiu. Talvez a gente deva ir à biblioteca para ler." Pecci os demoveu da idéia: "Não, vocês não achariam interessante, é só um montão de palavras difíceis. É pra professores."

Em outra ocasião, Pecci conversava com o editor do jornal *Italian News*, que pensava em publicar um artigo sobre o livro. Pecci o desestimulou, e nenhuma notícia apareceu.

Presumo que, de sua maneira discreta, Pecci fez todo o possível para desencorajar a leitura local do livro, pelo embaraço que poderia causar a vários indivíduos, inclusive a ele mesmo. Por exemplo, dificilmente seria leitura agradável para os que ocupavam as posições inferiores entre os Bennett, pois veriam quão baixo era seu status e em que tipo de dificuldades eles se metiam. Portanto, tenho a maior simpatia pelos esforços de Pecci em limitar a circulação do livro.

Anos mais tarde, soube que ele havia sido promovido a chefe de planejamento da produção, mas não tive mais notícias até os anos 1960, quando soube que morrera. Fiquei sentido por eu ter permitido a perda de contato com ele, mas parecia haver um problema crescente entre nós, e isso levou a um afastamento que ainda não entendo no todo. Eu tentara manter contato por cartas, mas Pecci era

um correspondente menos assíduo que eu. A última carta que recebi dele era um pedido de que, dali em diante, eu não dissesse a ninguém quem era "Doc".

Nos primeiros anos após a publicação do livro, Pecci aceitara convites para falar para estudantes em Harvard e Wellesley. Soube que havia se saído bem nessas ocasiões, sobretudo com as moças de Wellesley. Naturalmente se cansou desse tipo de compromisso, e tive prazer em atender a seu pedido.

Numa de nossas visitas à área de Boston, Kathleen e eu tínhamos visitado os Pecci em sua casa, em Medford, uma área de classe média, e parecemos nos dar bem na ocasião. Porém, quando fui a Boston vários anos depois, não conseguimos nos encontrar. Falamos por telefone a respeito de um encontro, mas ele deu a impressão de ter muitas outras coisas a fazer e não estar ansioso para me ver.

Talvez Pecci tenha achado que eu conseguira fama e fortuna com *Sociedade de esquina*, e que ele, que fornecera as chaves mais importantes para meu ingresso naquela sociedade, não havia recebido sua quota justa de benefícios. Embora fosse impossível determinar uma quota justa, Pecci na verdade teve alguns ganhos materiais em consequência de nossa associação. Ele entrara num programa de televisão que popular na época, *A Pergunta de 64 Mil Dólares*. Não foi um dos maiores ganhadores, mas recebeu um Cadillac. Embora nunca tenha me dito o que escreveu para entrar no show, e o apresentador não tenha mencionado *Sociedade de esquina*, suspeito que Pecci destacou aquele aspecto de sua vida relatado no livro, porque um candidato a participante tinha de encontrar algum modo de se fazer especialmente interessante a fim de entrar no show.

Ou talvez o problema entre nós se explicasse simplesmente pelo fato de que, quando liguei pela última vez, Pecci já deixara a esquina há tanto tempo que não possuía interesse em nada que o ligasse aos velhos tempos.

Frank Luongo mudou-se do North End para ser líder sindical. Tudo começou com um emprego numa indústria em rápida expansão durante a guerra. Frank tinha acabado de ser contratado quando começou a se mobilizar para organizar um sindicato. Pouco depois foi despedido. Levou seu caso à agência governamental adequada, denunciando que fora demitido por atividades sindicais. A companhia recebeu ordem de readmiti-lo. Frank escreveu para mim que, quando reapareceu no trabalho, a situação pareceu mudar súbita e drasticamente. Os outros trabalhadores pensavam que havia sido o fim de Frank. Agora que ele mostrara o que podia ser feito, começaram a se associar. Durante alguns meses Frank estava no portão da fábrica meia hora antes da entrada do primeiro turno e meia hora depois da saída de seu próprio turno, distribuindo cartões de inscrição. Foi responsável, pessoalmente, pela filiação de 1.500 membros. Quando o sindicato foi reconhecido, Frank tornou-se o vice-presidente. Tam-

bém passou a escrever uma coluna semanal no jornal do sindicato com o título de "Mr. CIO". A coluna tinha um estilo vibrante, e deve ter chamado um bocado de atenção no local.

Na eleição seguinte, Frank se candidatou a presidente do sindicato. Escreveu a mim dizendo que seu oponente era um homem que tinha pouco a ver com a organização da entidade, mas que encarnava o tipo popular — e era irlandês. Frank perdeu. Pouco depois, a companhia começou a fazer demissões em larga escala, seguindo a política do fim da guerra. Sem o posto sindical, a antiguidade de Frank já não estava protegida, e ele perdeu o emprego.

Trocamos cartas durante vários anos depois que saí de Boston, mas então a correspondência se interrompeu. Fiquei sem notícia de Frank até que, muitos anos depois, um estudante de Cornell passou por meu escritório para dizer que o havia encontrado durante um trabalho de campo para um artigo sobre organização sindical. Frank estava organizando o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis e trabalhava em Stuyvesant, Nova York.

Cerca de um ano depois, quando planejava ir de carro para Boston, escrevi para Frank e sugeri que Kathleen e eu parássemos para almoçar com ele na volta. Respondeu cordialmente, mas quando telefonei na manhã do encontro para confirmar, soube que estava internado. Paramos no hospital e ficamos com ele e a esposa por mais ou menos uma hora. Foi uma situação deprimente. Frank tinha um câncer avançado e sabia que não viveria muito tempo.

Conversamos a respeito dos velhos tempos, e então Frank me contou sobre os anos que trabalhara regularmente como líder sindical. Afinal, disse-me que, naquela época, em várias ocasiões, fora procurado por estudantes e professores de universidades em busca de informações sobre o sindicato. E acrescentou: "Para mim, basta. Nunca mais farei qualquer coisa para alguém de uma faculdade." Perguntei por que se sentia daquele modo. "Sempre dei meu tempo para eles. Sempre buscava coisas nos arquivos para eles e respondia a todas as questões o melhor possível. Nunca pedi nada em troca, porém dizia a eles: 'Quando terminar, mande para mim uma cópia do que você escrever, certo?' Eles sempre diziam que sim, que teriam prazer em fazer isso, mas até hoje nada recebi de volta. Então, quero que vão todos pro inferno."

Fiquei feliz por ter me lembrado de mandar para Frank uma cópia de *Sociedade de esquina*. Os pesquisadores sociais não perderam nada com a decisão de Frank Luongo de não lhes prestar mais qualquer ajuda, porque poucas semanas

² CIO: Sigla das *Congress of Industrial Organizations*, federação de sindicatos de trabalhadores industriais, criado em 1935. (N.T.)

depois de nosso encontro ele morreu. Cito suas últimas palavras a mim, na esperança de que futuros pesquisadores façam um pouco mais de esforço para cumprir as promessas feitas às pessoas no campo, mesmo que depois não precisem mais delas.

O que aconteceu a Christopher Janella (Chick Morelli)? Eu estava particularmente preocupado com essa pergunta, mas até então hesitara em buscar a resposta. Já debatera a questão comigo mesmo. Finalmente decidi que Chris talvez fosse a única pessoa que eu tivesse ferido. Queria saber que efeito o livro produzira nele. Telefonei para perguntar se podia encontrá-lo. No início custou a se lembrar de meu nome, mas então respondeu cordialmente. Ainda assim, eu ficava imaginando o que aconteceria quando nos sentássemos para conversar.

Descobri que Chris havia se mudado do North End, mas, paradoxalmente, ainda vivia no mesmo distrito. Pecci, o velho rapaz da esquina, se mudara para uma área afluyente, e Chris, o homem que estava em ascensão, permanecera no centro da cidade.

Chris me apresentou à sua esposa, uma moça atraente e agradável que não vinha do North End nem era de origem italiana. Sentamo-nos na sala de estar de um apartamento que, considerando-se mobília, livros, cortinas e tudo o mais, parecia definitivamente de classe média. Durante alguns minutos fugimos do assunto que todos sabíamos que ia ser discutido. Então pedi a Chris para me dizer francamente suas reações a meu livro.

Começou dizendo que, no que lhe dizia respeito, havia apenas duas críticas a fazer. Em primeiro lugar, quando eu o citava, não fazia uma distinção suficiente entre sua própria maneira de falar e a dos rapazes da esquina: "Você me fez falar de uma maneira muito bronca, como fala um gângster."

Expressei surpresa com isso, e aqui sua esposa acrescentou o comentário de que achava que eu havia feito Chris parecer um esnobe. Ele declarou que achava a mesma coisa. Sua esposa puxou o livro da estante e releu a passagem na qual cito Doc, por ocasião de uma reunião política durante a qual Chris subiu ao palco sete vezes para pegar os ingressos que ia vender ao candidato. Ambos riram ao ouvir isso, e Chris comentou que nunca mais faria uma coisa dessas. A esposa disse que Chris lhe contara, antes de se casarem, que alguém havia escrito um livro sobre ele. E acrescentou que só lhe dera o livro depois de estarem casados.

Chris riu com isso, e então passou para a segunda crítica. "Bill, tudo que você descreveu sobre o que nós fizemos é totalmente verdadeiro, mas devia ter destacado que éramos apenas jovens naquela época. Aquilo era uma fase que estávamos atravessando. Mudei um bocado desde aquele tempo."

Ele expressou preocupação com as reações de outras pessoas ao meu livro. “Você sabe, depois que o livro já havia saído há algum tempo, me encontrei com Pecci por acaso, e ele estava realmente aborrecido. Ele me disse: ‘Pode imaginar uma coisa dessas? Depois de tudo que fiz por Bill Whyte, as coisas que ele pôs no livro sobre mim... Sabe aquilo de eu dizer que você pisaria no pescoço de seu melhor amigo só para progredir? Bom, olha só, talvez eu tenha dito aquilo, mas não era realmente minha intenção. Estava apenas magoado naquela hora.’”

Chris parecia preocupado com o que o livro havia feito à minha relação com Pecci. Eu não disse a ele que este lera página por página do manuscrito original, nem dei minha interpretação de que Pecci simplesmente cuidava de consertar sua imagem depois que algumas dessas reações íntimas haviam sido expostas.

Chris me garantiu que não era o tipo duro que o livro o fazia parecer. (“Na verdade, sou um tipo manso, as pessoas facilmente se aproveitam de mim.”) E me deu exemplos de ocasiões em que havia ajudado seus amigos sem levar qualquer vantagem.

Quando eu me preparava para ir embora, perguntei a Chris se tinha algo mais a dizer sobre o livro.

“Bom, fico imaginando se você poderia ter sido mais construtivo, Bill. Você acha que publicar uma coisa como essa realmente faz algum bem?”

Perguntei o que ele queria dizer. Mencionou o fato de eu apontar (como ele mesmo me havia contado) sua dificuldade de pronunciar o som do *th*. Eu também havia falado do tumulto que os rapazes às vezes causavam nos cinemas, e de que com frequência iam dançar sem gravata, e coisas assim — todos aspectos que faziam o North End parecer um distrito bastante incivilizado. (Não consigo localizar nenhuma referência no livro a perturbações nos cinemas ou homens indo a bailes sem gravata.)

“O problema, Bill, é que você pegou as pessoas em momentos de descontração. É um quadro verdadeiro, sim, mas as pessoas sentem que é um pouco pessoal demais.”

Enquanto caminhava comigo até a estação do metrô, falamos sobre sua carreira política. Fiquei atônito quando soube que ele havia deixado de ser eleito para o Legislativo municipal por uma diferença de míseros três votos. O Chris lanella que eu havia conhecido nunca poderia ter chegado tão perto. Sem expressar minha surpresa, tentei fazer com que falasse sobre isso.

“Você sabe, Bill, o engraçado é que não tive muitos votos no North End. As pessoas com quem você cresce parece que têm ciúmes de qualquer um que progredida. Onde consegui meu apoio foi bem aqui, onde vivo agora. Conheço esses camaradas da esquina e realmente me dou bem com eles.”

Como para demonstrar isso cumprimentava e acenava com cordialidade diversos grupos de esquina enquanto passávamos por eles. Em outra visita, soube que Chris lanella finalmente fora eleito, e em 1980 era presidente da Assembléia Legislativa de Boston.

Chris me deixou muitas coisas para refletir. Em primeiro lugar, é difícil descrever a sensação de alívio que senti depois de encontrá-lo. Embora, de início, deva ter sido doloroso para ele ler o livro, fora capaz de aceitá-lo com tranquilidade, e agora até podia rir de como era na época da juventude. Quando discuti isso com Pecci mais tarde, comecei a me perguntar se o livro não poderia até mesmo ter ajudado Chris. Foi Pecci quem apresentou essa teoria. Ele argumentou que são poucas as pessoas que têm uma oportunidade de se verem tal como as outras as enxergam. Talvez a leitura do livro tenha permitido que Chris mudasse seu comportamento. Com certeza, prosseguiu Pecci, Chris havia mudado bastante. Ainda dava duro para progredir, mas já não parecia a pessoa autocentrada e insensível dos primeiros anos. Chris certamente tinha de mudar se quisesse alimentar qualquer esperança de ir adiante na política democrata — e, de alguma forma, por razões que não posso explicar agora, ele havia decidido que seu futuro estava com os democratas, e não com os republicanos, em cuja direção parecia estar se movendo quando deixei o North End. Assim, pelo menos, o livro não havia causado dano a Chris, e parecia até possível que o tivesse ajudado.

Também fiquei satisfeito de ver que, basicamente, Chris aceitara o livro. Isso, é claro, agradou ao escritor que há em mim, mas também depôs a favor de Chris. Suspeito que o homem que pode aceitar tal retrato de si mesmo é também o homem que pode mudar o comportamento descrito.

Achei interessantes as objeções de Chris ao livro. Quanto à maneira como o havia citado, eu me senti muito seguro. Ele realmente falava diferente dos rapazes da esquina, mas não tão diferente quanto ele mesmo imaginava. Se uma citação de Chris contém uma expressão gramatical errada, ou alguma frase típica de um rapaz da esquina, estou razoavelmente seguro de que essa parte é autêntica. Eu estava tão consciente das diferenças entre Chris e os outros rapazes que não poderia ter imaginado quaisquer expressões que os aproximasse. A crítica parecia falar mais a respeito do status e das aspirações de Chris que dos meus métodos de pesquisa.

Na verdade, talvez eu devesse ter destacado que Chris e seus amigos eram jovens e apenas atravessavam uma fase de desenvolvimento. Mas a juventude, em si mesma, não parece explicar tudo. Aqueles homens não eram adolescentes; todos estavam no mínimo por volta dos 25 anos. O fato importante é que ainda não haviam conseguido colocar um pé firme na sociedade. Eram jovens que haviam

saído de casa mas ainda não tinham chegado a lugar algum. Estou inclinado a acreditar que esse é um fator importante para explicar a agressividade, o auto-centramento e outras coisas assim, que aparecem em Chris e alguns de seus amigos durante aquele período. Mais tarde, quando ele já havia encontrado algo como um lugar para si mesmo, pôde relaxar e preocupar-se mais com outras pessoas. Será este apenas um fenômeno de mobilidade social, quando alguém sai de áreas pobres e degradadas como Cornerville e adquire o status de classe média? Quando reflito sobre minha própria carreira, posso me lembrar, com certo embaraço, de algumas coisas que disse e fiz nos primeiros estágios, quando lutava para construir uma base firme na carreira acadêmica. É fácil ser modesto e desprezioso quando você já alcançou uma posição bastante segura e ganhou um certo grau de reconhecimento.

Eu não discordava da opinião de Chris de que eu retratara as pessoas em momentos de descontração, e podia simpatizar com as que se sentiam assim. Se você vai ser entrevistado pelo jornal, veste seu melhor terno e põe a melhor gravata, assegura-se de que a sala esteja limpa e, de modo geral, torna todas as precauções associadas a uma aparição pública. Você mostra-se ao público no papel que gostaria de desempenhar. Mas não pode fazer isso com um pesquisador social que passa a viver com você. Não vejo maneira alguma de contornar essa dificuldade. Suponho que sempre haverá aspectos de nossos relatórios que criarão certo grau de embaraço para as pessoas que estudamos. Pelo menos fiquei em paz ao descobrir que, no caso de Chris, a reação não fora tão séria quanto eu havia temido.

Embora possamos apenas especular a respeito do impacto do livro sobre Fecci, Chris e muitos outros, há um homem sobre quem o efeito foi profundo — e nem sempre com certeza construtivo. Meu trabalho fez com que Ralph Orlandella, um jovem que abandonara a escola no curso secundário, quisesse se dedicar à pesquisa social. Nesse caso, posso deixar que Ralph conte sua própria história (ver anexo B).

15. A ACEITAÇÃO DE SOCIEDADE DE ESQUINA COMO TESE DE DOUTORADO

Embora me afastasse de minhas antigas ambições de escrever ficção, eu estava determinado a escrever *Sociedade de esquina* de tal modo que pudesse ser lido além das fronteiras do mundo acadêmico. Inicialmente, submeti o manuscrito a Reynal & Hitchcock, uma editora comercial que anunciara um concurso de textos de não-ficção baseados em pesquisa acadêmica. Quase acertei o alvo. Fiquei em segundo lugar, atrás de um livro de filosofia.

Com o encorajamento de W. Lloyd Warner e Everett C. Hughes, submeti o livro à editora da Universidade de Chicago. Pouco depois, o editor concordou em publicá-lo. Mas então recebi uma carta do gerente comercial, dizendo que eu teria de cortar um terço do manuscrito e contribuir com 1.300 dólares, uma vez que o livro não venderia muitos exemplares.

Para um casal que vivia há dois anos com bolsas de 600 dólares, e depois de 1.500 (menos 300 dólares de matrícula por ano), os 1.300 dólares eram um desafio terrível, mas conseguimos juntar o dinheiro, grande parte dele economizado durante nossa temporada no North End. Como eu já fizera cortes substanciais, fiquei preocupado, no início, com a tarefa de condensar ainda mais o livro. Hoje, olhando para trás, acredito que esse ato de disciplina tenha sido bom para mim. Não consigo me lembrar de nenhuma das partes que cortei, e, nesse processo, *Sociedade de esquina* ficou melhor.

Durante o mesmo período, também tive de batalhar para que o livro fosse aceito como tese de doutorado. Eu chegara a Chicago para começar meus cursos de pós-graduação já com o primeiro rascunho da tese na bagagem. Havia reescrito e polido algumas partes, mas não mudara minha análise de algum modo de que consiga agora me recordar. Aquele começo não-ortodoxo exigiu algumas manobras também não-ortodoxas no final de meu programa de doutorado. Fiz os exames finais numa semana e a apresentação da tese na semana seguinte — embora, de acordo com as regras, o doutorado não pudesse ser concedido menos de nove meses depois da aprovação nos exames, o que explica que meu diploma tenha data de 1943, e não de 1942.

Como ocorre com freqüência, havia grandes divisões dentro do departamento de sociologia, de modo que qualquer estudante que enfrentasse o exame de tese devia torcer para que, com a ajuda e o encorajamento ocultos da facção da qual fosse aliado, conseguisse resistir aos ataques da facção oposta. Eu ainda levava outra desvantagem, pois na época de minha aprovação, W. Lloyd Warner, meu orientador, estava de licença, e eu só podia esperar que Everett Hughes e Bill Whyte juntos conseguissem me fazer passar.

Naquele tempo, Chicago exigia que todas as teses de doutorado fossem impressas, e eu estava determinado a publicar algo que fosse ao mesmo tempo um livro fácil de ser lido e uma tese. Por essa razão, recusei-me a começar com a tradicional revisão da literatura sobre áreas pobres e degradadas ou a concluir com um capítulo no qual resumisse minha contribuição àquela literatura, incluindo a obrigatória frase final: “é necessário continuar as pesquisas sobre o tema”. Minha posição não se devia a razões inteiramente literárias. Felizmente para mim, durante o período em que fazia meu trabalho de campo, eu desconhecia a litera-

tura sociológica sobre áreas pobres e degradadas, e começara o estudo considerando-me um antropólogo social. Durante os dois anos em Chicago, mergulhei naquela literatura sociológica e fiquei convencido de que a maior parte era inútil e enganosa. Achava que eu me desviaria da minha tarefa se tivesse de me livrar do lixo antes de começar minha história.

Como esperava, o ataque mais contundente veio de Louis Wirth, autor de um dos melhores estudos sobre áreas pobres e degradadas. Ele começou pedindo que eu definisse "área pobre e degradada". O propósito de sua pergunta era óbvio. Embora eu argumentasse que o North End era na realidade altamente organizado, com muitos agrupamentos coesos, ele não via como eu poderia defini-lo como uma dessas áreas sem utilizar o conceito de "desorganização social", tema central de estudos anteriores.

Respondi que uma área pobre e degradada era simplesmente uma área urbana onde existia alta concentração de pessoas de baixa renda vivendo em habitações dilapidadas e em péssimas condições sanitárias e de saúde. Wirth objetou que esta não era uma definição sociológica, mas recusei-me a satisfazer seu apetite conceitual, respondendo simplesmente que as condições que eu descrevera constituíam a razão pela qual eu estudara o North End, e que considerava um problema empírico determinar como as pessoas viviam naquelas condições.

Embora não satisfeito, Wirth finalmente persuadiu-se de que não ia obter a resposta que desejava, e passou a atacar minha atitude afrontosa de ignorar, sem ao menos mencioná-las, várias gerações de literatura sociológica. Isso provocou um debate animado, no qual tentei demonstrar que realmente desconhecia aquela literatura.

Nesse ponto, Everett Hughes interveio para promover um acordo. O departamento aceitaria o livro como tese desde que eu escrevesse, em separado, uma revisão da literatura demonstrando claramente que acrescentava algo ao trabalho já feito. Esse material complementar poderia então ser impresso (à minha custa) e encadernado junto com o livro, numa cópia que — depositada na biblioteca da universidade — tornava a tese de Bill Whyte ajustada às tradições da pós-graduação.

Mais tarde, ocorreu-me que, como eu devia escrever uma revisão da literatura, poderia publicar alguns artigos a partir dessa tarefa (e na realidade o fiz, tal como está indicado nas referências do anexo C). Quando dois desses artigos foram aceitos para publicação, consultei Hughes de novo. Ele persuadiu o departamento a aceitar os artigos publicados como minha revisão da literatura e a abandonar o requisito formal de que fossem encadernados com o livro na cópia para a biblioteca.

Assim, a provação da defesa de tese teve final feliz, graças, em grande parte, a Hughes. Consegui publicar o livro sem a parcela que eu considerava irrelevante. Além disso, lancei-me numa carreira acadêmica com dois artigos e um livro.

16. SOCIEDADE DE ESQUINA REVISITADO CINQUENTA ANOS DEPOIS

A recepção inicial ao livro não forneceu qualquer indicação de que um dia ele pudesse vir a ser considerado “um clássico da literatura sociológica”. A revista oficial da Sociedade Americana de Sociologia, a *American Sociological Review*, não fez uma resenha. No *American Journal of Sociology*, Edwin Sutherland, um renomado criminalista, fez uma crítica favorável, embora tendesse a definir o livro apenas como mais um bom estudo sobre áreas pobres e degradadas.

No início, *Sociedade de esquina* teve melhor receptividade fora do mundo acadêmico. Harry Hanson, um crítico de alcance nacional, dedicou uma coluna inteira ao livro, terminando com esta afirmação: “Whyte oferece matéria original sobre o tema sempre importante da vida nas comunidades norte-americanas, apresentando-o, eloqüentemente, de uma perspectiva humana.”

Fiquei particularmente feliz com os comentários entusiásticos de Saul Alinsky, autor de *Reveille for Radicals*, no periódico *Survey*, dirigido aos profissionais de serviço social. Embora reconhecendo seu preconceito contra sociólogos em geral, ele achou *Sociedade de esquina* uma análise notavelmente realista do tipo de distritos pobres nos quais vinha trabalhando como organizador de comunidades.

De início, as vendas pareciam confirmar a previsão pessimista do gerente comercial da editora. O livro foi publicado em dezembro de 1943. Em 1945, a receita havia caído para quase nada, e o volume parecia pronto para entrar no mercado das sobras.

Em meados de 1946, tive a surpresa agradável de receber um cheque relativo aos direitos autorais, registrando o triplo de vendas em comparação ao ano anterior. O que acontecera? Em primeiro lugar, os veteranos da Segunda Guerra Mundial voltavam em grandes levas aos cursos de graduação e pós-graduação, e seus soldos incluíam provisões generosas para a compra de livros. Ao mesmo tempo, muitos professores de sociologia se tornavam insatisfeitos com o costume de simplesmente recomendar livros-texto para seus cursos, e passaram a exigir que os estudantes lessem monografias de pesquisas.

Ainda assim, no início da década de 1950, as vendas caíam sistematicamente, e, mais uma vez, o livro parecia prestes a expirar. Alex Morin, que trabalhava na editora, disse-me que recentemente relera *Sociedade de esquina* na esperança de

ter idéias para reformulações que justificassem uma nova edição e mantivessem o livro vivo. Isso me levou a pensar em escrever este anexo sobre minhas experiências de campo, que apareceu pela primeira vez na edição ampliada de 1955 e que depois disso vim expandindo.

Parecia que o mundo acadêmico impusera uma conspiração do silêncio às experiências pessoais de pesquisadores de campo. Na maioria dos casos, os autores que deram alguma atenção a seus métodos de pesquisa tinham fornecido uma informação fragmentária, ou escrito o que parecia uma descrição de métodos que teriam usado se, quando entraram no campo, soubessem de antemão o que iriam produzir no final. Era impossível encontrar relatos realistas que revelassem erros, confusões e envolvimento pessoais pelos quais um pesquisador de campo deve necessariamente passar.

Decidi fazer minha parte para suprir essa falha. Ao assumir a tarefa, parecia-me importante ser tão honesto sobre mim mesmo quanto possível. Isso significava não suprimir incidentes que me fizessem parecer idiota, como minha tentativa fracassada de seduzir uma garota num bar da Scollay Square, ou meu envolvimento em crime federal (votei quatro vezes numa eleição) — embora, neste último caso, vários colegas tenham me aconselhado a não fazer a confissão. Escrevi da maneira que está não apenas para limpar minha alma, mas — e mais importante — para ajudar os futuros pesquisadores de campo a entender que é possível cometer erros estúpidos e equívocos sérios, e ainda assim produzir um estudo de mérito.

A versão ampliada de 1955 deu ao livro novo vigor. Na década de 1960, as vendas desabavam novamente, mas a publicação do livro em brochura colocou-o de novo em patamar mais elevado.

As vendas estavam caindo mais uma vez no final dos anos 1970, e eu não pensava numa possível reedição até os dois dias de comemoração de minha aposentadoria, promovida por meu departamento em Cornell, na New York State School of Industrial and Labor Relations. Os eventos organizavam-se em torno de apresentações e debates, por parte de sete antigos assistentes de pesquisa ou associados em projetos de campo: Angelo Ralph Orlandella, Margaret Chandler, Melvin Kohn, Chris Argyris, Leonard Sayles, George Strauss e Joseph Blasi. Embora tenha apreciado enormemente a contribuição desses velhos amigos, as observações de Ralph Orlandella em particular me levaram a pensar em minha pesquisa de um novo ponto de vista.

Apesar de eu não ter dado qualquer instrução formal a Orlandella a respeito de entrevista e observação — e certamente nada ter feito para aumentar suas habilidades como líder de uma gangue de esquina —, ele afirmou que o trabalho

comigo lhe havia ensinado métodos de entrevista, observação e análise de estrutura de grupo que lhe serviram para alcançar posições de liderança em sua carreira posterior. Antes eu pensara nos métodos que usava basicamente em termos de sua utilidade para pesquisas de campo nas ciências behavioristas. Em sua carreira militar, Ralph demonstrou uma extraordinária habilidade para adquirir a confiança de oficiais superiores, subordinados e pessoas em outras unidades, e fazer com que trabalhassem juntos em projetos inovadores. Também foi capaz de desenvolver projetos cooperativos entre bases militares e comunidades vizinhas, como foi o caso quando assumiu a liderança para criar o “Ballistic Missile Explorer Squadron, Boy Scouts of América”, primeiro no mundo em seu gênero. Mais tarde, usou essas mesmas habilidades para gerenciar o departamento de serviços urbanos de uma cidade. No anexo B, “O impacto Whyte sobre um *Underdog*”, baseado na apresentação que Ralph fez diante de uma audiência entusiasta, durante a cerimônia de minha aposentadoria, ele conta sua própria história.

Mais ou menos meio século depois de sua publicação em 1943, *Sociedade de esquina* tornou-se de repente um novo centro de atenção acadêmica. Publicado no outono de 1991, *Reframing Organizational Culture*, de Frost et al. (orgs.), dedica a maior parte a “Explorando um modelo exemplar de pesquisa sobre cultura organizacional”. O artigo começa com uma longa citação de meu anexo na edição de 1955 de *Sociedade de esquina* (daqui em diante, *SE*), segue com quatro críticas ao livro feitas por cientistas behavioristas (Michael Owen Jones, Alan Bryman, Patricia Riley e John M. Jemier) e conclui com meus “Comentários às críticas a *SE*”. O número de abril de 1992 do *Journal of Contemporary Ethnography* é totalmente dedicado a *SE*. Após uma introdução do editor vem o artigo de W.A. Marianne Boelen que mencionei no “Prefácio”. Boelen me acusa de transgressões éticas envolvendo minhas relações com “Comerville” e com Doc, meu principal guia no distrito. Afirma que não reconheci terem sido trazidos da Itália os costumes dos jovens que ficavam nas esquinas. Sustenta que a linguagem comum entre as gangues de esquina era o italiano e que minha compreensão da língua era deficiente, de modo que eu não entendia completamente o que se passava.

Como foi dito no “Prefácio”, o ataque de Boelen era seguido por minha resposta e por um artigo de Angelo Ralph Orlandella. O número fecha com os três artigos dos cientistas behavioristas Arthur J. Vidich, Laurel Richardson e Norman K. Denzin.

Com os ensaios dos sete cientistas behavioristas em *Reframing Organizational Culture* e no *Journal of Contemporary Ethnography*, não tive que defender

meu caráter ou a reputação do livro, porque todos eles aceitavam *SE* como um "clássico da sociologia", ou algo equivalente. Apesar disso, levantaram questões que jogam uma luz interessante sobre como os padrões de crítica mudaram ao longo do último meio século, em particular com a recente popularidade da epistemologia crítica.

No que escrevi a seguir, estarei lidando sobretudo com *Reframing Organizational Culture*, que passarei a chamar de ROC, e com o número pertinente do *Journal of Contemporary Ethnography*, ou JCE.

O panorama intelectual de SE

Jemier acredita que "SE está marcado pela poderosa influência da Escola de Epistemologia de Chicago" (ROC, p.227). Boelen faz o mesmo comentário, com uma virada negativa: que distorci minhas interpretações a fim de alinhá-las com a Escola de Sociologia de Chicago.

Como indiquei na edição de 1981 de *SE* (que nenhum dos sete críticos lera), eu já havia completado uma primeira versão antes de entrar no curso de pós-graduação da Universidade de Chicago, e a condensação e revisão que fiz depois disso não mudaram, de forma alguma, minha análise dos dados sobre o North End. Enquanto estava no campo, de 1936 a 1940, eu me via como um estudante de antropologia social. Fizera amplas leituras naquele campo, sob a orientação de Conrad M. Arensberg. Naquela época, não conhecia qualquer dos estudos urbanos da Universidade de Chicago. No exame de tese de *SE*, tive de resistir aos esforços de Louis Wirth e Herbert Blumer para encaixar meu trabalho na moldura da desorganização social então popular em Chicago e outros lugares.

Sobre as relações do pesquisador com aqueles que ele estuda

Boelen (JCE, p.33-4) pergunta: "Terá ele cometido um pecado ético capital ao não levar seu manuscrito de volta ao campo e checar os dados e os conteúdos com os objetos do estudo?"

Esse "pecado ético capital" é uma criação de Boelen. Na época de meu estudo, nunca ouvira nada sobre tal obrigação. Atualmente, alguns sociólogos e antropólogos sociais advogam algum tipo de feedback para o campo; no entanto, ainda assim, não conheço qualquer código de ética profissional em sociologia ou antropologia que faça tal exigência. Supondo que eu tivesse tentado implementar o princípio de Boelen, como teria feito isso? Como se pode retroalimentar os

dados e conteúdos do estudo de um pesquisador numa comunidade de 20 mil pessoas — ou mesmo com a parte da comunidade que estudei?

Antes de eu sair do distrito, Doc leu o manuscrito que levei para Chicago, e tivemos longas conversas sobre suas sugestões e críticas. Também tive inúmeras discussões de feedback com Sam Franco.

Será que eu deveria ter apresentado aos Norton, como grupo, minhas conclusões sobre hierarquia social e padrões de liderança? Uma vez, quando perguntei a eles quem era seu líder, responderam que todos eram iguais. Revelar-lhes que não eram iguais em termos comportamentais seria embaraçador para Doc e teria perturbado seus seguidores.

Observe-se que Boelen lida com relações no campo apenas em termos das supostas obrigações do pesquisador diante dos estudados. Ela não considera o direito de o pesquisador publicar conclusões e interpretações tal como as vê. Encontrar o equilíbrio entre nossas obrigações perante os que estudamos e os direitos de autor de publicar nossas descobertas é uma questão complexa que não pode ser abordada simplesmente em termos do “pecado capital” de Boelen. Em *Learning from the Field* (1984) discuti alguns aspectos dessa questão.

Será que explorei Doc? Boelen relata que os filhos dele pensam que sim, que eu deveria ter partilhado os direitos autorais de SE com ele. Reconheço que lucrei mais com nossa relação que Doc. Porém, na época, tentei retribuir o melhor que pude (JCE, p.61).

Admitindo que o próprio Doc pensasse que eu lhe devia algo, Richardson (JCE, p.116) oferece esta hipótese: “Whyte via Doc como um co-pesquisador, cujas interpretações estavam entremeadas às suas. No entanto, em última instância, Whyte assumiu sozinho a autoria do livro, recebendo a fama e a ‘fortuna’ associadas a isso. É provável que a fortuna parecesse imensa a Doc, que vivia usualmente subempregado.”

O problema dessa hipótese é que ela põe Doc em “hold” e a mim em “fast forward”. Em 1943, quando SE foi publicado, minhas economias tinham sido esgotadas com o subsídio pedido pela editora, e nada ganhei durante o ano em que me recuperava da poliomielite. A primeira edição não resultou em qualquer pagamento de direitos autorais até 1944; a partir daí, produziu apenas um pouco mais que o valor do subsídio. Foi só depois da edição de 1955 que o livro começou a produzir retornos financeiros significativos. E da última vez em que estive com Doc, em 1953, ele ainda me saudou como a um amigo.

Durante meu período em Cornerville, é verdade que Doc em geral estava “subempregado”, mas o boom ocorrido durante a guerra, a partir de 1942,

deu-lhe um trabalho em que ia bem, até que vieram os cortes pós-guerra, e ele foi despedido. Um tempo depois, conseguiu emprego numa grande empresa de aparelhos eletrônicos, no qual chegou até o nível de gerência. Em minha última visita (dezembro de 1953), ele era supervisor-adjunto de planejamento da produção. Quando morreu, em 1967, era gerente de planejamento de produção, posição-chave no nível da gerência intermediária.

Passando além de minha experiência pessoal, que conclusões gerais poderíamos tirar a respeito das relações entre o pesquisador e seus informantes? Estes deveriam ser pagos? Em caso afirmativo, quanto se deveria pagar? Como determinar a justiça? Parece-me impossível estabelecer qualquer regra universal para tratar essas questões. Acho que, se o pesquisador promete dinheiro em troca de entrevistas, isso introduziria um elemento de cálculo mútuo numa relação que funciona melhor quando as duas partes concordam em colaborar de modo voluntário. Em alguns casos, talvez seja impossível evitar compromissos de pagamento, mas esses poderiam aumentar substancialmente os custos da pesquisa, impossibilitando a execução de outros projetos desejáveis para as duas partes.

Será que se deveria prometer um pagamento contingente — participação nos direitos autorais de um livro? Isso parece bastante irrealista para monografias sociológicas ou antropológicas. Apenas raramente tais monografias registram vendas substanciais — e, no meu caso, 13 anos após a primeira publicação do livro.

Guiei meu envolvimento com Doc em termos do princípio de reciprocidade interpessoal. Quando trabalhávamos juntos, tentava ser útil a ele, e Doc parecia satisfeito com a relação. Mais tarde, pode ter chegado à conclusão de que o explorei, como seus filhos acreditam agora.

Seguir o princípio da reciprocidade interpessoal não fornece qualquer garantia de que, anos depois, a relação será vista como justa e imparcial por um informante-chave — ou por seus filhos.

Se a reciprocidade interpessoal não oferece garantia de boas relações entre os pesquisadores e seus principais informantes e colaboradores, seria possível encontrar outra base para construir tais relações?

Junto com alguns de meus colegas, acabei me convencendo de que a *pesquisa de ação participativa* (PAP, a partir daqui) fornece meios importantes para superar o fosso existente entre pesquisadores profissionais e integrantes das organizações que estudamos. A PAP é uma metodologia na qual os pesquisadores convidam alguns integrantes da organização estudada a participar com eles de todas as fases do processo, desde o esboço da pesquisa, passando pela coleta

de dados e pela análise, até a aplicação prática dos resultados. A PAP ainda é pouco familiar para a maior parte dos cientistas behavioristas, mas tem sido praticada (usualmente com outro rótulo) desde pelo menos a década de 1960.”

Em termos das questões discutidas aqui, a PAP tem duas vantagens. Nas relações de campo, possibilita ir além da reciprocidade interpessoal para estabelecer o vínculo entre informantes-chaves e pesquisadores sociais profissionais. À medida que os membros da comunidade ou organização estudada se comprometem com os resultados práticos que — assim se espera — decorrerão do processo de pesquisa, ficam menos preocupados com o que ganham pessoalmente em troca do que fazem *com* o pesquisador. Isso também pode liberar os pesquisadores de incertezas e ansiedades relativas à suficiência do que foi feito pelos integrantes da comunidade em retribuição ao que fizeram por nós.

A PAP também nos ajuda a lidar com uma das preocupações dos epistemólogos críticos: abrir canais por meio dos quais ao menos alguns integrantes da organização estudada agreguem suas próprias vozes bem informadas a aquelas das pessoas de fora. Isso pode enriquecer o processo de coleta e análise de dados, e também aumentar o nível de aceitação do relatório da pesquisa no âmbito da comunidade ou organização estudada.

As potencialidades e limitações da PAP estão atualmente em processo de exploração. Eu não poderia fazer isso no final da década de 1930, quando me esforçava para seguir a norma então válida em Harvard. Esta enfatizava o compromisso com a “ciência pura” e a ausência de qualquer envolvimento do pesquisador na ação social. Além disso, eu não dispunha de uma posição segura numa organização que me desse a chance de fazer um projeto de PAP. A implementação da estratégia de PAP funciona melhor quando o pesquisador social é integrante de uma organização permanente, capaz de desenvolver uma relação a longo prazo. O pesquisador solitário está em situação precária para fazer o acompanhamento necessário até o final do trabalho.

A estratégia de PAP só pode ser aplicada efetivamente em um número limitado de situações. Onde é possível, ela oferece oportunidades para melhorar as relações de campo do pesquisador, fortalecer o processo de pesquisa e alcançar resultados práticos.

“ Whyte, “Advancing Scientific Knowledge through Participatory Action Research”; Whyte, *Participatory Action Research*; Whyte, Greenwood e Lazes, “Participatory Action Research: through Practice to Science in Social Research”; Harkavy e Puckett “Toward Effective University-Public School Partnerships”; Greenwood, Whyte e Harkavy, “Participatory Action Research as a Process and as a Goal”.

Sobre a crítica pós-fundacional

Quando concordei em responder ao ataque crítico de Boelen, presumi que os três cientistas behavioristas que escreviam naquele número do *JCE* concluiriam que meus três anos e meio de trabalho de campo, apoiados nas volumosas anotações datilografadas logo após os eventos ou as entrevistas, seriam um guia mais acurado para as realidades de Cornerville no final da década de 1930 que as memórias de informantes selecionados 30 a 45 anos depois. Nenhum dos três assumiu uma posição a esse respeito. Vidich (*JCE*, p.80) simplesmente afirma que “os leitores podem tirar suas conclusões sobre as questões levantadas nesses ensaios”, mas então prossegue com tributos ao continuado valor de *SE* para a teoria e a prática sociais em áreas urbanas pobres e degradadas. Richardson e Denzin não lidam com a questão porque, para eles, a natureza do jogo crítico mudou desde a época em que fiz o estudo. Richardson (*JCE*, p.103-4) afirma que escreve sobre *SE* agora “num contexto radicalmente diferente daquele em que o livro foi produzido. Alguns se referem ao contexto intelectual de hoje como ‘pós-fundacional’. O cerne desse clima pós-fundacional é a *dúvida* de que qualquer discurso tenha um lugar privilegiado, de que qualquer texto tenha seu ‘nicho’ consagrado na verdade.”

Denzin (*JCE*, p.130) me chama de “realista positivista-social”, e prossegue dizendo que (p.126), “hoje, o realismo social está sob ataque. É visto agora como apenas uma estratégia de narração para contar histórias sobre o mundo lá fora”.

Riley (*ROC*, p.218) segue a mesma linha. Interpretando o argumento de Clifford Geertz, ela escreve: “descrições culturais, filtradas pelo etnógrafo, são na realidade ficções de segunda ou terceira ordem. ... Não existe qualquer cultura ou organização ‘lá’ a ser rigorosamente representada por observadores.”

Em *Works and Lives*, Clifford Geertz discute os problemas enfrentados por estudantes da cultura, tal como indicado no subtítulo: “O antropólogo como autor”. Ele vê os antropólogos sociais confrontando uma crise intelectual (p.71): “Estão também atormentados por graves incertezas interiores, que correspondem a quase um tipo de hipocondria epistemológica relacionada a como se pode saber que alguma coisa que se diz sobre outras formas de vida é de fato assim.”

Após examinar os trabalhos de alguns dos mais eminentes antropólogos sociais (Lévi-Strauss, Evans-Pritchard, Malinowski e Benedict), ele abandona qualquer esperança de estabelecer conclusões científicas e fala, em vez disso, de “tornar seu relato crível, tornando crível sua pessoa” (p.79). E acrescenta: “A etnografia deu uma virada bastante introspectiva — obliquamente, nas décadas

de 1920 e 1930, e cada vez mais abertamente nos dias de hoje. Para ser uma testemunha ocular habitual, é preciso, assim parece, que aquele que vê se torne, primeiro, um 'eu/olho' convincente."

Dessa forma, o escrever etnológico passa a depender do quanto se consiga persuadir o leitor. Mas, prossegue Geertz (p.133): "Quem deve ser persuadido agora? Os africanistas ou os africanos? Os americanistas ou os índios norte-americanos? Os japonólogos ou os japoneses? E persuadidos de quê? Da precisão factual? Da amplitude teórica? Do alcance da imaginação? Da profundidade moral? É bastante fácil responder: 'Todas as alternativas acima.' Mas não é tão fácil produzir um texto que atenda a tudo isso."

Sobre o marco pós-fundacional e a ciência social

Quando comecei minha pesquisa para SE, queria contribuir para a criação de uma ciência da sociedade — e ainda não desisti desse compromisso. Criei meu próprio marco de referência tomando como base uma distinção fundamental entre o *objetivo* (o que está lá para ser observado) e o *subjetivo* (como o pesquisador e outros interpretam os fenômenos observados). Presumi que deveria me concentrar no objetivo, tentando, na medida do possível, basear minhas interpretações no que observasse e no que me fosse dito por informantes que me haviam parecido observadores perceptivos e precisos.

Refletindo sobre a etnologia "pós-fundacional", acabei chegando à conclusão de que a distinção objetivo-subjetivo não é tão clara como havia imaginado. Considere-se por exemplo meu estudo sobre a estrutura social de gangues de esquina. Ele foi baseado principalmente em observação direta, mas os pesquisadores não podem observar tudo; se tentássemos, terminaríamos com uma miscelânea de dados que não nos conduziriam a qualquer padrão inteligível. Buscamos observar comportamentos que sejam significativos para os propósitos de nossa pesquisa. A seleção, portanto, depende de alguma teoria implícita ou explícita — um processo que, em grande medida, é subjetivo. Mas a escolha não é aleatória: se especificarmos nossas premissas teóricas e os métodos de pesquisa que usamos, outros podem utilizar as mesmas premissas e os mesmo métodos para verificar ou questionar nossas conclusões.

* Eu/olho: há aqui um trocadilho importante e intraduzível: *eye witness* [o olho que testemunha] está grafado como "I-witness" [o eu que testemunha], e daí o *convincing "I"* [o "eu/olho" convincente]. (N.T.)

Seguindo o marco de referência teórico de início proposto por Eliot D. Chapple e Conrad M. Arensberg³, concentrei minha atenção em observar e grosseiramente quantificar as frequências e a duração de *interações* entre integrantes de gangues de esquina, bem como em observar o início de *mudanças nas atividades de grupo*. (Essa abordagem ainda não havia sido usada pelos sociólogos e ainda hoje é incomum entre sociólogos e antropólogos sociais.)

Para determinar a liderança informal de um grupo, baseei-me na distinção crítica entre *eventos-par* (interações entre duas pessoas) e *eventos-grupo* (interações entre três ou mais pessoas). Ao observar eventos-par, descobri que quem sempre conseguia determinar quem era mais influente. Observando eventos-grupo, o padrão ficou claro.

No caso dos Norton, determinei que Doc era o líder por meio de vários tipos de observação. Antes que ele chegasse à sua esquina, havia pequenos grupos de dois ou três conversando. Quando chegava, os pequenos grupos se dissolviam e um agrupamento maior se formava em torno dele. Quando outro integrante falava para o grupo, e então notava que Doc não estava ouvindo, parava e tentava novamente conquistar a atenção do líder. Frequentemente, mas nem sempre, era Doc que sugeria uma mudança na atividade do grupo. Quando outro integrante fazia uma proposta de ação não endossada por Doc, não acontecia mudança alguma de atividade. Só se observava uma mudança na atividade do grupo quando Doc fazia ou aprovava a proposta. O método observacional que usei no final da década de 1930 para determinar estruturas de grupos informais pode ser checado hoje por qualquer pesquisador que deseje observar um grupo informal ao longo de um período extenso.

Com relação ao significado teórico de tais observações estruturais, rejeito a afirmação de Riley (ROC, p.219), de que minhas conclusões sobre a sociologia do boliche e a relação entre mudanças no padrão de interação e saúde mental "provaram-se mais heurísticas que outras, mas deveriam ser vistas como uma conversa particular, limitada no tempo e no espaço pelas regras que governam sua produção".

Essa afirmação me leva de volta aos argumentos metodológicos que encontrei durante meu programa de pós-graduação na Universidade de Chicago no início da década de 1940. Naquela era, o grande debate se desenrolava entre o estudo de caso e a estatística. Proponentes do estudo de caso argumentavam que ele levava à "compreensão", enquanto proponentes da estatística mantinham que ela era o

³ *Measuring Human Relations*.

único caminho para a ciência. Nós, estudantes, quisemos promover um debate entre Herbert Blumer (estudo de caso) e Samuel Stouffer (estatística), e o mesmo debate foi uma vez projetado na cena nacional entre Blumer, e George Lundberg. Acabou tão acalorado que, no final, eles se apertaram as mãos, como se fosse para dar a falsa impressão de que não ficara ressentimento algum.

Eu apreciava aqueles debates, mas ainda assim estava infeliz com a maneira como as questões eram enquadradas. Do lado estatístico, o pressuposto implícito era de que lidávamos com surveys sociais — que, tanto naquele tempo como agora, eram o principal instrumento de sociólogos que usavam métodos quantitativos. Desde a década de 1950 tenho empregado surveys em vários estudos. Porém, nos anos 1940, eu não tinha utilidade para eles; queria quantificar observações de comportamentos.

Ao contrário da afirmação de Riley, defendo que o estudo de caso presta-se a descobrir uniformidades que podem ser conferidas em outros estudos de caso, bem como por meio de métodos experimentais e quantitativos (usados individualmente ou em conjunto). Mais ainda: pode levar a insights que produzam avanços teóricos, sejam eles realizados pelo autor, sejam por outros.

Trabalhando com Muzafer Sherif, O.J. Harvey¹ fez um experimento com grupos de garotos para checar a relação entre suas posições dentro do grupo e o desempenho esportivo. Suas conclusões, paralelas às minhas, dificilmente confirmam aquela relação para todos os casos ou circunstâncias, mas pelo menos demonstram a possibilidade de checar experimentalmente os resultados de estudos de caso.

A relação entre mudanças marcantes em padrões de interação e saúde mental pode ser checada na prática clínica para determinar se esse marco de referência pode ser útil na psicoterapia.

O antropólogo Scudder Mekeel² descobriu um paralelo próximo à minha tese em "The Social Role of the Settlement House" e as relações entre índios norte-americanos e funcionários do Bureau de Assuntos Indígenas. Ele constatou que bastava substituir "rapazes da esquina" por "índios", e "funcionários do Centro Comunitário" por "funcionários do B.A.I." — tudo mais se ajustava a seu caso tão bem quanto ao meu. Poucos anos depois de meu estudo no North End, Herbert Gans³ identificou o mesmo padrão de relações entre funcionários de centros comunitários e rapazes da esquina no West End, vizinho de "Cornerville".

¹ "An Experimental Approach to the Study of Status relations in Informal Groups".

² "Comparative Notes on 'The Social Role of the Settlement House' as Contrasted with that of the United States Indian Service".

³ *The Urban Villagers*.

Em termos de desenvolvimento teórico, construí meu próprio marco de referência conceitual ao longo dos anos a partir de minhas observações no North End*, e George Homans** usou minha análise da gangue da Norton Street para desenvolver seu próprio marco.

Em conclusão

Quando comecei meu projeto para SE, tomei como dado que deveria almejar contribuir para o conhecimento científico. Hoje, muitos cientistas behavioristas parecem acreditar que este é um objetivo impossível. Mas então pergunto-me: por que razão tantos especialistas de renome assumem uma posição tão derrotista? Acho que é porque abordam tipos de problemas que não podem ter respostas científicas. Por exemplo, Geertz e os antropólogos cujos trabalhos ele analisa estão preocupados com estudos da cultura de uma tribo ou comunidade.

Cultura tem muitas definições. Em sua versão mais abrangente, engloba parentesco e outras estruturas organizacionais; mitos, crenças e atitudes partilhados por muitas pessoas; práticas, rituais e cerimônias amplamente difundidos; padrões usuais de interação e atividades; formas de ganhar a vida; ferramentas e tecnologias usadas, e assim por diante. O antropólogo supõe que esses elementos não estão distribuídos aleatoriamente e tenta descobrir alguns padrões nas relações entre eles.

Para obter algo coerente a partir de qualquer padrão presumido de relações entre tantos elementos diferentes, o pesquisador terá que ir muito além de simples relatos e descrições. O sucesso nessa tarefa requer imaginação e criatividade — processos mentais altamente subjetivos. A publicação resultante pode ou não ser convincente para determinados leitores, mas não há qualquer modo de submetê-la a um teste científico.

Isso não significa que as interpretações socioantropológicas de uma dada cultura sejam inúteis. Um bom estudo cultural pode fornecer orientações valiosas para a compreensão daquela cultura e a comunicação com seus integrantes. Isso não é o mesmo que uma prova científica — mas os seres humanos realizariam muito poucas ações se somente respondessem a proposições cientificamente testadas.

* *Social Theory for Action.*

** *The Human Group.*

Se os pesquisadores estão em busca de generalizações que possam ser submetidas a testes científicos, então temos de focalizar certos elementos dentro da cultura que possam ser direta ou indiretamente observados e medidos. Foi isso que fiz nos estudos de gangues de esquina. Não posso afirmar que tenha produzido qualquer interpretação abrangente da cultura total de Comerville. Quase não trabalhei com os papéis das mulheres e com a vida familiar, nem com o papel da igreja. Na realidade, abandonei a meta de fazer um estudo abrangente para me concentrar em áreas sobre as quais eu tinha uma quantidade substancial de dados sistemáticos: gangues de esquina e suas relações com as organizações mafiosas e políticas. Os métodos que usei e as conclusões a que cheguei podem ser ampliados e melhorados pelos que hoje estudam a organização de comunidades.

Embora rejeite os padrões da epistemologia crítica, reconheço que podem ter servido a um propósito útil na era pós-colonial, convidando os de fora a questionar nossas próprias hipóteses sobre uma dada cultura e a buscar conhecer as opiniões de integrantes daquela cultura. Mas aquele propósito não pode ser alcançado por outra pessoa de fora que, anos depois, vai àquela cultura buscar informantes selecionados e ouvir suas histórias. Podemos concordar que ninguém de fora pode realmente conhecer a totalidade de uma dada cultura, mas então precisamos perguntar se qualquer pessoa de dentro pode conhecer a totalidade de sua cultura. Ao enfatizar as vantagens do conhecimento dos de dentro, não nos esqueçamos de que alguém de fora pode dar contribuições importantes — como fez Alexis de Toqueville, há muitas décadas, com seus estudos pioneiros sobre a América.

As opiniões que mais contrastam com as minhas são as apresentadas por Jermier e Denzin. Jermier (*ROC*, p.233) me vê como um positivista e afirma que “a epistemologia crítica insiste em que a verdade reside em níveis cada vez mais profundos de reflexão e exposição subjetivas, e que a ciência serve mais quando serve menos.” Se formos seguir essa linha, ficaremos com uma discussão sobre se minha “verdade” é melhor que sua “verdade”.

Denzin começa seu ensaio reconhecendo SE como um “clássico da sociologia”, mas acaba sua crítica com esta nota negativa (*JCE*, p.131): “Como o século XX está agora em sua última década, é adequado perguntar se ainda queremos esse tipo de ciência social. Queremos o tipo de sociologia clássica que Whyte produziu, e que Boelen, de sua própria maneira negativa, endossa?”

Qual a abordagem alternativa proposta pelos epistemólogos críticos? Se, como afirma Denzin, o que chama de “realismo social” é visto agora como “apenas uma estratégia narrativa de contar histórias sobre o mundo lá fora”, então a

crítica pode depender apenas de um julgamento da capacidade do autor para persuadir seus leitores. Assim, argumentos científicos são transformados em crítica literária. E somos deixados com padrões de julgamento que variam conforme mudem as tendências da crítica literária.

Para o futuro desenvolvimento das ciências comportamentais, a posição de Denzin nos leva a um beco sem saída. Acredito que a epistemologia crítica será vista como moda passageira, e que os cientistas behavioristas que tiverem sucumbido à sua atração enganosa retornarão à busca do conhecimento científico.



Pelos comentários e críticas que me ajudaram a rever a versão anterior, estou grato a Davydd J. Greenwood, Martin King Whyte, Herbert Gans e Jenny Farley. Esta resenha da história do livro foi adaptada de "Sociedade de esquina revisitado", em *Sociological Forum*, 1993.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, P.A., P. Adler e J.M. Johnson (orgs.). "Special Edition: *Street Corner Society Revisited*". *Journal of Contemporary Ethnography*, vol.21, n°1, abril, 1992.
- CHAPPLE, E.D. (colab. Conrad M. Arensberg). *Measuring Human Relations: An Introduction to the Study of the Interaction of Individuals*. Genetic Psychology Monograph n°22, Provincetown, The Journal Press, 1940.
- FROST, P.J. et al. (orgs.). *Reframing Organizational Culture*. Newbury Park, Sage Publications, 1991.
- GANS, Herbert. 1962 (1982). *The Urban Villagers: Groups and Class in the Life of Italian Americans*. Nova York, The Free Press, 1962 (1982).
- GEERTZ, Clifford. *Works and Lives: The Anthropologist as Author*. Stanford, Stanford University Press, 1988.
- GREENWOOD, D.J., W.F. Whyte e Ira Harkavy. "Participatory Action Research as a Process and as a Goal". *Human Relations*, vol.46, n°2, fevereiro, 1993.
- HARKAVY, Ira e John L. Puckett. "Toward Effective University-Public School Partnerships: An Analysis of a Contemporary Model". *Teachers College Record*, vol.92, n°4, verão, 1991.

- HARVEY, O.J. "An Experimental Approach to the Study of Status Relations in Informal Groups". *American Sociological Review*, vol.18, n°4, p.357-67, 1953.
- HOMANS, G.C. *The Human Group*. Nova York, Harcourt Brace. 1950
- MEKEEL, S. "Comparative Notes on 'The Social Role of the Settlement House' as Contrasted with That of the United States Indian Service". *Applied Anthropology*, vol.3, n°1, p.5-8, 1943.
- WHYTE, W.F. "The Social Role of the Settlement House". *Applied Anthropology*, vol.1, n°1, 1941.
- . *Street Corner Society*, 3ªed. Chicago, University of Chicago Press, 1981.
- . *Learning from the Field*. Newbury Park, Sage Publications, 1984.
- . "Advancing Scientific Knowledge through Participatory Action Research". *Sociological Forum*, vol.4, n°3, p.367-85, 1989.
- . *Social Theory for Action: How Individuals and Organizations Learn to Change*. Newbury Park, Sage Publications, 1991.
- WHYTE, W.F. (org.). *Participatory Action Research*. Newbury Park, Sage Publications, 1990.
- WHYTE, W.F., Davydd Greenwood e Peter Lazes. "Participatory Action Research: Through Practice to Science in Social Research". *American Behavioral Scientist*, vol.32, n°5, p.367-85, 1989.